

# REVISTA CIENTÍFICA FAESA

Volume 17 - número 1, 2021



v. 17, n. 1, 2021

VITÓRIA

ISSN: 2316-7327

REVISTA CIENTÍFICA FAESA	Vitória, ES	v.17	n.1	p. 208	2021
--------------------------	-------------	------	-----	--------	------

## **EXPEDIENTE**

**Periodicidade:** Semestral  
**ISSN Impresso:** 1809-7367  
**ISSN Online:** 2316-7327  
**Temática:** transversal (multidisciplinar)  
**Início da coleção:** v. 1, n. 1, 2005  
**Circulação:** Local, nacional e internacional

## **CRÉDITOS TÉCNICOS**

### **Revisão**

Calimério Soave de Almeida

### **Editoração**

Centro de Pesquisa e Extensão

### **Capa**

Núcleo de Comunicação e Marketing

### **Ficha catalográfica**

Sistema FAESA de Bibliotecas

### **Endereço**

Centro de Pesquisa e Extensão  
Fundação de Assistência e Educação - FAESA Campus Av. Vitória  
Av. Vitória, 2.220, Monte Belo  
Vitória, ES - CEP: 29053-360

---

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema FAESA de Bibliotecas

---

R454 Revista Científica FAESA / Sistema FAESA de Educação. - v.1, n.1,  
(2005). -.- Vitória: Faesa, 2005-

v. 17, n. 1, jan./jul. 2020  
Semestral  
ISSN 2316-7327

1. Generalidades - Periódicos. I. Sistema Faesa de Educação.

---

CDD 000

---

**Reitor – Campus Vitória**  
Alexandre Nunes Theodoro

**Pró-Reitora – Campus Vitória**  
Carla Letícia Alvarenga Leite

**Superintendente Institucional – Campus Cariacica**  
Henrique Alexandre Cardozo Theodoro

## **Conselho Editorial**

---

Alessandra Monteiro Pattuzzo Caetano  
Fabiano Torres Cruz  
Lucas Zanchetta Passamani  
Sarah Heidtmann Alves Ramos

## **Apoio ao Conselho Editorial**

Vitor Valfré Pereira

---

## **MISSÃO DA FAESA**

Promover o desenvolvimento social  
por meio do conhecimento.

### **LINHA EDITORIAL**

A revista Científica FAESA, publicada desde 2005, possui o objetivo de estimular a atividade científica nos cursos de graduação e pós-graduação, divulgando resultados das pesquisas desenvolvidas pelos nossos alunos e docentes, bem como da comunidade acadêmica de outras instituições. A Revista cumpre papel relevante na divulgação científica, tornando-se instrumento de socialização e de livre acesso aos artigos, frutos de estudos e pesquisas descritiva, avaliativa e de intervenção, que reforça o compromisso com o desenvolvimento científico e tecnológico. Nesta edição, a Revista Científica FAESA apresenta 11 artigos científicos contemplando as Áreas de Ciências Biológicas e Saúde; Ciências Exatas, da Terra e da Tecnologia; e de Ciências Humanas, Sociais Aplicadas e Linguística.

Nossa instituição se compromete a divulgar a pesquisa científica, por meio da Revista e vem se aprimorando para garantir sua relevância no panorama de periódicos existentes. A Revista está indexada nas Bases: Indexação Compartilhada de Artigos de Periódicos (ICAP) e Sumários.org da Fundação de Pesquisas Científicas de Ribeirão Preto e portal de periódicos CAPES/MEC, e todos os artigos publicados têm o código de identificação Digital Object Identifier System (DOI).

A Revista Científica FAESA recebe artigos da comunidade científica e acadêmica local, estadual e nacional e os artigos são selecionados pelo Conselho Editorial e pela Assessoria Científica da Revista. Objetivando excelência, nos esforçamos para compor a Assessoria Científica da Revista com avalistas de alto nível de formação, visando assegurar a alta qualidade das publicações em nossa Revista.

Por fim, agradecemos a todos os autores que nos creditaram seus escritos e a todos os profissionais que trabalharam direta e indiretamente para elaboração dessa edição. Esperamos que a confiança depositada nesta Revista Científica, como um dos meios para a socialização desses resultados de pesquisa, se renove, ampliando a força da Revista Científica FAESA no cenário nacional e internacional. Nesse sentido, reforçamos o convite para novas publicações que produzem conhecimento nos diversos campos do saber, a construir juntamente com a equipe Editorial da Revista Científica FAESA, publicações inéditas e inovadoras.

**Conselho Editorial**

## **ÁREA DO CONHECIMENTO: CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE**

### **PSICOLOGIA E NEUROCIÊNCIAS: ESTRATÉGIAS E TECNOLOGIAS EM AÇÃO INTEGRADA PARA INTERVENÇÕES PSICOTERAPÊUTICAS**

*PSYCHOLOGY AND NEUROSCIENCES: STRATEGIES AND TECHNOLOGIES IN INTEGRATED ACTION  
FOR PSYCHOTHERAPEUTIC INTERVENTIONS*

Thânia Gabriela da Silva Pereira, Thayná Macedo Lunz, Silvany Barbosa Agostinho Rodrigues,  
Valesca Nunes Figueiredo, Alessandro Fazolo Cezario -----07

## **ÁREA DO CONHECIMENTO: CIÊNCIAS EXATAS, DA TERRA E DA TECNOLOGIA.**

### **ANÁLISE DOS VEÍCULOS ELÉTRICOS NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO: UMA VISÃO ECONÔMICA E AMBIENTAL**

*ANALYSIS OF ELECTRIC VEHICLES IN THE STATE OF ESPÍRITO SANTO: AN ECONOMIC AND  
ENVIRONMENTAL VISION*

Ilo Christ Gouvêa Barbosa, José Alves Rodrigues ----- 23

## **ÁREA DO CONHECIMENTO: CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS APLICADAS E LINGUÍSTICA.**

### **A PSICANÁLISE: ENTRE A ARTE E A CLÍNICA**

*PSYCHOANALYSIS: BETWEEN ART AND CLINIC*

Ana Carolina Barbieri Lima, Bianca Lopes Schulter, Francisco de Assis Lima Filho----- 49

### **ANSIEDADE GENERALIZADA: UMA PERSPECTIVA GESTÁLTICA**

*GENERALIZED ANXIETY: A GESTHALIC PERSPECTIVE*

Fábio Nogueira Pereira, Priscila Lima do Nascimento -----65

### **CELEBRIDADES PÓSTUMAS COMO ENDOSSANTES NA PUBLICIDADE BRASILEIRA: UM ESTUDO DE CASO**

*POSTUM CELEBRITIES AS ENDORSERS IN BRAZILIAN ADVERTISING: A CASE STUDY*

Alexandre Volponi Gadioli, Juliana Ramaldes Pedrosa, Amanda Castello Pereira, Guilherme  
Paulino Gonçalves, Víctor Reis Mazzei -----84

### **COMPETÊNCIAS GERENCIAIS DE BIBLIOTECÁRIOS GESTORES: UM ESTUDO EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS**

*MANAGEMENT COMPETENCES OF MANAGER LIBRARIES: A STUDY IN UNIVERSITY LIBRARIES*

Alessandra Monteiro Pattuzzo Caetano, Katia Cyrlene de Araujo Vasconcelos ----- 100

ESTRUTURAÇÃO DE UM MODELO MCDA PARA APOIAR A GESTÃO DE RISCO DA DEFESA CIVIL DO ES

*STRUCTURING A MCDA MODEL TO SUPPORT THE CIVIL DEFENSE RISK MANAGEMENT OF ES*

Sarah Heidtmann Avila Ramos, André Andrade Longaray ----- 123

PROJETOS COMO MICRO-ORGANIZAÇÕES TEMPORÁRIAS: DELINEANDO A MICROESTRUTURA

*PROJECTS AS TEMPORARY MICRO-ORGANIZATIONS: OUTLINING THE MICROSTRUCTURE*

Ralf Luis de Moura, Teresa Cristina Janes Carneiro ----- 142

RODA DE LEITURA NA ESCOLA: UM PROJETO DE FORMAÇÃO DE LEITORES

*SCHOOL READING WHEEL: A READER TRAINING PROJECT*

Eusdete de Jesus Trabach Gobetti, Juliana Scarpat Cavalcante, Sylvia Helena Lessa Dias,

Thaynan Gonçalves Alcântara de Oliveira ----- 158

TORNAR-SE TERAPEUTA: NARRATIVAS EPISÓDICAS AUTOBIOGRÁFICAS DE UMA PSICÓLOGA EM FORMAÇÃO

*BECOMING A THERAPIST: AUTOBIOGRAPHIC EPISODE NARRATIVES FROM A TRAINING PSYCHOLOGIST*

Paloma da Silva Vieira, Fábio Nogueira Pereira ----- 177

UM NÃO-LUGAR: O SIMBOLISMO PRESENTE NA RODOVIÁRIA DE VITÓRIA/ES

*A NON-PLACE: THE SYMBOLISM PRESENT IN THE ROAD OF VITÓRIA / ES*

Adller Moreira Chaves ----- 199

# **PSICOLOGIA E NEUROCIÊNCIAS: ESTRATÉGIAS E TECNOLOGIAS EM AÇÃO INTEGRADA PARA INTERVENÇÕES PSICOTERAPÊUTICAS**

*PSYCHOLOGY AND NEUROSCIENCES: STRATEGIES AND TECHNOLOGIES IN INTEGRATED ACTION FOR PSYCHOTHERAPEUTIC INTERVENTIONS*

**Alessandro Fazolo Cezario<sup>1</sup>**  
**Thânia Gabriela Da Silva Pereira<sup>2</sup>**  
**Thayná Macedo Lunz<sup>3</sup>**  
**Silvany Barbosa Agostinho Rodrigues<sup>4</sup>**  
**Valesca Nunes Figueiredo<sup>5</sup>**

## **RESUMO**

Com o objetivo de evidenciar os benefícios da interseção entre a Psicologia e a Neurociência, este estudo bibliográfico traz, em seu desenvolvimento, as produções científicas atuais sobre estratégias e tecnologias dessas ciências em ação integrada. Ao relacionar essas áreas de conhecimento, encontram-se intervenções como o neurofeedback que, bem como seus métodos de aplicação, trazem resultados consistentes para tratamento clínico psicológico. Depara-se, através dessa ferramenta de intervenção, com valores significativos de avanço, melhor eficiência e menor tempo em recuperação no processo de tratamento de demandas como redução de sinais e de sintomas de síndromes, redução do uso de fármacos em tratamentos de transtornos psicológicos e melhora de rendimento cognitivo. Com busca retrospectiva entre os anos de 2019-2011, o levantamento bibliográfico, realizado na base de pesquisa SCIELO, considerou em conjunto com a data, também, os seguintes critérios: título do periódico contendo as palavras Psicologia e Neurociências, tipo de pesquisa e enfoque da publicação em Intervenções Psicoterapêuticas. Considera-se ainda que poucas são as pesquisas realizadas no Brasil, o que denota grandes lacunas nessa área de conhecimento e necessidade de pesquisas longitudinais, gerando assim, um crescente de interesse sobre o tema, principalmente, devido aos benefícios promissores para o atendimento clínico psicológico terapêutico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicologia, Neurociências, Intervenções Psicoterapêuticas, Neurofeedback.

## **ABSTRACT**

---

<sup>1</sup> FAESA Centro Universitário. Doutorado em Ciências (Fisiologia Humana) (USP). E-mail: alessandro.cezario@faesa.br.

<sup>2</sup> FAESA Centro Universitário. Graduanda em Psicologia (FAESA). E-mail: thania\_tg@hotmail.com.

<sup>3</sup> FAESA Centro Universitário. Graduanda em Psicologia (FAESA). E-mail: thaylunz@gmail.com.

<sup>4</sup> FAESA Centro Universitário. Graduanda em Psicologia (FAESA). E-mail: silvanyrodrigues29@gmail.com.

<sup>5</sup> FAESA Centro Universitário. Graduanda em Psicologia (FAESA). E-mail: valescanfigueiredo@hotmail.com.

In order to highlight the benefits of the intersection between Psychology and Neuroscience, this bibliographic study brings, in its development, the current scientific productions on strategies and technologies of these sciences in integrated action. When relating these areas of knowledge, there are interventions such as the neurofeedback that, as well as their methods of application, bring consistent results for psychological and clinical treatment. Through this intervention tool, significant progress values are found, better efficiency and shorter recovery time in the process of treating demands such as reducing signs and symptoms of syndromes, reducing the use of drugs in the treatment of psychological disorders and improving cognitive performance. With a retrospective search between the years 2019-2011, the bibliographical survey carried out on the SCIELO research base, considered together with the date, also the following criteria: title of the journal containing the words Psychology and Neurosciences, type of research and focus of the publication in Psychotherapeutic Interventions. It is also considered that there are few researches carried out in Brazil, which denotes large gaps in this area of knowledge and the need for longitudinal research, thus generating a growing interest in the subject, mainly due to the promising benefits for the service therapeutic psychological clinic.

**KEYWORDS:** Psychology, Neurosciences, Psychotherapeutic Interventions, Neurofeedback.

## INTRODUÇÃO

A natureza do comportamento e da mente humana é tema de discussões e de debate desde os primórdios. Nos últimos anos, graças à parametrização de metodologias de pesquisas e aos aprimoramentos de novas técnicas de investigação das mais diversas áreas científicas, tem-se, cada vez mais, alcançado a compreensão e o esclarecimento sobre a complexidade do funcionamento psicológico do indivíduo. Segundo Fernandes e Silva (2007), as descobertas científicas tornam-se cada vez mais específicas e verificáveis devido à junção teórica, experiencial e tecnológica de áreas como a Neurociência e a Psicologia.

A Psicologia propõe-se a estudar a mente e o comportamento humano, mas como estudar ambas as partes sem conhecer em detalhes aquilo que as move, ou seja, o cérebro? Considerada pela maioria dos estudiosos como integrante dos campos das Ciências Humanas, a Psicologia, a partir do século XXI, tem contribuído de forma ímpar e crescente para o fortalecimento das visões atuais sobre o funcionamento e a compreensão do cérebro, bem como para sua participação no comportamento humano, o que já afirmam alguns pesquisadores como Kandel (2014).



Da mesma forma e tanto quanto a Psicologia, as Neurociências, as quais pressupõem que todo comportamento é um reflexo da função cerebral, têm tributado exponencialmente através do seu avanço de conhecimento científico no que se refere a esse complexo funcionamento. As Neurociências propõem-se a desvendar os processos fisiológicos por trás de nossos inúmeros padrões comportamentais, fazendo isso com o auxílio de interdisciplinas como neuroanatomia, psicofisiologia, psicofarmacologia, genética, dentre outros.

Apesar das visões adjuntas e do significativo aumento de pesquisas sobre o cérebro humano (via Neurociências) e sua relação com o comportamento (via Psicologia), poucas dessas pesquisas são realizadas por profissionais da Psicologia no Brasil e em países da América Latina. As Neurociências e áreas afins colocam-nos diante de um número exorbitante de publicações de pesquisas e de artigos nos quais o psicólogo de hoje não pode mais ignorar seus resultados, pois estaria, assim, negligenciando tal cooperação para a conquista de maior status da Psicologia como ciência.

Dessa forma, é possível imaginarmos as vantagens de unir esses vários campos do conhecimento à Psicologia, em especial as Neurociências. Ao relacionarmos as pesquisas experimentais mais recentes e relevantes da área de Neurociências, juntamente com suas tecnologias, por exemplo o neurofeedback, assim como seus métodos de aplicação, ao atendimento psicológico clínico podemos conquistar inestimável avanço, melhor eficiência, menor prazo de tempo de recuperação no processo de tratamento de demandas como transtornos e redução de sinais e de sintomas de algumas síndromes.

Bem como o neurofeedback, a ETCC (Estimulação Transcraniana por Corrente Contínua) consiste em uma técnica não invasiva que altera a excitabilidade cortical através da indução da alteração do potencial de repouso da membrana neuronal, de maneira indolor e sem efeitos colaterais, e que utiliza uma corrente elétrica de baixa intensidade para aumentar a atividade cerebral. De acordo com De Mello Cruz e Landeira-Fernandez (2007), graças ao aperfeiçoamento de novas técnicas de investigação, o entendimento do funcionamento psicológico humano vem tomando novos rumos. Em especial, pelo surgimento de tecnologias que permitem a investigação da atividade neural em tempo real, possibilitando a compreensão do funcionamento do cérebro humano nos mais diversos contextos e vivências.

Este artigo possui, como objetivo, proporcionar aos estudantes e à sociedade de forma geral a possibilidade de relacionar as Neurociências à Psicologia de modo a

compreender os benefícios que se podem alcançar através da interdisciplinaridade entre os diversos campos citados. Com a compreensão desses métodos como um dos resultados da junção dessas áreas de pesquisa, é fornecida ao psicólogo e à sociedade de forma geral mais potencialidade de eficiência no tratamento psicoterapêutico com menor impacto de contraindicações e efeitos adversos como ocorrem, por exemplo, em tratamentos farmacológicos.

## **O Neurofeedback**

Segundo Appolinario (2001), o termo *feedback* foi cunhado pelo matemático norte-americano Norbert Wiener e se referia a um método que buscava controlar os sistemas, reinserindo os resultados dos desempenhos passados. Esse foi um pensamento-base para a elaboração de novas formas de processo de aprendizagem controlada, como o biofeedback.

Existem muitos tipos de biofeedback para distintas aplicações, por exemplo o de Tensão muscular ou eletromagnético, que mede a atividade elétrica dos músculos esqueléticos por meio de sensores colocados na pele; o Temal, responsável por mensurar o fluxo de sangue da pele; a Reação Eletro-Dérmica, que mede a condutividade da pele dos dedos e palmas das mãos; a Onda Cerebral (EEG), que monitora a atividade das ondas cerebrais. Este último é utilizado como foco do presente trabalho, com ênfase no neurofeedback, que pode ser definido como um processo de aprendizagem no qual o sujeito passa a obter controle da frequência de suas ondas cerebrais.

Em se tratando da inserção do neurofeedback no fazer clínico da Psicologia e visando apontar os benefícios dessa nova modalidade, sua aplicação é efetuada de modo similar a outros tipos de biofeedback. Ou seja, o neurofeedback promove mudanças no desempenho do organismo, potencializando as dimensões eletrofisiológicas de interesse do indivíduo, por meio de controle direcionado de estímulos. O que diferencia ambas modalidades é o fato de que a última tem como interesse as variáveis cerebrais, que podem proporcionar resultados mais profundos (APPOLINÁRIO, 2001). Como o cérebro possui diversos padrões de frequência, que são estipulados através de potências de ação dos neurônios, para o uso do neurofeedback, então se utilizam eletrodos monopares (um ativo, um referência e um terra) ou bipolares (dois ativos, dois referenciais e um terra), visto que a maioria das pessoas tem dificuldade para controle de partes variadas do cérebro.

O objetivo do treinamento é produzir uma facilitação de resultados a longo prazo, já que o indivíduo aprenderá a reconhecer padrões eletrofisiológicos do seu próprio cérebro por meio de condicionamento operante, além de incrementar novos padrões de comportamento e, assim, contornar o uso de medicações. O uso do neurofeedback vem se mostrando significativo e eficaz. Como exemplo de metodologia/instrumento tecnológico produzido pela interseção entre diversas ciências como a Neurociência, Psicologia e Ciências da Computação para diversos tratamentos psicoterapêuticos, em destaque no que diz respeito ao atendimento clínico psicológico, destacam-se, principalmente, pesquisas direcionadas ao tratamento do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Depressão profunda, Autismo e uma melhora no treinamento de Alta Performance.

### **Neurofeedback: Autismo**

O transtorno do espectro autista é caracterizado pela dificuldade na interação e na comunicação. Os sintomas aparecem na infância e duram por toda a vida, podendo variar o seu grau de intensidade. Possuem uma redução nas ondas alfa, excesso de ondas teta, delta, gama e de ondas beta. O neurofeedback é uma alternativa terapêutica que visa normalizá-los.

O neurofeedback demonstrou ser bastante positivo referente aos sintomas que se aplicam aos indivíduos no espectro autista, possibilitando a essas pessoas realizarem atividades que antes tinham bastante dificuldade de realizar e também ajudando a modificar certos comportamentos como déficits de interação ou socialização, déficits de comunicação ou linguagem, comportamentos estereotipados ou interesses restritos, distúrbio do sono, hiperatividade, comportamentos obsessivo-compulsivo e convulsões. Muitos estudos têm como finalidade descrever os efeitos neurológicos do TEA, os quais envolvem técnicas de neuroimagem ou neurofisiológicas, entre eles o EEG é o mais desenvolvido.

O termo “neuromodulação” refere-se à capacidade de modificar o funcionamento e até a estrutura do sistema nervoso central. O avanço na investigação acerca da plasticidade do sistema nervoso tem levado desenvolvimento de técnicas que, baseadas na capacidade, permite-nos influenciá-lo e modificar a atividade elétrica cerebral, como sucede com a estimulação magnética transcranial; por sua parte, as técnicas endógenas apoiam-se na capacidade da pessoa para modular sua atividade cerebral, normalizando seus padrões de ativação e conectividade (GADEA et al. 2015, p. 152).

Cowan e Markham (1994) apresentaram o primeiro estudo de caso sobre a aplicação de neurofeedback em uma menina de alto funcionamento com diagnóstico de autismo. O objetivo do tratamento é diminuir as ondas lentas nas áreas frontal e parietal e aumentar as ondas rápidas, com isso, na avaliação de pais e professores, os estereótipos são reduzidos e a socialização é melhorada (GADEA et al. 2015, p. 158).

O neurofeedback tem sido um grande avanço tecnológico que traz muitos benefícios aos indivíduos com TEA, dando-lhes a oportunidade da modificação de suas ondas delta, teta, alfa e gama, promovendo uma normalização dessas ondas e proporcionando a essa pessoa uma grande oportunidade de melhora para o seu próprio bem-estar.

Salienta-se que o uso do neurofeedback demonstra uma série de melhorias para indivíduos com TEA: em crianças que não possuem uma boa comunicação ou têm dificuldades de demonstrar afetos, elas passam a se comunicar melhor e a ser mais afetuosas, passam a interagir com outras crianças, melhoram o contato visual e passam a compreender o momento de dificuldade para realizar algum evento e, então, procuram buscar ajuda de outras pessoas. O esquema do neurofeedback tem auxiliado muito também o trabalho dos fonoaudiólogos, tendo resultados significativos.

### **Neurofeedback: Depressão**

Diferente do TEA, os transtornos depressivos incluem os transtornos disruptivos da desregulação do humor (TDDH). Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5 (2014) –, dentre os TDDH encontram-se o

transtorno depressivo maior (incluindo episódio depressivo maior), transtorno depressivo persistente (distímia), transtorno disfórico pré-menstrual, transtorno depressivo induzido por substância/medicamento, transtorno depressivo especificado e transtorno específico não especificado. (DSM-5, 2014, p. 155).

Ainda de acordo com a descrição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, as características comuns desses transtornos são a “presença de: humor triste, vazio ou irritado, acompanhado de alterações somáticas e cognitivas que afetam significativamente a capacidade de funcionamento do indivíduo.” (DSM-5, 2014, p. 155).

Referente aos tratamentos por via de neurofeedback desenvolvidos até o momento para os transtornos depressivos, de acordo com Cheon, E. J.; Koo, B. H.; e Choi, J. H. (2016) esses transtornos fazem parte das áreas em que a evidência da eficácia do neurofeedback é insuficiente. Para esses pesquisadores, tal classificação mais baixa de eficácia deve-se ao número insuficiente de estudos ou à tamanhos mínimos de amostra usados em estudos relatados e achados de resultados positivos.

No entanto, no que diz respeito a pacientes com transtorno depressivo maior, seus resultados sugeriram a eficácia do neurofeedback através do Beta na F3 e alfa / teta no treinamento Pz, o qual melhorou significativamente os sinais e os sintomas da depressão de acordo com as escalas de classificação objetiva e subjetiva. Em estudos de caso de Grin-Yatsenko et al. (2018), com aplicação em três pacientes, são aplicadas 20 sessões desse tipo de neurofeedback (neuromodulação direcionado às ondas beta), melhoraram-se consideravelmente o humor e as habilidades de auto-organização, a diminuição da ansiedade e da tensão e o aumento da estabilidade emocional e do estresse e da tolerância.

A pesquisa supracitada afirma que os sintomas clínicos foram avaliados com as escalas de avaliação da depressão MADRS (*Montgomery-Åsberg Depression Rating Scale*), HAMD (*Hamilton Depression Rating Scale*) e BDI (*Beck Depression Inventory*) e os três pacientes melhoraram significativamente e não indicaram depressão. Vale salientar que os autores do estudo sugerem reaplicação de pesquisa longitudinal para melhor observação de possíveis recaídas ou reincidência de sintomas.

O neurofeedback, mesmo em estudos de primeira tentativa em ondas alfa, demonstrou eficácia. Em pesquisas experimentais realizadas por Choi et al. (2011), em estudo piloto para observação dos efeitos do treinamento de assimetria de 10 sessões, foram investigados indivíduos com sintomas depressivos todos comparados a um grupo placebo de psicoterapia. Esse treinamento de neurofeedback, do ponto de vista comportamental, diminuiu sintomas depressivos e funções executivas aprimoradas dos participantes. Além disso, 50% dos sujeitos apresentaram alterações clinicamente significativas, que não foram encontradas no grupo placebo de psicoterapia.

Tomadas em conjunto, essas ações podem levar à conclusão de que o aumento da atividade do córtex frontal esquerdo pode sugerir uma neurofisiologia em correlação biológica dos sintomas depressivos mitigados. Resultados recentes do processo de informação de pessoas normais dão-nos uma visão mais ampla do mecanismo de neurofeedback. De acordo com o relatório da Cohen e Shaver (2016), o hemisfério esquerdo

possui uma vantagem no processamento de informações emocionais positivas, considerando que o hemisfério direito possui uma vantagem em cessar informações emocionais negativas. A diminuição da negatividade e o processamento tendencioso associado à diminuição da direita atividade frontal (induzida por neurofeedback) podem diminuir a cognição e a emoção negativas em indivíduos depressivos. Mais pesquisas são necessárias para elucidar com precisão o mecanismo cerebral responsável pelo tratamento que nós obtivemos.

Apesar das poucas pesquisas publicadas, Thibault et al. (2015) sinalizam a importância de se direcionar o olhar científico dos tratamentos de transtornos mentais como, o transtorno de depressão maior, já que para essa modalidade de transtorno o neurofeedback está em voga. Pode-se atestar, que *“publications abound as feedback techniques continue to advance in parallel with new imaging methods and faster computations. Many researchers and practitioners promote real-time brain feedback as an effective treatment option.”* (THIBAUT et al. 2015. pg. 203).

Vista a promissora eficiência de tal método de tratamento alternativo e o atual status do ranking de adoecimento de transtorno depressivo do Brasil, salienta-se a necessidade de direcionamento de pesquisas e de desenvolvimento de tratamentos que potencializam a eficiência no tratamento psicoterapêutico com menor impacto de contraindicações e efeitos adversos como ocorrem, por exemplo, com tratamentos farmacológicos.

### **Neurofeedback: Desenvolvimento de Habilidades**

É crescente o interesse em conhecer as estruturas e o funcionamento do sistema nervoso central, bem como o aprimoramento de métodos tecnológicos como o neurofeedback, o qual, além de se mostrar promissor para o tratamento de sinais e sintomas de transtornos como o TEA e a depressão, também pode ter funcionalidade ao ser utilizado para promover o alcance de resultados no aumento da capacidade cognitiva em adultos ou idosos, sem histórico psiquiátrico e/ou neurológico, assim como para o aumento de capacidades artísticas e da criatividade.

Angelakis et al (2007) apresenta uma pesquisa voltada para o aumento da capacidade cognitiva em idosos. Sua pesquisa relaciona o aumento do pico original da frequência alfa com o aumento do potencial cognitivo, sendo que cada faixa de frequência possui subfaixas e, de acordo com nosso envelhecimento, esse pico tende a diminuir, então

o padrão eletrofisiológico para a realização de tarefas corriqueiras decai. Nessa pesquisa, o objetivo seria restabelecer o pico alfa saudável.

Quanto ao uso de neurofeedback a fim de aumentar capacidades artísticas e criatividade, os estudos apontam para momentos do sono e da vigília que estão intimamente relacionados por aumentar a criatividade e a sensação de liberdade de pensamentos (VAITL, BIRBAUMER, GRUZELIER, JAMIESON, KOTCHOUBEY, KUBLER et al. 2005).

Como um exemplo de técnica de neurofeedback aplicada, tem-se a Estimulação Transcraniana por Corrente Contínua (ETCC), que, segundo Berryhill e Jon Brunoni (2012), consiste em uma técnica não invasiva que altera a excitabilidade cortical através da indução da alteração do potencial de repouso da membrana neuronal, de forma indolor e sem efeitos colaterais, utilizando uma corrente elétrica de baixa intensidade para aumentar a atividade cerebral. Essa estimulação ocorre por meio da polarização. Em uma sessão, têm-se dois eletrodos, um ânodo e um cátodo.

A estimulação no ânodo permite a despolarização da membrana neural; já a estimulação catódica funciona de maneira contrária, hiperpolarizando a membrana neural, é utilizada para atingir regiões específicas do córtex. Alguns pesquisadores, como Gladwin, Den Uyl e Wiers (2012) relacionam a intervenção por meio da ETCC à performance em tarefas executivas, isso porque as funções executivas referem-se a processos complexos, como planejamento, organização e resolução de problemas, tomada de decisões, inibição de comportamentos inadequados.

Os resultados da ETCC estão relacionados à polaridade utilizada. Em uma sessão, utilizam-se dois eletrodos, um ânodo e um cátodo. A estimulação anódica facilita a despolarização da membrana neural (facilitando o disparo neuronal) e a catódica funciona de maneira oposta, hiperpolarizando a membrana neuronal, podendo ser utilizadas com diferentes protocolos, para atingir uma região específica do córtex cerebral, modulando-a de acordo com a polaridade através de um fluxo de corrente contínua de baixa intensidade (BERRYHILL & JON BRUNONI, PINHEIRO, & BOGGIO, 2012; FIQUER et al., 2007; GLADWIN, DEN UYL, & WIERS, 2012; HOY et al., 2012 apud PESENTE, OLIVEIRA, BENUTE, DE LUCIA, 2015).

Bem como o neurofeedback, a ETCC mostrou, nos últimos anos, importantes aliados no desenvolvimento de habilidades, tanto quanto para tratamentos psicoterapêuticos. De acordo com De Mello Cruz e Landeira-Fernandez (2007), graças ao

aperfeiçoamento de novas técnicas de investigação, o entendimento do funcionamento psicológicos humano vem tomando novos rumos. Em especial, esses pesquisadores apontam o surgimento de tecnologias que permitem a investigação da atividade neural em tempo real, que possibilitam a compreensão do funcionamento do cérebro humano nos mais diversos contextos e vivências.

### **Neurofeedback: TDAH**

O Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) é um transtorno neurobiológico de causas neuro-genéticoambiental que, normalmente, manifesta-se na infância. É comum que seus primeiros sinais sejam percebidos na escola, visto que é o momento em que as dificuldades de atenção e inquietude são mais percebidas.

“Ele é o transtorno mais comum em crianças e adolescentes encaminhados para serviços especializados. Ele ocorre em 3 a 5% das crianças, em várias regiões diferentes do mundo em que já foi pesquisado. Em mais da metade dos casos o transtorno acompanha o indivíduo na vida adulta, embora os sintomas de inquietude sejam mais brandos”. (ABDA, 2019, p. 1)

Seus principais sintomas são a dificuldade de aprendizagem e as perturbações motoras, como o equilíbrio, a noção de espaço e tempo, o esquema corporal, fracasso escolar e variabilidade do comportamento. “(...) a dificuldade de aprendizagem está presente em 20% das crianças com este transtorno”. (MATTOS, 2001 apud COUTO; MELO-JUNIOR; GOMES, 2010, p. 242).

Quanto à questão neuroanatomofisiológicas, os portadores de TDAH possuem alterações em algumas estruturas: há uma disfunção dopaminérgica nas estruturas pré-frontal, frontal motora, giro cíngulo, estriado, tálamo médio-dorsal, núcleo accumbens, amígdala e hipocampo, além dos sistemas noradrenérgico atuarem nesses indivíduos.

Atualmente, a forma de controle do transtorno mais utilizada é a administração de psicofármacos que regulam a neurobioquímica do cérebro, auxiliando no atendimento às demandas do ambiente e de rendimento, especialmente o escolar. Tal medicamentação tem por objetivo estimular o sistema nervoso central (SNC) na maior disponibilidade de neurotransmissores, dopamina e norepinefrina em partes específicas do cérebro.

*En esta línea, Sonuga-Barke, Bitsakou y Thompson (2010) llevaron a cabo un estudio para establecer empíricamente la plausibilidad de un modelo explicativo a partir de dos vías: una dorsal fronto estratal, que produciría una desregulación en los procesos inhibitorios y otra en la que se comprometería los circuitos ventrales fronto estratales que afectaría la habilidad para identificar señales de mayor latencia, lo que se traduce en dificultades para*



*posponer mayores recompensas a favor de recompensas inmediatas. En sus resultados confirman la posibilidad de estas dos vías e identifican un tercer componente asociado a fallas en el procesamiento temporal, probablemente vinculado con alteraciones en los ganglios basales (BARRERA-VALENCIA, CALDERÓN-DELGADO, & GAVIRIA, 2014, p. 17).*

Em 1971, ocorreu a primeira utilização terapêutica do eletroencefalograma (EGG) reconhecido academicamente. Já no final da década de 1970, Joel Lubar começou a utilizar o neurofeedback em crianças com TDAH — pesquisa na qual se obtiveram resultados muito promissores, o que tornou a utilização da técnica para casos de TDAH a mais comum até os dias atuais.

Como dito, anteriormente, há uma disfunção em algumas estruturas neuroanatomofisiológicas. O treinamento em neurofeedback obteve resultados positivos quando testados antes e após a aplicação das técnicas.

*Con respecto al entrenamiento en NF, independiente del protocolo usado, se encontró que logró disminuir los síntomas de TDAH en la totalidad de los estudios, sobre todo los relacionados con inatención (BAKSHAYESH et al., 2011) y autoregulación (DRECHSLER et al., 2007; LEINS et al., 2007). En relación con las líneas de base de pruebas psicométricas y evaluaciones neuropsicológicas, se encontró una mejoría en el tiempo de reacción en las pruebas, en las puntuaciones de padres y profesores y en algunos casos un aumento del CI (POP-JORDANOVA et al., 2005; GEVENSLEBEN, HOLL, ALBRETCH, VOGEL, et al., 2009; GEVENSLEBEN, HOLI, ALBRETCH, SCHLAMP, et al., 2009; LEINSET et al., 2007; STREHL et al., 2005). (BARRERA-VALENCIA, CALDERÓN-DELGADO, & GAVIRIA, 2014, p. 23).*

Há indícios que a utilização da técnica HEG neurofeedback (tipo NIR) surtiram efeitos positivos nessa região, devido ao aumento de irrigação cerebral e ao aperfeiçoamento do metabolismo, melhorando as funções cognitivas do indivíduo.

*“As regiões frontais e pré-frontais têm importante papel no processamento das funções executivas, tais como atenção concentrada, atenção sustentada e memória de trabalho (Cannon, Congedo, Lubar & Hutchens, 2009; Mozolic, Hayasaka & Laurienti, 2010). O incremento voluntário da perfusão sanguínea proporcionada pelo treinamento com HEG neurofeedback (tipo NIR) nas áreas pré-frontais tem como objetivo “forçar” o sistema de irrigação cerebral a ampliar a quantidade de vasos capilares nessa região, de forma a aperfeiçoar o funcionamento metabólico e, por consequência, melhorar suas funções, segundo o ponto de vista cognitivo.” (LONDERO & GOMES, 2014, p. 311).*

Apesar desses achados importantes, a eficácia do tratamento ainda é muito questionada. Essa questão ocorre, principalmente, pela falta de pesquisas com falso duplo, ou seja, aquela em que nem o pesquisador e nem os participantes sabem qual indivíduo está fazendo uso de medicamento e qual faz uso de placebo. Isso prejudica a compreensão

sobre como é a que nível o neurofeedback pode assistir o tratamento e a melhora na qualidade de vida dos portadores. O assunto ainda exige que haja muitos estudos na área.

## **MATERIAL E MÉTODO**

Trata-se de um estudo via revisão bibliográfica sistêmica, feita no indexador Scielo sobre estratégias e tecnologias para intervenções psicoterapêuticas. Foi utilizado o descritor “Psicologia” no campo “índice de assuntos”, com filtro de publicações entre os anos de 2019-2011 em que foram encontradas cerca de 21.583 publicações em revistas e periódicos com o tema relacionado. Com o objetivo de mensurar as bases de publicações sendo brasileiras, obteve-se filtragem para 13.076 publicações via periódicos, revistas, teses e dissertações. Em seguida, foi inserido o termo “Neurociências” em campo adicional de pesquisa, pelo qual se verificou a existência de 135 publicações brasileiras. Uma terceira busca foi realizada com adição de um terceiro campo de pesquisa com o descritor “intervenções psicoterapêuticas”, resultando em rastreamento total de 21 publicações, sendo destas apenas 10 brasileiras. Esses números revelam que, embora a temática seja de grande importância, já há muitas publicações e que o Brasil está começando a estimular publicações nacionais. A amostra final, após todos os critérios, ficou estabelecida em 21 publicações as quais, de acordo com a prévia análise metodológica, foram categorizadas como qualitativas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Sabe-se que uma das funções do sistema nervoso central é o controle da emissão de comportamentos, os quais podem ser aprendidos e aperfeiçoados pela experiência, sendo essa capaz de alterar a voltagem das sinapses e permitindo a existência de novos circuitos neurais. A inserção do neurofeedback na prática clínica psicoterápica pode promover uma facilitação de resultados a longo prazo. O indivíduo, aprendendo a reconhecer padrões eletrofisiológicos de seu próprio cérebro, através de condicionamento operante, além de incrementar novos padrões de comportamento, alcança também o contornar do uso de medicações. O uso do neurofeedback vem se mostrando significativo e eficaz. Como explicitado nos exemplos de pesquisas supracitados, essa metodologia/instrumento tecnológico é produzida pela interseção entre diversas ciências como a Neurociência, a Psicologia e as Ciências da Computação para diversos tratamentos psicoterapêuticos. Dentre os resultados, destacam-se, principalmente, pesquisas direcionadas ao tratamento do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH),

da Depressão profunda, do Autismo e uma melhora no treinamento de Alta Performance. As neurociências estudam a forma como o sujeito pode perceber e associar essas informações sensoriais à sua memória. Como métodos de comprovar a eficácia do neurofeedback, utilizam-se tomografias de fóton único, tomografia por emissão de pósitrons e ressonâncias magnéticas, que podem revelar estruturas anatômicas específicas. No entanto, esses métodos de neuroimagem apresentam limitações que, somente com a junção da psicoterapia, mostram-se de fato eficazes. Sendo assim, neste artigo buscou-se mostrar, por meio de levantamentos bibliográficos, o quanto necessário é a inserção concomitante de práticas psicoterápicas e neurociências, visando a melhores resultados para o paciente.

## CONCLUSÃO

Apesar da gama de benefícios e significativos e de resultados alcançados através das estratégias e tecnologias surgidas da intersecção entre ciências como a Psicologia e a Neurociência descritos neste artigo, menos de 1% da produção científica brasileira de Psicologia é referente ao uso dessas ferramentas para intervenções psicoterapêuticas. Entre os anos de 2019-2011, foram encontradas cerca de 21.583 publicações em revistas e periódicos com o tema relacionadas à Psicologia, o que abre discussão sobre a necessidade da preocupação e atualização das produções científicas e práticas psicoterapêuticas. Este artigo possui como objetivo proporcionar aos estudantes e à sociedade de forma geral a possibilidade de relacionar as Neurociências à Psicologia de modo a compreender os benefícios que se podem alcançar através da interdisciplinaridade entre os diversos campos citados. Este estudo permitiu uma maior dimensão quanto à aplicação e à funcionalidade do neurofeedback nas clínicas de psicoterapia. Contudo, vale ressaltar que seu uso não é tão simples quanto aparenta ser. Cabe ao profissional estar bem capacitado para o utilizar de maneira adequada, bem como estar apto para fazer as leituras nos *softwares*. De modo geral, é uma técnica que possui potencial expressivo para ser introduzida ao campo psicoterapêutico.

Dentre as intervenções psicoterapêuticas para autismo, encontradas da literatura base desta revisão, apresenta-se a regularização das ondas alfa, teta, delta e gama, que no espectro encontram-se desarranjadas (em média de 36 sessões, as crianças geralmente recebem de uma a três sessões de treinamento por semana, com duas sessões por semana sendo a programação mais comum). A partir dessa terapia e a partir de 20 sessões, podemos notar melhorias nas ondas cerebrais. Dentre as intervenções de tratamento

encontradas com resultado de eficácia no atendimento clínico psicoterápico para o transtorno depressivo maior, destaca-se a Neuromodulação direcionada às ondas beta, aplicadas em 20 sessões. As intervenções de Neuromodulação efetuadas em ondas beta resultaram em considerável melhora no humor, diminuição da ansiedade, tensão, aumento da estabilidade emocional, tolerância ao estresse e habilidades de auto-organização. Outra forma eficaz de intervenção encontrada foi por meio de Neuromodulação das ondas alfa, com observação de treinamento de assimetria de 10 sessões. As intervenções em ondas alfa, do ponto de vista comportamental, apresentaram redução significativa dos sintomas depressivos e aprimoramento das funções executivas dos participantes. Em relação às intervenções psicoterapêuticas encontradas para intervenção no desenvolvimento de habilidades, destacam-se a aplicação para aumentar a capacidade cognitiva em adultos e idosos sem histórico neurológico ou psiquiátrico, bem como aumentar a criatividade ou até mesmo, promover maior sensação de bem estar. No primeiro caso, a intervenção é feita com o aumento do pico da frequência alfa, visando a um aumento de um potencial cognitivo geral. No segundo caso, há maior estimulação das ondas teta nos momentos entre sono e vigília e, no terceiro, o neurofeedback pode ser utilizado de modo a reduzir o estresse por meio de ativação cerebral em diversas áreas do cérebro. Já para o TDAH, dentre as intervenções psicoterapêuticas, encontramos que:

*Dichos estudios parten de hallazgos del electroencefalograma –EEG- en niños con TDAH, los cuales han permitido identificar una mayor proporción de ondas Theta/Beta, un nivel alto de ondas Theta y un nivel bajo de ondas Beta (LOO & BARKLEY, 2005; OTHEMER & KAISER, 2000; BUTNIK, 2005), lo que al parecer se relaciona con las conductas de inquietud motora y falta de concentración. De igual forma, el EEG en niños con TDAH ha mostrado una correlación positiva con los niveles de perfusión cerebral asociado a una hipoperfusión en el lóbulo frontal que esta relacionada con una alteración en el ritmo de las ondas Theta. (BARRERA-VALENCIA, M., CALDERÓN-DELGADO, L. & GAVIRIA 2014, p.19 apud GUNKELMAN & JOHNSTONE, 2005).*

A utilização de EGG é para a identificação e correlação entre os tipos de ondas e os sintomas permite que a neuromodulação seja feita de forma mais assertiva para cada paciente. Londero & Gomes (2014, p. 312) afirmam que é possível obter resultados a partir de dez sessões e Londero (2015, p. 20) cita que os pais relataram melhoras nos resultados após seis meses. Sendo assim, com a compreensão desses métodos como um dos resultados da junção dessas áreas de pesquisa, é fornecido ao psicólogo e à sociedade de forma geral mais potencialidade de eficiência no tratamento psicoterapêutico com menor impacto de contraindicações e efeitos adversos como ocorrem, por exemplo, com tratamentos farmacológicos.

## REFERÊNCIAS

- ABDA, Associação Brasileira do Déficit de Atenção. **O QUE É TDAH**. Disponível em: <<https://tdah.org.br/sobre-tdah/o-que-e-tdah/>>. Acesso em: 16 dez. 2019.
- ANGELAKYS, Efthymios. et al. **EEG Neurofeedback: A Brief Overview and an Example of Peak Alpha Frequency Training for Cognitive Enhancement in the Elderly**. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13854040600744839?scroll=top&needAccess=true>> Acesso em 13 de out 2019.
- APOLINÁRIO, F. **Avaliação dos efeitos do treinamento em neurofeedback sobre o desempenho cognitivo em adultos universitários**. 2001. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-28092016-143826/publico/appolinario.pdf>>. Acesso em 23 nov. 2019
- Associação Americana de Psiquiatria. DSM-5. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2014. E ed. p. 948.
- BARRERA-VALENCIA, M., CALDERÓN-DELGADO, L. & GAVIRIA, J. **¿Es efectivo el entrenamiento en Neurofeedback para el tratamiento del TDAH?: Resultados a partir de una revisión sistemática**. Universidad CES, Universidad de Antioquia, Medellín, Colombia, v. 7, n. 1, p. 16-34, janeiro-junho 2014. ISSN: 2011-3080. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/cesp/v7n1/v7n1a03.pdf>>. Acessado: 26 set. 2019.
- CARROBLES, José Antonio. **Bio/neurofeedback**. CLÍNICA Y SALUD: INVESTIGACIÓN EMPÍRICA EN PSICOLOGÍA, Universidad Autónoma de Madrid, Madrid, España, v. 27, n. 3, p.125-131, 12 out. 2016. ISSN 1130-5274. Disponível em: <<https://journals.copmadrid.org/clysa/art/j.clysa.2016.09.003>>. Acesso em: 22 set. 2019.
- CHEON, E. J., KOO, B. H., & CHOI, J. H. **The efficacy of neurofeedback in patients with major depressive disorder: An open labeled prospective study**. *Applied psychophysiology and biofeedback*. ed. 41(1), p. 103-110, 2016.
- CHOI, Sung Won et al. Is alpha wave neurofeedback effective with randomized clinical trials in depression? A pilot study. **Neuropsychobiology**, v. 63, n. 1, p. 43-51, 2011.
- COUTO, Taciana Souza; MELO-JUNIOR, Mario Ribeiro; GOMES, Cláudia Roberta Araújo. ASPECTOS NEUROBIOLÓGICOS DO TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH): uma revisão. **Ciências e Cognição**. Rio de Janeiro, Rj, v. 15, n. 1, p. 241-251, 20 abr. 2010. Quadrimestral. Disponível em: <<http://cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/202>>. Acesso em: 16 dez. 2019.
- DIAS, Alvaro. **Tendência do Neurofeedback em Psicologia: Uma revisão sistemática**. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722010000400017](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722010000400017)>. Acesso em 25 nov. 2019
- FAJARDO, Alexandra; GUZMÁN, Ana Lucía. **Neurofeedback, aplicaciones y eficacia**. Centro Interamericano de Investigaciones Psicológicas y Ciencias Afines (CIIPCA) - Interdisciplinaria, Buenos Aires, Argentina, v. 33, n.1, p. 81-93, 2016. ISSN: 1668-7027.
- GEPPERT, Stephanie Enriquez; HUSTER, René J; HERRMANN, Christoph S. **EEG-NEUROFEEDBACK AS A TOOL TO MODULATE COGNITION AND BEHAVIOR: A**

**REVIEW TUTORIAL.** *Frontiers in Human Neuroscience*, v. 11, n. 51, p. 1-19, 22 fev. 2017. Disponível em: <<https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fnhum.2017.00051/full>>

GADEA, Marién; ALIÑO, Marta; BERJILLOS, Estefania Garcia; ESPERT, Raúl; SALVADOR, Alicia. **Eficacia del neurofeedback para el tratamiento de los trastornos del espectro autista: Una revisión sistemática.** *Revista de Psicopatología y Clínica*, v. 20, n. 2, p. 151-163, 2015.

GRIN-YATSENKO, Vera A. et al. Infra-low frequency neurofeedback in depression: Three case studies. **NeuroRegulation**, v. 5, n. 1, p. 30-30, 2018.

HAMMOND, D. Corydon, **WHAT IS NEUROFEEDBACK: AN UPDATE.** *Journal of Neurotherapy*, v. 15, n. 4, p. 305-336, 2011. Disponível em: <<http://www.isnr-jnt.org/article/view/16553>>

JARUSIEWICZ, Betty. **EFFICACY OF NEUROFEEDBACK FOR CHILDREN IN THE AUTISTIC SPECTRUM: A PILOT STUDY.** *Journal of Neurotherapy: Investigations in neuromodulation, Neurofeedback and Applied Neuroscience*, v. 6, n. 4, p. 39-49, 08 set. 2008.

LANDEIRA-FERNANDEZ, J.; SILVA, M.Tereza Arajo. **Intersecções entre Psicologia e Neurociências.** Medbook. 2007, p. 304.

LONDERO, Igor. **NEAR-INFRARED SPECTROSCOPY NEUROFEEDBACK (NIRS/NEUROFEEDBACK) EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO/HIPERATIVIDADE.** 2015. Dissertação (Pós-Graduação em Ciências Médicas: Psiquiatria) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/139771/000986301.pdf?sequence=1>>. Acessado: 26 set. 2019

LONDERO, Igor; GOMES, July Silveira. **NEUROFEEDBACK HEMOENCEFALOGRAFICO (HEG): POSSIBILIDADES DE APLICAÇÕES NO CAMPO DA SAÚDE.** *Ciências & Cognição*, [S.l.], v. 19, n. 3, dez. 2014. ISSN 1806-5821. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/917>>. Acesso em: 26 ago. 2019.

PESENTE, Lucinea; OLIVEIRA, Mirian; BETE, Glauca; DE LUCIA, Mara. **EFEITOS DA ESTIMULAÇÃO ELÉTRICA TRANSCRANIANA NA PERFORMANCE DE TAREFAS EXECUTIVAS.** Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ph/v13n1/13n1a06.pdf>>

THIBAUT, Robert T. et al. Neurofeedback, self-regulation, and brain imaging: clinical science and fad in the service of mental disorders. **Psychotherapy and Psychosomatics**, v. 84, n. 4, p. 193-207, 2015.

VAITL D, BIRBAUMER N, GRUZELIER J, JAMIESON GA, KOTCHOUBEY B, KUBLER A, LEHMANN D, MILTNER WH, OTT U, PUTTZ P, SAMMER G, STRAUCH I, STREHL U, WACKERMANN J, WEISS T. **Psychobiology of altered states of consciousness.** Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/15631555>> Acesso em 03 dez 2019

# **ANÁLISE DOS VEÍCULOS ELÉTRICOS NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO: UMA VISÃO ECONÔMICA E AMBIENTAL**

## *ANALYSIS OF ELECTRIC VEHICLES IN THE STATE OF ESPÍRITO SANTO: AN ECONOMIC AND ENVIRONMENTAL VISION*

**Ilo Christ Gouvêa Barbosa<sup>1</sup>**  
**José Alves Rodrigues<sup>2</sup>**

### **RESUMO**

O Brasil possui, na sua matriz energética, o setor de transportes como principal consumidor de energia, sendo que, nesse setor, predominam os combustíveis fósseis, como a gasolina e o diesel, que geram gases altamente poluentes e tóxicos. No que se refere à mobilidade urbana, o crescente aumento da frota veicular, principalmente por veículos a combustão, traz consequências para a sociedade, como o aumento da poluição sonora, das chuvas ácidas e do efeito estufa, tornando a eletromobilidade uma alternativa a essas consequências. Abordando o assunto eletromobilidade, foi realizado um estudo que avaliou o cenário da eletromobilidade do estado do Espírito Santo, comparando a outros estados e também uma comparação entre um veículo a combustão compacto com um veículo elétrico médio, avaliando assim as vantagens e desvantagens de uma possível substituição de frota. Concluiu-se, então, que o estado do Espírito Santo começa a se estabelecer no cenário da eletromobilidade, apesar de ainda se observarem poucos incentivos e também que as comparações realizadas por meio de dados obtidos pela revisão bibliográfica, permitiram reforçar que o veículo elétrico é mais viável economicamente e ambientalmente que o veículo a combustão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Eletromobilidade, Mobilidade urbana, Veículos elétricos, Veículos a combustão.

### **ABSTRACT**

In Brazil's energy matrix, the transport sector as the main consumer of energy, with fossil fuels, such as gasoline and diesel, which generate highly polluting and toxic gases. Concerning urban mobility, the growing increase in the vehicle fleet, mainly by combustion vehicles, has consequences for society, such as: the increase in noise pollution, acid rain and the greenhouse effect, making electromobility as an alternative to those consequences. Addressing the issue of electromobility, a study was performed to evaluating the scenario of electromobility in Espírito Santo, comparing it to other states and comparing a compact combustion vehicle with an average electric vehicle, evaluating the benefits of a possible

<sup>1</sup> FAESA Centro Universitário. Graduado em Engenharia Química (FAESA). E-mail: ilsocgb@gmail.com.

<sup>2</sup> FAESA Centro Universitário. Mestre em Geoquímica (UFOP). E-mail: jose.rodrigues@faesa.br.

replacement of fleet. Concluding, then, the state of Espírito Santo begins to establish itself in the scenario of electromobility. However, there are still few incentives, and also that the comparisons made through details obtained from the bibliographic review allowed to reinforce that the vehicle electric is more economically and environmentally viable than the combustion vehicle.

**KEYWORDS:** Electromobility, Urban mobility, Electric vehicles, Combustion vehicles

## INTRODUÇÃO

A busca por recursos energéticos é marcante desde os primórdios da evolução tecnológica, trazendo inúmeras discussões e dificuldades. Problemas ambientais e econômicos confrontam-se e, por vezes, somam-se, buscando, no desenvolvimento tecnológico, uma resposta para os problemas modernos.

A revolução tecnológica automobilística tem, hoje, os carros elétricos como uma resposta a algumas dessas questões. O atual mercado de automóveis começa a direcionar uma opção quase obrigatória na mobilidade urbana, bem como no transporte rodoviário. No Brasil, porém, algumas questões de adaptações tecnológicas e de mercado colocam-se entre o atual estado dos modais de transporte. Os veículos elétricos apresentam-se como solução para algumas dessas questões. No entanto, eles trazem novos desafios.

Sabe-se que, através do refinamento e craqueamento do petróleo, são produzidos a gasolina e o óleo diesel por meio da destilação (CARVALHO; FILHO, 2014). Tanto o diesel como a gasolina geram substâncias poluentes, sendo o diesel o combustível de maior potencial poluidor, como materiais particulados e óxidos de nitrogênio (NOX). Já com a gasolina, devido ao mau funcionamento do motor e à mistura ar – gasolina não ser ideal, o seu processo de combustão acaba prejudicado, liberando-se monóxido de carbono (CO), óxidos de nitrogênio (NOX), óxidos de enxofre (SO<sub>2</sub>) e também benzeno, que é altamente cancerígeno (DRUMM et al., 2014).

Segundo dados do Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para Veículos Automotores (Sindipeças), ainda é contínuo o aumento da frota de veículos, passando de 44,8 milhões para 45,9 milhões de veículos em 2019, sendo a frota brasileira composta por 69,5% de veículos flex (gasolina/álcool), seguidos por 19,5% à gasolina, 10,6% de veículos diesel e apenas 0,1% de elétricos/híbridos (SINDIPEÇAS, 2019). Assim, o aumento da emissão de poluentes resulta em diversas consequências para as cidades, como o efeito estufa, os problemas respiratórios para a população, a ocorrência de chuvas ácidas e



também a poluição sonora (SANTOS, 2016). Outro aspecto relevante é a grande alta dos preços da gasolina e etanol, atingindo níveis recordes pelo Brasil, observados em fevereiro de 2020, segundo o Jornal Nacional (JN, 2020).

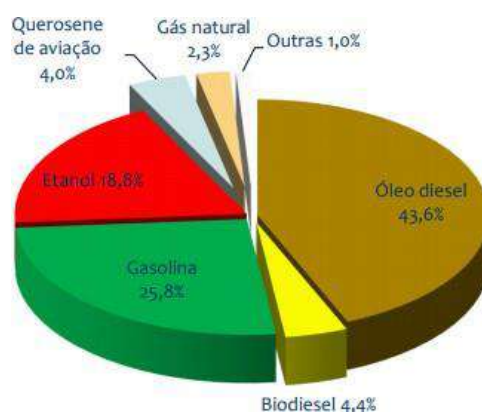
Este estudo teve como objetivos avaliar o atual cenário da eletromobilidade no estado do Espírito Santo e uma possível substituição de frota, com enfoques financeiro e ambientais. Para isso, foi realizada uma revisão bibliográfica buscando organizar e sintetizar dados econômicos e ambientais, que possam gerar um contexto sobre o tema e também apresentar um pouco do que ocorre em outros pontos do país.

## REVISÃO DA LITERATURA

Dentre essas discussões e problemáticas, pode-se observar, ao analisar o Balanço Energético (BEN) de 2019, que o setor de transportes é o responsável pelo maior consumo de energia no Brasil, com 32,70%. Assim, pode-se constatar na Figura 1 que o setor de transportes na matriz energética apresenta grande presença de combustíveis oriundos do petróleo, como diesel 43,60% e gasolina 25,80%, segundo a Empresa de Pesquisa Energética (EPE, 2019).

Segundo a Agência de Regulação de Serviços Públicos, no estado do Espírito Santo (ARSP), quanto ao consumo energético final, os setores mais representativos são: o industrial, com 57,90%; o de transportes, com 19,50%; e o energético, com 11,0% (ARSP, 2019). Pode-se observar, na Tabela 1, que 41,39% são veículos à gasolina; 40,80% flex; 10,12% a diesel; 2,59% a álcool; 3,03% não informado; 1,17% gasol/gnv/gnc; e 0,89% demais tipos, segundo o Departamento Estadual de Trânsito do Espírito Santo (DETRAN/ES, 2019). Já no estado de São Paulo, para níveis de comparação, o setor industrial representa 46,0%, o de transportes 32,0% e o residencial 8% (SIMA, 2019). Conforme a Tabela 2, observa-se que 77,02% são veículos flex; 11,95% a diesel; 9,16% à gasolina; 1,27% a álcool; 0,40% não informado; 0,051% demais tipos; e 0,0046% elétricos (DETRAN/SP, 2019).

Figura 1: Consumo de energia no setor de transportes do Brasil em 2019.



Fonte: Adaptado de EPE (2019).

Tabela 1: Veículos por combustível em 2019 no estado do ES.

Combustível	Nº veículos	Porcentagem
Gasolina	819.053	41,39%
Diesel	200.341	10,12%
Álcool	51.317	2,59%
Gasol/gnv/gnc	23.069	1,17%
Álcool/gasolina	807.507	40,80%
Não informado	60.009	3,03%
Demais tipos	17.673	0,89%
Total	1.978.969	100%

Fonte: Adaptado de Detran ES (2019).

Tabela 2: Veículos por combustível em 2019 no estado de SP.

Combustível	Nº veículos	Porcentagem
Gasolina	171.710.228	9,16%
Diesel	223.884.450	11,95%
Álcool	23.849.099	1,27%
Gasol/gnv/gnc	2.651.865	0,14%
Álcool/gasolina	1.443.354.672	77,02%

Demais tipos	951.207	0,051%
Não informado	7.504.587	0,40%
Elétrico	86.244	0,0046%
Total	1.873.992.352	100%

Fonte: Adaptado de Detran SP (2019).

## PROBLEMAS AMBIENTAIS RELACIONADOS

Ao uso do petróleo, associam-se diferentes problemas ambientais, sendo os mais comentados: a chuva ácida, a poluição sonora e efeito estufa.

A chuva ácida é um dos tipos de precipitações ácidas, podendo ser natural ou ocasionada pelo homem, devido à queima dos combustíveis fósseis. Trata-se de uma reação entre os gases emitidos para a atmosfera e o vapor d'água gerando ácido sulfúrico ( $H_2SO_4$ ) e ácido nítrico ( $HNO_3$ ) em forma de precipitados e que traz consequências como destruição de vegetações e acidificação de rios e lagoas, afetando os seres vivos desses habitats (BRENNAN, 2009).

A poluição sonora é proveniente basicamente de ruídos excessivos de carros e máquinas, sendo um problema já constatado desde a época das carruagens, que causa prejuízos à saúde humana. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), os sintomas prejudiciais à saúde começam após uma frequência maior de 50 dB, com perda de concentração e aumento dos níveis de tensão, podendo chegar a aumento do colesterol e declínio do sistema imunológico em níveis mais elevados. Pode-se citar, como exemplo, o trânsito nas avenidas com níveis de 85 dB, ou seja, muito acima dos parâmetros recomendados (LIMA et al., 2016).

O efeito estufa ocorre através dos gases-estufa liberados na atmosfera, sendo ele responsável por manter a temperatura média da Terra. Mas, com o excesso da geração desses gases poluentes, as temperaturas estão aumentando descontroladamente, trazendo consequências como grande esfriamento da estratosfera, aumento das tempestades tropicais e da precipitação média global, elevação do nível médio dos oceanos e da temperatura média global (BRENNAN, 2009).

Gases NMHC, segundo o Ministério do Meio Ambiente (MMA), são os hidrocarbonetos formados por carbono e hidrogênio, menos o metano (ou seja, hidrocarbonetos totais menos a parcela referida ao metano), formados na atividade industrial e também no processo de combustão da gasolina (MMA, 2020).

Os gases chamados nox são os óxidos de nitrogênio (poluentes primários), causadores da chuva ácida e da redução da camada de ozônio, sendo formados na combustão industrial e também nos processos de combustão do diesel e da gasolina (FILHO, 2016).

## **PROTOCOLO DE KYOTO E ENERGIAS RENOVÁVEIS**

O protocolo de Kyoto é um tratado entre os países desenvolvidos e opcional para os em desenvolvimento, buscando uma redução de pelo menos 5% das emissões de gases estufa do ano de 1990, sendo esses gases o dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>), o metano (CH<sub>4</sub>), o óxido nitroso (N<sub>2</sub>O), o hidrofluorcarbono (HFC), o perfluorcarbono (PFC) e o hexafluoreto de enxofre (SF<sub>6</sub>). Mesmo com essas reduções, a temperatura média global continua a crescer (AGUIAR, 2004).

A Energia Solar Fotovoltaica é originada por uma célula fotovoltaica, através da conversão da radiação solar em eletricidade por meio do efeito fotovoltaico, que foi constatado por Edmond Becquerel, em 1839, através da absorção da luz visível nos extremos de um material semicondutor e surgimento de uma tensão elétrica. O Brasil possui boa incidência de raios solares por ser um país tropical, tendo grande potencial para produção dessa energia, tanto que se podem citar grandes parques solares, como o de Pirapora em Minas Gerais e outros na Bahia e Piauí. No entanto, necessitam de um grande investimento inicial (AZEVEDO, 2018).

A energia eólica é resultante da transformação da energia cinética dos ventos em energia mecânica ou elétrica e vem sendo utilizada desde os primórdios da humanidade, tendo sua primeira aplicação nos moinhos de ventos, através da moagem de grãos, e nas atividades agrícolas por meio de bombeamento da água. Observa-se que já existem geradores residenciais movidos à energia eólica, capazes de gerar uma potência de 1000 Watts, sendo o Brasil o principal desenvolvedor de parques eólicas na América Latina (AZEVEDO, 2018).

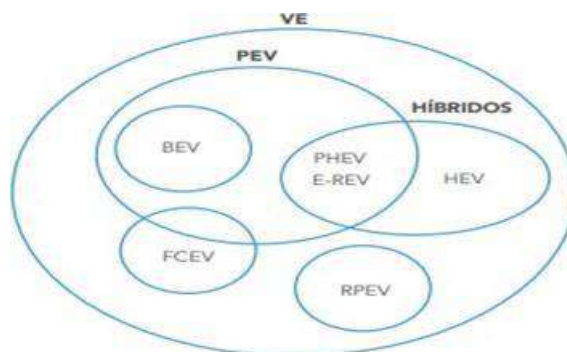
## VEÍCULOS ELÉTRICOS

### Histórico

Os veículos elétricos começaram sua trajetória ao longo do século XIX, através da primeira demonstração de bateria chumbo e ácido pelo belga Gaston Planté em 1859, embora o uso de fato o uso dessa bateria tenha ocorrido no começo da década de 1880. Em 1885, Carl Benz desenvolveu o primeiro motor de combustão interna. Em 1901, Thomas Edison apresenta a bateria de níquel-ferro, que tinha 40% de capacidade de armazenamento maior que a bateria de chumbo, mas com um custo maior de produção. Já as baterias de zinco-ar e níquel-zinco surgiram no final do século XIX. Outras tecnologias também trouxeram benefícios para os veículos elétricos, como a frenagem regenerativa e o sistema híbrido à gasolina/eletricidade nos tempos atuais (BARAN; LEGEY,2011).

### Classificação

Figura 2: Classificação dos veículos elétricos.



Fonte: Delgado et al. (2017).

De acordo com Delgado e outros (2017), os veículos elétricos podem ser classificados em dois tipos: os veículos que usam somente a eletricidade como energia, os puros, conhecidos como *Battery Electric Vehicles* (BEV's). Nesse caso, a eletricidade tem armazenamento na bateria interna, alimentando o motor elétrico e movendo as rodas. O sistema de bateria é plugável a uma fonte fornecedora de eletricidade, observando-se que todos BEV's são *Plug in Electric Vehicles* (PEV's).

Dentro da classe dos PEV's, estão incluídos alguns veículos elétricos híbridos que podem ser em série (o motor a combustão interna fornece eletricidade ao motor elétrico, em que só esse é utilizado) ou paralelo (ambos motores são utilizados). Os veículos híbridos

são de três tipos: *Hybrid Electric Vehicles* ou híbridos puros (HEV), cujo motor elétrico possui apenas a função de melhora da eficiência do motor principal, que é o de combustão interna, sendo estes paralelos; os *Plug in Hybrid Electric Vehicles* ou Híbridos *Plug in* (PHEV's) podem receber energia elétrica de uma fonte externa, mas têm como motor principal também o de combustão, sendo estes paralelos; já nos *Extended Range Electric Vehicle* ou Híbridos de longo alcance (E-REV), o motor de combustão interna tem como função manter um nível mínimo de carga para a bateria e atua como um fornecedor de energia a um gerador, sendo o motor elétrico o principal e sua classificação como em série.

No caso dos *Fuel Cell Electric Vehicle* (FCEV), movidos à célula de hidrogênio, a eletricidade é produzida pela combinação de hidrogênio e oxigênio, caracterizados por não possuírem emissões de escape, pois a conversão do gás hidrogênio produz somente água e calor, levando a um rendimento similar aos veículos a gasolina e a diesel, assim percorrendo maiores distâncias.

E, por último, os *Road Powered Electric Vehicle* (RPEV's), que são alimentados por cabos externos, podendo estes cabos estarem acima ou abaixo dos veículos.

### **Baterias e seus diferentes tipos**

As baterias dos veículos elétricos possuem um sistema de carga por meio de fonte de eletricidade externa, podendo também serem recarregadas pela regeneração da energia mecânica, a frenagem. As características determinantes das baterias são: capacidade de potência (kW) e energia armazenada (kWh). A primeira refere-se à potência fornecida quando se acelera o veículo, definindo assim sua performance, e a segunda diz respeito à quantidade de energia que uma bateria consegue armazenar, determinando a distância que um veículo irá percorrer. Vale observar que o descarte das baterias dos veículos elétricos, por conterem materiais tóxicos, necessita de cuidados especiais (ROSA *et al.*, 2019).

Segundo Delgado e outros (2017), existem diferentes tipos de baterias: as baterias de Hidreto metálico e níquel (Ni-MH), que estão presentes em modelos híbridos start-stop e micro- -híbridos, foram desenvolvidas para substituírem as de Ni-Cd, pois, por serem isentas de Cádmiio, os problemas ambientais são reduzidos e possuem também rápida carga e descarga (ZANETI, 2018).

Cloreto de Sódio e Níquel ( $\text{Na-NiCl}_2$ ), presentes nos veículos elétricos PHEV's e nos pesados como caminhões e ônibus (DELGADO et al., 2017), que consiste em um ânodo de sódio e um cátodo de uma mistura de níquel e cloreto de níquel, em que sua principal característica é as altas temperaturas de operação (SERRA et al., 2016).

Íon Lítio (Li-íon), encontrada nos híbridos e BEV's, possuem melhor relação custo/benefício e maior adesão por fabricantes de veículos elétricos (DELGADO et al., 2017), apresenta-se com um íon lítio como eletrodo e não com o lítio metálico, e um polo negativo com uma placa de cobre coletora de corrente, na qual, durante o carregamento, o cátodo oxida através da desintercalação dos íons lítio e o ânodo reduz com a intercalação dos mesmos, enquanto, na descarga, o processo é o contrário: o ânodo oxida com a desintercalação dos íons lítio e o cátodo reduz com a intercalação dos mesmos (SANTOS, 2018).

Lítio-Polímero: a bateria de lítio-polímero é tratada como a evolução das baterias de íon lítio, a qual é um polímero sólido que promove o trânsito de íons, sendo esse polímero o óxido de polietileno ou poliacrilonitrila. Observa-se que o eletrólito mais favorável para esse tipo de bateria é o óxido de vanádio. Destaca-se, nesse tipo de bateria, o alto potencial para alcançar a mais alta energia e potência específicas, sendo também a presença de polímero determinante para maior segurança, pois o lítio, em forma de íon, tem sua reatividade reduzida como principal vantagem sua fabricação em diversos formatos e desvantagem sua sensibilidade à temperatura (GUIMARÃES, 2017).

## **Motores**

Os motores podem ser classificados como elétricos ou à combustão interna. O motor elétrico apresenta uma conversão de energia elétrica em mecânica, utilizando atração do automóvel. Já o motor à combustão interna baseia-se na transformação da energia da reação química em energia mecânica, sendo estes térmicos, caracterizado pelo impulsionamento dos pistões, através do aumento da pressão interna da câmara e possuindo muitas vezes uma queima descontrolada por mau funcionamento (RODRIGUES, 2014).

## **Tipos de Recarga**

De acordo com Martins (2017), existem três tipos de recarga dos veículos elétricos. A recarga lenta é encontrada com maior ocorrência nas residências dos usuários dos veículos elétricos, sendo que um carregamento completo demora em torno de 8 a 20 horas. A recarga semirrápida é encontrada tanto em residências como em estações públicas, a qual, para um carregamento completo, é necessário de 2 a 6 horas. Já a recarga rápida necessita de apenas 30 minutos para carregar 80% da bateria, tendo como principal característica o não carregamento de 100% da mesma, para uma maior segurança e não ocorrer prejuízos à vida útil. Podemos destacar que, enquanto um veículo à combustão demora cerca de 5 a 10 minutos para abastecimento, o veículo elétrico tem como recarga mais rápida de 30 minutos (ROSA. *et al.*,2019).

### **Carsharing e programas de compartilhamento de veículos elétricos no Brasil**

O *carsharing* é um serviço de mobilidade de classe emergente de compartilhamento de veículos, baseando-se em uma tecnologia moderna que permite o acesso à mobilidade sem que o consumidor use o seu próprio carro. Podem-se citar quatro diferentes modelos de compartilhamento de carros: compartilhamento ida e volta (*Round-trip carsharing*), no qual os usuários reservam com antecedência o carro, a data na qual pretendem utilizá-lo e o tempo de locação; compartilhamento pessoa a pessoa (*Peer-to-peer carsharing*), que se trata de uma operação entre particulares, em que uma pessoa aluga o seu veículo para outra e sua reserva deve ser antecipada, com no mínimo de 24 horas, e a duração é especificada, sendo que o sistema é executado pelos operadores através do faturamento e seguro, cobrando uma comissão equivalente a cada transação; compartilhamento de ponto a ponto livre (*Point-to-point free-floating carsharing*) é um compartilhamento mais flexível, permitindo viagens só de ida dentro de uma região geográfica pré-determinada, na qual sua reserva pode ser realizada minutos antes da locação e a devolução do veículo pode ser feita deixando-o em um estacionamento na própria rua, dentro de uma área pré-estabelecida pelo operador; ponto a ponto com bases fixas (*Point-to-point station-based carsharing*) em que os usuários retiram o veículo de uma base fixa (estacionamento), podendo entregá-lo em outra, sendo que, normalmente, essas bases fixas possuem pontos de recarga (PASCOAL,2018).

O programa de compartilhamento Carro Leve foi o pioneiro no Brasil em sistema de compartilhamento de veículos elétricos. Teve sua inauguração em setembro de 2015, fazendo parte do projeto Porto Leve na cidade de Recife — PE. Esse serviço disponibilizou para os usuários uma pequena frota de veículos elétricos para aluguel por curtos períodos de duração, uma rede de estações de recarga, além de vagas exclusivas para o



estacionamento. O Carro Leve encerrou suas atividades em 2018, cumprindo seu papel como laboratório urbano para testes de tecnologias inovadoras e sustentáveis (PASCOAL, 2018).

O programa Eco Elétrico objetiva a redução da emissão de gases e de prejuízos climáticos, sendo realizado na cidade de Curitiba — PR. Ele é promovido pela concessionária brasileira Itaipu Binacional e pelo CEIIA (Centro para a Excelência e Inovação na Indústria do Automóvel) de Portugal, através de uma parceria com a Aliança Renault-Nissan e a Prefeitura de Curitiba, sendo dividido em quatro fases de 2014 a 2020 (PASCOAL, 2018).

O projeto VAMO (Veículos Alternativos para Mobilidade) foi desenvolvido pela Secretaria Municipal de Conservação e Serviços Públicos (SCSP) em parceria com Hapvida Saúde e a Serttel (Soluções em mobilidade e segurança urbana), objetivando ofertar à população de Fortaleza — CE uma opção no quesito mobilidade urbana sustentável e integração com outros modais de transporte, tendo início em 2016 e, em 2019, apresentou o número de 21 veículos elétricos e 18 estações de recarga em Fortaleza (VOLAN; MALDONADO; VAZ, 2019).

Vale observar a característica inovadora dos veículos elétricos, contextualizando com um cenário atual de predominância de veículos à combustão, incentiva a criação de novas tecnologias sustentáveis, com um amplo favorecimento à indústria e à geração de empregos (RODRIGUES; SUGAHARA; SILVA, 2019). Cabe também ressaltar a capacidade de modificação que o veículo elétrico traz nos setores de produção, gerando impactos menos evidentes, necessitando de uma adaptação por partes das empresas pelos veículos elétricos não utilizarem esses setores, como o de escapamento, devido à emissão zero; a utilização da frenagem regenerativa, ocasionando um uso menos acentuado dos freios; extinção de empresas do ramo de óleos lubrificantes e também de empresas responsáveis por testes de emissão de carbono (CARDOSO, 2018).

### **Autonomia e consumo**

A autonomia dos veículos comuns é a capacidade que um carro tem para percorrer tantos quilômetros referentes a um tanque cheio. Se um automóvel, por exemplo, percorre 20 km/L e seu tanque possui capacidade de 60 litros, a autonomia será de 1200 km (GUERRA, 2018). Portanto, não é um bom parâmetro comparar preços de combustíveis

líquidos com eletricidade. Já a autonomia para os veículos elétricos é dada por uma carga que equivale a um tanque de combustível (GUERRA, 2018).

O consumo é o melhor parâmetro para se comparar preços de energia elétrica com combustíveis líquidos: fixa-se uma distância e calcula-se a quantidade de litros no caso de veículos à combustão e quilowatts-hora consumidos para veículos elétricos (GUERRA, 2018).

### **Custo Médio por KM e IPVA**

O Custo Médio por quilômetro é um parâmetro que se obtém dividindo o valor médio do combustível para veículos comuns e o valor médio do quilowatts-hora para veículos elétricos pela média do consumo do veículo. Podem se considerar também outras variáveis como seguro, taxas do Detran, limpeza, manutenção e depreciação do veículo (GUDIM, 2020).

O IPVA é o Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores e surgiu para substituir a TRU, antiga Taxa Rodoviária Única, entrando em vigor em 1986 e instituído pela EC nº 27/85. Esse imposto incide sobre o bem, com cobrança anual feita pelo Estado em que o veículo fora registrado, a partir da aquisição do veículo pelo consumidor final e emitido pelo Detran de cada Estado. Ele tem como principal função o controle fiscal, sendo calculado mediante o valor de mercado e tendo sua alíquota variando com base relativa como tributação de cada Estado (SUZIN, 2016).

### **Seguro DPVAT E CRLV**

O DPVAT é o Seguro de Danos Pessoais Causados por Veículos Automotores de Vias Terrestres, que tem como objetivo indenizar aquelas pessoas que sofrem acidentes de trânsito, na qualidade de motorista, passageiro ou pedestre, sendo um imposto de cota única e administrado pela Seguradora Líder. Esse é um item obrigatório para consolidação do licenciamento anual dos veículos, junto com o IPVA, o próprio licenciamento e multas. (DETRAN, 2020).

O CRLV é o Registro de Licenciamento Anual do Veículo, um documento de porte obrigatório ao se sair com o veículo, sendo seu registro um imposto anual, de cota única e, para sua renovação anual, nenhum tipo de encargos, multas de trânsito ou ambientais podem existir vinculadas ao automóvel (FONSECA, 2019).

## **O papel da FIPE**

A FIPE ou Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas é uma organização que não possui fins lucrativos, com criação em 1973, tem principal atuação nas áreas econômica e financeira. A tabela FIPE consolida-se através dos preços médios dos veículos abrangendo todo o mercado nacional, sendo esta variável de acordo com a região, conservação, cor, acessórios, na qual os valores são expressos em reais e de acordo com o mês/ano de referência (FIPE, 2020).

## **O problema da depreciação**

Veículos são considerados bens patrimoniais com uma vida útil e, ao longo do tempo, vão perdendo seu valor, pois deixam de funcionar corretamente. Essa perda de valor anualmente é caracterizada como depreciação, sendo diversos fatores que a influenciam, como: desgastes naturais, concorrência, valorização, quilometragem, ano de fabricação, modificações. Pode ser calculada através dos índices da tabela FIPE e também da tabela da Receita Federal, variando conforme o tipo de veículo (FONSECA, 2020).

## **METODOLOGIA**

As informações na literatura permitiram evidenciar argumentos e avaliar, de certa forma, o contexto de uma modificação de frota, via inclusão dos veículos elétricos, precisando ser sistematizado através da metodologia científica. A categoria da pesquisa deste trabalho pode ser classificada tanto aplicada como prática, segundo Agriazzi (2018), e se baseia através da geração de conhecimentos práticos para solução de problemas específicos. Busca-se, neste trabalho, determinar uma possível substituição de frota, avaliando e comparando aspectos ambientais e econômicos, relacionando-os aos veículos elétricos. Os procedimentos técnicos desta pesquisa basearam-se na investigação por meio de pesquisa bibliográfica das informações mais atualizadas e relevantes da área, utilizando o método de revisão integrativa da literatura por meio dos seguintes passos: identificação do tema e escolha da hipótese ou questão da pesquisa, adoção dos critérios para inclusão ou exclusão, baseando-se em informações relevantes ou não para o tema em questão, sendo a busca realizada em artigos científicos, eventos, notícias, livros, monografias, dissertações, balanços, relatórios e orientações de órgãos do governo, através da Biblioteca Virtual Acadêmica, material didático acessível na internet, órgãos governamentais e fundações logo após. Foi feita a extração das informações nas literaturas selecionadas, em síntese dos

dados, em interpretação dos resultados e em escrita do artigo (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os métodos utilizados foram coleta de dados para avaliação da eletromobilidade e seus investimentos no estado do Espírito Santo. A pesquisa bibliográfica abordou notas técnicas, artigos técnicos, teses e dissertações, além de publicações em eventos e imprensa. Após a seleção de dados, foram elaborados quadros que permitiram executar uma listagem de benefícios econômicos e ambientais de uma possível substituição de frota combustão por veículos elétricos.

No Quadro 1, foi feita uma análise, em relação aos consumos, dos respectivos veículos exemplificados.

Quadro 1: Veículo Compacto/2019 x Médio/2019 – Consumos

RENAULT - Sandero RS 2.0 (Flex)	RENAULT - Zoe Intense (elétrico)
Valor Aproximado: R\$ 57.998,00	Valor Aproximado: R\$ 141.208,00
Diferença de preço na compra: -83.210,00	X
Média de Utilização Mensal (3000 km)	Média de Utilização Mensal (3000 km)
Consumo urbano: 9,9 km/l	Consumo equivalente urbano: 32,2 (km/l)
Consumo estrada: 11,1 km/l	Consumo equivalente estrada: 26,7 (km/l)
Valor da Gasolina comum por litro em Vitória: R\$ 4,24	Custo da Energia em Vitória ES: 0,526 R\$/kWh
X	Consumo Energético: 0,65 (MJ/km)
Consumo urbano mensal: 303,03 (L)	Consumo urbano mensal: 93,16 (L)
Consumo estrada mensal: 270,27 (L)	Consumo estrada mensal: 112,36 (L)

Fonte: Elaboração própria (2020).

O Quadro 1, inicialmente, permite uma comparação entre frotas, com valores aproximados dos veículos, obtidos da tabela FIPE, referentes ao mês de dezembro de 2019. Vale destacar que a escolha dos veículos seguiu o critério de serem da mesma montadora e pelos veículos possuírem características semelhantes. Os consumos urbano, estrada e energético foram retirados do Instituto de Metrologia, Qualidade e Tecnologia (INMETRO), sendo que, no caso do veículo elétrico, já foi feita uma equivalência para comparação da energia elétrica em kWh com a gasolina em litros (INMETRO, 2019). A tarifa elétrica (kWh)

foi obtida de Correa (2020) e o preço da gasolina comum foi obtido na Secretária de Estado da Fazenda do Espírito Santo (SEFAZ-ES), relativo à data 03/09/2020 (SEFAZ-ES, 2020). A média de utilização mensal teve intuito de servir como base, tanto para veículos de passeio, como veículos de aplicativo. Segundo Monteiro (2020), a média de quilometragem de motoristas de aplicativos por mês é de 6750 km. Observa-se, ainda, no Quadro 1, que o preço do Sandero RS é 41,07% do preço do Zoe Intense, mas esse veículo elétrico possui um consumo urbano 69,25% menor que o do Sandero RS e um consumo estrada 58,42% menor que o veículo à combustão.

No Quadro 2, foi feita uma análise, em relação aos custos, dos respectivos veículos exemplificados.

Quadro 2: Veículo Compacto/2019 x Médio/2019 – Custos

RENAULT Sandero RS 2.0 (Flex)	RENAULT Zoe Intense (elétrico)
Custo Médio por Km urbano: R\$ 0,428	Custo equivalente urbano: R\$ 3,05
Custo Médio por Km estrada: R\$ 0,382	Custo equivalente estrada: R\$ 2,53
Custo Médio mensal urbano gasolina: R\$ 1.284,00	Custo Médio mensal urbano: R\$ 284,14
Custo Médio mensal estrada gasolina: R\$ 1.146,00	Custo Médio mensal estrada: R\$ 284,27
Custo Médio anual urbano gasolina: R\$ 15.408,00	Custo Médio anual urbano: R\$ 3.409,68
Custo Médio anual estrada gasolina: R\$ 13.752,00	Custo Médio anual estrada: R\$ 3.411,24

Fonte: Elaboração própria (2020).

Observa-se que os custos médios por quilômetro urbano e estrada foram obtidos pela divisão dos valores da gasolina comum pelos consumos urbano e estrada do Quadro 1. Já para o Zoe Intense, os custos equivalentes (urbano e estrada) foram obtidos pela fórmula 1, pois o valor do kWh que deve ser utilizado na conversão, e não o valor da gasolina. Multiplicaram-se, respectivamente, os custos médios por quilômetro para o Sandero e custos equivalentes para o veículo elétrico pelos consumos mensais, pois, na fórmula 1 utilizada, já se converteu para litros, obtendo-se os custos médios mensais com combustíveis. Para os gastos com combustíveis anuais, multiplicaram-se os gastos médios mensais (4º mês em diante) com combustíveis por 12 meses.

No Quadro 3, foi feita uma análise, em relação aos gastos, dos respectivos veículos exemplificados.

Quadro 3: Veículo Compacto/2019 x Médio/2019 – Gastos

IPVA dividido mensalmente: R\$ 91,20	Impostos IPVA dividido mensalmente: R\$ 223,67
Seguro DPVAT: R\$ 16,91	Seguro DPVAT: R\$ 16,91
Taxa de Licenciamento (2020): R\$ 168,40	Taxa de Licenciamento (2020): R\$ 168,40
Estimativa revisão 10000 Km: R\$ 480,59	Estimativa revisão 10000 Km: R\$ 224,50
Gasto mensal médio: R\$ 1.321,64 (1° ao 3° mês)	Gasto mensal médio: R\$ 523,31 (1° ao 3° mês)
Gasto mensal médio: R\$ 1.441,79 (4° mês em diante)	Gasto mensal médio: R\$ 579,44 (4° mês em diante)
Gasto anual médio: R\$ 17.301,48	Gasto anual médio: R\$ 6.953,31

Fonte: Elaboração própria (2020).

Visualiza-se que a revisão foi considerada a cada 10000 quilômetros mensais para ambos os veículos, segundo o serviço da montadora oferecido (RENAULT, 2020). O IPVA foi calculado com a alíquota do Estado do ES, de 2% do valor do veículo, segundo SEFAZ-ES, e dividido por 12, obtendo-se o IPVA pago mensalmente para cada veículo (SEFAZ-ES, 2020). O seguro DPVAT foi retirado da Seguradora Líder (2018) e o CRLV foi obtido do DETRAN-ES (2020). Os gastos mensais médios do 1° ao 3° mês foram obtidos pela média mensal (estrada e urbano) mais o valor referido a um mês de IPVA, respectivamente para cada veículo, e os valores do seguro DPVAT e licenciamento, ambos divididos por 12, correspondendo ao valor mensal, por serem impostos pagos uma única vez ao ano, diferente do gasto mensal relativo ao 4° mês em diante, que considerou a primeira revisão. Os gastos anuais foram obtidos pelo valor de revisão vezes 12 meses, mais o IPVA ao longo de 12 meses, mais a média entre os custos anuais estrada e urbano, mais o valor do seguro DPVAT, mais a taxa de licenciamento. Observa-se, assim, no Quadro 2, que o veículo Zoe Intense tem uma economia mensal (do 1° ao 3° mês) de R\$798,33, do 4° mês em diante de R\$862,35 e uma economia anual de R\$10.348,17 em relação ao veículo Sandero RS. Vale ressaltar que, para efeitos de proporcionalidade, deve-se usar o 4° mês em diante, devido aos parâmetros considerados serem de 3000 quilômetros rodados por mês e o de revisão da concessionária ser 10.000 quilômetros.

$$C. Eq = \text{Cons. En} * F. C * \text{Cons. Eq} * C.E (1)$$

**Legenda:** C. Eq = Custo Equivalente  $\left(\frac{R\$}{L}\right)$ ; Cons.En = Consumo Energético  $\left(\frac{MJ}{Km}\right)$ ;

Fator de conversão  $0,277 \left(\frac{Kwh}{MJ}\right)$ ; Cons.Eq = Consumo Equivalente  $\left(\frac{Km}{L}\right)$ ; e C.E = Custo

da energia em Vitória - ES  $\left( \frac{R\$}{Kmw} \right)$

No quadro 4, foi feita uma análise de uma possível troca em 5 anos, dos veículos exemplificados.

Quadro 4: Veículo Compacto/2019 x Médio/2019 – Após 5 anos

RENAULT- Sandero RS 2.0 (Flex)	RENAULT - Zoe Intense (elétrico)
Gastos em 5 anos: R\$ 86.507,40	Gastos em 5 anos: 34.766,55
Taxa de depreciação anual: 5,64%	Taxa de depreciação anual: 4,8%
Depreciação anual: R\$ 3271,08	Depreciação anual: R\$ 6.777,98
Valor do Veículo pós 5 anos: R\$ 41.642,60	Valor do Veículo pós 5 anos: R\$ 107.318,08
Prejuízo: - R\$ 102.862,80	Prejuízo:- R\$ 68.656,47

Fonte: Elaboração própria (2020).

Observa-se que foi estabelecido, como base, 5 anos para troca de veículo, o que, segundo TIZO (2018), está dentro do prazo de 5 a 10 anos em que o veículo começa a gerar o dobro de gastos e, assim, foi calculado o gasto em 5 anos para cada veículo, multiplicando os gastos anuais por 5. As taxas de depreciação foram obtidas, ambas da tabela FIPE, para o ano de 2019 e a depreciação anual foi calculada em cima do valor aproximado de compra estabelecido para ambos os veículos, sendo de janeiro de 2019 até dezembro de 2019, baseados na tabela FIPE de 2019, e o valor do veículo pós 5 anos foi obtido pela fórmula 2. Pode-se observar no Quadro 3, que o Veículo Zoe Intense possui um valor de revenda 257,71% maior que o valor de revenda do Sandero RS. O prejuízo obtido pela fórmula 3 justifica-se, de acordo com Rodrigues (2019), pelo fato de que veículos não são investimentos e trazem diversos custos ao longo de sua utilização, além da alta depreciação, visto que, por exemplo, quando deixam a concessionária, perdem de 15 a 20% de seu valor. Assim, o prejuízo do Zoe Intense é 33,25% menor que o Sandero RS.

$$V. V \text{ pós 5 anos} = (V. A - (5 * \text{depreciação anual})) \quad (2)$$

$$P = V. V \text{ pós 5 anos} - V. A - G.5 \quad (3)$$

Legenda: V.V pós 5 anos = Valor do Veículo pós 5 anos; V.A = Valor Aproximado; G.5 = Gastos em 5 anos e P = Prejuízo.

No quadro 5, foi feita uma análise em relação aos aspectos ambientais dos veículos exemplificados.

Quadro 5: Veículo Compacto/2019 x Médio/2019 – Termos Ambientais

RENAULT- Sandero RS 2.0 (Flex)	RENAULT - Zoe Intense (elétrico)
Ruído com o veículo parado: até 89,2 dB	Ruído com o veículo parado: 0 dB
NMHC (g/km): 0,031	NMHC (g/km): 0
CO <sub>2</sub> (g/km): 0,381	CO <sub>2</sub> (g/km): 0
NOX (g/km) 0,047	NOX (g/km): 0
NMHC para 3000 km: 93g	NMHC para 3000 km: 0
CO <sub>2</sub> para 3000 km: 1143g	CO <sub>2</sub> para 3000 km: 0
NOX para 3000 km: 141g	NOX para 3000 km: 0

Fonte: Elaboração própria (2020).

Visualiza-se que o ruído, quanto ao veículo elétrico parado, foi obtido do Groupe Renault (2019) e, quando ao veículo à combustão da Globo Concessionária Renault (2020). Já as emissões de ambos os veículos, foram obtidas do INMETRO (2019) e, assim, constata-se, no Quadro 5, que o veículo Zoe Intense, por ser elétrico, possui emissão de 0 dB de ruído quando parado e não possui emissões de particulados em relação ao meio ambiente; já o veículo Sandero RS possui emissão de até 89 dB quando parado e emissões dos gases CO<sub>2</sub>, NOX e NMHC, sendo as emissões de gases CO<sub>2</sub> mais elevadas quando comparadas aos outros gases.

Por meio de pesquisa e catalogação de dados, foi constatado que o estado do Espírito Santo já possui sete postos de recarga em operação, sendo estes em Vitória, Venda Nova do Imigrante, Cachoeiro de Itapemirim, Linhares (MARTINS, 2019), São Mateus, Nova Venécia e Guarapari (PORTAL JORNAL DO NORTE, 2019). Já o estado de São Paulo, que somente no ano de 2019, segundo Energias de Portugal (2019), ganhou uma rede de recarga ultrarrápida de 30 postos e mais 30 equipamentos com implementação iniciada em 2019, primeiras inaugurações em 2020 e conclusão em até 3 anos.

Buscaram-se possíveis incentivos e caminhos para desenvolvimento da área da eletromobilidade perante o governo do estado do ES e se encontrou que, diante a um aumento do custo da energia elétrica, foi criado (ARSP, 2016) o Programa Estadual de Eficiência Energética e de Incentivo ao uso de Energias Renováveis (PROENERGIA). Esse programa tem o intuito de, além de formar uma ação integrada entre o setor público e diversificar parcerias, conscientizar que a energia é muito importante para a sustentabilidade e a competitividade, para, assim, incentivar a utilização de energias renováveis, como a eletromobilidade veicular, visando à diminuição da emissão de gases do efeito estufa e dos



impactos socioambientais (ARSP, 2016). Comparando com o estado de São Paulo, segundo Shaun (2020), foram encontrados incentivos em forma de lei quanto à isenção do pagamento de IPVA. No caso da capital paulista, somente os carros com valores inferiores a R\$ 150 mil têm direito ao desconto nos cinco primeiros anos; já para carros acima desse teto, será pago normalmente o imposto proporcional semelhante a qualquer carro a combustão (essa é uma lei municipal: as cidades de Sorocaba, Indaiatuba e São Bernardodo Campo tem total isenção de IPVA para veículos elétricos). A capital paulista possui medidas interessantes, como a isenção de participação do rodízio municipal (BARROS; BEDNARSKI, 2019).

Vale destacar, também, outros programas a níveis estaduais pelo Brasil, que incentivam a eletromobilidade através do compartilhamento de veículos, como o Carro Leve em Recife – PE, o Eco Elétrico em Curitiba – PR e o Vamo em Fortaleza – CE.

## **CONCLUSÃO**

O Brasil possui um imenso potencial para a eletromobilidade, visto que o setor de transportes tem maior participação no consumo de energia dentro da matriz energética brasileira, além de esse setor possuir amplo domínio de combustíveis fósseis, potencialmente poluidores, tendo maior ocorrência o diesel seguido da gasolina. É importante constar que, caso ocorra uma crise na matriz energética, a energia elétrica pode ser obtida por meio de energias renováveis, como a solar fotovoltaica e eólica. Tanto no estado do Espírito Santo como no de São Paulo, o setor de transportes, quanto ao consumo energético, só perde para o industrial em predominância. No estado do Espírito Santo, há maior presença de veículos à gasolina e, no estado de São Paulo, predominam os veículos flex e os veículos elétricos, que têm porcentagens predominantes quase nulas em ambos os estados.

Em termos de cenário, a eletromobilidade no Espírito Santo começa a se estabelecer com o surgimento de diversos postos de recarga elétricos, espalhados por algumas regiões do estado. Já na parte de incentivos governamentais, foram encontradas poucas opções, sendo a única apresentada, na literatura, o programa Proenergia. Já o estado de São Paulo tem um cenário de eletromobilidade mais avançado, com uma maior rede de postos de recarga sendo implementados e também com mais incentivos por partedo governo, com isenções de impostos como o IPVA e medidas interessantes, como a isenção no rodízio municipal. Convêm se destacar, também, os programas de

compartilhamento de veículos Carro Leve (em Recife), Eco Elétrico (em Curitiba) e Nova (em Fortaleza), como programas a serem seguidos por outros estados.

Quanto aos parâmetros básicos, o veículo elétrico exemplificado, quando comparado ao a combustão, possui um menor consumo, tanto para estrada como para meio urbano. Em níveis econômicos, o veículo elétrico possui menores gastos, tanto mensais como anuais, quando comparado ao a combustão. Mesmo possuindo o IPVA mais elevado, a taxa de revisão e custos com energia elétrica são menores que os custos dos veículos a combustão com gasolina. Numa troca, no prazo estabelecido de cinco anos, o veículo elétrico possui um prejuízo menor, quando comparado ao veículo a combustão pois, apesar de ter uma depreciação maior devido ao seu preço de compra, o veículo elétrico tem um valor de revenda muito maior que o veículo a combustão. Sendo assim, a níveis econômicos, o veículo elétrico é mais viável do que o veículo a combustão, para casos particulares e motoristas de aplicativos, táxis e também para frotas de locação veicular, podendo se utilizar inclusive no sistema de *carsharing*.

Pode-se, então, destacar como uma das grandes desvantagens do veículo elétrico o tempo de recarga: enquanto um veículo a combustão demora cerca de 5 a 10 minutos para abastecimento, o veículo elétrico tem como recarga mais rápida de 30 minutos. Possui também impactos que são menos evidentes, como nos setores de produção de empresas de escapamento, freios, óleos lubrificantes e testes de emissão de carbono, diminuindo suas demandas por peças ou até extinguindo empresas desses setores.

Em termos ambientais, enquanto o veículo a combustão exemplificado possui emissões de diversos gases poluentes, como NMHC, NOX, CO<sub>2</sub>, o veículo elétrico tem zero emissão desses gases. Além deste não ter nenhuma emissão sonora quando parado, diferente do veículo a combustão que pode chegar até 89 dB, o veículo elétrico usa uma alta porcentagem de material reciclado, diferente do veículo a combustão. No entanto, uma desvantagem dos veículos elétricos é o descarte das baterias, compostas por materiais tóxicos e necessitarem de cuidados especiais.

Portanto, o veículo elétrico é mais viável, tanto economicamente quanto ambientalmente, apesar de algumas desvantagens citadas. Uma substituição de frota trará inúmeros benefícios para a sociedade, tais como redução de gastos com combustíveis, menor prejuízo em uma possível troca de veículo, redução da poluição sonora, redução da emissão de gases poluentes atmosféricos, ocasionando conseqüentemente uma redução

das chuvas ácidas e efeito estufa, pela simples troca de um combustível fóssil, como a gasolina e o diesel, por um combustível limpo, como a energia elétrica, que não é poluente e não gera ruídos ao carro, quando parado, além de ser um combustível mais barato.

Para trabalhos futuros, recomenda-se um estudo da viabilidade econômica e ambiental de uma substituição de frota de veículos de carga, vans e ônibus elétricos.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA DE REGULAÇÃO DE SERVIÇOS PÚBLICOS - ARSP. **Balanco energético do Espírito Santo 2019/ Ano Base 2018.** Disponível em: <https://arsp.es.gov.br/Media/arsi/Energia/Boletins/Balan%C3%A7o%20Energ%C3%A9tico/BalancoEnergetico2019.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2020.

AGÊNCIA NACIONAL DE PETRÓLEO, GÁS NATURAL E BIOCOMBUSTÍVEIS ANP. **Petróleo e Derivados.** Disponível em: <http://www.anp.gov.br/Carregamento-Comercializacao-Autoprodutor-Autoimportador-Consumo-Em-Refinarias-E-Fafens/2-Uncategorised/709-Petroleo-E-Derivados>. Acesso em: 27 out.2020.

AGUIAR, P. R. M. **Potocolo de Quioto.** Brasília: Senado Federal, 2004.

AGRIAZZI, A, H, F. **Desafios e oportunidades da inclusão dos veículos elétricos na matriz de transporte.** Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Engenharia Civil) Centro Universitário Espírito - Santense, FAESA, Vitória,2018.

AZEVEDO, M. H. **Carros elétricos: viabilidade econômica e ambiental de inserção competitiva no mercado brasileiro.** Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Engenharia de Controle e Automação) - Universidade Federal de Ouro Preto, UFOP, Ouro Preto, 2018. Disponível em: [https://monografias.ufop.br/bitstream/35400000/1579/6/MONOGRAFIA\\_CarrosEI%a9tricosViabilidade.pdf](https://monografias.ufop.br/bitstream/35400000/1579/6/MONOGRAFIA_CarrosEI%a9tricosViabilidade.pdf). Acesso em: 01 nov. 2020.

BARAN, R., LEGEY, L. F. L. Veículos Elétricos: histórias e perspectivas no Brasil. **BNDES SETORIAL.** Rio de Janeiro, n. 33, mar. 2011. Disponível em: [https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/1489/3/A%20BS%2033%20Ve%a9culos%20e%a9tricos%20hist%b3ria%20e%20perspectivas%20no%20Brasil\\_P.pdf](https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/1489/3/A%20BS%2033%20Ve%a9culos%20e%a9tricos%20hist%b3ria%20e%20perspectivas%20no%20Brasil_P.pdf). Acesso em: 22 abr. 2020.

BARROS, A., BEDNARSKI, C. Incentivos a híbridos e elétricos são tímidos, mas existem. **Revista Autodata.** São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.autodata.com.br/noticias/2019/10/10/incentivos-a-hibridos-e-eletricos-sao-timidos-mas-existem/29826/>. Acesso em: 21 out. 2020.

BRENA, N, A. **A Chuva ácida e seus efeitos nas florestas. Apêndice 1: Consequências da chuva ácida a saúde humana. Apêndice 2: Efeito Estufa, aquecimento da Terra e mudanças climáticas.** 2 ed. São Paulo: Revista e Ampliada, 2009.

CARDOSO, J. P. R. **AVALIAÇÃO DO IMPACTO SOCIOAMBIENTAL DA ADOÇÃO DO CARRO ELÉTRICO NO BRASIL.** Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Tecnologias da Informação e Comunicação) - Universidade Federal de Santa Catarina,

UFSC Araranguá, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/187694/Joao%20P%20R%20Cardoso%20Projeto%20Integrador%20II%20%20AVALIACAO%20DO%20IMPACTO%20SOCIOAMBIENTAL%20DA%20ADOCACAO%20DO%20CARRO%20ELETRICO%20NO%20BRASIL.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 01 nov. 2020.

CARVALHO, F. I. M., FILHO, H. A. D. Estudo da qualidade da gasolina tipo A e sua composição química empregando análise de componentes principais. **Quim. Nova**, São Paulo, vol 25, n.1, 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-40422014000100007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-40422014000100007). Acesso em: 5 set. 2020.

**CORREA, Y.** Tárifa de Energia Elétrica 2020: o Valor do kWh nas Principais Cidades.

Disponível em:

<https://www.webarcondicionado.com.br/tarifa-de-energia-eletrica-kwh-valores-e-ranking-cidades>. Acesso em: 05 set. 2020.

CURCIO, M. Frota circulante passará de 60 milhões em 2020. **Automotive Busines**, 2019.

Disponível em:

<http://www.automotivebusiness.com.br/noticia/29128/frota-circulante-passara-de-60-milhoes-em-2020>. Acesso em: 22 fev. 2020.

DELGADO, F. *et al.* **Carros Elétricos**. 1 ed. Rio de Janeiro: Cadernos FGV Energia, 2017. Disponível em: [https://fgvenergia.fgv.br/sites/fgvenergia.fgv.br/files/caderno\\_carros\\_eletricos-fgv-book.pdf](https://fgvenergia.fgv.br/sites/fgvenergia.fgv.br/files/caderno_carros_eletricos-fgv-book.pdf). Acesso em: 28 fev. 2020.

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE TRÂNSITO DO ESPÍRITO SANTO - DETRAN-ES.

**Emissão de Boleto De Licenciamento (CRLV) com Postagem**. Disponível em:

<https://detran.es.gov.br/emissao-de-boleto-de-licenciamento-crlv-com-postagem>. Acesso em: 09 set. 2020.

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE TRÂNSITO DO ESPÍRITO SANTO - DETRAN-ES.

**Detran ES dá orientações sobre o Seguro DPVAT**. Disponível em:

<https://detran.es.gov.br/Not%C3%ADcia/detran-es-da-orientacoes-sobre-seguro-dpvat>. Acesso em: 09 set. 2020.

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE TRÂNSITO DO ESPÍRITO SANTO - DETRAN-ES.

**Relatório Anual de Estatística de Trânsito – 2019 Frota**. Disponível em:

<https://detran.es.gov.br/Media/detran/Estatistica/Frota/FROTA-2019.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2020.

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE TRÂNSITO DE SÃO PAULO - DETRAN-SP. **Frota por tipo de combustível de 2015 a dezembro de 2019**. Disponível em:

<https://www.detransp.gov.br>. Acesso em: 01 set. 2020.

DRUMM, F, C. *et al.* Poluição atmosférica proveniente da queima de combustíveis derivados do petróleo em veículos automotores. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**. Rio Grande do Sul, v. 18 n. 1, p. 66- 78, abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revget/article/download/10537/pdf>. Acesso em: 22 fev. 2020.

EMPRESA DE PESQUISA ENERGÉTICA - EPE. **Balço Energético Nacional. Relatório Síntese/ Ano Base 2018**. Disponível em: <http://www.epe.gov.br/sites-pt/publicacoes-dados-abertos/publicacoes/PublicacoesArquivos/publicacao377/topico470/Relat%C3%B3rio%20%C3%A9ntese%20BEN%202019%20Ano%20Base%202018.pdf>. Acesso em: 28 fev.2020.

ENERGIAS DE PORTUGUAL – EDP. **EDP anuncia a primeira rede de recarga ultrarrápida de veículos elétricos no Brasil.** Disponível em: <https://www.edp.com.br/noticias/edp-anuncia-a-primeira-rede-de-recarga-ultrarrapida-de-veiculos-eletricos-do-brasil>. Acesso em: 21 out. 2020.

FILHO, R. V. Emissão de óxidos de nitrogênio (NOX) na combustão industrial. **Revista IPT Tecnologia e Inovação.** São Paulo, v.1, n.3, dez. 2016. Disponível em: <http://revista.ipt.br/index.php/revistaIPT/article/download/24/16>. Acesso em: 10 set. 2020.

FONSECA, G. **Depreciação e Tempo de Vida Útil de um Carro: SAIBA TUDO SOBRE ESSE ASSUNTO.** Disponível em: <https://doutormultas.com.br/depreciacao-tempo-vida-util-carro/>. Acesso em: 9 set. 2020.

FONSECA, G. **Documento do Carro: Diferenças entre CRV E CRLV e Como Regularizar.** Disponível em: <https://doutormultas.com.br/documento-do-carro/>. Acesso em: 10 set. 2020.

FREITAS, J, C, N. **Projeto e análise ao funcionamento de carros elétricos.** 2012. Dissertação (Mestrado em Engenharia Mecânica) – Faculdade de Engenharia Mecânica, Universidade do Minho, Braga -Pt, 2012. Disponível em: [https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/22557/1/Tese\\_VF\\_a52762\\_Pdf.pdf](https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/22557/1/Tese_VF_a52762_Pdf.pdf). Acesso em: 10 set. 2020.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS - FIPE. **Consulta de carros e utilitários pequenos.** Disponível em: <https://veiculos.fipe.org.br/>. Acesso em: 05 set. 2020.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS - FIPE. Disponível em: <https://www.fipe.org.br/pt-br/institucional/sobre-a-fipe/>.

GLOBO CONCESSIONÁRIA RENAULT. Disponível em: <https://www.globorenault.com.br/veiculo/18849/zoe>. Acesso em: 20 out. 2020.

GRUOPE RENAULT. Disponível em: <https://cdn.group.renault.com/ren/br/renault-new-cars/editorial/discover-renault/renault-brasil/pdfs/tabela-ru%C3%ADdo-site-renault-v31-12-12018-05.09.pdf.asset.pdf/c692ecbc84.pdf> . Acesso em 20 out. 2020.

GUDIM, Y. **Calcular Combustível — Aprenda a Fazer Reembolso de Quilometragem.** Disponível em: <https://blog.expenseon.com/reembolso-de-quilometragem-aprenda-a-calcular-o-km-rodado-para-reembolso/>. Acesso em: 19 jun. 2020.

GUERRA, L. H. P. **Como se calcula o consumo de um carro elétrico?.** Disponível em: <https://educacaoautomotiva.com/2018/10/12/calculo-consumo-carro-eletrico/>. Acesso em: 18 jun. 2020.

GUIMARÃES, G. K. F. **INSERÇÃO DE CARROS ELÉTRICOS NO BRASIL: avaliação da demanda e reservas de lítio.** Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Engenharia Química) - CENTRO UNIVERSITÁRIO DE FORMIGA, UNIFOR, Formiga, 2017. Disponível em: [https://repositorioinstitucional.unifor.br/21074/xmlui/bitstream/handle/123456789/526/TCC\\_GluciaKatusciaFerreiraGuimaraes.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorioinstitucional.unifor.br/21074/xmlui/bitstream/handle/123456789/526/TCC_GluciaKatusciaFerreiraGuimaraes.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 1 nov. 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE METROLOGIA, QUALIDADE E TECNOLOGIA - INMETRO.

**Programa Brasileiro de etiquetagem – PBE.** Disponível em: [http://www.inmetro.gov.br/consumidor/pbe/veiculos\\_leves\\_2019.pdf](http://www.inmetro.gov.br/consumidor/pbe/veiculos_leves_2019.pdf). Acesso em: 03 set.2020.

JORNAL NACIONAL - JN. **Preço da gasolina e do álcool atinge alta recorde no Brasil.** Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/02/14/preco-da-gasolina-e-do-alcool-atinge-alta-recorde-no-brasil.ghtml>. Acesso em: jun. 2020.

LIMA, F, A, M. *et al.* **POLUIÇÃO SONORA: Implicações a Saúde e ao Meio Ambiente. Revista Conexão Eletrônica.** Três Lagoas, MS, v. 13, n. 1, 2016. Disponível em: <http://revistaconexao.aems.edu.br/wpcontent/plugins/downloadattachments/includes/download.php?id=980>. Acesso em: 09 abr. 2020.

MARTINS, B. L. **Posto de recarga de Veículos elétricos é inaugurado em Guarapari.** Disponível em: <https://www.portal27.com.br/posto-de-recarga-de-veiculos-eletricos-e-inaugurado-em-guarapari/>. Acesso em: 10 set. 2020.

MARTINS, M. C. S. **Análise série temporal para alocação ótima de eletropostos de recarga rápida em áreas urbanas.** Dissertação (Mestrado em Engenharia Elétrica) – Universidade Estadual de Campinas, SP, 2007.

MENDES, S. K., SILVEIRA, P. C. C. R., GALVÃO, M, C. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto e Contexto Enfermagem.** Santa Catarina, vol. 17, n.4, 2008. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-07072008000400018](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000400018). Acesso em: 27 maio. 2020

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE – MMA. **Poluentes Atmosféricos.** Disponível em: <https://www.mma.gov.br/cidades-sustentaveis/qualidade-do-ar/poluentes-atmosf%C3%A9ricos.html#:~:text=%2D%20NMHC%20%2D%20hidrocarbonetos%20n%C3%A3o%20metano%2C,queima%20e%20evapora%C3%A7%C3%A3o%20de%20combust%C3%ADveis>. Acesso em: 10 set. 2020.

MONTEIRO, L. **VOCÊ SABE QUANTOS QUILOMETROS UM UBER RODA POR DIA?** Disponível em: <https://motoristaelite.com/quantos-quilometros-um-uber-roda-por-dia/>. Acesso em: 5 set. 2020.

PORTAL JORNAL DO NORTE. **São Matheus e Nova Venécia passam a ter ponto de recarga para veículos elétricos.** Disponível em: <https://portaljornaldonorte.com.br/sao-mateus-e-nova-venecia-passam-a-ter-ponto-de-recarga-para-veiculos-eletricos/>. Acesso em: 10 set. 2020.

PORTAL SEGURADORA LÍDER – DPVAT. **Divulgada a Resolução nº 371 do Conselho Nacional de Seguros Privados (CNSP): Confira o valor final do Seguro DPVAT para os proprietários de veículos.** Disponível em: <https://www.seguradoralider.com.br/pages/newsletter-detalle.aspx?cid=228v>. Acesso em: 8 set. 2020.

RODRIGUES, K. **Carro NÃO é um investimento! Entenda.** Disponível em: <https://www.euqueroinvestir.com/carro-nao-e-um-investimento/>. Acesso em: 6 set. 2020.

RODRIGUES, P. P, SUGAHARA, C. R., SILVA, L. H. V. Veículos elétricos: eletrificação do transporte da Guarda Civil Municipal de São José dos Campos/SP. *In: III SIBOGU – SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GESTÃO URBANA*, 3., 2019, São José dos Campos. [Anais...]

São José dos Campos: UNESP, 2019. p. 228 – 245. Disponível em: <https://www.eventoanap.org.br/data/inscricoes/4965/form2632181208.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2020.

RODRIGUES, T, M. **Engenharia Automotiva**. “Downsizing” em motores de combustão interna: uma abordagem de inovação tecnológica. 2014. Monografia (Especialização em Engenharia Automotiva) – Centro Universitário do Instituto de Mauá de Tecnologia. São Caetano do Sul – SP, 2014.

ROSA, A. *et al.* **Gestão e Eficiência**. 1 ed. Belo Horizonte: Poisson, 2019. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Ricardo\\_Cervi/publication/331796856\\_Previsao\\_de\\_de\\_manda\\_entre\\_diferentes\\_modelos\\_aplicados\\_a\\_medicamentos\\_do\\_programa\\_farmacia\\_popular/links/5ca75d8a299bf118c4b4398d/Previsao-de-demanda-entre-diferentes-modelos-aplicados-a-medicamentos-do-programa-farmacia-popular.pdf#page=37](https://www.researchgate.net/profile/Ricardo_Cervi/publication/331796856_Previsao_de_de_manda_entre_diferentes_modelos_aplicados_a_medicamentos_do_programa_farmacia_popular/links/5ca75d8a299bf118c4b4398d/Previsao-de-demanda-entre-diferentes-modelos-aplicados-a-medicamentos-do-programa-farmacia-popular.pdf#page=37). Acesso em: 01 nov. 2020.

PASCOAL, E. T. Um panorama dos modelos de compartilhamento de veículos elétricos em cidades brasileiras. Ln: SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA, 15., 2018, Resende. **[Anais...]** Resende: AEDB, 2018. p. 1 - 15. Disponível em: <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos18/11826149.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2020.

SANTOS, C, A, L. Baterias de íons lítio para veículos elétricos. **Revista IPT**. São Paulo, v. 2, n. 9, 2018. Disponível em: <https://anebrasil.org.br/wpcontent/uploads/2018/05/Armazenamento-de-Energia-Fev-2017.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2020.

SANTOS, T. L. Emissões de poluentes por veículos automotores. **Revista Educação Pública**. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/16/7/emisses-de-poluentesporveculosautomotores#:~:text=Esses%20combust%C3%ADveis%2C%20em%20sua%20queima,aquecimento%20global%20e%20efeito%20estufa>. Acesso em: 18 jun.2020.

SECRETARIA DE ESTADO DA FAZENDA DO ESPÍRITO SANTO - SEFAZ. Disponível em: [https://internet.sefaz.es.gov.br/agenciavirtual/area\\_publica/ipva/informacoes.php](https://internet.sefaz.es.gov.br/agenciavirtual/area_publica/ipva/informacoes.php). Acesso em: 6 set. 2020.

SECRETÁRIA DE ESTADO DA FAZENDA DO ESPÍRITO SANTO - SEFAZ. Disponível em: <https://internet.sefaz.es.gov.br/informacoes/combustivel/index.php>. Acesso em: 5 set. 2020.

SERRA, T, E. *et al.* Armazenamento de energia: situação atual, perspectivas e recomendações. **Comitê de Energia da Academia Nacional de Energia**, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://anebrasil.org.br/wp-content/uploads/2018/05/Armazenamento-de-Energia-Fev-2017.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2020.

SHAUN, A. Carros elétricos e híbridos pagam IPVA? **Auto Esporte**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://autoesporte.globo.com/carros/noticia/2020/07/carros-eletricos-e-hibridos-pagam-ipva.ghtml>. Acesso em 21 out. 2020.

SINDICATO NACIONAL DA INDÚSTRIA DE COMPONENTES PARA VEÍCULOS AUTOMATIVOS - SINDIPEÇAS. **Relatório da Frota Circulante. Edição de 2019**. Disponível em: [https://www.sindipecas.org.br/sindinews/Economia/2020/RelatorioFrotaCirculante\\_Abril\\_2020.pdf](https://www.sindipecas.org.br/sindinews/Economia/2020/RelatorioFrotaCirculante_Abril_2020.pdf). Acesso em: 25 fev. 2020.

SUZIN, S. **Imposto sobre a propriedade de veículos automotores (IPVA)**. Disponível em: <https://seos.jusbrasil.com.br/artigos/327224006/imposto-sobre-a-propriedade-de-veiculos->

automotores-ipva<https://seos.jusbrasil.com.br/artigos/327224006/imposto-sobre-a-propriedade-de-veiculos-automotores-ipva>. Acesso em: 7 set. 2020.

TIZO, C. **Afinal, quando eu devo trocar de carro?**. Disponível em: <https://www.autoo.com.br/afinal-quando-eu-devo-trocar-de-carro/>. Acesso em: 6 set. 2020.

VOLAN, T., MALDONADO, M, U., VAZ, C. R. PANORAMA DO ESTADO ATUAL DE DIFUSÃO DE VEÍCULOS ELÉTRICOS NO BRASIL. In: Simpósio de Administração da Produção, Logística e Operações Internacionais SIMPOI 2019, 22., 2019, São Paulo. **[Anais...]** São Paulo: LEVITA: 2019, p. 1 – 15. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Tainara\\_Volan/publication/335492321\\_PANORAMA\\_D\\_O\\_ESTADO\\_ATUAL\\_DA\\_DIFUSAO\\_DE\\_VEICULOS\\_ELETRICOS\\_NO\\_BRASIL/links/5d7458e6a6fdcc9961b77cc5/PANORAMA-DO-ESTADO-ATUAL-DA-DIFUSAO-DE-VEICULOS-ELETRICOS-NO-BRASIL.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Tainara_Volan/publication/335492321_PANORAMA_D_O_ESTADO_ATUAL_DA_DIFUSAO_DE_VEICULOS_ELETRICOS_NO_BRASIL/links/5d7458e6a6fdcc9961b77cc5/PANORAMA-DO-ESTADO-ATUAL-DA-DIFUSAO-DE-VEICULOS-ELETRICOS-NO-BRASIL.pdf). Acesso em: 01 nov. 2020.

ZANETI, L, A, L. **DIAGNÓSTICO DOS PRODUTOS E SERVIÇOS COMPLEMENTARES PARA A ADOÇÃO DOS CARROS ELÉTRICOS E HÍBRIDOS NO BRASIL**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Engenharia de Produção Elétrica) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: [https://sinergia.ufsc.br/wp-content/uploads/2017/09/TCC\\_Leticia2018.pdf](https://sinergia.ufsc.br/wp-content/uploads/2017/09/TCC_Leticia2018.pdf). Acesso em: 1 nov. 2020.



## **A PSICANÁLISE: ENTRE A ARTE E A CLÍNICA** *PSYCHOANALYSIS: BETWEEN ART AND CLINIC*

Ana Carolina Barbieri Lima<sup>1</sup>  
Bianca Lopes Schulter<sup>2</sup>  
Francisco de Assis Lima Filho<sup>3</sup>

### **RESUMO**

No meio da Psicanálise e da arte, circundam pontos que podem conversar entre si. No decorrer deste artigo, será visto um pouco sobre a história da arte e dos artistas, com enfoque no escritor Leon Tolstói, no qual será percebido um pensamento análogo entre Freud e Tolstói. Mais adiante, aparecerão noções da arte nas obras psicanalíticas de Freud e Lacan. Por final, em implicações da arte para a Psicanálise ficarão perceptíveis aproximações entre tais campos do saber. Sendo assim, em essência, este presente ensaio bibliográfico em sua totalidade pretende atualizar os referenciais teóricos, técnicos e éticos de como a arte atua como fonte de inspiração para a clínica psicanalítica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicologia, Psicanálise, Arte, Clínica.

### **ABSTRACT**

In the center of Psychoanalysis and art surrounds points that are related to each other. During this article it will be analyzed a little about history of art and artists, focusing on the writer Leon Tolstói, in which will be perceived a similar thought between Freud and Tolstói. Later on, there will appear notions of art in the psychoanalytic works of Freud and Lacan. Finally, in the topic implications of art for psychoanalysis, there will be perceptible approximations between such fields of knowledge. Thus, in essence, this entire article intends to update the theoretical, technical and ethical references of how art acts as a source of inspiration for the psychoanalytic clinic.

**KEYWORDS:** Psychology, Psychoanalysis, Art, Clinic.

### **INTRODUÇÃO**

O ponto inicial deste artigo é um mergulho em uma revisão de literatura de um momento da história da arte e dos artistas. Com o desenrolar do artigo, vamos discorrer algumas obras psicanalíticas, dentre às quais destacamos um pequeno recorte do infinito arcabouço do teórico Liev Tolstói. Procuramos verificar se a Psicanálise, ao longo dos anos,

---

<sup>1</sup> FAESA Centro Universitário. Graduada em Psicologia (FAESA). E-mail: carolbarbierilima@hotmail.com.

<sup>2</sup> FAESA Centro Universitário. Graduada em Psicologia (FAESA). E-mail: biancaschulter@gmail.com.

<sup>3</sup> FAESA Centro Universitário. Mestre em Psicologia (UFES). E-mail: professor.francisco.vix@gmail.com.

pautou-se na arte como fonte de inspiração para entender a arte como fundamento da prática clínica psicanalítica.

Desde os primeiros estudos, destacamos que a Psicanálise traz, em seu movimento, uma contribuição atrelada à arte. Ela possui um imenso campo de investigação, tanto que, desde o início da civilização, tomamos a arte como prática em nosso cotidiano, porém enfatizaremos uma ponta de análise sob fundamentação teórica a partir de alguns referenciais pelo viés psicanalítico, possibilitando novos olhares e interpretações que circundam o nosso contexto prático na clínica psicanalítica.

Diante disso, nossa discussão de estudo é fundamentada pela escolha do ensaio bibliográfico, que, por sua vez, os autores buscam de maneira exploratória, a partir de evidências sólidas e pesquisas de referenciais teóricos na contribuição em sua originalidade para a produção de conhecimento acerca da área em que se insere o tema a ser discutido: as contribuições da arte para a clínica psicanalítica.

Foram utilizados livros e artigos que empreendem conhecimentos sobre o tema de Psicanálise e arte, elaborando uma construção teórica sobre os materiais pesquisados.

Ensaio são movimentos, tentativas, experimentações e não fórmulas, resultados. São escritos de vida e sobre a vida, não há como obrigá-los a seguir essa ou aquela forma [...]. Na vida como ensaios, temos muito de escolhedores e escolhidos. [...] Mas tudo isso foi há mais de quatro séculos. O que é um ensaio hoje? (DELL' ISOLA, 2002, p.21)

Como é próprio da estruturação do ensaio bibliográfico, a metodologia é delineada na introdução. Em termos técnicos, o ensaio bibliográfico define-se, conforme Dell' Isola (2002), como um gênero textual que tem como objetivo discutir determinado tema. Domesmo modo, expõem-se ideias e pontos de vista de críticos, autores, teóricos sobre determinado tema, com base em pesquisa referencial — ou seja, o que outras pessoas também dizem sobre aquilo — e conclusão. Seu enfoque expressa originalidade, sem, contudo, explorar o tema de maneira exaustiva.

Primeiramente, trataremos do assunto a arte e os artistas, contextualizando-o nos sentimentos que nela podem ser evocados no fazer subjetivo dos artistas, ou seja, neste momento inicial, abordaremos genericamente a história da arte, em seu destaque de um dos mais renomados artistas da história: Liev Tolstói e os conceitos teóricos que abarcam esse campo.

No acompanhar deste entorno do círculo artístico, podemos perceber que a criatividade atua nesse meio, sendo assim pode ser pensado que, para que o processo criativo exista em sua função, é necessário deixar o sujeito associar livremente. A esse respeito, em conformidade com Teixeira (2005), no processo da escrita psicanalítica, a conexão da narratividade nas obras freudianas relaciona-se à arte pela via da associação livre. Essencialmente, é no compreender dos poetas que há um saber que pode ser expresso em romances, obras artísticas, filmes. De acordo com Oliveira (2010, p. 89), “Muitas correntes psicológicas defendem que o impulso criativo leva o homem para a ação criativa em face de conflitos e tensões, e ainda que a criatividade é um fator para a promoção da saúde mental do indivíduo”.

Em seguida, no tópico seguinte, enfatizaremos as noções teóricas da clínica psicanalítica articulada ao campo artístico, destacando, por exemplo, considerações de Freud, Lacan e outros psicanalistas que estabelecem interfaces do inconsciente na produção da arte em seu modo de pensar. Nesse despertar pensante, é que iniciaremos a percepção sobre o artista ter acesso facilitado ao inconsciente. Deve-se ressaltar ainda, com importância, a manifestação do inconsciente que conforme Freud citado por Cordeiro (2010, p. 4):

O conceito de Inconsciente (*Unbewusste*) é ponto central da teoria psicanalítica, a sua pedra angular, na qual se concentra toda a descoberta freudiana. Freud, através de sua experiência clínica diz que o psiquismo não se reduz ao consciente e que certos conteúdos só são possíveis à consciência após serem superadas certas resistências. Revelou que a vida psíquica é povoada de pensamentos eficientes embora inconscientes, de onde se originavam os sintomas. Freud localiza o inconsciente não como um lugar anatômico, mas um lugar psíquico, com conteúdos, mecanismos e uma energia específica.

Ainda, ao se referir ao inconsciente, Freud ([1932], 1980, p. 90), em sua ortografia, unissonamente esclarece que:

Denominamos inconsciente um processo psíquico cuja existência somos obrigados a supor – devido a algum motivo tal que o inferimos a partir de seus efeitos -, mas do qual nada sabemos. Nesse caso, temos para tal processo a mesma relação que temos com um processo psíquico de uma outra pessoa, exceto que, de fato, se trata de um processo nosso, mesmo. [...] somos obrigados a supor que ele está sendo ativado no momento, embora no momento não saibamos ao seu respeito. Essa restrição faz-nos raciocinar que a maioria dos processos conscientes são conscientes apenas num curto espaço de tempo; muito em breve se tornam latentes, podendo, contudo, facilmente tornar-se de novo conscientes. Também poderíamos dizer que se tornaram inconscientes, se fosse absolutamente certo que, na condição de latência, ainda constituem algo de psíquico.

Posteriormente, na obra *Interpretação dos sonhos* (1856-1939) o sonho é nada mais que “o póstero real da Psicanálise”, assim como uma “manifestação psíquica do inconsciente por excelência”. (FREUD, 2015, p. 541). Ou seja, por essa pertença, Freud postula, em seus escritos, que, a partir dos fenômenos oníricos, revelam-se os conteúdos inconscientes, que se constituem como um dos alicerces no desenvolver posterior da Psicanálise.

Assim, o processo inconsciente há de promover um deslocamento da pulsão (quando abordaremos mais adiante este mecanismo de defesa: a sublimação). Por conseguinte, consideraremos o tópico das implicações da arte e a Psicanálise a fim de clarificar aproximações nesse campo de saber vasto e rico em nossa realidade de vida. Por fim, ao final do presente artigo, explanaremos que a arte, no campo psicanalítico, contribui de maneira positiva, pois, através da arte, podemos compreender melhor o inconsciente e o mecanismo de sublimação que ela pode ser para algumas pessoas.

## **A ARTE E OS ARTISTAS**

Não pretendendo esgotar a amplitude do tema, buscaremos de maneira genérica e abrangente recortar alguns elementos do campo da arte, tais como: recorte de um momento da arte e os seus conceitos teóricos que poderão nos aproximar do seu universo.

Desde a antiguidade, sabemos que a arte é um campo de saber difundido em diferentes espaços profissionais. Para Jorge Coli (1995, p. 8), a arte pode ser identificada como um produto da cultura em que vivemos.

Inicialmente, evidenciaremos as diferentes construções desse conceito. Nesse caminho da cultura, desde a existência do mundo, é que a arte manifesta-se ligeiramente desde as civilizações primordiais, presentificando-se em nossas vidas até o atual século XXI, independentemente das diferentes camadas sociais da humanidade.

Há cerca de trinta e cinco mil anos, no estágio paleolítico, Janson (2003) afirma que as primeiras obras de artes conhecidas são encontradas. Os homens que a produziam viviam em suas planícies e vales à caça por leões e tigres. Esses ancestrais humanos abrigavam-se em grupos nas cavernas, e, entre eles, destaca-se os aurinhacenses e madalenianos como os artistas mais talentosos da época. Dentre as obras surpreendentes desse estágio paleolítico, temos as imagens de animais pintadas nas superfícies rochosas das cavernas, como bisões, cavalos, veados e bois, que parecem movimentar-se

velozmente, representando a realidade por meio do agudo cuidado quanto à observação, do traço delineado em sua integridade na forma de pintar, revelando a sensação fantástica da vida em sua dinamicidade.

Desde esse tempo arcaico, o universo artístico possui uma longa história de consolidação em nosso imaginário social. Através da arte, podem ser comunicados sentimentos variados, tanto em quem a produz quanto em quem a prestigia. A arte inova-se a cada instante e evoca em nós sentimentos de admiração ou aversão, tais como alegria, paz, medo, espanto ou ódio, dependendo da subjetividade de cada indivíduo.

Ainda articulando sobre as manifestações artísticas é notório que existem inúmeros locais onde as encontramos, porém os lugares onde tradicionalmente se encontra a arte, por exemplo, seriam em um museu, em uma galeria, em um cinema, em uma sala de concerto (COLI, 1996).

Portanto, a importância que o teórico acima traz é entender o conceito de arte como enobecedor de objetos sobre quais ela recai, o que nos mostra que não se pode defini-la como algo lógico, abstrato ou teórico já que a reconhecemos como instrumento de nossa cultura. (COLI, 1996).

Independentemente da região em que se convive entre os povos, uma exposição artística, seja qual for o seu grau de admiração mundial, pode designar ao espectador uma possibilidade de expressão e de interpretação daquilo que se vê ou escuta, carregando uma gama de significados, tornando-se única e autêntica aos olhos de quem a manifesta ou de quem a prestigia.

Na literatura crítica a respeito da arte, buscamos o escritor russo Leon Tolstói para nos aprofundarmos em algumas propriedades do campo artístico. Tolstói possui uma peculiar história: Bartlett (2013) escreve, em suas palavras na biografia do escritor, que Liev Nikoláievitch Tolstói (1828-1910) nasceu em Iasnáia Poliana, província de Tula, região da Rússia; filho de czares, ficou órfão ainda criança. Frequentou o contexto escolar, porém optou por servir o exército durante um período de sua vida. As pessoas que o conheceram diziam sobre sua hipersensibilidade e, além disso, era considerado como uma flor de girassol em sua aguda receptividade às mais ínfimas gradações da experiência física e emocional. Com isso, sua prosa é instigante aos olhos de quem a vê, pois a inigualável capacidade de observar articula-se em obra criativa os detalhes do comportamento humano.

Ainda em seu aspecto de pensar, deduz-se que primeiramente o artista precisa ter sentimentos. Nessa guerra em que atuou, ele vivenciou vários sentimentos que impulsionaram para a criação da obra Guerra e Paz, expressando as mesmas sensações.

Conforme Costa (2009), nessa fase de retorno à guerra, Tolstoi adquire, em sua forma mais ingênua, o expressivismo. Esta conotação artística do expressivismo está associada à sua autenticidade na seguinte passagem:

Tolstoi ficou decepcionado por não ter tido a oportunidade de conversar com um recém falecido veterano da guerra que trabalhara como zelador do monumento à batalha erguido no meio do campo, mas usou extrema eficácia o que viu. Ao desenhar um plano do campo de batalha, anotando qual tinha sido o exato posicionamento das tropas, Tolstoi conseguiu mostrar detalhes vitais, tais como em que os olhos o sol havia se refletido no amanhecer daquele fatídico dia. (BARTLETT, 2013, p.222)

Posteriormente, após sua experiência de vida, ele investiu seus estudos na arte. A partir de então, Tolstoi (2002) construiu uma concepção própria da arte, entendendo a boa arte como aquela compreendida por todos, isto é, não é preciso de preparo para ser impactado pela obra. O conceito de beleza não é base para o que é a arte. A arte é um meio de comunhão entre as pessoas, ou seja, quando um artista cria, ele está comunicando um sentimento e a pessoa que assiste a ela se conecta com esse sentimento. Dessa forma, as pessoas unem-se pelo sentimento que é transmitido pela obra, sendo assim os sentimentos constituem a matéria da arte.

A princípio, na visão de Costa (2009), sobre as ideias de Tolstoi:

[...] a obra de arte é um mero veículo de transmissão de emoções. Essa explicação também sofre do defeito de ser ampla demais, pois uma notícia de jornal sobre a guerra também é capaz de despertar emoções no leitor e nem por isso é uma obra de arte. (p.196)

Não podemos resumir o expressivismo de Tolstoi apenas ao que foi citado acima, pois existem versões mais atuais do mesmo. Sendo assim, para Tolstoi, a obra de arte possui emoções únicas, importantes e incômodas, que ele no início discerne muito vagamente em si mesmo e que, quando tenta, não consegue transmitir aos outros. A única maneira que ele encontra de transmitir essas emoções aos outros é expressando-as sob forma esclarecida e transformada na obra de arte. Dessa forma, esse escritor abrange o conceito de arte como uma atividade espiritual, fazendo-nos perceber o que antes não era visto ou percebido (COSTA, 2009).

Nesse contexto do que diz respeito ao campo artístico, Tolstoi (2002) critica e argumenta três pontos importantes. Um deles é que, a partir do momento em que o artista torna-se profissional, ou seja, começa a receber pela sua obra, o mesmo deixa de expressar seus sentimentos sinceros, para agir conforme o que o seu público deseja, em direção ao sistema de lucro que a sociedade impõe, perdendo no processo de criação artística a sua autenticidade.

Ao longo da trajetória histórica da arte, a “análise interpretativa de uma obra” é feita por profissionais qualificados e instruídos, porém esse é o segundo ponto em que Tolstoi (2002) nota, de forma crítica, em seu aspecto construtivo. Nesse contexto, como já dito, se a boa arte tem o intuito de comunicar sentimentos de forma que todos entendam, porque então as obras de arte precisam de críticos instruídos?

O terceiro aspecto criticado pelo mesmo autor, em nossa contemporaneidade, é sobre o ensinamento da arte nas escolas. Como já evidenciado acima, o escritor indaga a possibilidade de ensinamento da arte nesse contexto educacional, visto que sua comunicação dá-se pela via do sentimento do artista em sua vivência. Com isso, conclui-se que as escolas, de uma maneira geral, podem sim explicar algo que a recorde, mas, por ser algo subjetivo e minucioso, escapa-se ao significado da própria arte, autêntica do artista.

Percebe-se um diálogo entre o pensamento freudiano e o de Tolstoi. Assim como a concepção de Tolstoi — de que as pessoas se unem pelo sentimento que é transmitido pela obra, ou seja, os sentimentos constituem a matéria da arte, também é afetado tanto quem produz a arte, tanto quem a presencia —, Freud, de maneira análoga, também compartilha de uma concepção próxima a essa.

Freud, em seu percurso para criar a Psicanálise, fez muitas referências à arte, algumas diretamente relativas ao artista e ao processo artístico, outras se preocupando mais especificamente com a própria obra, havendo também estudos dirigidos aos efeitos que estas produzem em quem é tocado por elas. (AUTUORI E RINALDI, 2014, p. 301)

Tendo em vista as articulações teóricas levantadas sobre a arte até o presente momento, é possível analisar que não há uma única definição absoluta desse conceito em sua completude, entretanto podemos compreender que dela podem-se ter diferentes caminhos de criação que são reconhecíveis mundialmente pelos indivíduos como em museus, cinema ou teatro, a depender de onde haja inspiração para que ela seja produzida. Nesse sentido, mais adiante, daremos continuidade pela intersecção do campo artístico frente à especificidade da teoria psicanalítica.

## BREVES NOÇÕES DA ARTE NAS OBRAS PSICANALÍTICAS

Conforme Freud, citado por Quinodoz (2007), pela primeira vez, em 1907, investiga-se uma obra literária à luz da Psicanálise. A capacidade de o artista suscitar emoção do espectador ou do leitor sempre interessou a Freud e aos psicanalistas em obras artísticas, em particular as obras literárias. Nessas, destacam-se os temas como o Complexo de Édipo, em Sófocles, ou do personagem de Hamlet, de Shakespeare, que permitiram estabelecer análises bivariadas entre as informações totais descritas nos personagens de ficção e os conflitos que se observam nos pacientes em Psicanálise.

Para o mesmo autor, Freud interroga sobre as causas do impacto emocional que é produzido no espectador ou leitor, sobre o que leva o artista a produzir uma obra de arte e mediante a identificação com o autor que a obra age sobre o indivíduo. Essa identificação seria produzida pelos desejos reprimidos do artista, ocultados na forma dada à obra de arte, como também na intenção do artista de despertar em quem a contempla a mesma atitude emocional que o inspirou (Freud, [1907], 2015, p. 243).

Nesse momento, o artista busca, como fonte de criatividade, a manifestação do inconsciente e projeta suas fantasias do mundo interno na tela para o pintor ou nos personagens do escritor. Já o escritor procede de outra maneira: é em sua própria alma que ele dirige a atenção ao inconsciente, que ele perscruta suas possibilidades de desenvolvimento e lhe atribui uma expressão artística, ao invés de a reprimir por uma crítica consciente. Assim, ele extrai de si mesmo e de sua própria experiência aquilo que nós aprendemos com os outros: a que lei deve obedecer a atividade do inconsciente (Freud, [1907], 2015, p. 243). Com isso, apesar de controverso no meio psicanalítico, afirma-se que é possível interpretar e analisar a partir da obra feita, a história de vida do próprio autor.

Em outros trabalhos inclusos nesse estudo das obras artísticas atualmente são perceptíveis no tocante à narrativa de uma história, vemos uma semelhança entre a forma de pensar do crítico literário Walter Benjamin e Sigmund Freud. Conforme Guimarães (2016, p. 132):

Em textos como “A origem do drama trágico alemão” e “Sobre o conceito de história”, Benjamin demonstra que rememorar ou fazer história não significa recuperar exhaustivamente o passado. Pelo contrário, o passado não se constitui como algo a ser descoberto e relatado, mas como algo a ser articulado a partir do tempo presente. Essa visão de Benjamin se aproxima muito de toda a lógica do a posteriori (*nachträglich*) de Freud. Vemos que,



ao menos nesse ponto, o estudo das manifestações artísticas por Benjamin e o estudo das formações do inconsciente por Freud têm em comum um desprezo por uma concepção progressista, positivista e desenvolvimentista da história.

Nos diversos gêneros literários, Freud interagiu e circundou, em suas cartas, por uma ficcionalidade direcionada aos escritores, na qual criou laços que contribuíram para o surgimento da Psicanálise, ultrapassando os limites e as forças tradicionais existentes em sua época de vida. A partir de Freud citado por Buschinelli (2005, p.150), muitas considerações foram propostas entre Psicanálise e arte e, em inúmeras vezes, a expressão artística ou mesmo a biografia do próprio artista foram deitados no divã e tomados como objeto a ser interpretado.

Conforme Silva (2007, p. 9) no capítulo sobre arte, amor e poesia:

Assim sendo, a Psicanálise e a Arte mantêm um laço pelo saber e Freud reconhecia que havia muito a ser aprendido com os artistas. O artista tem um acesso facilitado ao inconsciente, não porque detêm um saber sobre o inconsciente, mas pelo efeito que sua obra provoca, pelo saber que ela conduz – a magia entre a obra e o outro que a acessa, por poder funcionar como um espelho que ao mesmo tempo que permite que o sujeito se veja, dá espaço à fantasia.

Para Teixeira (2005), Freud, em seus escritos, abarca a mitologia como verdadeira fonte do inconsciente dos povos antigos, principalmente pelos personagens mitológicos que são elevados aos status de figuras do inconsciente, por meio de homologias com relação à natureza e à dinâmica do trabalho onírico (sejam eles em sua forma latente ou manifesta) e pela formação dos sintomas (linguagem do mito) que aparecem como reminiscências infantis e em matriz da estruturação e dinâmica familiares. Essa semelhança entre os sonhos, o mito e a literatura surge de forma clara em Freud à medida que se elabora uma visão de realidade da existência humana na terceira edição da obra *A interpretação dos sonhos* (1900):

Eu poderia prever em que as próximas edições desta obra diferirão do presente texto. Será a elas necessário, de uma parte, buscar um contato mais próximo com o vasto material que representa a poesia, o mito, a imagem linguística e o folclore. De outra parte, será necessário estudar detalhadamente as relações do sonho, das neuroses e das doenças mentais (TEIXEIRA, 2005, apud FREUD 1900, p. 40).

Freud (1908), em suas obras, traz a presença do artista em um campo enigmático, ou seja, o poetizar é vivida na teoria psicanalítica. Ele destaca a relação do fantasiar com os sonhos, por exemplo nos sonhos noturnos e diurnos pelos quais, por meio da interpretação,

é possível nomear as vaporosas criações da fantasia que são ativadas pelo nosso inconsciente. Nesse sentido, o poeta há de ser o sonhador no dia luminoso, pois ele salta aos olhos de quem vê o seu modo livre de criar.

Outro aspecto destacado por Rosenfeld (1999) é que a escrita de Freud pode ser considerada como um ato artístico que o transforma em “escritor-cientista”:

Se admitirmos que - apoiando-se na interpretação pontyana - a linguagem, para a ciência, é reduzida à pura emissão de sons, permitindo aos homens uma certa coexistência e comunicação e que, para a filosofia, a linguagem é uma tradução imperfeita de pensamentos, encontramos na atitude de Freud uma postura diferente e inaugural frente à linguagem (ao menos no campo científico, onde ele pretende se situar), o que permite a irrupção de novos pensamentos, em sua escrita genética e em sua escuta, agora, então, propriamente, psicanalítica (...) É a fala que surge aqui com todo seu poder de criação de uma nova subjetividade (...) As palavras deixam de ser apenas veículos de comunicação de ideias (...) A palavra é fundadora, cria sentido, significa. (KON, 1996, p.122-4 apud ROSENFELD, 1999, p. S/P).

Lacan, em o Mito individual do neurótico, aponta para essa especificidade da palavra dentro do campo da fala. Para o psicanalista francês, a constituição de uma verdade ocorre na constituição da fala: “(...) é na medida em que a fala progride que ela a constitui. A fala não pode apreender a si própria, nem apreender o movimento de acesso à verdade como uma verdade objetiva. Pode apenas exprimi-la – e isso apenas de forma mítica” (LACAN, p. 13, 2008).

A literatura, em seu aspecto de matéria-prima, traz elementos como simbolizações, palavras, figuras de linguagem e matemas que se constituem como um reservatório imenso para interpretação de obras artísticas. No caso do termo “matemas”, esse foi criado por Jacques Lacan, em meados da década de 1970, e designa “uma escrita algébrica capaz de expor cientificamente os conceitos da Psicanálise, e que permite transmiti-los em termos estruturais, como se tratasse da própria linguagem da psicose”. (ROUDINESCO, 1998, p.502)

Sobre isso, essa etimologia de estilo adotada na clínica psicanalítica lacaniana é exemplificada por Quinet (2005) quando o matema surge, indicando significar aquilo que é aprendido ou ensinado. Por isso, tal algoritmo é o da transferência que se integra como elemento presente nas diferentes obras artísticas. Por exemplo, nesse discurso é discutido algo a ser destacado, é a homologia entre o trabalho do sonho e a elaboração da obra de arte, atribuindo à obra um saber igual, embora elaborado diferentemente, sobre o inconsciente. Teixeira (p.122) *apud* Migeot (2005, p.25) analisa que:

“se Freud sempre quis situar sua obra no campo da ciência, ele, para tanto, nunca deixou de sugerir, mesmo de reivindicar, as filiações literárias na elaboração da Psicanálise. Assim ele se encaminha ao exemplo da regra fundamental (deixar vir o que for, o que “se passa” no espírito) apreendida nos conselhos e na prática dos grandes escritores.

Como observa Wieder (p. 124) *apud* Teixeira (1988, p. 24), “a Psicanálise freudiana seria uma ciência poetizada, ou uma nova mitologia científica”.

Até o presente momento, nesse campo psicanalítico, Freud (1908) articula as diferentes possibilidades acerca de trabalhar a arte. Dessa forma, é impulsionado no artista um prazer que é oferecido por meio da exposição de fantasias próprias na estética de suas obras artísticas. Dessa maneira, essa fruição desencadeia a libertação das tensões da nossa psique. Aqui, estamos perante a uma porta de entrada para futuras investigações no campo da Psicanálise.

## **IMPLICAÇÕES DA ARTE PARA A PSICANÁLISE**

Na clínica psicanalítica, são utilizadas várias estratégias no processo de análise. O engessamento e a falta de dinâmica no processo terapêutico podem dificultar o processo de análise. Devido à Psicanálise e à arte possuírem pontos que se tocam, podemos utilizar da arte como fonte de inspiração no *setting* terapêutico. Desse modo, é interessante ser feito um levantamento teórico para analisarmos como a arte implica de forma positiva na clínica psicanalítica.

Assim como na clínica psicanalítica, a arte é o fazer da invenção, para Kon (2004, p. 6): “A arte é também invenção. Ela não é execução de qualquer coisa já idealizada, realização de um projeto, produção segundo regras dadas ou predispostas. Ela é um tal fazer que, enquanto faz, inventa o por fazer e o modo de fazer.”

Em vários momentos, Brunetto *et al.* (2007) aborda em seus estudos que, apesar das especificidades da arte e da Psicanálise, elas enquanto a formas de saberes distintas, possuem aproximações. Para ele, a arte, em particular, é vista enquanto expressão do conhecimento que revela e desperta a emoção e a sensibilidade. Tais sentimentos pertencem à nossa realidade psíquica e são objeto de investigação da Psicanálise.

Além disso, durante o desenvolvimento da obra *Transitoriedade*, descrito por Freud (1916), destrincha-se que, no psiquismo humano, há uma existência do enigma de maneira

que a todo instante o poeta busca respostas, redirecionando-o pelo viés da arte, de modo a atenuar o sofrimento psicológico vivido em função do seu contexto de vida.

Nos diferentes contextos vividos de maneira singular, Lacan (1985, p. 37) narra, em seus escritos, que, no campo da Psicanálise e da criação artística, ambas assemelham-se através dos sonhos, dos lapsos de linguagem, dos sintomas neuróticos e dos atos falhos. Esses que são vistos como incoerente, mas que, para o ato psicanalítico, são percebidos como importantes para compreender a complexidade humana.

Assim, é perceptível, independentemente da natureza do vínculo, segundo Buschinelli (p. 150, 2008), que Psicanálise e arte são como duas expressões humanas e apresentam uma relação próxima, a ponto eventualmente de alguns autores opinarem que a expressão artística é visível no ato psicanalítico.

Conforme Brunetto (2007), nessas duas áreas do saber, existem pontos em comum entre os quais existe uma parcialidade com relação à razão. Ambas não negam a razão, porém percebem que existe um tipo de conhecimento que não necessariamente provém do campo da racionalidade. Dentro dessa perspectiva, é notório que a Psicanálise e a arte não se limitam nos entornos da abordagem científica, apesar de seu diálogo com as ciências.

Nesse tipo de conhecimento que extrapola o campo racional, podem ser percebidos as implicações da arte e da Psicanálise que trabalham na mesma perspectiva da associação livre e também como fonte de inspiração para analisar o inconsciente do paciente, a facilidade que o artista tem de acessar o inconsciente pela via da expressão artística. Isso é evidenciado por Brunetto *et al.* (p. 9, 2007):

Assim sendo, a Psicanálise e a Arte mantêm um laço pelo saber e Freud reconhecia que havia muito a ser aprendido com os artistas. O artista tem um acesso facilitado ao inconsciente, não porque detém um saber sobre o inconsciente, mas pelo efeito que sua obra provoca, pelo saber que ela conduz – a magia entre a obra e o outro que a acessa, por poder funcionar como um espelho que ao mesmo tempo que permite que o sujeito se veja, dá espaço à fantasia.

Nesse conjunto, na relação da arte e da Psicanálise que concede espaço à fantasia, Orlando (2004) articula e revela o escritor, em sua criatividade gera cumplicidade com o leitor. Esse, por sua vez, adquire concessão das fantasias do escritor para a realização de seus próprios anseios.

Além disso, há algo fundamental, segundo Figueiredo, Feitoza, Carvalho (2012) que une o campo da arte e a teoria psicanalítica: é o buscar despertado dos “efeitos do sujeito” por meio da expressão artística na qual há formas de sublimar as pulsões deste.

Para a Psicanálise, a produção de algo artístico pode significar que estamos sublimando algo, então pode ser entendido que o termo sublimação são impulsos que encontram um destino social produtivo por não ser possível a satisfação direta, mas apenas sublimada. “Ao estabelecer o sentido do termo sublimação, Freud evoca, primeiramente, a depuração e a transformação. Relaciona-as ao desenvolvimento de fantasias que tem como objetivo proteger o sujeito da angústia” (CRUXEN, 2004, p. 16).

Nessa tarefa construtiva e artística, para Girons (1996) citado por Figueiredo *et al* (2012), esse conceito de sublimar presentifica em seu mecanismo através da alquimia de uma passagem direta do estado sólido para o gasoso. Essa mutação destina-se “[...] a liberar o corpo de suas partes heterogêneas” que conserva de maneira intacta as propriedades do corpo, caracterizando a sublimação. Esta por sua vez, ajuda o artista a lidar com a sua criação artística como instrumentos e domínios, assim como as pulsões.

Contudo, nessa discussão psicanalítica de conhecimento da literatura contemporânea sobre a sublimação, há de se destacar indispensavelmente a teoria lacaniana. Em seu discursar no seminário A ética da Psicanálise – livro 7, destaca que: “[...] ela eleva um objeto – e aqui não fugireis às ressonâncias de trocadilho que pode haver no emprego do termo que vou introduzir – à dignidade da Coisa” (LACAN, 2008, p.137). De apoio a essa fórmula, Nasio (2017) afirma que, naquele que contempla uma obra de arte, o efeito que é provocado na produção artística resulta pela sublimação das pulsões do artista. Assim sendo, ele expõe que: “Uma pulsão é sublimada quando sua força estimula ação não mais sexual, agressiva ou conservadora, mais eminentemente criadora e geradora de uma obra, ação que satisfaz a pulsão.” (NASIO, 2017, p. 95). Entretanto, em sua narrativa, o mesmo autor ressalta que uma obra é qualificada como “sublimada” caso haja um desencadear de impulso criador no contemplador que conduziu o artista a produzi-la, sendo assim, reafirmando os escritos de Tolstoi (2002).

Assim, a Psicanálise e a arte possuem uma relação estreita. Devido a isso, podem contribuir de forma positiva para o tratamento de pacientes na clínica psicoterápica, pois, quando pintamos um quadro, escrevemos um poema, representamos um personagem no teatro ou filme podemos estar acessando o nosso inconsciente. Dessa forma, pensando a arte como expressão de emoção e conhecimento, possibilita-se preencher um lugar na

realidade psíquica de todos os sujeitos, na qual o psicanalista tem a possibilidade de se valer disso para interpretar a história de vida do paciente. Assim, nesse movimento de fantasiar que influencia na criação artística, a Psicanálise é pensada como um fazer da invenção, assim como a arte, segundo Figueiredo, Feitoza, Carvalho (2012), no esforço da criação artística relacionado ao imaginário, pode-se representar o psiquismo humano em seu campo vasto de exploração.

## **CONCLUSÃO**

Neste instante, nosso objetivo buscou correlacionar a arte e a Psicanálise após reunião dos possíveis referenciais teóricos acerca do tema ao longo deste artigo. Nesse exercício de elaboração, avançamos em algumas considerações importantes, tais como compreender a arte como elemento positivo capaz de modificar os afetos e a dinâmica de vida do paciente em seu processo criativo dentro da clínica psicanalítica.

Uma das conclusões que ficou perceptível aos nossos olhos foi que Freud, quando estava no processo de criação da Psicanálise, baseou-se nas obras de artes no geral, sejam pinturas, escritas literárias, entre outros. Um dos escritores que se aproxima das ideias de Freud sobre a arte foi Tolstói, pelo qual percebemos que a sua concepção sobre o que as obras de arte transmitem é semelhante ao pensamento freudiano.

A arte e a Psicanálise têm em comum um tipo de conhecimento que ultrapassa o campo racional em seu inventar livre. Nesse sentido, fundamentalmente os artistas em seu processo de criação mobilizam para um lugar onde se torna possível o acesso facilitado ao inconsciente e, nesse encontro, abre-se espaço para a experiência fantasiosa tanto para o próprio artista quanto para o espectador.

Podemos destacar também que a produção artística é uma das formas de sublimação em que o artista pode desviar suas questões inconscientes para uma dimensão socialmente aceita, sendo possível para quem a prestigia poder ser tocado também em suas questões inconscientes.

Frente a essas noções trazidas até aqui, nesse sentido, é importante visualizar que essa união entre arte e a Psicanálise pode ultrapassar o estudo presente. Sua compreensão dar-se-á em uma reflexão bidimensional, que pode incorporar uma investigação mais profunda sobre o tema em estudos futuros. Por fim, após leituras realizadas e interpretações

do arcabouço teórico psicanalítico trazidos neste ensaio, não nos devemos esquecer de que o artista precede o psicanalista e/ou não há Psicanálise sem arte no servir à psique humana.

## REFERÊNCIAS

AUTUORI, S; RINALDI, D. A Arte em Freud: Um estudo que suporta contradições. **Boletim - Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 34, n. 87, p. 299-319, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v34n87/a02.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2018.

BARTLETT, R. **Tolstoi: a biografia**. São Paulo: Globo, 2013.

BRUNETTO, A. *et al.* Diálogos Boletim do Ágora Instituto Lacaniano: **Psicanálise e Arte**. Campo Grande: ÁGORA INSTITUTO LACANIANO, 2 ed., 2007.

COLI, JORGE. **O que é arte**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

CORDEIRO, E. F. O inconsciente em sigmund freud. **O Portal dos Psicólogos**, Coronel Fabriciano, v. s/v, n. s/n, p. 1-9, 2010. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0745.pdf>. Acesso em 09 nov. 2018.

COSTA, C. F. **O que é 'arte'?** Artefilosofia. Ouro Preto. n. 6, p. 194-199, abr/2009.

CRUXÊN, O. **A sublimação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. p. 69. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/MaraRaquel/orlando-cruxn-a-sublimao>. Acesso em 09 nov. 2018.

DELL' ISOLA, R. L. P. **Ensaio em arte final**. Belo Horizonte: Viva Voz, 2002.

FIGUEIREDO, D. S; FEITOZA, R. C; CARVALHO, M. J. C. **A arte como instrumento de sublimação das pulsões**. Anhanguera Educacional Ltda: Revista de Psicologia, UNIT, v. 15, n. 23, 2012. Disponível em: <http://www.pgskroton.com.br/seer/index.php/renc/article/viewFile/2467/2364>. Acesso em: 15 out. 2018.

FREUD, S. **A transitoriedade [1916]**. In: Obras completas. Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 12.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos [1856-1939]**. Porto Alegre: L&PM, 2015, vol. 1 e 2.

FREUD, S. **A dissecação da personalidade psíquica [1932]**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. XXII, p. 75-102.

FREUD, S. **Arte, literatura e os artistas: o poeta e o fantasiar**. São Paulo: Autêntica, 1908.

FREUD, S. **O delírio e os sonhos na "Gradiva" de Jensen [1907]**. In: obras completas. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. v. 8.

GUIMARÃES, B. Do detalhe à história: Comentário do texto de Iannini "A Psicanálise freudiana entre ciência e arte". **Revista Viso - Cadernos de estética aplicada**, Ouro Preto, n. 19. p. 122-133, jul-dez. 2016. Disponível em: [http://revistaviso.com.br/pdf/Viso\\_19\\_BrunoGuimaraes.pdf](http://revistaviso.com.br/pdf/Viso_19_BrunoGuimaraes.pdf). Acesso em: 23 set. 2018

JANSON, H. W.; JANSON, A.F. **Iniciação à história da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KON, N. M. **Reflexões entre Psicanálise e arte**. São Paulo: Edusp, 2004.

LACAN, J. **O seminário nº 7: a ética da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

NASIO, J. D. **9 lições sobre a arte e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1º ed, 2017.

ORLANDO, C. **A sublimação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

QUINET, Antonio. **As 4 + 1 condições da análise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 10 ed., 2005.

QUINODOZ, J-M. **Ler Freud: guia de leitura da obra de S. Freud**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ROSENFELD, H. K. **Entre a Psicanálise e a arte**. Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo, v. 10, n. 1, 1999. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65641999000100018](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641999000100018). Acesso em: 31 ago. 2018.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

TEIXEIRA, L, C. **O lugar da literatura na constituição da clínica psicanalítica em Freud**. Psychê, São Paulo, 2005, v. 9, n. 16, p. 115-132, jun-dez/2005. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-11382005000200008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382005000200008). Acesso em: 01 de ago. 2018.

TOLSTOI, L. N. **O que é arte? A polêmica visão do autor de Guerra e Paz**. São Paulo: Ediouro, 2002.



## **ANSIEDADE GENERALIZADA: UMA PERSPECTIVA GESTÁLTICA** *GENERALIZED ANXIETY: A GESTHALIC PERSPECTIVE*

**Priscila Lima do Nascimento<sup>1</sup>**  
**Fábio Nogueira Pereira<sup>2</sup>**

### **RESUMO**

Atualmente, é comum encontrarmos pessoas que tenham desenvolvido um quadro de angústia e expectativa frente ao contexto no qual vivem. Por vezes, tal vivência é nomeada como ansiedade que, em certa medida, apresenta importância significativa na mobilização do sujeito para a ação. No entanto, a ansiedade passa a ser reconhecida como patológica quando afeta o sujeito, levando à antecipação, à preocupação e a medos exagerados frente a situações variadas. Este trabalho trata-se de um relato de experiência de estágio clínico supervisionado em atendimento psicoterapêutico no qual o cliente queixava-se de ansiedade generalizada. Nosso objetivo é discutir possibilidades de compreensão e intervenção psicoterápica do quadro de ansiedade generalizada a partir desse caso relatado, tendo a Gestalt-Terapia como referencial teórico. Para tanto, foram analisados diários de campo sob a luz da literatura gestáltica revisada. Observamos o enriquecimento do contato e a ampliação da awareness do sujeito, que o levou a um ajustamento ativo e saudável. Espera-se que a discussão à qual nos propomos contribua para outros estudos que tenham a ansiedade generalizada como objeto e que compartilhem do mesmo embasamento teórico, possibilitando o treinamento de futuros profissionais da área de saúde, especialmente psicólogos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ansiedade generalizada, Gestalt-Terapia, Relato de experiência.

### **ABSTRACT**

It is not unusual nowadays to worry and/or have high expectations related to the context in which we live in. Such feelings are sometimes named as anxiety by those who experience it, what – to some extent – could be important in mobilizing the subject to action. Nevertheless, the same condition could be considered pathological when it leads to high anticipation, preoccupation and exaggerated fears in daily activities. This clinical case study discusses the first authors' experience in supervised internship activities treating a patient with generalized anxiety disorder. We discussed possibilities for processual psychotherapeutic assessment and intervention, using Gestalt Therapy as theoretical framework. We have analyzed data from fieldnotes according to the reviewed literature. We have observed that it is possible to increase the subjects' contact and awareness abilities, leading to a healthier adjustment. We

---

<sup>1</sup> FAESA Centro Universitário. Graduada em Psicologia (FAESA). E-mail: priscilalimaicm@hotmail.com.

<sup>2</sup> FAESA Centro Universitário. Doutor em Psicologia (UFES). E-mail: fabio.nogueira@faesa.br.

hope to contribute with the literature related to generalized anxiety disorder as well as to Gestalt Therapy, to other studies that could benefit from our discussion and to health professionals in training, especially psychologists.

**KEYWORDS:** Generalized anxiety disorder, Gestalt therapy, Case study.

## **INTRODUÇÃO**

É comum ouvirmos relatos condizentes com quadros de ansiedade na prática clínica. Contudo, gostaríamos de ressaltar que, ao invés de uma pretensão por diagnóstico e tratamento medicamentoso sem um acolhimento adequado do contexto de quem queixa, talvez seja pertinente ao psicoterapeuta compreender o fenômeno, considerando aspectos existenciais mais amplos ou enfrentamentos das limitações presentes no cotidiano do cliente. Entendemos que uma parcela da população pode desenvolver um quadro ansioso com alterações fisiológicas significativas e que mereçam cuidados médicos, mas, por outro lado, a antecipação, a preocupação e, em alguns casos, os medos exagerados frente a situações variadas, que compõem a sintomatologia do quadro de ansiedade generalizada, podem mascarar outros aspectos que estão além de uma intervenção medicamentosa.

O estilo de vida pode ser um importante fator de desencadeamento de tais experiências, uma vez que o ritmo acelerado da vida cotidiana pode conduzir a uma percepção alterada do tempo, dos estímulos ambientais e das prioridades pessoais, vivenciando situações antecipadas num patamar hipotético e descolado do ambiente no qual estamos inseridos. Quando isso acontece, relacionamo-nos com uma realidade concretamente inexistente, para a qual não podemos lançar mão de ajustamentos que alterem nosso contato com o ambiente.

A elaboração desta pesquisa desenvolveu-se ao longo dos estágios supervisionados básicos IV e V, nos quais despertaram-se o interesse de aprofundar os estudos sobre ansiedade generalizada, fundamentada na queixa inicial do paciente, delimitando como objetivo geral entender como a ansiedade é vista pelos olhos da Gestalt- Terapia e as possibilidades de intervenção em casos de acometimento desse quadro. Acreditamos que a presente investigação contribui na dimensão teórica ao discutir o processo de contato, bem como auxiliar no treinamento de futuros profissionais da área de saúde, especialmente psicólogos, a partir de um olhar compreensivo sobre esses ajustamentos.

## **A PESSOA E SUA RELAÇÃO COM O AMBIENTE: POR UM EQUILÍBRIO DINÂMICO**

Para discutirmos o entendimento da ansiedade pelo viés gestáltico, primeiramente abordaremos a compreensão de indivíduo para a Gestalt-Terapia. A partir dessa concepção teórica, o indivíduo é visto em sua totalidade unificada, sustentando-se pela interação do organismo com o meio. Esta relação organismo/ambiente caracteriza-se pela mobilização à ação e pelo crescimento. O indivíduo encontra-se continuamente num processo de transformação e ajustamento, sendo suas ações, assim, relacionadas ao meio no qual está inserido. Da mesma forma, o ambiente também é modificado por ele (CARDELLA, 2014, p. 112).

O indivíduo é um ser relacional e podemos reconhecê-lo como pessoa através dos contatos estabelecidos nas relações que cria. A sua capacidade de pensar e a maneira como se coloca no mundo, promove a sua interação e propicia o seu desenvolvimento como humano (CARDELLA, 2014; RIBEIRO, 2011). Para Ribeiro (2011, p. 76), a essência de ser é estar em relação permanente e consciente consigo e com o outro, acreditando que a personalidade humana é exercida vivendo em relação.

Ribeiro (1985, p. 107) considera a pessoa tendo como referência as teorias orgânicas, que a compreendem como una, integrada e consistente. Logo, o organismo — um sistema organizado naturalmente que busca a satisfação de suas necessidades através de um equilíbrio dinâmico com o ambiente —, quando em desarmonia ou desorganização, pode revelar uma condição patológica (CARDELLA, 2014, p. 112).

Cada pessoa carrega consigo a singularidade de ser único, dotado de uma subjetividade particular que não se desenvolve isoladamente, mas em interação com um mundo maior, do qual outras pessoas fazem parte (CARDELLA, 2014; RIBEIRO, 2011). Devido à influência de suas raízes fenomenológicas, ecológicas, holísticas e sistêmicas, a Gestalt-terapia vê a pessoa como sendo do mundo, pertencendo ao universo, ou seja, não como um ser separado e isolado, mas sim tornando-se uma única realidade com o mundo, uma singularidade constitutiva, o que Ribeiro (2011, p. 79) chama de pessoa-mundo.

As transformações que ocorrem nesse universo têm conduzido as pessoas, muitas vezes, a um impasse: de um lado a idealização do que ser, a busca de um ideal inalcançável; do outro, reconhecer e acolher o que se é (PINHEIRO, 2014; POLSTER; POLSTER, 2001). Beisser (1980, p. 110) descreve de maneira sucinta um aspecto relevante em Gestalt-terapia cujas raízes remontam à Fenomenologia, ao Existencialismo e às filosofias orientais que nos servem de base. A ideia da teoria paradoxal da mudança, que Beisser formaliza em seu texto, reafirma a premissa de que a mudança ocorre quando a

pessoa torna-se o que é, e não quando tenta converte-se no que não é. Ou seja, a transformação acontece quando estamos dispostos a aceitar o que somos. De fato, as mudanças são necessárias para adaptação e manutenção da vida, no qual a permissividade das mesmas leva-nos à transformação. Pinheiro (2014, p.184) complementa dizendo que a nossa capacidade de influenciar o movimento natural de nosso ser é o que nos permite intervir nesse processo de sermos quem somos e, por vezes, até impedi-lo. Pinheiro nos lembra que, na sociedade contemporânea, temos um avanço tecnológico que nos permite intervir de várias formas, mas um questionamento fica implícito em seu texto, assim como no de Beisser (1980) e no de Polster e Polster (2001): essa mudança que buscamos serve a que e a quem? A mudança é inerente à vida. Querer mudanças descontextualizadas, alienadas dos contatos estabelecidos, assim como negar o fluxo das mudanças, a impermanência e o movimento de emergência de figuras e seu retorno ao fundo, gera sofrimento.

A manutenção da vida configura-se em um processo de transformação constante do organismo, no qual as mudanças fazem parte também das relações humanas, o que exige do indivíduo uma postura verdadeira e comprometida consigo mesmo (POLSTER; POLSTER, 2001; RIBEIRO, 2011). Cardoso (2013) e Ribeiro (2011) sintetizam essa ideia referindo-se à Gestalt-terapia como uma abordagem existencial que busca auxiliar a pessoa na ampliação de sua consciência de si no mundo (ou seja, sua *awareness*) a fim de a capacitar a fazer escolhas autênticas e responsáveis e a organizar sua vida de maneira significativa para si.

### **Contatando: a vida como um processo relacional constante**

A fim de possibilitar uma melhor compreensão do relato de experiência em questão, será necessário abordarmos alguns conceitos primordiais vinculados ao objeto deste estudo. A seguir, apresentaremos alguns conceitos nos quais se baseia a Gestalt-Terapia. São eles: campo, figura e fundo; contato; funções de contato; fronteira de contato; ajustamento criativo; ajustamento criativo disfuncional e *awareness*.

Para Ribeiro (1995, p.94) o conceito de campo, conduz à totalidade pela qual o meio geográfico (campo físico) e comportamental unem-se em um único campo, o psicofísico, que é o *locus* do comportamento. Ou seja, esse campo refere-se à pessoa vista como um todo na sua relação dentro-fora com o ambiente que a circunda.

Polster e Polster (2001, p. 46-47) conceituam figura e fundo sendo a figura entendida como emergente do fundo, assumindo uma posição que atrai a atenção e realça suas características de contorno e clareza. Ou seja, é o que emerge: seja uma necessidade, objeto ou algo que possa surgir do meio. Já o fundo caracteriza-se por proporcionar o contexto que dê profundidade à percepção da figura, podendo ser entendido como as experiências, lembranças, concepções etc.

Perls, Hefferline e Goodman, (1997, p. 44) definem contato como a interação do organismo e o ambiente que se dá através de uma relação viva que envolve reciprocidade do homem com o mundo. Contatar, ou seja, estar em contato, remete à ideia de encontro, de relações, seja com o outro ou consigo mesmo. O contato fornece alimento, insumo para o crescimento, é pressuposto para mudar a si mesmo e a forma como experienciamos o mundo (POLSTER; POLSTER, 2001, p. 113). Quando permitimos o contato, estamos dando a oportunidade de mudar, pois esse encontro promove alterações que não nos permitem sermos os mesmos. É pelas funções de contato (visão, audição, olfato, tato, fala e movimento) que nossa percepção organiza-se e nossos sentimentos adquirem significado (FRAZÃO, 2014). Essas funções desempenham um papel fundamental, pois possibilitam que o contato aconteça.

Salomão, Frazão e Fukumitsu (2014, p. 49) denominam fronteira de contato o *locus* do contato, através do qual organismo e ambiente interagem. As autoras complementam tal conceito explicando que, apesar de *locus* remeter-nos a uma noção de lugar, a ideia de fronteira não se baseia em um lugar fixo ou predeterminado, mas alude a algo que muda de acordo com as circunstâncias e as necessidades. A fronteira de contato é o que delimita o organismo e o ambiente. Polster e Polster (2001, p. 115) consideram que a fronteira de contato é o ponto em que a pessoa tem a experiência do “eu” em relação ao que é não-“eu” e, por esse contato, ambos são vivenciados mais claramente. Ou seja, é onde vivemos em relação, onde a experiência acontece e as mudanças ocorrem.

Perls, Hefferline e Goodman (1997, p. 45) explicam que todo contato exige ajustamento criativo do organismo ao ambiente. Como organismo e ambiente formam um campo de mutualidade e interdependência, organismo e ambiente relacionam-se alterando um ao outro. Para Frazão (2015, p. 88), o ajustamento criativo é entendido como a capacidade de interagir de modo ativo com o ambiente na fronteira de contato, adaptando, quando necessário, as demandas às possibilidades para seu atendimento a partir dos recursos disponíveis no ambiente. Esse processo de se ajustar possui relação com a ação que o sujeito irá exprimir frente aos desafios que surgirão em sua trajetória, com a maneira

com que interage com o mundo e com como se posiciona mediante as necessidades imediatas. Muitas vezes, não possuímos o controle dos acontecimentos, mas podemos escolher dentre as opções disponíveis e nos responsabilizar pela experiência que vivenciamos. Segundo Ribeiro (2006, p. 64-65), ajustar-se significa usar soluções antigas, presentes e disponíveis no organismo, buscar novas e permitir ao organismo encontrá-las no contato corpo-meio ambiente, para que o viver seja funcional e viável. Como nenhum contato repete-se e sempre traz algo de novo, os ajustamentos precisam ser criativos, incorporando novidades e adequações à dinâmica daquele encontro no campo estabelecido.

Quando a tentativa de expressar as necessidades não é bem-sucedida, origina-se o ajustamento criativo disfuncional, definido por Frazão (2015) como a desorganização ou distorção do universo das percepções e dos sentimentos — o que, por sua vez, interferirá nos processos de *awareness*. Para a autora, essa é a capacidade de se aperceber do que se passa dentro e fora de si no momento presente, seja em que dimensão for (corporal, mental, emocional) (FRAZÃO, 2015). Assim, numa perspectiva gestáltica, quando estamos cientes do que se passa e nos percebendo, tornamo-nos seres ativos, capacitados para agir frente aos inúmeros desafios presentes dentro e fora de nós. Dessa forma, as chances de as necessidades emergentes serem atendidas aumentam, uma vez que o ajustamentocriativo tende a ser saudável.

### **ANSIEDADE: ARTICULANDO GESTALT-TERAPIA, CID 10 E DSM-V**

Numa perspectiva gestáltica, podemos considerar que a ansiedade manifesta-se quando temos baixa *awareness*, o que acarreta a diminuição da capacidade de nos conectarmos ao tempo presente, de viver o aqui-agora, sem nos precipitarmos quanto ao futuro. Uma *awareness* comprometida resulta em perda da qualidade das experiências vividas e do saber da experiência que será absorvido e promoverá crescimento ao final do contato (FRAZÃO, 2015; RESNICK, 2016; RIBEIRO, 2006).

A Classificação Estatística Internacional de Doenças (CID 10, 1993) descreve o transtorno de ansiedade generalizada como um quadro ansioso generalizado e constante, sem restrições quanto à sua manifestação. Esse quadro é caracterizado pela presença de sintomas excessivos, tais como nervosismo, tremores, tensão muscular, sudorese, sensação de cabeça leve, palpitações, tonturas e dores ou queimação no estômago. Também podemos observar, nesse quadro, medo e preocupação exagerada com o que está para acontecer.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V, 2014), por sua vez, define-a como a antecipação de ameaça futura, sendo mais associada à tensão muscular e à vigilância em preparação para o perigo futuro e a comportamentos de cautela ou esquiva. Esse manual também aponta outras características, como a preocupação excessiva ao longo do dia que se estende por um período de pelo menos seis meses, bem como sintomas físicos que levam ao sofrimento clinicamente significativo e prejuízo à vida social do indivíduo.

A compreensão diagnóstica para Gestalt-terapia, não está vinculada à promoção de um rótulo, cuja finalidade seria enquadrar ou encaixar o cliente dentro de padrões estabelecidos, propondo-lhe a mudança com base nesses parâmetros. Sua utilidade está em orientar a maneira como o terapeuta lidará com o cliente, permitindo a percepção de como o paciente comporta-se mediante suas múltiplas facetas, de como ocorrem os contatos no agora.

Ribeiro (1997) apresenta detalhadamente a dinâmica envolvida no ciclo de contato e lança um novo olhar sobre como as estratégias dessa relação podem se constituir como fatores de cura e de bloqueio dos contatos. Os processos definidos como saudáveis e que constituem as etapas do ciclo de contato são: 1) a fluidez, entendida pela abertura, espontaneidade e vontade; 2) a sensação, voltada para percepção; 3) a consciência, ou seja, dar-se conta das necessidades advindas da relação; 4) a mobilização para atender essas necessidades; 5) a ação, na qual assumimos a responsabilidade pelos próprios atos; 6) a interação, destinada à aproximação do outro; 7) o contato final, encontrando em si mesmo a saciedade dos prazeres; 8) a satisfação, na qual reconhecemos o outro como fonte de contato; e, por fim, 9) a retirada, na qual ocorre a separação do que é meu e do que é do outro, fechando, dessa forma, um ciclo para que outro se inicie (RIBEIRO, 1997, p. 59).

A compreensão diagnóstica gestáltica baseia-se no momento presente do cliente, levando em consideração a complexidade humana e dos contatos estabelecidos. A compreensão diagnóstica em Gestalt-terapia preza pelo processual e não se coloca como algo acabado e estreitamente estruturado, que levaria a um prognóstico e planejamento psicoterápico rígido. Pelo contrário, o diagnóstico processual descreve o que se apresenta naquele momento, podendo ser reformulado e verificado durante todo o processo terapêutico (PINTO, 2015, p.28).

As inquietações e os sintomas que os clientes carregam sinalizam a presença de elementos importantes da vida do sujeito, que focaliza o olhar para o ser adoecido e não

para doença. O sofrimento é compreendido pelo olhar gestáltico como uma cristalização, Gestalten que não se fecharam e provocam a repetição de uma atitude existencial que se tornou anacrônica, descontextualizada (PINTO, 2015; RESNICK, 2016). O sofrimento revela um ajustamento que antes era criativo e funcional e que se tornou insatisfatório e disfuncional, precisando ser revisto e renovado de forma criativa (PINTO, 2015, p. 29). Intervir nesse sofrimento abarca desenvolver competências reais, que possibilitem reagir às situações adversas de maneira criativa e contextualizada.

Os primeiros desenvolvedores da Gestalt-Terapia já haviam abordado tal tema no livro que inicia a divulgação dessa escola de pensamento humanista. Nessa obra, a ansiedade é descrita como a interrupção da excitação (PERLS, HEFFERLINE, GOODMAN, 1997, p. 44), ou seja, é a estagnação da energia que nos move ao crescimento e ao processo de desenvolvimento. Quando essa excitação não é descarregada ou encontra barreiras para ser expressa, explicam-nos esses autores, surge a ansiedade. Perls e colaboradores prosseguem descrevendo que, quando ela ocorre, há a contenção e o estreitamento de aspectos fisiológicos como a retenção da respiração, do sistema musculare do sistema sensorial. Sendo assim, o ser humano visto em sua totalidade exprime reações fisiológicas em conjunto com os aspectos emocionais e cognitivos. Esses autores acreditam que o organismo em ajustamento saudável funciona com os sistemas operando de forma coesa e coerente com o que o ambiente apresenta para o organismo.

A possibilidade de frustração da expectativa e o medo da ocorrência de possíveis crises ansiosas levam ao desvio da consciência do campo presente, evitando o contato com o meio. Essa perda de contato com o campo, segundo Ribeiro (1997, p. 73), sinaliza a presença de processos de adoecimento pela obstrução de canais saudáveis, nos quais a energia acumula--se em sistemas, que passam a funcionar irregularmente na tentativa de suprir uma funcionalidade interrompida. O curioso, aponta Pinheiro (2014), é que muitas das interrupções de contato ocorrem de forma deliberada, por vontade nossa, ao tentarmos ser e estar de forma diferente da que o campo solicita-nos. Pinheiro nos lembra que nós mesmos nos afastamos daquilo que se apresenta ali diante de nós, pois não nos permitimos estar em harmonia com o contexto, distanciando-nos de aspectos orgânicos e existenciais que demandam nossa atenção naquele momento.

As diversas descrições consideram a ansiedade generalizada sem um objeto ou conteúdo específico e se caracterizando mais como um processo não-saudável. Logo, as necessidades emergentes não são atendidas ou há uma satisfação inadequada dessas necessidades (RIBEIRO, 1997, p. 72). Tal estratégia de contato caracteriza-se como



antecipatória da figura ao invés de a destacar do campo presente para, mais adiante, agir em relação à necessidade que emerge de tal relação. Quando o ansioso tenta controlar o contato, a fim de trazer a figura ao momento presente, mesmo que não haja estímulo ambiental que sugira tal figura, mas apenas algo interno, sua experiência pode ser de frustração: uma sensação de falta de controle em relação ao ambiente, ou mesmo vivenciar medo pela fragilidade do não-controle do ambiente. Daí, reside o adoecimento apontado pelos vários autores citados ao longo da literatura revisada. Entendemos que a progressão do quadro para vivências de fragilidade na relação com o ambiente pode levar à evitação de situações, lugares, emoções, pensamentos e à utilização de estratégias de contato que não são favoráveis ao indivíduo tanto num viés organísmico quanto existencial.

## **MÉTODO**

A presente investigação teve como objeto um relato de experiência vinculado ao atendimento clínico realizado em estágios supervisionados básicos IV e V na clínica-escola da FAESA, o qual se discorreu em aproximadamente 13 atendimentos de março a novembro deste ano. O trabalho configurou-se como um relato de experiência, que visava a delinear as características dos fenômenos e das experiências vividas pelo cliente ao longo do processo terapêutico. Por se tratar de um relato de experiência, esta pesquisa não pretendeu confirmar hipóteses ou desenvolver construto generalizável para outros casos, limitando-se a descrever os dados coletados e discuti-los à luz da literatura revisada.

O participante do estudo de caso era usuário da clínica-escola da FAESA, tinha 23 anos, sexo masculino, solteiro, com curso superior completo e, à época dos atendimentos, dedicava-se aos estudos para um processo seletivo para um curso de mestrado. O usuário chegou à clínica-escola com diagnóstico psiquiátrico de ansiedade generalizada e mantinha acompanhamento médico psiquiátrico a cada três meses. Ele fazia uso de terapia medicamentosa no período do acompanhamento psicológico pela estagiária-pesquisadora.

A clínica-escola de Psicologia da FAESA presta serviços de atendimento psicológico à comunidade em diversas modalidades. Todos os alunos-estagiários são supervisionados e devidamente orientados por professores, que são responsáveis técnicos pelos estágios. Os atendimentos do estágio em questão ocorreram, geralmente, em frequência semanal e em sessões com duração aproximada de cinquenta minutos.

A coleta de dados por meio de observação clínica permitiu um contato imediato com os fenômenos objetos deste estudo. Os registros em diário de campo foram realizados

imediatamente após atendimentos clínicos e em reuniões de supervisão do estágio. Neles, a estagiária descreveu tais sessões e suas impressões sobre elas a fim de analisar e explicar o ocorrido a partir das contribuições da literatura revisada. Os diálogos entre estagiária, terapeuta e seu cliente foram registrados em diário conforme lembrança da primeira autora e são apresentados, neste artigo, unicamente com o intuito de ilustrar o processo terapêutico vivido.

A pesquisa recebeu autorização do comitê de ética da FAESA e está registrada sob CAAE 74821417.7.0000.5059. O participante foi informado e esclarecido sobre a pesquisa e assinou termo de participação livre, consentida e esclarecida pelo paciente, em conformidade à resolução vigente (BRASIL, 2012).

## **RELATO DE EXPERIÊNCIA E DISCUSSÃO**

O usuário foi encaminhado para psicoterapia pelo plantão psicológico da Clínica-Escola, que se refere a um projeto de extensão, no qual o paciente pode recorrer ao se sentir confuso ou se perceber com dificuldades para enfrentar questões existenciais, emocionais, familiares, sociais ou ocupacionais. O paciente procurou auxílio, naquele primeiro momento, após alguns episódios agudos de ansiedade, um dos quais ocorreu na faculdade em que estudava. Segundo seu relato, o cliente foi acolhido por professores e amigos, que sugeriram a ele que procurasse ajuda psicológica. De acordo com o cliente, após perceber que não tinha mais controle da situação, resolveu buscar suporte. Iremos chamá-lo de Fred (nome fictício) no texto a seguir a fim de garantir seu anonimato, o que é resguardado pelo código de ética.

Fred iniciou os atendimentos psicoterápicos no começo de 2017, trazendo como queixa inicial relatos de crise do pânico e ansiedade. O quadro caracterizava-se por mal-estar físico notório, com queixas de calafrios, sensações de calor e frio ao mesmo tempo, sudorese, irritação, entre outros sintomas. Os episódios eram seguidos de sensação de medo e preocupação intensa com o que estava por vir.

A seguir, descrevemos algumas situações vivenciadas pela primeira autora no processo psicoterápico no estágio supervisionado em questão. O primeiro momento descrito caracteriza, de maneira geral, o contexto do início do estágio, a queixa relatada e o vínculo estabelecido, enquanto o segundo momento detalha os atendimentos realizados ao longo do estágio supervisionado, permitindo uma discussão a partir da teoria revisada.

- Momento 1 (21/03 a 21/06)

Durante os primeiros encontros com Fred, a estagiária percebeu que o seu fazernão acessava o campo da experiência, ou seja, algo o impossibilitava de sentir e de ser afetado pelo ambiente. Assim, o cliente não conseguia atentar-se para o que estava emergente no campo, orientando-se por referências fantasiosas. Como consequência, suas necessidades não eram saciadas, que levava a sensação de frustração.

Notou-se que, quando suas falas e ideias eram expressas de maneira mais plástica e concreta, como com atividades nas quais descrevia a experiência por escrito ou se utilizando de desenhos, sua consciência do que se passava aumentava. Com ampliação da *awareness*, era possível trabalhar suas questões de ansiedade, medo, angústia e apreensão a fim de obter novos ajustamentos. O bom vínculo formado com a estagiária possibilitou que se desenvolvessem experimentos que exploravam as sensações, pensamentos e percepções a fundo ao longo do primeiro semestre do estágio.

Seguinte, traremos um recorte de dois atendimentos realizados no mês de outubro de 2017, a fim de ilustrar as intervenções realizadas e sua repercussão para os objetivos terapêuticos estabelecidos, quais sejam estimular contato, enriquecer sua *awareness* e promover a criatividade nos ajustamentos.

- Momento 2 (outubro de 2017)

— 1º encontro (11/10/2017): Fred chegou à terapia com semblante preocupado e apreensivo, relatando que estava ansioso com a prova do mestrado que faria no final do ano. Somado ao percurso acadêmico, a vida profissional do cliente aparecia, em seu relato, como fonte de inquietações. Segundo Fred, a dificuldade de atuação na área de formação o impossibilitava de se realizar profissionalmente.

Enquanto falava sobre sua queixa, a estagiária percebeu que ele tocava o próprio rosto repetidamente. Suas mãos eram levadas à face com frequência, seus olhos estatelados, dirigidos firmemente para a estagiária. Aparentava nitidamente o temor do resultado da prova em sua expressão corporal.

No decorrer da sessão, a estagiária pediu ao cliente que descrevesse a ansiedade que ele sentia. Fred, de pronto, respondeu sem pensar muito. A impressão era de que estava sob os efeitos que a ansiedade causava-lhe toda vez que pensava na prova. Os

incômodos, os tremores, a palpitação e o medo faziam parte de seu discurso. Percebia-se o acúmulo de energia retrofletida, que não se concretizava em manipulação do ambiente para satisfazer a necessidade do contato estabelecido. Fred se esquivava de vivenciar suas experiências no presente.

Para Gestalt-terapia, o indivíduo é visto em sua totalidade de forma que mente e corpo são considerados em unicidade. Assim, pensamento e ação são aspectos distintos do organismo, podendo ser traduzidos e transpostos de um nível para outro (PELS, 1988, p.30). Na interação entre as funcionalidades psíquicas e as corporais, os aspectos emocionais expressam-se através do sistema fisiológico.

Apesar do progresso alcançado até o final do estágio, ainda se notava a necessidade de trabalhar a ansiedade do cliente, pois ele tinha dificuldade em se manter conectado às ações do presente. O ansioso trabalha sempre com a precipitação dos fatos. Suas ações flutuam no tempo futuro sem encontrar sustentação, já que as bases de qualquer contato e ajustamento correspondentes estão no presente. Polster e Polster (2001, p.25) afirmam que apenas o presente existe agora. Para esses autores, desviar-se dele nos afastaria da qualidade viva da realidade que se apresenta.

— *Estagiária-terapeuta: Você consegue perceber se o que sente, é uma ansiedade “normal” ou é a que você considera “ruim”?*

— *Fred: Estou começando a sentir os incômodos da ansiedade “ruim”, sentindo tremores e palpitações.*

Após o ouvir, foram propostos alguns exercícios de relaxamento e respiração, a fim de o trazer ao momento presente. A respiração correta contribui para o bem-estar físico e emocional do sujeito, sendo considerada uma forte aliada ao controle da ansiedade. Já que nesse estado, a respiração encontra-se retida, sendo impossibilitada de fluir de maneira normal (PERLS, HEFFERLINE, GOODMAN, 1997, p. 44).

Os efeitos dos exercícios foram logo sentidos pelo paciente, que relatou estar mais calmo. Nesse momento, a estagiária percebeu nele uma feição serena e aliviada, como se tivesse recuperado sua conexão com o aqui-agora, identificando onde estava e o que fazia naquele momento. Fred prosseguiu com a fala, retratando as experiências obtidas com a prática da respiração correta, dizendo que seu uso foi eficaz, principalmente em momentos de tensão e ansiedade, no quais ações que deveriam ser tomadas são bloqueadas.

— *Estagiária-terapeuta: Como está se sentindo agora?*

— *Fred: Estou tranquilo. Sempre que estou tenso, recorro aos exercícios aprendidos nas primeiras sessões. Esses dias encontrei uma moça passando mal, ela não conseguiu me dizer o que estava sentido direito. Então fiz junto com ela alguns exercícios de respiração que você me ensinou. Quando terminamos, ela disse que estava se sentindo melhor.*

— *Estagiária-terapeuta: Fred, uma dose de ansiedade é necessária na vida. Enquanto ela se restringe a ação adaptativa, de nos impulsionar em busca do nosso alvo, a almejar o que está por vir, sua função se encontra nos parâmetros aceitáveis de uma vida saudável. Mas, quando se percebe um sofrimento psíquico, com sintomas sentidos pelo corpo, e seguidos de um esgotamento emocional e bloqueios de ações que deveriam ser tomadas, é hora de redobrar a atenção. É preciso agir mesmo quando sentimos medo em alguns momentos.*

— *Fred: Em uma de minhas crises, percebi meus batimentos cardíacos muito acelerados, e no meio daquelas sensações, fui à procura de um medidor de pressão. Quando aferi minha pressão, percebi que estava normal, sem alterações. E, então, me dei conta que por poucos minutos, suspendi os sintomas que me bloqueavam. É como se eu tivesse dito para a ansiedade: “espera só um pouquinho que eu já volto”.*

Nessa fala do cliente, evidenciava-se uma separação entre o sujeito e o sintoma, de forma que Fred se percebia como uma pessoa que estava ansiosa, e não como uma pessoa doente. Quando o cliente consegue tomar consciência disso, a possibilidade de exercer o controle sobre o que lhe impede de agir aumenta.

O cliente prosseguiu dizendo da preocupação e do medo de não conseguir ser aprovado na prova de seleção para o mestrado.

— *Estagiária-terapeuta: É importante, Fred, trabalharmos com o que pode ser feito no momento presente, no aqui-agora, mantendo-se focado nos estudos, na certeza que a parte que lhe cabe está sendo feita, procurando se despir de antecipações desnecessárias, que acabam bloqueando as ações que precisam ser tomadas no tempo presente.*

A preocupação excessiva e o sofrimento da possibilidade de frustração impediam o cliente de experienciar o aqui-agora. Para Polster e Polster (2001, p. 20), a felicidade futura é paga pela morte ou negação da presença impactante da sensação que se apresenta. Assim, o presente deixa de ser vivenciado em prol de expectativas de um tempo vindouro do qual não temos certeza. O contato é estabelecido de tal forma que a figura não pode ser

nítida, uma vez que ela é formada por uma fantasia, uma expectativa, ao invés de estímulos advindos da relação com o ambiente.

— 2ª Sessão (23/10/2017): Fred chegou atrasado alguns minutos e, por isso, estava um pouco agitado e ofegante. Nesse encontro, ainda existia a necessidade de trabalhar a queixa inicial do cliente. Sua dificuldade de entrar em contato com o ambiente e com seus questionamentos sobre quais seriam as melhores opções era mantida pelo receio de desencadear os incômodos que a ansiedade causava-lhe. Fred encontrava na esquiwa uma forma para lidar com o que se apresentava na fronteira de contato.

No intuito de fomentar a *awareness*, a estagiária sugeriu que desenhasse a ansiedade, dando a ela uma identidade, forma, dimensão, tamanho, cor e nome. Enquanto Fred desenhava, percebia-se certa satisfação em expor a identidade daquilo que lhe causava medo e esgotamento emocional. Alguns minutos foram destinados à atividade, para que o cliente ficasse à vontade. Com o passar do tempo, seu desenho foi ganhando vida e enquanto desenhava disse: “[...] acho que sem querer, acabei descobrindo o que é a minha ansiedade”. Nesse momento, a estagiária achou conveniente não o interromper, preferindo deixá-lo à luz de sua imaginação e de seus pensamentos, já que se mostrou concentrado no desenho.

— *Estagiária-terapeuta: Me apresente o retrato de sua ansiedade.*

— *Cliente: Tentei reunir nesse papel, as condições que acredito serem gatilhos para desencadear a minha ansiedade.*

O desenho resumia-se em um quarto, no qual havia um boneco solitário no canto, retratando seu medo de ficar sozinho. Também havia uma cama com uma pessoa deitada, que, segundo Fred, dizia sobre sua vida sexual, que geralmente o deixa ansioso. Havia uma janela aberta com desenhos de raios e ventos, simbolizando os dias cinzentos e chuvosos, nos quais sente muito medo. Também havia na parede um relógio marcando um horário específico (03h31), simbolizando o período noturno, que lhe causa desconforto. Finalizou sua explicação, nomeando a ansiedade como “CAOS”.

— *Estagiária-terapeuta: Como é olhar para ansiedade fora de você?*

— *Cliente: Se fosse a um ano e meio atrás, não me conteria, porém hoje é mais tranquilo.*

— *Estagiária-terapeuta: Esse desenho mostra que você não é a ansiedade. Existem momentos que, de fato, ela anda com você. Porém, isso não o caracteriza como*

*pertencente a ela. Sugiro que convide a ansiedade a se retirar, assim como foi possível expô-la fora de si. Leve o desenho para casa, coloque em um recipiente e enterre no seu jardim, ou se achar trabalhoso, apenas rasgue e jogue na privada. O que acha da ideia? Tem alguma sugestão?*

*— Cliente: Pensei em fazer uma bússola do tempo com o desenho, acompanhado de outras coisas.*

*— Estagiária-terapeuta: Que bacana! E como vai funcionar?*

*— Cliente: Escreverei uma carta, e vou convidar a minha namorada para fazer o mesmo. Se você quiser também pode escrever. Vou enterrar tudo junto, dentro de um tubete e daqui dez anos irei desenterrá-lo. E assim tentarei me perceber nesse processo.*

A maneira como o cliente contactou enquanto desenhava fez com que ele interagisse consigo mesmo a partir do ambiente no qual estava inserido, ao invés de uma situação imaginária sobre a qual não teria controle ou algo de ruim pudesse acontecer. De acordo com Polster e Polster (2001, p. 112), é somente pela função de contato que a percepção de nossas identidades pode se desenvolver plenamente. O objetivo do experimento era criar uma projeção e, posteriormente, uma assimilação de uma característica que estava alienada. Ao final, o *self* seria apresentado em sua integralidade. A ansiedade-sintoma tornou-se um aspecto de um momento vivido: antes era uma figura que encobria outras necessidades e, após o experimento, a ansiedade tornou-se parte da figura, parte de um momento de vida.

A experiência relatada pelo cliente, em expor a ansiedade para fora de si, pôde ser vivenciada utilizando seus próprios recursos. O enriquecimento do contato e a *awareness* resultante possibilitaram ajustar-se de maneira mais saudável e funcional, posicionando-se de forma diferente frente às circunstâncias. Cardella (2014, p.114) afirma que se ajustar é viver a vida como fluxo, na interação com os outros e os acontecimentos, apropriando-se e criando recursos e assumindo a responsabilidade do próprio destino. Nesse contexto, foi possível presenciar o fechamento de um ciclo no qual as etapas foram cumpridas na descrição desse experimento. Observamos a abertura para novos contatos, a percepção e a conscientização da necessidade, a mobilização para a atender, seguida pela ação e interação, o contato final movido pela necessidade e a retirada para que um novo ciclo se iniciasse (PINTO, 2015; RIBEIRO, 2007).

Gostaríamos de ressaltar a importância de auxiliar o cliente no processoterapêutico, fomentando o contato com o sintoma. Muitas vezes, o desejo de fugir dos incômodos que a ansiedade causava impedia Fred de vivenciar e conhecer a si mesmo. É

comum que alguém queira se afastar daquilo que o incomoda. Entretanto, devemos lembrar que essa parte alienada é parte do todo dessa pessoa e deve ser reconhecida e reapropriada. Almeida (2010) nos fala sobre caminhos que podemos percorrer nos atendimentos clínicos a partir de diferentes portas que se apresentam, sejam elas o sintoma, a experiência ou as crenças. Para a autora, devemos nos lembrar que essas são portas pelas quais entramos no mundo do cliente e todas fazem parte da mesma casa, do todo que é a pessoa. Logo, ressaltamos que a queixa fora uma porta sugerida pelo cliente e que o caminhar e passar pelas portas, explorando os cômodos, revela-nos finalmente a casa, o todo integrado, a unidade essencial da pessoa que nos procura pedindo ajuda.

Cardella (2014, p. 57) destaca a importância de a relação terapêutica configurar-se em morada segura e hospitalidade para que o cliente obtenha abertura e sustentação na instabilidade e na precariedade da condição humana. Após percorrer todos os cômodos de si mesmo, o objetivo é restaurar a condição de caminhante engajado na incessante obra de ser si mesmo nas peregrinações da vida, é descobrir morada dentro de nós, para onde retornamos após a exploração do mundo. Quando o vínculo terapêutico desenvolve-se dessa forma, possibilita-se crescer e evoluir juntos. Nesse processo terapêutico, foi possível perceber um crescimento não só no paciente, mas também na estagiária-terapeuta e no professor supervisor/orientador, o qual se deu de maneira mútua e enriquecedora, enfatizando assim, como partes interferem no todo. À medida que estamos inseridos e engajados no processo terapêutico do paciente, somos tocados e muitas vezes modificados por ele.

## **CONCLUSÃO**

O transtorno de ansiedade merece atenção como objeto de pesquisa pela aparente predominância nos últimos anos e suas consequências à saúde física e mental da população. A dificuldade em lidar com os próprios pensamentos antecipatórios e fantasiosos levavam o cliente atendido à adoção de hábitos não saudáveis e conseqüente disfuncionalidade na relação com o ambiente e nos relacionamentos. O estilo de vida acelerado e voltado ao futuro também mereceram atenção nos atendimentos, uma vez que foram potenciais desencadeadores da ansiedade.

Este artigo teve como objetivo vislumbrar possibilidades de compreensão e intervenção no processo terapêutico de um cliente com queixas condizentes com quadro de ansiedade generalizada usando como referencial teórico a Gestalt-terapia. O objetivo terapêutico não focou na eliminação dos sintomas relativos à queixa trazida pelo cliente,



mas sim no tratamento dos mesmos, pautando em o ajudar a lidar com os momentos ansiosos, de maneira que permitisse manter um contato rico e apropriado e propiciar o desenvolvimento da *awareness* que possibilitou a evolução do ciclo de contato de maneira mais funcional e saudável.

Observamos que, durante o período da psicoterapia, o cliente obteve ganhos pessoais gradativos. Inicialmente, ele percebeu novos enquadramentos para compreender as situações cotidianas e aprendeu novas formas para lidar com seus conflitos de maneira criativa, atentando-se a suas necessidades e possível satisfação das mesmas. Ao se comportar de maneira ativa e se permitir contatar com o meio de maneira mais ampla e focada no presente, novos ajustamentos levaram a mudanças perceptivas, comportamentais e novas narrativas para o fundo existencial. Apesar do progresso constatado ao longo do processo terapêutico, ainda persistiam queixas que denotavam necessidade do processo psicoterápico. Somado aos ganhos do cliente, enfatizamos também o desenvolvimento de habilidades clínicas e crescimento pessoal da estagiária-terapeuta durante o estágio supervisionado.

As descrições sobre as intervenções realizadas que foram apresentadas no presente artigo não podem ser generalizadas para outros casos, visto que se trata de um relato de experiência em estágio supervisionado, cujas características são particulares, tanto devido às pessoas envolvidas (cliente e estagiária-terapeuta), quanto pelo encontro vivido por ambos nos atendimentos. No entanto, essa experiência leva-nos a uma noção de como a ansiedade pode ser trabalhada por Gestalt-terapeutas e as possibilidades de ganhos a partir das intervenções realizadas e descritas neste texto. Sugerimos que pesquisas futuras sobre quadros ansiosos abordem o tema a fim de esclarecer alguns pontos que não puderam ser explorados, como a adesão e o comprometimento do cliente no processo terapêutico e a maneira com que clientes lidam com o tempo destinado à psicoterapia, como a duração dos atendimentos e sua frequência, bem como possibilidades de intervenção com embasamento gestáltico.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Josiane Maria Tiago de. Reflexões sobre a prática clínica em Gestalt-terapia: possibilidades de acesso à experiência do cliente. **Rev. abordagem gestalt.** Goiânia, v. 16, n. 2, p. 217-221, dez. 2010. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S180968672010000200012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180968672010000200012&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 11 nov. 2017.

ALVIM, M. B. Awareness: experiência e saber da experiência. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. **Gestalt-Terapia: conceitos fundamentais**. 02. São Paulo: Summus, 2014, p.13-29.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-V**: manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BEISSER, A. R. A teoria paradoxal da mudança. In: FAGAN, J.; SHEPHERD, I. L. **Gestalt-terapia: teoria, técnica e aplicações**. Rido de Janeiro: Zahar, 1980, p. 110-114.

BRASIL. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Conselho Nacional de Saúde**. Disponível em:

[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html). Acesso em: 26 jun. 2017.

CARDELLA, B.H.P. Ajustamento criativo e hierarquia de valores ou necessidades. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. **Gestalt-Terapia Conceitos fundamentais**. 02. São Paulo: Summus, 2014, p.104-130.

CARDELLA, B.H.P. Relação, atitude e dimensão ética do encontro terapêutico na clínica gestáltica. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. **A clínica, a relação psicoterapêutica e o Manejo em Gestalt-Terapia**. 03. São Paulo: Summus, 2015, p. 55-82.

CARDOSO, C. L. A face existencial da Gestalt-Terapia. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K.O. **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. 01. São Paulo, 2013, p. 59-75.

D' ACRI, C. de M. R. M. Contato: Funções, fases e ciclo de contato. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. **Gestalt-Terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014, p. 31-46.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FRAZÃO, L. M. Compreensão clínica em Gestalt-Terapia: pensamento diagnóstico processual e ajustamentos criativos funcionais e disfuncionais. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. **A clínica, a relação psicoterapêutica e o manejo em Gestalt-Terapia**. 03. São Paulo: Summus, 2015, p. 83-102.

LIMA, P. V.A. Autorregulação orgânica e homeostase. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. **Gestalt-Terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014, p. 104-130.

MIRANDA, B. W. **Saúde e doença em Gestalt Terapia**. 2003. 99f. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Faculdade de Ciências da Saúde, Brasília, 2006.

Disponível em:

<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/2864/2/9908156.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE - OMS. **Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10**: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1993.

PERLS, F.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-Terapia**. São Paulo: Summus, 1997, 266 p.

- PINHEIRO, M. Teoria paradoxal da mudança. In FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. **Gestalt-Terapia: conceitos fundamentais**. 02. São Paulo: Summus, 2014, p. 180-192.
- PINTO, E. B. **Elementos para uma compreensão diagnóstica em psicoterapia. O ciclo de contato e os modos de ser**. São Paulo: Summus, 2015. 143 p.
- POLSTER, E.; POLSTER M.: **Gestalt-terapia integrada**. São Paulo: Summus, 2001.156 p.
- RESNICK, R. W. **New Contemporary Gestalt Therapy Demonstration Films: An Introduction to Gestalt Therapy Theory**. 2016. Disponível em: <https://vimeo.com/ondemand/gestaltfilms/>. Acesso em: 11 de nov. 2017.
- RIBEIRO, J. P. **Conceito de mundo e de pessoa em Gestalt-terapia: revisitando o caminho**. 1. ed. São Paulo: Summus, 2011.
- RIBEIRO, J. P. **Gestalt- Terapia: refazendo um caminho**. 5ª Ed. São Paulo: Summus, 1985.
- RIBEIRO, J. P. **O Ciclo do Contato: temas básicos na abordagem gestáltica**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1997.102 p.
- RIBEIRO, J. P. **O Ciclo do Contato: temas básicos na abordagem gestáltica**. 4. ed. São Paulo: Summus, 2007.120 p.
- RIBEIRO, J. P. **Vade-Mécum de Gestalt-Terapia: conceitos básicos**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2006.
- SALOMÃO, S.; FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. Fronteiras de contato. In FRAZÃO, L.M.; FUKUMITSU, K. O. **Gestalt-Terapia: conceitos fundamentais**. 02. São Paulo: Summus, 2014, p. 47-62.
- SANTOS, P. L; FARIA, L. A. de F. Ansiedade e Gestalt-Terapia. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 12, n. 1, junho, 2006, p. 267-277.

**CELEBRIDADES PÓSTUMAS COMO ENDOSSANTES NA  
PUBLICIDADE BRASILEIRA: UM ESTUDO DE CASO**  
*POSTUM CELEBRITIES AS ENDORSERS IN BRAZILIAN ADVERTISING: A CASE  
STUDY*

**Alexandre Volponi Gadioli<sup>1</sup>**  
**Juliana Ramaldes Pedrosa<sup>2</sup>**  
**Amanda Castello Pereira<sup>3</sup>**  
**Guilherme Paulino Gonçalves<sup>4</sup>**  
**Victor Reis Mazzei<sup>5</sup>**

**RESUMO**

O texto investiga o uso de celebridades póstumas em dois vídeos publicitários, analisados sob a ótica do conceito de celebridade endossante de Crescitelli, Shimp e Rojek, e a da compreensão da morte por meio de Bauman. Para analisar os vídeos, emprega-se a metodologia de análise de imagens em movimento de Rose. A escolha estratégica das personalidades falecidas atribui determinados valores aos produtos anunciados, reduzindo riscos existentes ao se valer de celebridades vivas, como alterações no índice de credibilidade. Nas peças analisadas, verifica-se o uso do humor como modo de ressignificar a morte, afastando percepções negativas que na contemporaneidade cercam o termo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Publicidade, Celebridade póstuma, Celebridade endossante.

**ABSTRACT**

This paper analyses how posthumous celebrities are used in two advertisements from the perspective of Crescitelli, Shimp and Rojek concept of endorsing celebrity, and from Bauman comprehension of death. The methodology applied is the one developed for moving images by Rose. The strategic selection of dead personalities attributes certain values to the products advertised, reducing existing risks by using living celebrities such as lowering the credibility. In the analyzed videos, it is noticeable the use of humor as a way to reframe death, removing negative perceptions that surround the term in contemporary times.

**KEYWORDS:** Advertising, Dead celebrities, Celebrity endorsement.

<sup>1</sup> FAESA Centro Universitário. Graduado em Publicidade e Propaganda (FAESA).  
E-mail: alex.vgadioli@gmail.com.

<sup>2</sup> FAESA Centro Universitário. Graduada em Publicidade e Propaganda (FAESA).  
E-mail: ramaldesjuliana@gmail.com.

<sup>3</sup> FAESA Centro Universitário. Graduada em Publicidade e Propaganda (FAESA).  
E-mail: amandacastello22@gmail.com.

<sup>4</sup> FAESA Centro Universitário. Graduado em Publicidade e Propaganda (FAESA).  
E-mail: paulino.gui@outlook.com.

<sup>5</sup> FAESA Centro Universitário. Mestre em História (UFES). E-mail: victor@psicoespaco.com.br.

## INTRODUÇÃO

Tradicionalmente, a publicidade institui-se como modo de informar um público, de o convencer a tomar uma posição favorável em relação a um produto/serviço, a partir de um anunciante que paga por essa mensagem (ZOZZOLI, 2007). Para Perez e Pompeu (2019, p. 70), o fazer publicitário atua com a intenção de se criar uma imagem favorável às marcas anunciantes e dessa forma se “[...] criar um clima favorável de simpatia e adesão na mente das pessoas por meio da atualização permanente das necessidades presentes e da tradução e exacerbação do valor dos produtos e marcas, tornando-os mais desejáveis.”

Uma das técnicas utilizadas na publicidade para atrair a atenção do público de interesse é por meio do uso de personalidades famosas. Crescitelli e Shimp (2012) nos informam que um sexto dos anúncios do mundo faz uso de artistas de novela, astros de filmes, atletas famosos e outras figuras públicas. De acordo com Casaqui (2008), a prática foi introduzida decisivamente na publicidade brasileira por meio da indústria cinematográfica americana, intensificada após a Segunda Guerra Mundial.

A presença de celebridades endossantes é vista em praticamente todos os segmentos: as empresas de telefonia convidam músicos e cantores em voga; marcas de higiene, de saúde e de moda aproveitam-se do sucesso de jogadores de futebol e de protagonistas de novelas; a indústria de alimentos aproxima-se de celebridades que tenham um histórico com preparação e com degustação de alimentos. Entende-se, assim, que a publicidade, ao fazer a inserção de personalidades públicas nos anúncios, torna-se uma ferramenta que impulsiona a mercantilização dos serviços, bem como da própria imagem do artista.

Para conceber esse processo, entretanto, as marcas, com o apoio de profissionais da publicidade e do marketing, selecionam estrategicamente os artistas que constituirão suas peças publicitárias. A minúcia no processo, para Crescitelli e Shimp (2012), apoia-se na tentativa de comunicar valores de uma marca para o consumidor. Os sujeitos selecionados, portanto, podem influenciar de maneira positiva ou negativa a imagem da empresa junto ao público.

Há publicidades que se valem de celebridades que não se encontram mais vivas. É o caso do objeto de estudo do presente artigo, que analisa as campanhas da Popeyes Brasil — Dercy 12h — e da cerveja Cacilds — Homenagem —, que utilizam em suas peças duas celebridades póstumas para promover os seus produtos. Por celebridades póstumas, compreendemos, a partir de Santos (2013), como aquelas que se tornaram memoráveis em vida, cujo legado está fortemente sedimentado na mente do público, e que correm riscos reduzidos de terem suas reputações afetadas por conta de algo que receba desaprovação da sociedade.

Apesar de a morte ser percebida histórica e culturalmente como algo penoso e dolorido na modernidade, neste artigo pretende-se analisar como a publicidade emprega personalidades falecidas para criar lembranças positivas nos consumidores, conciliando-os ao posicionamento das marcas anunciantes.

Nessa investigação de caráter qualitativo-descritivo, no primeiro tópico, levantamos os pontos de identificação do modelo CESAR, elaborado por Crescitelli e Shimp (2012), para mais adiante associá-los aos materiais publicitários objeto de estudo.

Ainda como reflexão teórica, no segundo tópico, valemo-nos de Rodrigues (2006), que disserta sobre o fato de os rituais em torno da morte serem capazes de reinserir o falecido no imaginário coletivo, seja por meio da memória, da história ou da reprodução social. Nesse sentido, a publicidade colabora para fazer essa inserção na memória do público consumidor, valorizando a nostalgia como forma de afeto. Trazemos também concepções de morte na sociedade medieval e moderna, com o intuito de refletir sobre as mudanças da assimilação social. Para isso, empregamos as concepções de Bauman (2008), sobre o medo da morte na sociedade contemporânea, e de Gomes e Medeiros (2014), por tomarem como objeto de estudo o falecimento relacionado a época do medievo.

A seguir, nas análises, utilizamos a metodologia para analisar imagens em movimento sugerida por Rose (2012). De acordo com a autora, o estudo de matérias audiovisuais requer levar em conta a natureza dessas composições, que são um conglomerado complexo de elementos — imagens, sons e sentidos. As análises que seguem essa orientação envolvem transladar as produções, gerando uma significação para o conjunto da obra. Nesse sentido, o responsável pelo estudo necessita seguir algumas etapas: a seleção das cenas e trechos pertinentes, a transcrição do conteúdo e, por fim, a codificação. Essa última compromete-se em criar interpretações, e não apenas em copiar ou reproduzir os elementos que constroem o produto audiovisual estudado.

## AS CELEBRIDADES NA PUBLICIDADE

O termo “celebridades”, de acordo com Rojek (2008), caracteriza-se pela sua volatilidade — que pode ser relacionado tanto ao processo de surgimento dessas personalidades públicas, quanto à duração midiática desses sujeitos. Para o autor (2008, p. 17), “[...] celebridades humanizam o processo de consumo de mercadorias. A cultura da celebridade surge como um mecanismo central na estruturação do mercado de sentimentos humanos.” Nota-se, dessa forma, que o endosso a partir do uso de figuras públicas no anúncio também pode colaborar para a aproximação do público com a marca através desse efeito de humanização.

Para contextualizar essa compreensão, tomamos de Bauman (2001) o conceito de modernidade líquida, que traz como traços a velocidade e a volubilidade nas relações interpessoais. Nesse sentido, segundo o pesquisador, os fluidos modificam-se facilmente, “escorrem”. Essa é a justificativa para considerar a “liquidez” da fase contemporânea, visto que possui aspectos fugazes, o que justificaria a argumentação envolta do conceito de “fama” atualmente, exposto por Rojek (2008). A concepção, inclusive, pode ser relacionada diretamente à de Giddens (2002), que afirma que o que distancia os dias atuais de outros períodos históricos é o dinamismo. Nessa lógica, as transformações sociais parecem ocorrer de maneira mais rápida do que em qualquer sistema anterior.

Segundo Rojek (2008), a cultura em torno das celebridades é uma prática importante para objetificação, favorecendo ligações de apego e identificações mais profundas. De acordo com Crescitelli e Shimp (2012), marcas de diferentes segmentos recebem o endosso de celebridades em seus anúncios, dentre artistas televisivos, astros de cinema, atletas e até mesmo de celebridades falecidas. Nesse sentido, o endosso de uma celebridade é uma importante característica para atrelar confiabilidade aos produtos e aos serviços anunciados.

Crescitelli e Shimp (2012) desenvolveram um método para avaliar a eficácia no uso de uma celebridade em uma ação publicitária. Os dois principais atributos são a credibilidade e a atratividade que cada uma das celebridades exhibe. Dessas características, desmembram-se cinco subatributos. Os autores resumem essas particularidades no acrônimo CESAR, conforme Tabela 1: confiabilidade e expertise, dimensões da credibilidade, similaridade, aparência e respeito como dimensões da atratividade.

Tabela 1: Modelo CESAR

<b>CREDIBILIDADE</b>	Confiabilidade
	Expertise
<b>ATRATIVIDADE</b>	Similaridade
	Aparência
	Respeito

Fonte: Elaboração própria (2020).

A **credibilidade** é a tendência de confiar ou acreditar em alguém — ou seja, quando o público internaliza e aceita a opinião do endossante sobre alguma questão. No modelo CESAR, ela se divide em dois: confiabilidade e expertise.

A **confiabilidade**, para os autores, faz referência à honestidade, integridade e credibilidade e se relaciona com a vida que o endossante leva, afastando-se da sensação de enganar o público. Já a **expertise** é ligada ao conhecimento, à experiência ou às habilidades em relação ao endossante com a marca ou o produto oferecido, não importando, de fato, se é especialista, mas, sim, como o público o percebe.

A **atratividade**, apresentada por Crescitelli e Shimp (2012), não se relaciona exclusivamente com os aspectos físicos. Nesse ponto, valorizam-se também características como a intelectualidade, a personalidade e o estilo de vida. A eficácia desse atributo ocorre por meio da identificação dos consumidores, o que faz com que fiquem mais inclinados a adotar as atitudes, os comportamentos ou os interesses dos endossantes. Na categorização proposta pelos autores, a atratividade se insere no modelo CESAR em três modalidades: similaridade, aparência e respeito.

A **similaridade**, nesse contexto, é a forma com que o público se identifica com o endossante em relação às características (idade, gênero, sexo, etnia etc.). Esse atributo leva em consideração que as pessoas tendem a preferir indivíduos com características comuns a elas ou a se identificar com isso.

Pesquisas apresentadas por Crescitelli e Shimp (2012) apontam que endossantes fisicamente bonitos, charmosos ou fisicamente atléticos podem gerar avaliações favoráveis de anúncios e das marcas anunciadas. Esse ponto relaciona-se ao elemento **aparência**.



O **respeito** é o fato de ser admirado por conta das qualidades e das realizações pessoais conhecidas pelo público (habilidades de atuar, ousadia, posições em questões sociais importantes, por exemplo). Segundo os autores, devido ao seu grande valor, o respeito costuma superar a aparência física como característica atrativa.

A associação das marcas às pessoas famosas possui, contudo, seus riscos: escândalos envolvendo celebridades podem manchar também a imagem das marcas, e vice-versa. Se a credibilidade, a expertise e/ou o respeito de uma personalidade endossante são questionados, o público pode ser levado a associar as incongruências à marca endossante.

Apesar de o endosso de celebridades ser comumente relacionado às personalidades vivas e, principalmente, às em evidência, como citam os autores Crescitelli e Shimp (2012), o emprego de celebridades falecidas também pode ser utilizado em propagandas. De acordo com Rojek (2008), em casos de envelhecimento ou morte, os famosos são transformados em ícones de consumo.

Em muitos casos, o processo de envelhecimento funciona a seu favor, pois a base de fãs envelhece com elas, de modo que as celebridades funcionam não apenas como objetos de desejo abstrato, mas como objetos de nostalgia que podem continuar sendo transformados em mercadoria pelo mercado. Os exemplos de Monroe, Dean, Presley, Lennon, Sinatra e da princesa Diana demonstram que a morte não é um impedimento para mais transformação em mercadoria. Uma vez tendo sido elevado e internalizado na cultura popular, o rosto público na verdade possui uma qualidade imortal que lhe permite ser reciclado, mesmo depois de ocorrida a morte física da celebridade (ROJEK, 2008, p. 203-204).

Conforme cita Rojek (2008), a nostalgia é um importante fator na seleção de um endossante póstumo. Essa característica é responsável por criar memórias no público, trazendo à tona lembranças de tempos passados, em que a celebridade apresentada ainda era viva e, provavelmente, vivia o seu auge artístico. Nesse sentido, é construída uma relação afetiva entre marcas e consumidores.

## **A PERCEÇÃO SOCIAL DA MORTE**

A concepção da morte, bem como a forma com que a sociedade lida com esse acontecimento, foram modificadas através do tempo. De acordo com Gomes e Medeiros (2014, p. 03-04): “No período medieval, dadas as circunstâncias de saúde, alimentação e higiene, a morte das pessoas devido às inúmeras pestilências e epidemias era comum. Daí o fato de o fenômeno ser encarado como questão corriqueira”. A Igreja, que exercia grande

influência por ser a maior instituição da época, perpetuava o entendimento da morte atuar como uma forma de castigo ou uma penalização divina. Ao perceber a sua proximidade, os indivíduos buscavam se redimir para receber a redenção.

Na modernidade, entretanto, a morte é envolta de um sentimento penoso e, por vezes, evita-se discuti-lo socialmente, conforme explicita Gomes e Medeiros (2014, p. 3): “O homem contemporâneo mascara sua realidade diante da morte, prefere tratá-la como um elemento repugnante que não deve ser abordado em nenhuma hipótese já que se deve negar tudo o que o aborrece e desperta sofrimento”.

As representações da morte utilizam recursos para amenizar a situação vivida, como ferramentas linguísticas — eufemismo, por exemplo — para suavizar a temática. Gomes e Medeiros (2014) exemplificam essas referências com as histórias infantis, nas quais, ao seu fim, os personagens bons vivem felizes para sempre e os vilões não são mencionados após o desfecho positivo da narrativa, havendo a ausência de uma menção direta à morte, que se torna implícita como um castigo para os vilões.

Segundo Bauman (2008, p. 43-44), com o intuito de habituar o ser humano moderno ao seu fim natural, a sociedade contemporânea cria “contos morais” que concentram a sua temática envolta da iminência da eliminação da morte como um destino inevitável. Essas narrativas têm como objetivo preparar a sociedade contra o medo do falecimento e para banalizar a visão do óbito.

Conforme expõe Bauman (2008, p. 46), “Todas as culturas humanas podem ser decodificadas como mecanismos engenhosos calculados para tornar suportável a vida com a consciência da morte”. Assim, a sociedade moderna, buscando desnudar a morte e fazer com que esse processo torne-se aceitável aos indivíduos, trabalha desenvolvendo recursos para naturalizar o evento na concepção social, justificando a criação dos “contos morais”, anteriormente mencionados.

Assim, também se justificaria, de acordo com Bauman, a criação e a perpetuação das noções de uma realidade pós-morte:

De longe a mais comum e aparentemente efetiva das invenções culturais relevantes, e assim também a mais tentadora, é negar a finalidade da morte: a ideia (essencialmente improvável) de que a morte não é o fim do mundo, mas a passagem de um mundo para outro [...] A existência corporal pode acabar (ou ser meramente suspensa até o retorno, ou dia do juízo final, ou tomar uma forma apenas para assumir outra forma corpórea,

como no eterno retorno por meio da reencarnação). Os corpos usados e gastos podem se desintegrar, mas o 'estar no mundo' não está confinado a esta carapaça de carne e ossos aqui e agora (BAUMAN, 2008, p. 46).

Em síntese, para Bauman (2008), um dos principais meios de fazer parte da memória social é a “fama”: elemento entendido como um caminho para a imortalidade individual e que inicialmente — analisando sob o viés histórico — era uma prerrogativa exclusiva de figuras públicas relevantes.

## ANÁLISE DA PEÇA DERCY 12H

A Popeyes Brasil é uma marca de *fast food* americana especializada em frango frito, que chegou ao território brasileiro no ano de 2018. Com o intuito de promover o reconhecimento da franquia, tem praticado ações publicitárias digitais interativas e massivas nas redes sociais, utilizando diversas expressões características da internet, como memes e *hashtags*, estabelecendo, assim, uma relação informal com os seus potenciais consumidores.

Em março de 2019, a marca lançou o vídeo Dercy 12h, com a participação recriada digitalmente da atriz e humorista Dercy Gonçalves. A campanha também foi acompanhada por ações nas lojas físicas da rede.

O cabelo loiro e volumoso, a maquiagem marcada, acessórios, roupas chamativas e o linguajar desbocado são traços marcantes da humorista, segundo Namur (2009). Todas essas características foram recriadas no anúncio da Popeyes através da versão digital da artista que conversa diretamente com o consumidor, a fim de divulgar o frango da rede de lanchonetes (Figura 1).

Figura 1: Captura de cena aos 0:01 segundos do vídeo.



Fonte: Twitter da Popeyes Brasil. Disponível em: <http://twixar.me/CLhT>. Acesso em: 07 dez. 2019.

Analisando os critérios de inserção dessa figura pública, a partir dos conceitos do modelo CESAR, de Crescitelli e Shimp (2012), podemos perceber que o primeiro ponto identificado na peça para a escolha da celebridade no case em questão é a credibilidade. Tendo em vista que Dercy Gonçalves é uma personalidade falecida, há uma ampliação da honestidade pela impossibilidade de a artista ter sido alocada na publicidade visando a apenas ganhos financeiros, sem qualquer ligação com a marca ou o produto. Somada a isso, a similaridade entre o perfil da artista e o posicionamento da marca também reforça o fator da credibilidade, pelo caráter informal com seu público.

As qualidades supracitadas da celebridade póstuma em questão levantam um modelo de parodização da própria comédia — ou “comédia da comédia” (NAMUR, 2009) —, similares ao discurso da marca Popeyes Brasil. Nesse sentido, a reprodução de falas que seriam naturalmente ditas por Dercy Gonçalves em vida é pensada e inserida no anúncio, mesclando marcas orais da celebridade em questão e a pretensão do anunciante (Figura 2).

Figura 2: Capturas de cena aos 0:03 e 0:42 segundos do vídeo, respectivamente.



Fonte: Twitter da Popeyes Brasil. Disponível em: <http://twixar.me/CLhT>. Acesso em: 07 dez. 2019.

O aspecto da atratividade também justifica a presença da figura da artista. As habilidades e características de Dercy Gonçalves configuram-se como o aspecto de maior relevância, tratando-se da atratividade, tendo em vista que sua performance enquanto artista é amplamente conhecida por suas ações e modo de falar singulares. De acordo com Crescitelli e Shimp (2012), quando os consumidores percebem a característica atrativa em uma personalidade pública, dá-se o processo de persuasão pela identificação e a consequência desse acontecimento é, por sua vez, a inclinação de comportamentos, atitudes e preferências dos receptores, colaborando para alcançar o objetivo final dos anunciantes.

Ainda no campo da atratividade, dois de seus subcomponentes também podem ser relacionados como pontos de encontro entre a inserção da personalidade na peça

publicitária e o acrônimo CESAR em discussão: a similaridade e o respeito. No caso da celebridade Dercy Gonçalves, o atributo que é responsável por criar essa aproximação com o público foi o seu comportamento informal que parecia dispensar roteiros, o que se assemelha à lógica da vida cotidiana e é responsável por criar uma ligação direta entre a artista e os expectadores. Já em relação ao subcomponente respeito, vale mencionar que Dercy Gonçalves é lembrada como uma personalidade que atuou em diversos segmentos da arte e construiu, a partir disso, uma carreira sólida por oitenta anos, um legado que perdura até os dias de hoje, conferindo credibilidade.

Somado aos conceitos do modelo CESAR que podem ser correlacionados ao case Dercy 12h, é necessário apontar como a morte é mencionada na peça do anunciante Popeyes. O vídeo é responsável por desconstruir o sentimento fúnebre em torno da morte, comum à sociedade moderna que teme esse processo, de acordo com Bauman (2012), uma vez que a aparição da atriz é feita a partir de uma performance descontraída.

A publicidade retrata o falecimento com humor. Entre 0:06 e 0:08 minutos do vídeo, a representação digitalizada da atriz menciona que no seu tempo não existia um frango que marinasse por 12 horas. Essa expressão saudosista é comum em conversas protagonizadas por indivíduos de diferentes gerações, que empregam a palavra “tempo” para comparar épocas diferentes. Nesse caso, a alegoria da atriz amplia a significação dessa frase e o termo “tempo” faz menção não só a uma época anterior, como também ao seu período em vida.

Nas cenas seguintes do case, entre 0:09 e 0:11 minutos do vídeo, a frase da personagem pergunta se o expectador viu um fantasma, empregando o recurso da ironia para falar sobre a própria morte. O questionamento é responsável por fixar um toque de humor ao roteiro, tendo em vista que alguém falecido, como a celebridade em questão, segundo o imaginário popular, só poderia retornar ao mundo físico em forma de fantasma.

Ao fim da oração anterior, a personagem contextualiza o expectador dizendo que ela foi trazida de volta para conferir o produto anunciando. Novamente, a peça retoma a informalidade e ao temperamento característico de Dercy Gonçalves para fazer referência, sem cerimônias, a um assunto que é um tabu coletivo, retomando, de maneira nostálgica, a personalidade imaterializada da artista.

Tal tratamento natural dado ao assunto da morte no case Dercy 12h, assumindo, inclusive, um tom cômico que possibilita a aproximação da celebridade endossante com o

público consumidor, nega o entendimento moderno da morte, comumente associado a algo fúnebre e penoso. Ao mesmo tempo, fixam-se os atributos da personalidade de Dercy Gonçalves na lembrança coletiva. A imaterialização liga-se à concepção de Bauman (2008) de que a fama seria um dos caminhos responsáveis por imortalizar um sujeito na memória social, fazendo gerações futuras viverem a presença de pessoas que já se foram.

O uso do humor na publicidade, notado nas propagandas da Popeyes e na da cerveja Cacildis, também pode ser pensado como uma estratégia de persuasão, segundo Crescitelli e Shimp (2012), uma vez que pode favorecer a lembrança das marcas, além de colaborar para definir o posicionamento de anunciantes que querem ser percebidos pelo componente da irreverência.

### **ANÁLISE DA PEÇA HOMENAGEM**

Em meados de 2018, a empresa Bressária Ampolis lançou no mercado o segundo rótulo de cerveja em homenagem ao falecido humorista e ex-sambista brasileiro Mussum. A bebida foi batizada Cacildis, e o nome remete a um dos bordões mais famosos do comediante que ficou conhecido por acrescentar “is” ao final de palavras, além de criar os seus próprios termos e aporuguesar expressões estrangeiras, que são lembradas e repetidas até os dias de hoje.

O anunciante em questão produziu o case Homenagem no ano de lançamento do produto. O material consiste em um vídeo de trinta segundos veiculado pelo YouTube, pelas redes sociais da marca e pela televisão. A peça publicitária contém a participação de Sandro Gomes, filho do antigo integrante da turma do programa Os Trapalhões, que, a partir de um diálogo com o consumidor, discute sobre a busca da solução que ele concebeu para homenagear o pai (Figura 3).

Figura 3: Imagem capturada aos 0:01 minutos do vídeo Homenagem.



Fonte: YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fgium4lkHXA>. Acesso em: 07 dez. 2019

O cenário em que o protagonista insere-se é o primeiro elemento de ambientação ao clima nostálgico da peça. O cômodo, cuja disposição sugere um escritório, exibe um porta-retratos com uma foto antiga de Mussum em preto e branco e um boneco caricaturaldo artista. A parede do local também apresenta um retrato do humorista, ao seu lado um pandeiro pendurado, remetendo à carreira musical do artista e, no canto direito, há uma placa de carro que exibe o nome do estado do Rio de Janeiro, local onde o cantor e comediante nasceu. Elementos como a parede de tijolos e a placa neon também sugerem um estilo arquitetônico da época que artista atuava.

Durante as cenas iniciais, é possível notar que Sandro Gomes apresenta seus planos para celebrar a figura do seu falecido pai, que, por sua vez, retruca às sugestões do filho de modo cômico, por meio de um jogo de cenas que é construído entre dois cenários.

No outro ambiente, a partir dos 00:05 minutos, o vídeo exibe o céu — local que, de acordo com os dogmas cristãos, é destinado às pessoas que faleceram e que recebem a salvação após a morte (Figura 4). Nesta cena, aparece uma figura que remete ao falecido humorista.

Figura 4: Cena exibida aos 00:06 minutos do case da cerveja Cacildis.



Fonte: YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fgium4lkHXA>. Acesso em: 07 dez. 2019

Neste trecho, repleto de luz e de nuvens que recobrem boa parte do plano, todas as pessoas se vestem de branco e, no canto direito, uma mulher com asas toca harpa, remetendo à figura de um anjo. No centro do vídeo, há um indivíduo que permanece de costas e que se assemelha a Mussum, sugerindo uma representação pós-vida pela forma

física, pelo chapéu característico do humorista e, principalmente, pelos modos de expressão.

A seguir, ainda no céu, Mussum direciona o discurso ao Rio de Janeiro, que é mostrado entre nuvens a partir de uma vista panorâmica. Sandro Gomes sugere duas possibilidades de homenagem: a criação de um museu e a criação de uma cervejaria artesanal para celebrar a memória de seu pai. Na última cena no céu, o suposto Mussum comemora a ideia na entrada do céu ou “paraíso”. Essa celebração em torno da cerveja reforça, mais uma vez, as características do personagem que mencionava a bebida alcoólica durante as suas performances e criou um termo para nomear a substância: “mé”.

Tendo em vista que o emprego do personagem Mussum na peça promove um produto que foi criado em sua homenagem, o uso desse endossante também pode ser relacionado ao modelo CESAR a fim de levantar pontos que justifiquem a utilização da sua imagem para a divulgação da bebida em questão.

O primeiro aspecto relacionado ao uso da imagem da celebridade póstuma é a expertise. Nesse caso, ao longo de seus anos atuando como humorista, Mussum sempre foi associado ao consumo de cerveja, a qual chamava carinhosamente de “cevadis”. A relação do artista com a bebida ultrapassava as telas: Mussum também consumia o produto, sem os excessos do seu personagem, de acordo com Juliano Barreto — biógrafo de Mussum. O público, a partir das lembranças ligadas ao ex-Trapalhão, pode perceber que existe um autêntico grau de experiência do artista quanto ao artigo oferecido.

Além da expertise, no campo da atratividade os subatributos respeito e similaridade também reforçam a eficácia do emprego do endossante na peça, contribuindo para o processo de persuasão do público. O respeito pode ser relacionado à figura do endossante tendo em vista que Mussum é lembrado como um grande humorista da história televisiva brasileira, concretizando uma carreira sólida cujas lembranças continuam vivas na mente de muitas pessoas. Além desse aspecto, a similaridade, definida por Crescitelli e Shimp (2012) como o processo de identificação do público com o endossante por meio de características em comum, também acentua a eficácia do emprego do humorista póstumo.

O personagem em questão apreciava bares, cerveja e samba. Esses elementos permitiram a relação de proximidade de Mussum com o público popular que, por seu turno, enxerga pontos em comum entre a sua própria realidade e aspectos que envolviam a vida e o lazer do humorista. Essa construção fortalece a credibilidade do personagem junto aos



espectadores, aumentando as chances de inclinação de comportamento pelos consumidores.

Assim como no vídeo publicitário Dercy 12h, o vídeo Homenagem trabalha com a construção nostálgica ao trazer à tona a figura do endossante e os seus traços mais característicos. Por se tratar, novamente, de um personagem ligado ao humor e ao cômico, a morte também é trabalhada como um assunto corriqueiro.

Durante toda a peça, a recriação do artista exibe tom de voz repleto de ânimo e de vigor. As poucas expressões faciais ou corporais mostradas também passam a ideia de bom-humor do endossante (como o sorriso exibido aos 0:21 minutos ou o pulo de entusiasmo mostrado aos 0:24 minutos). Nesse sentido, o emprego da figura de Mussum também é trabalhado de maneira leve, fugindo do luto habitual relacionado à morte cultivada na sociedade moderna, tratando-a como um eufemismo.

A presença de elementos que trazem à tona a imortalidade na concepção cristã — como o cenário do céu, o anjo e as vestes brancas — podem ser relacionados aos “contos morais” conceituados por Bauman (2008): narrativas criadas pela sociedade para preparar os indivíduos contra o medo do falecimento, de modo a tornar suportável a consciência da morte. A ideia mais comum dentre tais enredos seria a de vida após o plano terreno, como é ilustrada durante toda a peça que traz a figura do humorista vivo, mas não no contexto físico, o que conceitua, de acordo com Bauman (2008) uma negação da morte.

## **CONCLUSÃO**

A fim de compreendermos a utilização de celebridades póstumas nos anúncios publicitários, debruçamo-nos sobre a conceituação de Crescitelli e Shimp (2012) que apontam atributos relacionados à eficácia do endosso pelas personalidades públicas. De acordo com a conceituação de Gomes e Medeiros (2014) e Bauman (2008), estabelece-se uma discussão sobre a mudança da concepção da morte conforme a evolução da sociedade.

Com a análise dos vídeos Dercy 12h e Homenagem, dos anunciantes Popeyes Brasil e cerveja Cacildis, respectivamente, compreendemos que as discussões sobre o óbito podem se afastar da concepção de tabu. Nas análises, identificamos que o humor é o artifício para subverter o pesar comumente associado à morte. Nesse sentido, o aspecto

pesaroso da morte liquefaz-se, fazendo com que as representações de dor e de sofrimento em relação ao falecimento sejam ressignificadas em conotações positivas e nostálgicas.

Crescitelli e Shimp (2012) nos advertem que o uso do humor da publicidade não assegura uma maior eficiência para as marcas, pois há o risco de que a “piada” torne-se mais memorável que a própria ação publicitária. No entanto, por se tratarem de marcas (Popeyes e cerveja Cacildis) e de celebridades póstumas (Dercy e Mussum) que são reconhecidas pelo componente da irreverência, o uso do humor aparenta-nos estar bem empregado, a ponto de potencializar a lembrança das ações publicitárias em análise neste artigo.

Se parte significativa dos anúncios costuma se apoiar no uso de personalidades vivas e em evidência e se esse uso implica em riscos calculados que possam, porventura, manchar a imagem da marca junto ao público-alvo, o uso de celebridades póstumas reduz essa possibilidade, tornando-se por vezes uma escolha estratégica, ao recorrer a uma imagem nostálgica, de certa forma imortalizada pela morte.

No encaço, tais escolhas fixam, no imaginário coletivo, as imagens das personalidades. Dercy, em sua escolha motivada pela credibilidade, similaridade, atratividade e respeito, e Mussum, pautado em sua expertise, respeito e similaridade, emprestam seus atributos às marcas anunciantes. Alguns fatores são mais bem aproveitados ao se valer de personalidades falecidas. Isso é observado no caso da Dercy Gonçalves, cuja credibilidade dificilmente será manchada por qualquer adversidade que a marca Popeyes venha porventura passar, e, ao mesmo tempo, é impossível que a personalidade envolva-se em escândalos que impactem a percepção da marca.

As cenas dos materiais audiovisuais analisados, a partir da metodologia de seleção e transcrição de trechos, permitiram perceber que a recriação das características marcantes dos endossantes — como a voz, o modo de falar, as expressões marcantes e a própria aparência — são responsáveis por criarem a identificação com o público consumidor através de atributos em comum, criando o sentimento de nostalgia, um importante valor empregado na publicidade.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BRASSARIA AMPOLIS. **Cacildis Puro Malte – Homenagem**. 2018. (30s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fgium4lkHXA>. Acesso em: 07 dez. 2019.

CASAQUI, Vander. História da propaganda brasileira: dos fatos à linguagem. In: PEREZ, Clotilde; BARBOSA, Ivan Santo (Orgs.). **Hiperpublicidade: fundamentos e interfaces**. São Paulo: Thomson Learning, 2007. p. 51-90.

CRESCITELLI, Edson; SHIMP, Terence A. **Comunicação de Marketing: integrando propaganda, promoção e outras formas de divulgação**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GOMES, Steffany Romualdo Sousa; MEDEIROS, Márcia Maria. Concepções da morte: da idade média ao mundo contemporâneo. **Anais do 12º ENIC**, Campo Grande, n. 6, 2014. Disponível em: <https://anaisonline.uems.br/index.php/enic/article/view/2319>. Acesso em: 4 nov. 2019.

NAMUR, Virginia Maria de Souza Maisano. **Dercy Gonçalves, o corpo torto do teatro brasileiro**. 2009. 394 f. Tese (Doutorado em Artes) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

PEREZ, Clotilde; POMPEU, Bruno. Quando a presença está longe da equidade: o negro na publicidade brasileira: ainda um estereótipo. In: LEITE, Francisco; BATISTA, Leandro Leonardo (Orgs.). **Publicidade antirracista: reflexões, caminhos e desafios**. São Paulo: ECA-USP, 2019. p. 67-85.

POPEYES BRASIL. **Para falar do frango frito f#&\* vocês queriam quem aqui? Uma Webcelebridade? Dercy voltou, p#rr@! #Dercy12h**. Twitter: @popeyesbrasil. Disponível em: <http://twixar.me/CLhT>. Acesso em: 07 dez. 2019.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da morte**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

ROJEK, Chris. **Celebridade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

ROSE, Diana. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 10. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 343-364.

SANTOS, B. **O Uso de Celebidades Mortas na Publicidade**. Comunicação Integrada. Junho, 2013. Disponível em: <http://2napp.wordpress.com/2013/06/26/o-uso-decelebridadesmortas-na-publicidade/>. Acesso em: 04 jan. 2021.

ZOZZOLI, Jean-Charles. O contexto da propaganda nas teorias da comunicação: emergência da publicidade contemporânea e alicerces de suas principais feições teóricas. In: PEREZ, Clotilde; BARBOSA, Ivan Santo (Orgs.). **Hiperpublicidade: fundamentos e interfaces**. São Paulo: Thomson Learning, 2007. p. 32-50.

# **COMPETÊNCIAS GERENCIAIS DE BIBLIOTECÁRIOS GESTORES: UM ESTUDO EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS**

## *MANAGEMENT COMPETENCES OF MANAGER LIBRARIES: A STUDY IN UNIVERSITY LIBRARIES*

**Alessandra Monteiro Pattuzzo Caetano<sup>1</sup>**  
**Katia Cyrlene De Araujo Vasconcelos<sup>2</sup>**

### **RESUMO**

A presente pesquisa tem como objetivo geral identificar as competências necessárias para a gestão de pessoas em bibliotecas universitárias na ótica dos gestores bibliotecários, que atuam em Intuições de Ensino Superior. Busca responder o questionamento: Quais as competências gerenciais dos bibliotecários essenciais para a efetiva gestão de pessoas em bibliotecas universitárias? A pesquisa classifica-se enquanto a forma de abordagem do problema, de seus objetivos e dos procedimentos técnicos. Para tanto, o trabalho será desenvolvido na forma qualitativa e descritiva. E apresenta, como objeto geral de investigação, a identificação das competências necessárias para a gestão de pessoas em bibliotecas universitárias na ótica dos gestores bibliotecários, que atuam em Intuições de Ensino Superior. A metodologia possui, quanto aos fins, uma pesquisa qualitativa e descritiva; quanto aos meios, é bibliográfica, visto que os sujeitos são os bibliotecários gestores das bibliotecas universitárias; quanto à natureza, caracteriza-se como abordagem qualitativa, tipo estudo de caso. Os campos da pesquisa são as bibliotecas universitárias no âmbito nacional, em que os bibliotecários gestores possuem competências e ações estratégicas da gestão de pessoas na biblioteca universitária, além de promover a gestão administrativa do setor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Competências gerenciais, Bibliotecário gestor, Bibliotecas universitárias, Gestão de pessoas.

### **ABSTRACT**

The present research has a general objective to identify the necessary competences for the management of people in university libraries from the perspective of the librarian managers, who work in Intuitions of Higher Education. It seeks to answer the question: What are the managerial competencies of librarians essential for the effective management of people in university libraries? The research is classified as the way of approaching the problem, its objectives and technical procedures, so the work will be developed in a qualitative and descriptive way. And it presents a general research object to identify the necessary skills for

---

<sup>1</sup> FAESA Centro Universitário. Especialista em Educação a Distância (UNIGRANDE). E-mail: apattuzzo@gmail.com.

<sup>2</sup> FAESA Centro Universitário. Doutora em Administração (UFES). E-mail: katia.vasconcelos@oi.com.br.

the management of people in university libraries from the perspective of librarian managers, who work in Higher Education Institutions. The methodology has, as far as the ends, a qualitative and descriptive research, and as far as the means, bibliographical, the subjects are the librarians managers of the university libraries, as the nature is characterized like qualitative approach, type of case study. The fields of research are the university libraries at the national level. It is concluded that the librarians managers have competences and strategic actions of the management of people in the university library besides promoting the administrative management of the sector.

**KEYWORDS:** Management skills, Librarian manager, University libraries, People management.

## INTRODUÇÃO

As competências gerenciais dos bibliotecários mostram-se um assunto presente na literatura científica e são consideradas cada vez mais importantes, além do que se nota a necessidade de conhecer a fundo quem é o profissional que comanda as unidades de informação. Porém, essa área ainda apresenta poucos estudos.

Já na literatura de Biblioteconomia e Ciência da Informação, é possível recuperar uma quantidade bastante significativa de trabalhos nacionais e internacionais relacionados ao tema “competências do profissional da informação”, sendo possível identificar, assim, que a tarefa de gerenciar pessoas, para os profissionais bibliotecários, está se tornando uma realidade a que eles precisam atender e também que leva à busca de manter as condições ideais no seu ambiente de trabalho, tudo para um melhor atendimento aos usuários.

Partindo da minha visão de bibliotecária gestora, surge o interesse em pesquisar os demais profissionais que também atuam em gestão de bibliotecas, a fim de identificar quais as competências necessárias para que as unidades de informação sejam gerenciadas satisfatoriamente, em especial ao que concerne à gestão de pessoas. Dessa forma, este trabalho propõe-se a responder ao seguinte problema de pesquisa: Quais as competências gerenciais dos bibliotecários essenciais para a efetiva gestão de pessoas em bibliotecas universitárias?

A pesquisa tem, como foco, o contexto e as demandas de bibliotecas universitárias de instituições do âmbito nacional — por ser a área de afinidade para atuação da autora deste trabalho, que possui uma experiência de 19 anos de trabalho em uma unidade de

informação universitária, tornando-se possível perceber que as práticas referentes à gestão de pessoas estão presentes em todas as organizações, o que inclui as bibliotecas universitárias.

O tema é de relevância para os profissionais da área de Biblioteconomia, principalmente para os que já estão ou os que pretendem assumir um cargo de gestão, mediante ao novo cenário profissional inerente ao bibliotecário, que precisa possuir múltiplas competências no exercício de sua função.

Dessa maneira, torna-se válido destacar que, no século XXI, os gestores estão sendo, a cada dia mais, desafiados a encontrar soluções para dilemas referentes à eficácia organizacional, à gestão estratégica e à gestão de pessoas, evidenciando-se que o papel do gerente é gerir, pouco a pouco, as tensões que resultam da prática de levar em conta as lógicas contraditórias, do curto e do longo prazo, e as dificuldades de satisfazer todas as partes interessadas.

Diante deste contexto, este artigo tem como objetivo identificar as competências necessárias para a gestão de pessoas em bibliotecas universitárias, na ótica dos gestores bibliotecários, que atuam em Instituições de Ensino Superior; e, como objetivos específicos, identificar os conhecimentos necessários para que os gestores bibliotecários obtenham um bom desempenho na gestão de pessoas; mapear as habilidades que a instituição exige para o desenvolvimento das funções gerenciais dos bibliotecários e verificar as atitudes essenciais para os gestores bibliotecários executarem suas atividades.

Busca-se, assim, como propósito, compreender o que é gestão de pessoas e como ela está inserida nas unidades de informação, além de se fazer a verificação da formação dos bibliotecários que ocupam cargos de gestão em bibliotecas universitárias, identificando as principais dificuldades e desafios que esses profissionais têm na gestão de pessoas de sua equipe de trabalho.

## **SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO EM BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS**

A Biblioteca Universitária (BU), segundo estudos realizados na área, classifica-se como a instância que possibilita às instituições de educação superior atenderem “às necessidades de informação de um grupo social ou da sociedade em geral, através da administração do seu patrimônio informacional e do exercício de uma função educativa, ao orientar os usuários na utilização da informação” (LÜCK et al., 2000, p. 2).

Sendo parte de uma instituição pública ou privada, Pinheiro e Godoy (2002) afirmam que a biblioteca universitária é um ambiente de informação engajado na missão da instituição e que presta serviços de informação, conforme as exigências do Ministério da Educação (MEC), oferecendo a seus usuários diferentes suportes informacionais necessários ao tripé ensino, pesquisa e extensão. Assim, ela deve ajustar um ambiente físico apropriado para a realização das atividades acadêmicas.

Nesse contexto, a BU tem como princípio fundamental oferecer serviços e produtos informacionais, de acordo com sua rede de usuários, sendo estes caracterizados por professores, funcionários, alunos, e, também, pesquisadores externos, sendo o objetivo principal da biblioteca, satisfazer esses usuários por meio de um acervo organizado, atualizado e pertinente à comunidade.

Quadro 1: Serviços de informação ofertados em Bibliotecas Universitárias brasileiras  
Continua...

Serviços de informação tradicionais	Serviços de informação mediados pelas tecnologias
<b>Empréstimo domiciliar manual;</b> <b>Renovação manual;</b> <b>Reserva manual;</b> <b>Consulta local;</b> <b>Emissão de nada consta manual;</b> <b>Visita orientada sobre o uso da biblioteca e do acervo (presencial);</b> <b>Catálogo impresso</b>	Empréstimo domiciliar por meio de identificação biométrica (digital) e senha; Auto empréstimo; Renovação on-line; Reserva on-line; Emissão de nada consta on-line; Visita orientada virtual; Catálogo on-line e via sistema.
<b>Levantamento bibliográfico.</b>	Levantamento bibliográfico (via sistema, base de dados); Normalização de trabalhos acadêmicos; Comutação bibliográfica; Acesso livre à internet.
<b>Elaboração de Ficha catalográfica.</b>	Sistema on-line para geração automática de ficha catalográfica; Scanner/Digitalização, fotocópia e impressão de documentos; Aplicativo de biblioteca para dispositivos móveis.
<b>Serviço de referência presencial.</b>	Serviço de referência virtual; Templates - modelos de trabalhos acadêmicos

## Conclusão.

	em diversos formatos; Tutoriais.
<b>Serviços para pessoas com deficiência: Solicitação de intérpretes da Língua Brasileira de Sinais (Libras).</b>	Serviços para pessoas com deficiência: Digitalização e/ou conversão de materiais bibliográficos em formatos acessíveis; Transcrição de textos para o Braille; Disponibilização de recursos de tecnologias assistivas - Non Visual Desktop Access (NVDA), DOSVOX, ORCA; vídeo aula em Libras.
<b>Capacitação de usuários por meio de treinamentos presenciais (não mediados por tecnologias).</b>	Capacitação de usuários por meio de treinamentos presenciais ou modalidade de Educação a Distância (EAD): Normalização; Gerenciadores de referências - EndNote Basic, Mendeley, Mecanismo on-line para Referências (MORE), Zotero; Catálogo on-line (versões web e mobile); Portal de livros eletrônico; Bases de dados nacionais e internacionais de acesso aberto ou restrito, ofertadas mediante assinatura do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); Currículo lattes; Mídias sociais acadêmicas e identificadores de autor; Google acadêmico; Noções de ética em pesquisa científica; plágio no contexto acadêmico, dentre outros.

Fonte: ARAUJO; FREITAS; BEZERRA, 2017, p. 1023.

O ambiente de trabalho das bibliotecas mudou significativamente. A Internet e as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) trouxeram situações diferentes na gestão de serviços e recursos nas bibliotecas. Por sua vez, as Unidades de Informação também necessitam de constante adaptação às realidades atuais. Novos tipos de serviços de informação são demandados constantemente por sua comunidade de usuários e, com isso, os gestores devem ficar atentos. Deve-se salientar que esses serviços dependem, também, de constantes avaliações e divulgações para a comunidade usuária.



A percepção dos bibliotecários em relação ao nível de relevância dos serviços de informação prestados pela biblioteca em que atuam pode auxiliar no estabelecimento de ações e na tomada de decisões, o que evidencia, como propõe essa pesquisa, a importância de se identificarem as competências e habilidades necessárias para os profissionais gestores de bibliotecas universitárias conseguirem acompanhar as constantes mudanças organizações e informacionais.

### **Competências e habilidades profissionais dos bibliotecários que atuam em bibliotecas universitárias**

Como afirmado nos parágrafos anteriores, vivemos num momento de grandes mudanças, proporcionadas pelo avanço tecnológico, que vem crescendo neste último século. Assim, a informação torna-se cada vez mais indispensável em nossa sociedade, tanto para as pessoas, quanto para as organizações que a utilizam para suas decisões estratégicas e de gestão de pessoas. Com isso, o profissional bibliotecário precisa administrar, não somente as atividades ligadas diretamente à gestão do conhecimento, mas também a gestão da informação e à gestão de recursos humanos (RH).

Segundo Soares (2007), as competências gerenciais do bibliotecário, levantadas no documento de Montevideu, são em número de nove itens, que tratam desde a direção, administração, organização e coordenação da unidade, sistema e serviço de informação até ao planejamento de redes regionais e globais de informação. As competências gerenciais ligadas à gestão de pessoas estão incluídas, principalmente, nos itens três, seis e oito, que falam, respectivamente, sobre aplicação de técnicas de marketing, liderança e relações públicas; assessoramento no planejamento dos recursos econômico-financeiros e humanos; planejamento e execução de estudos e formação de usuários da informação.

Para oferecer serviços de qualidade, o bibliotecário que é gestor precisa estar constantemente atento para a formação de sua equipe. Como apontado por Chiavenato (2010), o processo de agregar pessoas é de responsabilidade do gestor e de sua equipe, com o auxílio do setor de recursos humanos. Dessa forma, o bibliotecário que é gestor tem como tarefa decidir quem tem perfil para trabalhar na unidade de informação, para que a mesma alcance os objetivos da organização com eficácia. Mas, para isso, o bibliotecário precisa ter ciência de quais são as habilidades necessárias que seus colaboradores precisam ter, qual aprimoramento e conhecimento de métodos que darão apoio para reconhecerem nas pessoas as habilidades necessárias para que consiga, no momento da seleção, a pessoa apta para assumir o cargo.

O processo de desenvolver pessoas que trabalham em bibliotecas ou em unidades de informação é primordial para se conseguir ofertar ao usuário um serviço de qualidade. Por isso, é tão importante ofertar e manter uma periodicidade de cursos de formação e de capacitação para a equipe da unidade de informação, possibilitando diretamente que sua equipe cresça uma vez que as pessoas aprendem a desenvolver suas habilidades e a aplicar os conhecimentos de forma a agregar mais valor aos serviços. Cardoso et al. (2014) mostra que a capacitação nas unidades de informação:

[...] deve atender as necessidades do setor e principalmente de cada pessoa envolvida no trabalho. Objetiva ajudar os envolvidos a adquirir mais eficiência em suas atividades profissionais, além de proporcionar novashabilidades, influencia no desenvolvimento de suas atividades pessoais.(CARDOSO et. al., 2014, p. 6).

Para que o gestor bibliotecário consiga monitorar as necessidades da sua equipe, Cardoso et al. (2014) afirmam que será necessário traçar diversas informações estratégicas, pois, através dessas informações, ele irá tomar as decisões necessárias para melhorar a execução dos projetos dentro da organização, observando como cada colaborador está lidando com suas funções. Mas, para que isso aconteça, essas informações devem estar armazenadas em um banco de dados, com o objetivo de sempre se conseguirem manter a eficácia e a eficiência dos serviços. Para isso, é necessário que o bibliotecário gestorassuma o papel de líder, para conseguir alcançar uma influência maior sobre a sua equipe, pois ele consegue ser um integrante melhor.

A Classificação Brasileira de Ocupações de 2002 (CBO)<sup>3</sup> definiu nove áreas, onde foram alocadas as atividades que o bibliotecário desenvolveria profissionalmente; em adição, os especialistas listaram catorze competências pessoais necessárias ao desempenho daquelas atividades: manter-se atualizado; liderar equipes; trabalhar em equipe e em rede; demonstrar capacidade de análise e síntese; demonstrar conhecimento de outros idiomas; demonstrar capacidade de comunicação; demonstrar capacidade denegociação; agir com ética; demonstrar senso de organização; demonstrar capacidade empreendedora; demonstrar raciocínio lógico; demonstrar capacidade de concentração; demonstrar pró-atividade; demonstrar criatividade.

Assim, a capacidade de liderar e a capacidade de conseguir incentivar e motivar as pessoas da sua equipe podem ser consideradas as duas principais competências do

---

<sup>3</sup> <http://www.mteco.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>

bibliotecário gestor, porque, por meio delas, fica possível que as pessoas busquem, por si mesmas, alcançar os objetivos da organização, conseguindo, assim, exercer a competência de fazer e aplicar a gestão de pessoas nas unidades de informação.

Com esse novo cenário, acontece a ampliação de seu campo de atuação, que se torna cada dia mais competitivo no mercado de trabalho, diante à diversidade de suas funções. Valentim (2002, p. 121) destaca alguns fatores que contribuem para o profissional da informação conquistar um emprego e os setores que este pode atuar:

- Ter experiência profissional (técnica/científica);
- Saber utilizar tecnologias de informação;
- Ter domínio de pelo menos uma língua estrangeira (inglês);
- Ter domínio da web e de ferramentas para a conectividade;

Nos setores em que pode atuar estão:

- **Setor Público:** bibliotecas públicas, escolares, órgãos públicos (Legislativo, Executivo e Judiciário), arquivos públicos, museus, etc.;
- **Setor Privado:** empresas/indústrias em geral, vários segmentos econômicos desde editoras, bases de dados, até assessorias jurídicas;
- **Setor Associativo:** sindicatos, associações, ONGs etc.;
- **Autônomos:** consultorias, assessorias, terceirizados, free lancers etc. (VALETIM, 2002, p.121).

Valentim (2002, p.123-124) complementa e distribui as competências do profissional da informação em quatro categorias:

- a) **Competências de Comunicação e Expressão que englobam:** gerenciamento de projetos, técnicas de marketing, liderança, orientação na utilização de recursos de informação, elaboração de produtos de informação, planejar e executar estudos de usuários, proporcionando dessa forma atendimento especializado e diferenciado aos seus usuários;
- b) **Competências Técnicas Científicas mais relacionadas ao fazer técnico do profissional bibliotecário, como:** selecionar, registrar, armazenar recuperar e difundir informações;
- c) **Competências Gerenciais relacionadas a:** direção, administração, organização e coordenação de unidades, gerenciamento de projetos, marketing, liderança e relações públicas, planejamento e organização de redes de informação;
- d) **Competências Sociais e Políticas voltadas a:** assessorar e intervir no planejamento de políticas de informação, normas jurídicas, formular políticas de pesquisa em Biblioteconomia e ciência da informação entre outras.

Essas afirmações evidenciam que o profissional bibliotecário precisa de um perfil multifacetado, pois, com a constante mudança no mercado do trabalho, que se apresenta competitivo, o ideal é que ele, além de dominar as atividades técnicas, também desenvolva atividades estratégicas, gerenciais, humanas com exigências pessoais e habilidade de

comunicação, liderança, atuação em rede e possuir perfil empreendedor, pois o empreendedor é tido como alguém que se aventura e assume riscos.

## **GERENCIAMENTO DAS COMPETÊNCIAS ORGANIZACIONAIS E INDIVIDUAIS**

Os conceitos encontrados na literatura sobre o termo “competência” são evidenciados, em sua descrição, de acordo com novos significados, os quais as suas características são descritas de acordo com a pessoa, outros por meio da função ou cargo exercidos (GONÇALVES et al., 2017).

Destaca-se que, nas organizações, segundo Ruas (2008), o conceito de competência está sendo julgado a partir de elementos subjetivos, como os conhecimentos, habilidades e atitudes (CHA) do indivíduo; enquanto Dutra (2001) relaciona à ideia de competência a noção de entrega, ou seja, à habilidade do indivíduo entregar-se à empresa. Zarifian (2001, p.44) também concorda com o exposto quando define a competência individual como “[...] o ‘tomar iniciativa’ e o ‘assumir responsabilidade’ do indivíduo diante das situações profissionais com as quais depara.”

A palavra competência envolve ideias, habilidades, função, capacidade, realização de tarefas. De acordo com Bitencourt (2005, p.137):

Um processo contínuo e articulado de formação e desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes no qual o indivíduo é responsável pela construção e consolidação de suas competências (autodesenvolvimento) a partir da interação com outras pessoas no ambiente de trabalho, familiar e ou em outros grupos sociais (escopo ampliado), tendo em vista o aprimoramento de sua capacitação, podendo, dessa forma, adicionar valor às atividades da organização e da sociedade e a si próprio (autorrealização).

Dutra (2001) também afirma que o fato de um indivíduo possuir um determinado conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes não garante à empresa a apropriação desses elementos. Daí, a necessidade da entrega por parte do indivíduo. Zarifian (2001, p.44) também concorda com o exposto, quando define a competência individual como “[...] o ‘tomar iniciativa’ e o ‘assumir responsabilidade’ do indivíduo diante das situações profissionais com as quais depara.” Por tomar iniciativa, entende-se fazer escolhas, selecionar estratégias e adotar atitudes a partir do conhecimento acumulado e da iniciativa apresentada em situações de imprevisibilidade. Por assumir responsabilidades, entende-se que sejam atendidos objetivos ligados a prazos, à confiabilidade, à satisfação de clientes e ao conhecimento.

As pessoas necessitam ser preparadas para contextos cada vez mais exigentes e complexos. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento humano está cada vez mais associado à complexidade. Podemos definir o desenvolvimento da pessoa como “capacidade para assumir atribuições e responsabilidades em níveis crescentes de complexidade” (DUTRA, 2001). Para Zarifian (2001), as empresas defrontam-se com implicações produtivas estratégicas, de acordo com o seu ramo de atividade, as implicações estabelecidas segundo as categorias de produtos que fabricam e os mercados em que estão — implicações que elas mesmas evoluem. O ponto de partida de todo procedimento de competências é tornar visíveis essas implicações estratégicas, permitir a cada salariado apropriar-se delas, saber o que se espera do próprio procedimento de competências, nos limites da partilha dessas implicações. Assim, para Dutra (2002), vale ressaltar que percebemos, com maior nitidez, a possibilidade de integrar a gestão de pessoas ao intento estratégico da empresa através da discussão das competências organizacionais.

Diante das afirmações, é possível verificar que, atualmente, as exigências impostas aos gestores das organizações igualam-se às mesmas trabalhadas em unidades de informação universitárias na atualidade. Alves (2004) reforça que os gestores precisam atuar por meio de uma gerência ativa, com flexibilidade para conviver com as mudanças sociais e tecnológicas. Devem desempenhar bem seus papéis e habilidades exigidas, além disso devem manter a equipe aberta ao desenvolvimento pela capacitação de equipes de trabalho, sem contar com a necessidade de ofertarem a capacitação de equipes em organizações em qualquer tipo de tarefa ou serviço a ser implementado, apoiando o processo na prática. Dessa maneira, destaca-se a utilização das tendências de administração e gestão que julgar necessárias e aplicáveis, e adaptá-las para sua realidade (ALVES, 2004).

## **MATERIAL E MÉTODO**

De acordo com Soares (2011), a metodologia é a explicação minuciosa, detalhada, rigorosa e exata de toda ação desenvolvida no método, ou seja, no caminho do trabalho de pesquisa. A pesquisa classifica-se enquanto a forma de abordagem do problema, de seus objetivos e dos procedimentos técnicos, para tanto, o trabalho será desenvolvido na forma qualitativa e descritiva.

Para análise e interpretação dos dados foi empregada a abordagem qualitativa, tipo estudo de caso, uso da técnica de levantamento bibliográficos, envolvendo artigos e livros,

buscando identificar os desafios na implementação do plano de acompanhamento do desenvolvimento individual. Optou-se pelo estudo de caso para buscar uma análise profunda sobre o objeto em estudo. Conforme orienta Gil (2008), o estudo de caso incide no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento.

Quanto aos objetivos, esta pesquisa está classificada como descritiva, a qual exige do pesquisador uma série de informações sobre o que se deseja pesquisar, ou seja, uma precisa delimitação de técnicas, métodos, modelos e teorias que orientarão a coleta e interpretação dos dados, pois tem como objetivo estudar as características de uma determinada população (TRIVINOS, 2009). A pesquisa descritiva expõe características de determinada população ou de determinado fenômeno. Pode também estabelecer correlações entre variáveis e definir sua natureza (VERGARA, 2014).

Para a etapa de coleta de dados, foi elaborado um questionário com 24 perguntas abertas e fechadas, que irá mensurar as competências e as habilidades profissionais dos bibliotecários que atuam bibliotecas universitárias e, ao final, é disponibilizada no questionário a Escala de Likert, de cinco pontos, com o propósito de medir o gerenciamento das competências organizacionais e individuais de cada participante da pesquisa. Segundo Costa (2011), a grande vantagem de usar a escala de Likert é sua facilidade de manuseio, pois é fácil a um pesquisado emitir um grau de concordância sobre uma afirmação qualquer, pela qual a confirmação de consistência psicométrica nas métricas que utilizaram essa escala contribuiu positivamente para sua aplicação nas mais diversas pesquisas.

Por meio de questionário semiestruturado, encaminhado, eletronicamente, a 22 profissionais bibliotecários que, atualmente, atuam como gestores de bibliotecas universitárias, utilizando-se do aplicativo Google Docs (pacote de aplicativos disponibilizado na página eletrônica do Google), para fins de análise dos dados coletados, serão feitos os cruzamentos dos dados da planilha, fazendo o seu tratamento estatístico, bem como a geração de gráficos. Além disso, para que se possa ter uma melhor compreensão acerca dos objetivos de pesquisa estabelecidos, os resultados obtidos serão confrontados com as informações coletadas nos estudos bibliográficos.

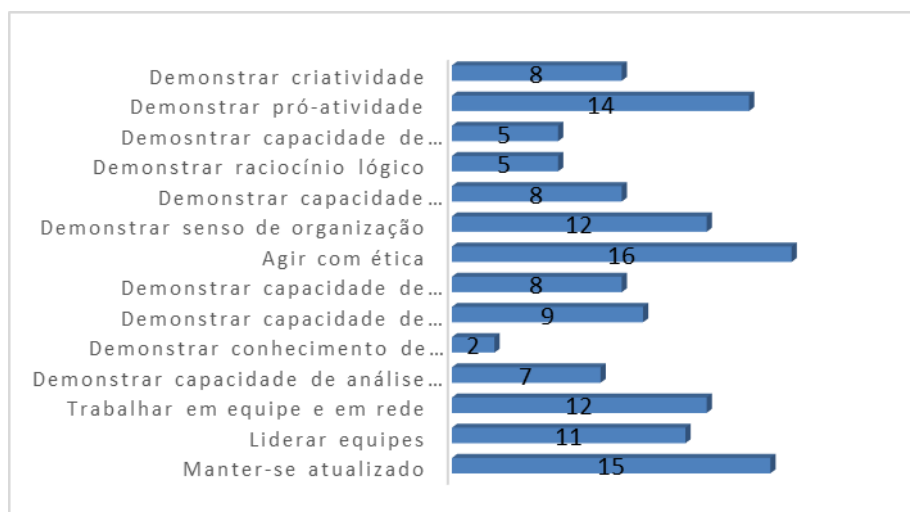
## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Através do grupo de estudos de que participo, envolvendo bibliotecários de vários Estados do Brasil, o questionário elaborado abrange as áreas de gestão de pessoas e das

competências gerenciais de bibliotecários gestores. A amostra da pesquisa foi de 22 participantes, dentre eles, dezoito mulheres e quatro homens, com idades entre 21 e 42 anos. O tempo de serviço como gestores de biblioteca universitária variou de 03 a acima de 12 anos. Dos entrevistados, 17 apresentam formação em graduação e especialização e apenas 5 somente a graduação. Do universo de pesquisa, 15 já fizeram algum curso na área de gestão de pessoas e 7 nunca fizeram.

Quanto ao quantitativo de pessoas que fazem parte da equipe dos gestores da pesquisa, houve variação entre a menor equipe (com 1) e as maiores (com 23, 26, 32, 50 e 63 pessoas). Relataram, ainda, como desempenho nas funções gerenciais, os seguintes atributos os quais mais se identificam na qualidade de gestores, como demonstra o Gráfico 1.

Gráfico 1: Atributos que mais se identificam na qualidade de gestores



Fonte: Elaboração própria (2020).

Passando para a pergunta que trata de em quem se concentra a maior parte das decisões, 11 responderam que neles, 5 na equipe e 6 em outras pessoas. Ao serem indagados sobre quais seriam as principais atividades realizadas por eles (os gestores) ao liderarem suas equipes, citaram as seguintes atividades apresentadas no Quadro 2.

Quadro 2: Principais atividades realizadas pelos gestores ao liderarem suas equipes

Continua...

Reuniões de trabalho, dar autonomia para execução de serviços, propor que a equipe tenha liberdade de expor suas sugestões e críticas.	<b>Organização de escala de trabalho, de curso de treinamento, observação de atividades desenvolvidas etc.</b>
Organizar escala de trabalho, elaborar relatórios, participar de reuniões representando o setor,	Respeito.

## Conclusão.

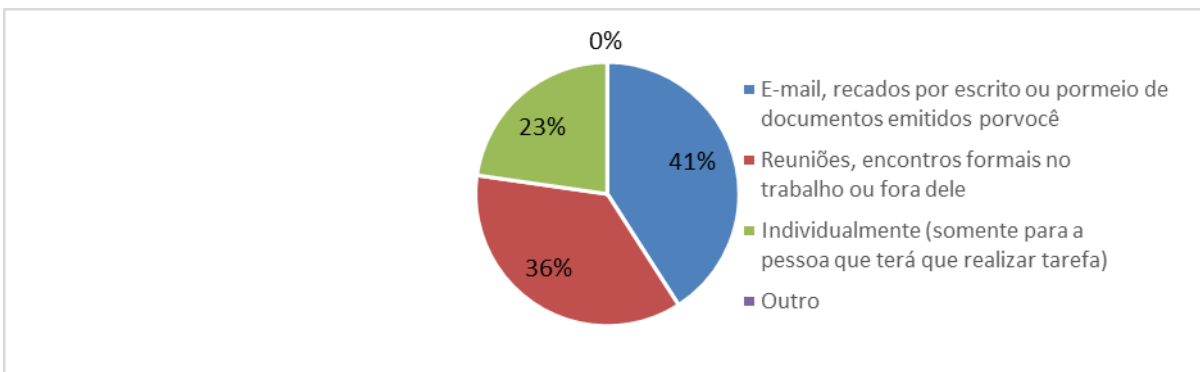
recepção das comissões avaliadoras do MEC.		
Treinamento no sistema Pergamum, treinamento em como realizar normalização e formatação de trabalhos acadêmicos.		Planejamento de metas e atividades em conjunto com a equipe; Repassar à equipe o feedback de todos projetos iniciados; Elogios quando necessário.
Reuniões		Gestão da equipe.
Designar tarefas; Treinamento do sistema; Reuniões periódicas para discutir melhorias e avaliação da biblioteca; Etiquetagem e organização do acervo.		Relatórios Técnicos, Assessoria e Organização de atividades.
Ao explicar tarefas, mostro um exemplo (eu mesma faço), pergunto se o colaborador entendeu ou tem dúvidas, caso falar que entendeu, peço pra fazer um exemplo, e também passo todas as explicações por escrito, passo a passo, assino, carimbo, e peço para o colaborador assinar, e tiro cópia pra arquivar, para não ter problema em dizer que eu não falei/não expliquei (deixo tudo assinado/registrado).		Descentralizar tarefas; reuniões; cobrar serviços e não horário (flexionar horários), delegar responsabilidades.
Demandas internas e externas do setor		Divisão das atividades e planejamento.
Indexação do acervo, organização das estantes, atendimento, pequenos reparos no acervo etc.		Controle de delegar as funções de cada colaborador. Acompanhar entradas e saídas do ponto. Ocorrências registradas. Pedido de materiais de almoxarifado.
Organiza e gerenciar atividades, tomada de decisão.		Realização de eventos, formaturas etc...
Gerenciar conflitos, tomada de decisão.		Visita do MEC.
Reunião com equipe/Resolução de problemas globais.		Definir escala de trabalho.

Fonte: Elaboração própria (2020).

Dos 22 entrevistados, quando questionados sobre como definem a principal atitude do grupo com o qual trabalham, obteve-se como resposta: 17 cooperativos, 2 proativos, 2 outros e 1 obediente. Já em relação aos meios de comunicação que utilizam para transmitirem suas expectativas à equipe em relação a tarefas que deverão ser realizadas, os dados são mostrados no Gráfico 2.



Gráfico 2: Meios de comunicação utilizados para transmitir suas expectativas à equipe



Fonte: Elaboração própria (2020).

Dos gestores entrevistados, 17 consideram bom o seu relacionamento com a equipe, enquanto 7 consideram ótimo, e 1 classifica como outro sentimento. Sendo que 17 também costumam aplicar políticas de incentivo à sua equipe, enquanto 5 afirmam que não aplicam. No Quadro 3, são especificas quais políticas de incentivo costumam aplicar.

Quadro 3: Políticas de incentivo

Através de comunicado por e-mail do grupo, em reuniões expondo os resultados alcançados.
Proferir elogios - Elogiar um bom trabalho faz a equipe motivada como também confiar tarefas de mais responsabilidades é um sinal de o trabalho da pessoa está indo bem.- Elogios/ Retorno positivo das tarefas elaboradas/elogios através das ouvidorias recebidas/ dispensa como prêmio/ Elogio o trabalho bem feito mesmo o mais simples
Folga - Abono de horas, dias a compensar.
No caso de uma tarefa bem realizada, ou de uma atitude proativa, faço um elogio, ex: digo parabéns, ficou muito bom. Infelizmente isso é pouco frequente, pois, mesmo com todas as explicações, às vezes repetem erros de coisas básicas, que não deveriam ser cometidos, e isso me desgasta, pois parece ser um tempo jogado fora explicando/mostrando (por isso que faço tudo por escrito e ainda faço assinar, pra depois não dizer que eu não expliquei).
Os aniversários são comemorados em conjunto, uma vez ao mês. Trabalhos bem feitos são elogiados em público. Críticas são feitas em particular. Horas trabalhadas a mais são compensadas com folgas (escala de folga).

Fonte: Elaboração própria (2020).

Já no Quadro 4, os bibliotecários gestores relatam suas ações quando uma das pessoas da equipe não atende as expectativas esperadas no desempenho das tarefas.

## Quadro 4: Ações tomadas pelos gestores

Procura-se buscar formas de motivá-lo a engaja mais nas tarefas
Procuro saber o motivo de não ter realizado tal tarefa. Se foi por falta de boa comunicação, entendimento do que deveria ser feito
Realizo um feedback e repasso a informação do que não está de acordo com o desempenho das funções e atribuições.
Digo que já expliquei outras vezes, e que se tem/tiver dúvidas, para me perguntar, que eu explico novamente, sem problemas. Às vezes passo cursos de curta duração para fazerem.
Conversava individualmente para entender as necessidades de ajuste em prol de melhorias
Tento adequar a outra atividade
Chamo para uma conversa individual e procuro saber o que aconteceu. Exponho também a importância do trabalho em grupo para alcançar os objetivos.

Fonte: Elaboração própria (2020).

E, ao listarem quais são os maiores problemas enfrentados por eles ao lidar com sua equipem, descrevem as afirmações apresentadas no Quadro 5.

## Quadro 5: Maiores problemas enfrentados por gestores ao lidar com sua equipe.

Continua...

<b>Atualmente carga de horário de trabalho e alguma dificuldade em aceitar mudanças.</b>
<b>Resistência às mudanças, desinteresse em estudar e se qualificar profissionalmente.</b>
<b>Cada um tem um perfil comportamental.</b>
<b>Falta de motivação</b>
<b>Maior problema é a falta de pessoal. Com os profissionais que compõem o quadro de pessoal não há problemas até o momento. Todos cumprem com suas atividades diariamente.</b>
<b>Fofocas. Já tive funcionária demitida por causa disso (e por demonstrar insubordinação e inveja, tentar me "derrubar" da minha posição). E isso mais ainda pelo fato de eu ser uma coordenadora jovem, muitas vezes mais jovem que as colaboradoras.</b>
<b>Relacionamento entre a equipe era meu maior desafio.</b>
<b>Em uma equipe sempre há aquele (a) que trabalha mais, que é mais pró ativo enquanto outros esperam que se delegada a tarefa.</b>
<b>Diálogo e aceitação dos erros.</b>
<b>Gestão de conflitos.</b>
<b>Tempo disponível de reunião do grupo todo.</b>
<b>Entender que cada pessoa é diferente no modo de pensar agir e trabalhar.</b>
<b>Falta de compromisso.</b>
<b>Atualmente não tenho nenhum, mas já enfrentei falta de compromisso.</b>
<b>Desmotivação; Comunicação e Preguiça.</b>
<b>Comprarem a ideia</b>

Conclusão.

<b>Falta de comunicação interna institucional.</b>
<b>Incompetência informacional; Fofoca e falsidade.</b>
<b>O maior problema é a falta de pessoal, número insuficiente para a quantidade de atividades.</b>
<b>Os problemas de relacionamento são mínimos.</b>

Fonte: Elaboração própria (2020).

Quadro 6: Perfil estabelecido para a contratação e permanência das pessoas

Pró-atividade, capacitada inovadora e entusiasmo.
Antigamente não existia. Agora estamos solicitando experiência em bibliotecas.
Sim. Que já tenha trabalhado antes com atendimento ao público e que seja organizado.
Interesse, disponibilidade e boa vontade em aprender.
Não. Procuramos Treinar quem chega.
Sim. Atualmente eu que faço a análise de currículo, entrevista, aplicação de uma pequena prova para cargo de auxiliar, e seleção. (Só caso de contratação e demissão mesmo que é pelo RH). No período de experiência, assim que a pessoa começa, deixo bem claro que não gosto de fofocas, que qualquer coisa tem que falar comigo (e não de mim). Deixo claro também para a pessoa separar trabalho de problemas familiares (na entrevista inclusive faço perguntas bem específicas, sobre conflitos com chefes, etc). Infelizmente, com o tempo os funcionários costumam decair, e isso se deve em grande parte por má influência de funcionários de outros departamentos, e também pela má gestão do RH (o RH é só 1 pessoa, mal preparada, não temos palestras motivacionais, a maioria de nós tem férias vencidas, e o ponto eletrônico de nada vale, pois não calcula horas a mais e/ou a menos).
O perfil para contratação já era predefinido junto ao RH quanto ao cargo a ser ofertado. A permanência dependia de fatores financeiros e de justamente o ponto mais desafiador o relacionamento interpessoal da equipe, ter pessoas dispostas a somar junto a equipe sempre foi um ponto de avaliação positivo
Sim. Como somos uma IES, a princípio que tenha nível superior, seja responsável e pró ativo etc.
Pró-atividade
Sim, sempre recomendamos conforme a necessidade. Além de oferecer vagas aos PCD's pois são essenciais para o crescimento próprio e profissional.
Sim. Preciso de uma pessoa proativa, que possua habilidade com atendimento ao cliente
Graduação

Fonte: Elaboração própria (2020).

Os gestores, quando questionados sobre ações e atitudes com sua equipe no dia-a-dia, ilustraram suas opiniões apresentadas no Quadro 7.

Quadro 7: Ações e atitudes com sua equipe no dia-a-dia

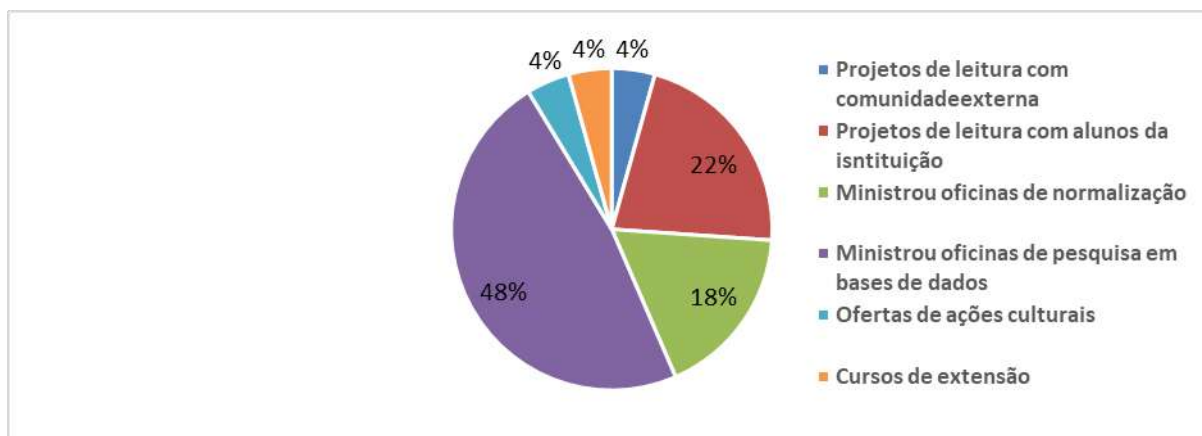
	Sim	Não
Considera as sugestões da equipe?	20	02
Confia na capacidade de julgamento da equipe para realizar tarefas?	14	08
Diz a eles o que fazer, como fazer e quando?	14	08
Toma todas as decisões sem consultá-los?	03	19
Acompanha cuidadosamente a equipe na realização das tarefas?	10	12
Permite que sua equipe desempenhe as tarefas sem sua participação?	19	03
Aplica algum tipo de punição no caso da equipe cometer erros?	02	20
Permite que sua equipe resolva problemas sem sua intervenção?	12	10
Consulta a equipe para resolução de conflitos?	14	08
Permite que a equipe estabeleça seu próprio ritmo de trabalho?	13	09
Aceita mudanças propostas por sua equipe?	20	02
Tem a última palavra nas decisões?	05	17
Insiste para que a equipe melhore seu desempenho?	13	09
Prefere não interferir no trabalho da equipe?	02	20
Está disposto a ajudar a equipe a aumentar seu potencial?	20	02

Fonte: Elaboração própria (2020).

Indagados sobre quais setores atuam diariamente, 7 disseram Planejamento estratégico, 2 Gerência financeira, 2 Pesquisa e extensão, 2 Recursos humanos e 9 afirmam que não atuam com outros setores da IES. Sendo que 18 afirmam que já desenvolveram planejamentos estratégicos e 4 Plano de comunicação.

Referente à pergunta, quais ações os bibliotecários gestores já ofertaram em suas IES, obteve-se o seguinte resultado:

Gráfico 3: Ações realizadas pelos bibliotecários gestores em suas IES



Fonte: Elaboração própria (2020).

Dos 22 entrevistados, 13 não fazem gestão de acervos virtuais, enquanto 9 fazem e citam os seguintes: Pergamum, Repositórios institucionais, Biblioteca Virtuais e Bases de dados. Contudo, o Quadro 8 apresenta uma escala Liket, sendo o menor grau representado pelo número um (que menos possui) e o maior grau simbolizado pelo número cinco (que mais possui). Esse quadro foi baseado na pesquisa feita por Irmão e Barbalho (2014), com o mesmo objetivo de pesquisa, de investigar e identificar quais seriam as competências gerenciais dos bibliotecários.

Nesse quadro, também é possível reconhecer o que, na área da administração de pessoas, é denominado como Conhecimento, Habilidade e Atitude (CHA). Esses elementos são importantes para o desempenho de uma função de forma eficaz e eficiente, bem como para ser considerado um profissional completo com requisitos necessários para ocupar um cargo de gestor (IRMÃO; BARBALHO, 2014).

Quadro 8: Escala Liket

Continua...

VARIÁVEIS	DIMENSÃO DA COMPETÊNCIA	ESCALAS					VARIÁVEIS MAIS RECONHECIDAS EM GRAUS DO MENOR AO MAIOR		
		Discordo Totalmente	Discordo	Indiferente	Concordo	Concordo Totalmente	G3	G4	G5
		1	2	3	4	5			
1. Sou capacitado para desenvolver atividades como buscar, registrar, avaliar e difundir a informação com fins acadêmicos e profissionais.	C	0	1	2	9	10			10
2. Sou habilitado para elaborar produtos de informação (bibliografia, catálogos, guias, índices, disseminação seletiva da informação (DSI), etc.).	C	1	0	2	8	11			11
3. Tenho capacidade de coordenar e avaliar a preservação e conservação de acervos documentais.	C	1	0	7	7	7	7	7	7
4. Tenho capacidade para planejar e executar estudos de usuários e formação de usuários da informação.	C	0	0	4	5	13			13
5. A minha função está relacionada à capacidade de conduzir esforços para um propósito comum em unidades,	H	0	0	4	8	10			10

								Conclusão.	
sistemas e serviços de informação.									
6. Na minha função sei usar de forma racional os recursos disponíveis em unidades, sistemas e serviços de informação.	H	0	0	3	11	8		11	
7. A minha função está relacionada à capacidade de coordenar unidades, sistemas e serviços de informação.	H	0	0	3	8	11			11
8. Posso habilidade para formular e gerenciar projetos de informação.	H	0	1	2	12	7		12	
9. No meu trabalho aplico técnicas do composto de marketing, produto, preço, praça e promoção nos serviços.	H	3	3	10	4	2	10		
10. No meu trabalho aplico técnicas do composto de marketing, produto, preço, praça e promoção nos serviços.	H	1	1	7	8	5		8	
11. Dentre as minhas capacidades estão planejar, constituir e manipular redes globais de informação.	H	1	3	6	8	4		8	
12. Coordeno o grupo de colaboradores para elaboração do planejamento estratégico.	A	3	3	5	7	3		7	
13. Acompanho a realização de atividades dos meus colaboradores.	A	1	0	3	7	11			11
14. Utilizo as informações do relatório de atividades no Planejamento Estratégico.	A	0	2	5	11	4		11	
15. A minha função está relacionada à capacidade de designar aos colaboradores suas devidas atividades em unidades, sistemas e serviços de informação.	A	1	0	2	7	12			12
16. Desenvolvo atividades no sentido de assessorar no planejamento de recursos econômico-financeiro e humanos da biblioteca.	A	0	3	3	8	8		8	8
17. Sou capaz de traçar planos de ação necessários para a preservação e conservação de acervos documentais.	A	0	0	6	9	7		9	

Fonte: Elaboração própria (2020).

De acordo com o Quadro 8, a variável 4 (Tenho capacidade para planejar e executar estudos de usuários e formação de usuários da informação.), identificada como competência do tipo C (Conhecimento), foi escolhida por 13 participantes. Enquanto as variáveis 2 (Sou habilitado para elaborar produtos de informação (bibliografia, catálogos, guias, índices, disseminação seletiva da informação (DSI), etc.) e 3 (Tenho capacidade de coordenar e avaliar a preservação e conservação de acervos documentais.) foram escolhidas por um dos participantes como grau menor da competência Conhecimento.

Na dimensão da competência H (Habilidade), a variável 8 (Possuo habilidade para formular e gerenciar projetos de informação.) foi apontada por 12 participantes como grau 5. E ainda, nessa dimensão, 3 escolheram a variável 9 como grau 1 e 2.

Já a variável 15 (A minha função está relacionada à capacidade de designar aos colaboradores suas devidas atividades em unidades, sistemas e serviços de informação.), foi identificada como competência do tipo A (Atitude), foi a mais reconhecida pelos bibliotecários gestores no Grau 5. E a variável 12 (Coordeno o grupo de colaboradores para elaboração do planejamento estratégico), também do tipo A (Atitude) foi a mais reconhecida no Grau um e dois.

Enquanto as demais variáveis — de número 1 (conhecimento), 5, 6, 7, 10 e 11 (Habilidade) e 13, 14, 16 e 17 (Atitude) —, foram as mais reconhecidas pelos bibliotecários como grau 4 e 5, mostrando estarem bem equilibradas entre as escolhas dos gestores, apesar de eles também apresentarem competências nos graus 1, 2 e 3 da escala de Likert, sendo o Conhecimento o tipo de competência mais reconhecido no grau 5.

Com essas informações descritas das respostas obtidas dos 22 entrevistados, fica evidenciado que estão alinhadas não somente a disponibilizar a informação, gerenciar redes e sistemas de informação, disseminar a informação, desenvolver estudos e pesquisas, e estar sempre atualizado através de cursos de capacitação e especializações. Mas, sim, respondem que as competências gerenciais essenciais para a efetiva gestão de pessoas em bibliotecas universitárias estão na composição eficiente de suas equipes de trabalho; levar sempre em consideração a disponibilidade das pessoas para as necessidades institucionais; conseguir conciliar os interesses da equipe gerida com os objetivos organizacionais; potencializar sempre os recursos disponíveis para a organização, além de mobilizar o grupo de trabalho em prol dos objetivos comuns da IES; e, por fim, de forma adequada e considerando as competências e habilidades de cada um de sua equipe, delegar adequadamente as responsabilidades e funções dentro da biblioteca. Faz-se necessário ao

bibliotecário gestor de pessoas, demonstrar competências específicas para a gestão de sua equipe como: empreendedor, líder, planejador e estratégico.

## **CONCLUSÃO**

Com constantes mudanças impulsionadas pelo cenário global no campo da administração, educação, informação e tecnologia, para os bibliotecários, nesse caso em específico os que assumem um cargo de gestão em bibliotecas universitárias, não foi diferente o acontecimento referente a várias transformações que influenciaram na forma de condução de suas equipes e biblioteca.

Acentua-se, portanto, no mercado de trabalho, a oportunidade de novas formas de trabalho e de atuação para esse profissional da informação, desmistificando um pouco a sua imagem de guardião de livros (atrelada ao bibliotecário) e exigindo a agregação de suas funções a outras habilidades e competências que praticam. Dentre esses desafios, está a gestão de pessoas e do conhecimento, que traz um diferencial competitivo e oportuniza uma gestão multifacetada, com a união das atribuições biblioteconômicas com a gestão administração.

É importante registrar que é de responsabilidade do profissional bibliotecário desenvolver e manter competências e habilidades, demonstrando uma postura crítica e investigativa, buscando sempre o crescimento e o seu desenvolvimento profissional para se tornar competente o suficiente para assumir sua função no mercado de trabalho, quando direcionado para o problema de pesquisa levantado neste estudo, de identificar quais as competências gerenciais dos bibliotecários essenciais para a efetiva gestão de pessoas em bibliotecas universitárias.

Em suma, pode-se constatar, com a pesquisa, que a adoção de estratégias na gestão de pessoas, pautada em suas competências, é um grande desafio para gestão de no propósito de gerar e sustentar o comprometimento dos empregados com os objetivos da IES, o que só é possível se as pessoas perceberem que sua relação com as organizações lhes agrega valor. Por isso, fica evidenciado que os gestores dessa pesquisa precisam identificar e desenvolver as competências necessárias, adotando ferramentas e modelos capazes de articulá-las da forma mais favorável, ou seja, beneficiando organização e seu grupo de trabalho, para serem líderes capazes de desenvolverem uma gestão de pessoas com excelência.



Analisando e comparando o questionário e a escala de Likert, alinhados com a experiência profissional, conclui-se que os bibliotecários gestores entrevistados precisam estar aptos à utilização e à aplicabilidade das novas tecnologias, procurando sempre se adaptarem às realidades do seu meio, tanto para o surgimento das novas tecnologias, quanto para a sua adequação como gestor administração do setor e de pessoas. Assim, é necessário que constantemente sejam feitos cursos de capacitação, que permitam seu desenvolvimento pessoal e profissional, de modo que o objetivo seja de desenvolver e manter suas competências, habilidades e atitudes, que como apresentado no estudo bibliográfico são muitas na área da informação.

É válido ressaltar que essa pesquisa não teve a pretensão de esgotar essa temática e que, futuramente, será possível um estudo aprofundado, sobre as competências de gestão de pessoas por profissionais bibliotecários.

## REFERÊNCIAS

ALVES, R. C. V. A gestão de pessoas em unidades de informação: a importância da capacitação no uso de tecnologias. **Revista de Iniciação Científica da FFC**, v. 4, n. 2, 2004.

ARAUJO, A. R. S.; OLIVEIRA, R. M. F. S.; BEZERRA, M. G. Serviços de informação em bibliotecas universitárias: estudo comparativo entre bibliotecas de instituição de ensino superior da cidade de Juazeiro do Norte, Ceará. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, n. esp., p. 1017-1033. 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/alessandra.monteiro/Downloads/822-3394-1-PB.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2018.

BITENCOURT, Cláudia C. **Gestão de competências e aprendizagem nas organizações**. São Leopoldo: Unisinos, 2005.

CARDOSO, Maria Lourdes et al. Gestão de pessoas nas bibliotecas do IFES: conhecer para valorizar. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 18., 2014, Belo Horizonte. **Anais** eletrônico... Belo Horizonte: [s.n.], 2014. p. 1-18. Disponível em: <<https://www.bu.ufmg.br/snbu2014/wp-content/uploads/trabalhos/571-2358.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2017.

COSTA, F. J. **Mensuração e desenvolvimento de escalas**: aplicações em administração. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2011.

CHIAVENATO, I. R. **Gestão de pessoas**. 3.ed. Rio de Janeiro: Campos, 2010.

DUTRA, J. S. **Gestão de pessoas**: modelo, processos, tendências e perspectivas. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

DUTRA, J. S. **Gestão por competências**: um modelo avançado para o gerenciamento de pessoas. 6. ed. São Paulo: Editora Gente, 2001.

- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GONÇALVES, W. A. et al. Confrontando o conceito de competências pela sua diversidade e aplicação: um olhar entre a teoria e a prática. **PRETEXTO**, Belo Horizonte, v. 18, n. 4, p.114-128, out./dez. 2017.
- IRMÃO, M. N.; BARBALHO, C. R. S. competências gerenciais dos gestores de bibliotecas universitárias de instituições de ensino público em Manaus. **Biblionline**, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 97-107, 2014.
- LÜCK, E. H. et al. A biblioteca universitária e as diretrizes curriculares do ensino de graduação. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 11., 2000, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2000. p. 1-17.
- PINHEIRO, Mariza Inês da Silva, GODOY, Leoni Pentiado. A implantação de melhorias da qualidade dos serviços na Biblioteca Visconde de Mauá. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS. 10.,1998, Fortaleza. **Anais...** Ceará, 1998.
- RUAS, R. L. **Observações acerca do Conceito, Natureza e Aplicação das Competências nas Empresas**. Porto Alegre: Mimeo, 2009.
- SOARES, Maria Isolina de Castro. Leitura e práticas de pesquisa. In: MEDEIROS, Ilzina Maria da Conceição et al. (Org.). **Diálogos sobre a educação profissional e tecnológica: saberes, metodologia e práticas pedagógicas**. Colatina: Ifes, 2011.
- TRIVINOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2009.
- VALENTIM, M. L. P. **Formação: competências e habilidades do profissional da informação**. In: Formação do profissional da informação. São Paulo: Polis, 2002. p. 117-132.
- VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 15. ed. São Paulo: Atlas, 2014.
- ZARIFIAN, P. **Objetivo competência: por uma nova lógica**. São Paulo: Atlas, 2001.

**ESTRUTURAÇÃO DE UM MODELO MCDA PARA APOIAR A  
GESTÃO DE RISCO DA DEFESA CIVIL DO ES**  
*STRUCTURING A MCDA MODEL TO SUPPORT THE CIVIL DEFENSE RISK  
MANAGEMENT OF ES*

Sarah Heidtmann Avila Ramos<sup>1</sup>  
André Andrade Longaray<sup>2</sup>

**RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo estruturar um modelo multicritério de apoio à decisão para avaliação da gestão de risco pela Defesa Civil do estado do Espírito Santo, com ênfase nas atividades de planejamento estratégico que envolvem as fases de prevenção e de preparação a desastres. As fases de prevenção e de preparação a desastres compreendem a gestão de risco, enquanto as fases resposta e recuperação compreendem a gestão de desastre. Fica evidente que um planejamento bem estruturado na fase anterior ao evento calamitoso reflete em maior sucesso nas operações logísticas durante e após o evento. Trata-se de um estudo de caso, no qual o instrumento de intervenção utilizado foi a Metodologia Multicritério de Apoio à Decisão Construtivista (MCDA-C), com abordagem quali-quantitativa, envolvendo coleta de dados primários e secundários. Como resultados, destacam-se a estruturação do modelo de avaliação contendo quatro áreas de interesse e onze Pontos de Vista Fundamentais. O modelo construído contribui para apoiar a gestão de risco da defesa civil estadual, à medida que proporciona uma visão dos aspectos relevantes no processo decisório da defesa civil, segundo os sistemas de valores do coordenador estadual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Metodologia MCDA-C, Desastres, Gestão de risco, Logística.

**ABSTRACT**

Training to become a psychotherapist involves several challenges as feelings and emotions, related to the theoretical, methodological and personal skills obtained during the course and those that are additionally necessary beyond the studied theories. In a field where the answers are not so obvious, professionalism and an ethical behavior are expected, once the This article aims to structure a multicriteria model for decision support to assess risk management by the Civil Defense of the state of Espírito Santo / BR, with an emphasis on strategic planning activities that involve disaster prevention and preparedness phases. The disaster prevention and preparedness phases comprise risk management while the response

<sup>1</sup> FAESA Centro Universitário. Mestre em Modelagem Computacional (FURG).  
E-mail: prof.sarahavila@gmail.com.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Doutor em Engenharia de Produção (UFSC).  
E-mail: andrelongaray@gmail.com.

and recovery phases comprise disaster management. It is evident that well-structured planning in the phase prior to the calamitous event reflects greater success in logistics operations during and after the event. It is a case study, in which the intervention instrument used was the Multicriteria Methodology to Support Constructivist Decision (MCDA-C), with a qualitative approach, involving the collection of primary and secondary data. As results, we highlight: (i) the structuring of the evaluation model containing 4 areas of interest and 11 Fundamental Points of View; (ii) the definition of 28 performance indicators for risk management activities. The constructed model contributes to support the risk management of the state civil defense, insofar as it provides a view of the relevant aspects in the decision-making process of civil defense, according to the value systems of the state coordinator.

**KEYWORD:** MCDA-C Methodology, Disasters, Risk Management, Logistics

## INTRODUÇÃO

A gestão de operações logísticas no cenário de desastre lida com um fator de alta relevância que diz respeito à vida humana. A eficiência e a eficácia, ou a falta destes, no gerenciamento de operações logísticas podem representar o sucesso ou fracasso de uma ação humanitária, o que reflete diretamente no número de vítimas em desastres. A sobrevivência humana, a minimização do sofrimento das vítimas, a reconstrução da área afetada e a atenuação dos impactos econômicos são possíveis por meio de um planejamento estratégico detalhado e profundo das operações de logística em diferentes cenários na fase anterior ao acontecimento de desastres.

A gestão de operações de desastres em relação à função logística é dividida em quatro diferentes fases cronológicas: prevenção, preparação, resposta e recuperação. A fase anterior ao desastre compreende a gestão de risco e engloba as fases de prevenção e preparação. As atividades de prevenção são medidas para prevenir ou reduzir os impactos do evento e as atividades de preparação reúne recursos humanos, suprimentos, equipamentos, monitoramento necessários para se preparar ao acontecimento. A fase após o evento calamitoso compreende a gestão do desastre e engloba as fases de resposta e recuperação. As atividades de resposta abrangem o emprego de recursos e procedimentos de emergência para preservar a vida, a propriedade, o meio ambiente e a estrutura social, econômica e política da comunidade. As atividades de recuperação são ações tomadas após o impacto imediato do desastre para estabilizar e apoiar a comunidade a retomar suas vidas como era antes do desastre (LAGUNA-SALVADÓ et al., 2018)

Um ponto chave nas operações logísticas em situação de desastre é a coordenação entre os diversos atores envolvidos. Uma comunicação e uma atuação integrada podem melhorar a eficiência da operação, bem como reduzir o uso desnecessário de recursos e aliviar problemas frequentemente relatados pelos envolvidos (ALTAY; PRASAD; SOUNDERPANDIAN, 2009).

Os agentes humanitários precisam se concentrar na gestão do risco através de um forte alinhamento de mandatos e focar na diversidade da natureza dos agentes humanitários para alinhar as suas necessidades e estratégias operacionais por meio de operações padronizadas e da construção de confiança através de associações de longo prazo (JOHN et al., 2018).

No contexto do estado do Espírito Santo, um passivo histórico materializado pela construção de cidades inteiras às margens de importantes rios ou nas íngremes encostas das montanhas faz do Espírito Santo um estado com muitas áreas de risco. E a situação de risco tem se comprovado em diversas oportunidades ao longo da história capixaba, principalmente em eventos relacionados a deslizamentos de terra e a inundações provocados por chuvas. O crescimento da população ocupando áreas de risco obrigou o Estado do Espírito Santo a organizar a Defesa Civil, seguindo a formatação advinda da legislação federal. Atendendo-se ao que preceitua a Constituição Estadual, o órgão de Proteção e Defesa Civil Estadual está inserido na estrutura do Corpo de Bombeiros Militar do Espírito Santo — CBMES, responsável pelas ações de Proteção e Defesa Civil, através de uma coordenação (Coordenadoria Estadual de Proteção e Defesa Civil — CEPDEC/ES), subordinada diretamente ao Comando Geral do CBMES, que, por sua vez, está subordinado à Secretaria de Estado da Segurança Pública e Defesa Social (DEFESA CIVIL-ES, 2021).

Diante do cenário apresentado, evidencia-se a necessidade da construção de um modelo de apoio à decisão capaz de orientar a gestão pública da Defesa Civil do ES no gerenciamento estratégico das operações de logística humanitárias com foco na gestão de risco a desastres, o que engloba as fases de prevenção e preparação, pois fica evidente que as fases resposta e recuperação terão mais sucesso se o planejamento estiver bem estruturado.

Uma das possibilidades de desenvolvimento desses modelos diz respeito à utilização de métodos multicritérios da pesquisa operacional, instrumentos científicos empregados para estruturar e organizar processos decisórios no apoio à resolução de problemas complexos (OKEOLA; SULE, 2012).

Nesse contexto, o presente trabalho visa à construção de um modelo de avaliação da gestão de risco da Defesa Civil do estado do Espírito Santo/ES por meio da Metodologia Multicritério de Apoio à Decisão — Construtivista (MCDA-C).

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

A metodologia adotada na presente elaboração da pesquisa consiste no delineamento metodológico do estudo de caso e desenvolvimento de modelo de apoio à decisão baseado na abordagem MCDA-C, por intermédio de um estudo de caso na área de gestão de risco da Defesa Civil do estado do Espírito Santos/ES.

O presente estudo baseia-se na metodologia proposta por Roesch (2013), sendo classificado quanto ao propósito do projeto, método (delineamento) da pesquisa, instrumento de intervenção aplicado, abordagem metodológica, técnicas de coleta e de análise de dados.

### **Delineamento metodológico da pesquisa**

O estudo de caso proposto visa a diagnosticar e a levantar os problemas da gestão de risco de desastres no estado do Espírito Santo. O instrumento de intervenção da pesquisa a ser aplicado será MCDA-C no intuito de identificar os critérios do gerenciamento de risco das operações de logística em cenário de desastre.

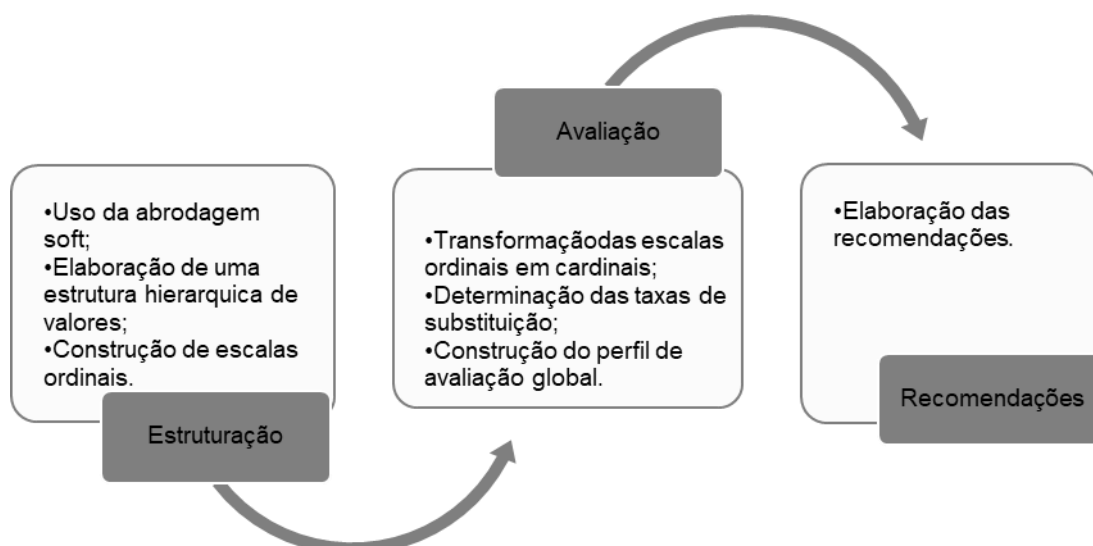
A abordagem metodológica utilizada é uma pesquisa quali-quantitativa, cuja metodologia qualitativa será utilizada na fase de estruturação do modelo. Essa fase é baseada em um processo de intervenção que promove a reflexão em busca da identificação, representação e determinação dos elementos primários de avaliação e de suas inter-relações na construção das escalas ordinais. A metodologia quantitativa será aplicada na construção das escalas ordinais dos descritores, que priorizou a estruturação de níveis de desempenho de natureza numérica.

A coleta de dados para a realização do estudo de caso será feita através de entrevistas semiestruturadas com gestor/decisor da gestão de risco de desastres no Estado do Espírito Santo, buscando a intervenção organizacional com o propósito de permitir que o pesquisador entenda e capture a perspectiva do respondente, e complementada com a análise de documentos e relatórios.

## Metodologia multicritério de apoio à decisão (MCDA)

Os métodos multicritério têm sido utilizados para auxiliar e conduzir os decisores na escolha, ordenação ou classificação das alternativas-solução, integrando múltiplos aspectos nesse processo. O instrumento de intervenção da MCDA é operacionalizado de forma sistêmica e sistemática, que se abstém das informações sobre o problema e foca nas várias alternativas ou ações, sob diversos critérios. Essa metodologia é um conjunto de técnicas e métodos que buscam auxiliar pessoas físicas e jurídicas na tomada de decisões, esclarecendo o problema a ser analisado e fornecendo respostas no processo decisório, segundo modelos claros e definidos. A MCDA é composta por três fases que estão demonstradas na Figura 1 (LONGARAY; BUCCO, 2014; LONGARAY; ENSSLIN, 2014; GOMES; GOMES, 2014).

Figura 1: Fases da MCDA



Fonte: Adaptado de Longaray e Ensslin (2014).

A primeira fase, que trata da estruturação, aborda a compreensão do problema, buscando-se identificar, caracterizar e ordenar as informações importantes ao processo de auxiliar a decisão, nesse caso o coordenador estadual da Defesa Civil do estado do Espírito Santo/ES (BANA E COSTA et al., 1999; LONGARAY; ENSSLIN, 2014). Nessa fase, são realizadas três etapas: possibilidade de utilização da abordagem *soft* para impulsionar o envolvimento e conhecimento por parte do decisor (ROSENHEAD, 1989; CORREA, 1996); construção de uma estrutura hierárquica que irá retratar os julgamentos de valor do decisor (KEENEY, 1992); e construção de escalas ordinais para a mensuração dos critérios do modelo.

A segunda fase, chamada de avaliação, procura elucidar a escolha, aplicando métodos matemáticos que auxiliarão o modelo das preferências do decisor (BANA E COSTA, 1993). Nessa fase, também são executadas três etapas: a elaboração das funções de valor, a determinação das taxas de substituição dos critérios e o desenvolvimento da avaliação global e do perfil de impacto da situação atual (LONGARAY; ENSSLIN, 2014).

A última fase aborda as recomendações das ações que possam auxiliar o decisor a impulsionar o desempenho do que se está sendo medido. Essa fase está dividida em cinco etapas: análise do desempenho das escalas cardinais para identificar os critérios que o decisor pretende melhorar; utilização de diferentes estratégias no intuito de identificar o impacto na avaliação das ações, como a análise de sensibilidade para testar as consequências de alguma variação nos parâmetros do modelo; análise do custo e do benefício para a implementação dessas estratégias; identificação de prioridades nas estratégias e ações que se objetiva implementar (LONGARAY; ENSSLIN, 2014).

Gomes e Gomes (2014) citam como vantagens da utilização da MCDA, como quadro de referência analítico dos sistemas de apoio à decisão, uma visão vasta e realista dos problemas complexos de decisão, a partir da modelagem de diversos elementos envolvidos no processo decisório; maior compreensão sobre o problema, possibilitando o aprimoramento do modelo, a partir das discussões concebidas durante a geração e utilização do mesmo; e mais transparência ao processo de tomada de decisão.

Além das vantagens da aplicação da MCDA a problemas de diversos tipos de organizações apresentadas por Gomes e Gomes (2014), percebe-se, a partir da literatura, a aplicação assídua da MCDA na produção científica sobre a temática das operações logísticas no cenário de desastre (REGIS-HERNÁNDEZ, F.; MORA-VARGAS J.; RUÍZ, 2017; TIMPERIO et al., 2017; ABIDI, LEEUW, KLUMPP, 2015).

### **Uso de uma perspectiva construtivista na fase de estruturação**

A resolução de um problema está intimamente ligada à produção do conhecimento. Somente a partir de uma investigação de um estado anterior de conhecimento, é possível conhecer a origem do problema e, apenas produzindo conhecimento, que ele pode ser solucionado (LAUNDRY, 1995).



Na perspectiva construtivista, tanto o objeto quanto os sujeitos estão ativamente engajados na atividade de conhecimento. O sujeito é visto como em constante interação e necessidade de adaptação com a realidade externa. A produção de conhecimento é o meio privilegiado utilizado pelo sujeito para enfrentar a tarefa de adaptação.

A gênese de um problema aparece quando um sujeito reconhece que falhou um ato de adaptação e reconhece o interesse de inquirir quanto às razões dessa falta, a fim de remediar a situação (LAUNDRY, 1995).

A formulação do problema implica a construção pelo sujeito de uma representação do objeto concreto que está na origem da busca de adaptação. A representação de qualquer ator é de alguma forma baseada na realidade. Como consequência, uma tarefa importante para o consultor será verificar a extensão dos vínculos com a realidade e incorporar uma perspectiva privilegiada do ator, ditada por sua estrutura cognitiva e seus interesses pessoais ou de seu papel dentro da organização, e ter o potencial de sugerir ações proporcionais essa estrutura e esses interesses (LAUNDRY, 1995).

A tarefa de estruturação do problema é uma construção progressiva de uma representação de uma realidade por atores em busca de adaptação que exige interatividade, negociação e argumentação (LAUNDRY, 1995).

Na tabela 1, é apresentado um resumo da perspectiva construtivista com relação às tendências básicas na produção de conhecimento, junto com a visão conceitual de “problema” e suas implicações para a ação do consultor.

Tabela 1: Caracterizando conhecimento, problema e comportamento do consultor pela perspectiva construtivista

Continua...

<b>Perspectiva Construtivista</b>	
<b>Caracterizando a atividade de conhecimento e sua saída</b>	
O que o conhecimento reflete?	Espelha os resultados dos encontros dialéticos dos sujeitos com os objetos resultando em representações
Como o espelhamento é alcançado?	Construindo representações de objetos
Teste de validade da saída da atividade de conhecimento	Melhorando a capacidade de adaptação

## Conclusão.

Papel do sujeito conhecedor	Ativo (construção da realidade por acomodação de assimilação)
Modo de desencadear a atividade de conhecimento	Ao reconhecer a falha de uma atividade de adaptação
<b>Visão correspondente do problema</b>	
Locus de problemas	Ambos objeto e sujeito dependentes
Status de problemas	Uma necessidade reconhecida de adaptação
Gênese do problema	É levantado
Um problema muito estruturado é ...	Construir uma representação de um objeto para planejar uma intervenção
<b>Caracterizando o comportamento do consultor</b>	
Paradigma preferido (Eden an Sims 1979)	Negociação
Atividades típicas	Participante da atividade de adaptação da organização
Atitude em relação aos proprietários do problema	Ajuda os clientes a encontrar o par de sapatos adequado
Foco de sua atividade	Atores e fatos
Crítérios para uma solução	Utilidade para adaptação

Fonte: Adaptado de Laundry (1995).

Destaca-se que o modelo construído e apresentado, a partir da próxima seção, é fundamentado na Metodologia Multicritério de Apoio à Decisão — Construtivista (MCDA-C), tem como foco a Fase de Estruturação, apresentada na Figura 1.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, é apresentado o estudo de caso desenvolvido nesta pesquisa, com foco na fase de estruturação de um modelo para apoio à gestão de risco da Defesa Civil do estado do Espírito Santo.

Compete à Defesa Civil estadual, de acordo com a Lei 12.608, de 10 abril de 2012 (que institui a Política Nacional de Proteção e Defesa Civil), a elaboração e a implementação do Plano Estadual de Proteção e Defesa Civil com a finalidade de articular e de facilitar a prevenção, a preparação, a resposta e a recuperação aos desastres no Espírito Santo, estabelecendo as atribuições de cada uma das instituições estaduais que compõem o Comitê Estadual de Combate às Adversidades Climáticas; identificar as bacias hidrográficas com risco de ocorrência de desastres; e estabelecer as diretrizes de ação governamental de proteção e Defesa Civil no âmbito estadual (BRASIL, 2012)

Diante da complexidade e da relevância da gestão de risco nas operações da Defesa Civil, optou-se por utilizar a Metodologia MCDA-C como instrumento de intervenção para o desenvolvimento de um modelo que apoiasse na gestão desse processo crítico, especialmente quanto ao planejamento estratégico das operações.

### **Definição do problema**

Inicialmente, foi identificado o decisor do processo, coordenador da Defesa Civil estadual, que, por intermédio de entrevistas de natureza semiestruturada e da técnica de *brainstorming*, apresentou os conhecimentos sobre o contexto objeto do modelo a ser desenvolvido.

Nesta etapa, também, foi consultada a legislação vigente acerca da Proteção e Defesa Civil e o Plano Estadual de Proteção e Defesa Civil (DECRETO Nº 3.140-R, DE 30 DE OUTUBRO DE 2012, que Institui o Plano Estadual de Proteção e Defesa Civil — PEPDEC; LEI COMPLEMENTAR Nº 694/2013, que Reorganiza o Sistema Estadual de Proteção e Defesa Civil — SIEPDEC-ES; DECRETO Nº 3.430-R, DE 06 DE NOVEMBRO DE 2013, que Regulamenta o Sistema Estadual de Proteção e Defesa Civil — SIEPDEC-ES; DECRETO Nº 3.681-R, DE 22 DE OUTUBRO DE 2014, que Regulamenta o Fundo Estadual de Proteção e Defesa Civil — FUNPDEC/ES).

A partir dessa investigação, foi possível identificar a necessidade de maior atenção ao planejamento estratégico da fase anterior ao desastre, denominada pelo decisor como gestão de risco.

Sendo assim, o rótulo do problema, neste trabalho, ficou estabelecido desta forma: “Como construir um modelo de apoio à gestão de risco da Defesa Civil do ES, a fim de obter maior eficácia na execução das ações em momentos de desastres?”.

## **Representação do contexto problemático**

Para resolver um problema, é necessário refletir sobre a sua representação, de forma a planejar e a instigar uma atividade de adaptação, ou seja, mudança. Nessa fase, o consultor questionou o ator sobre sua realidade e a melhor forma de a representar para planejar uma intervenção bem-sucedida.

Na identificação das preocupações, que direta ou indiretamente influenciam no desempenho da gestão de risco, além do subsídio de informações das entrevistas com o decisor, também foi consultada a legislação vigente acerca da Proteção e Defesa Civil e o Plano Estadual de Proteção e Defesa Civil.

Foram identificados 28 elementos primários de avaliação (EPAs) que foram agrupados em seis áreas de interesse, denominadas populações em áreas de risco; recuperar as áreas afetadas por desastres; recursos pré-evento; mapeamento, estudos e pesquisas; gestão territorial e planejamento das políticas setoriais; e interlocução pré- evento.

Esta etapa exigiu uma participação e uma interação do decisor para validação das áreas de interesse e das preocupações nelas agrupadas, avaliação de preocupações conflitantes, agregação de ideias adicionais. Os aspectos relevantes de cada área específica do contexto passavam a ser conhecidos pelo decisor, permitindo que ele adicionasse novos argumentos no seu juízo de valor sobre o contexto. Sendo assim, novas alterações foram propostas pelo decisor as quais resultaram na versão final da construção das áreas de interesse e agregação dos EPAs.

Na versão final, 18 elementos primários de avaliação (EPAs) foram agrupados em quatro áreas de interesse, denominadas recursos pré-evento; mapeamento, estudos e pesquisas; gestão territorial e planejamento das políticas setoriais; e interlocução pré- evento.

## **Identificação dos pontos de vista fundamentais**

Para a identificação dos objetivos estratégicos e das ações potenciais, o facilitador deve explorar o sistema de objetivos do decisor mais profundamente e, a partir dos objetivos, procurar baixar os níveis, aumentando o detalhamento de forma que possam ser

geradas opções para alcançar aqueles objetivos. De outra forma, o trabalho pode ser iniciado através de opções de ações detalhadas e, então, procurar subir hierarquicamente os níveis, objetivando alcançar os objetivos mais fundamentais do Decisor (SALDAÑA, 1999).

A partir deste trabalho de desdobramento dos objetivos estratégicos em objetivos táticos e operacionais foram identificados onze Pontos de Vista Fundamentais (PVFs).

PVF 1 - Humanos. Avalia a capacitação, qualificação e disponibilidade de recursos humanos para atuar nas ações de defesa civil em momento de desastres.

PVF 2 – Suprimentos. Verifica a estrutura atual da defesa civil para compra e gerenciamento de estoques de suprimentos necessários nas ações da defesa civil. Entendem-se por suprimentos: colchões, cobertores, jogos de lençol, travesseiros, cestas de alimentos, telhas e kits para desinfecção de residência, higiene pessoal, lona.

PVF 3 – Sistema de monitoramento e alerta desastres. Avalia a capacidade de consolidação das informações, o monitoramento de parâmetros e a emissão de avisos de eventos adversos.

PVF 4 – Equipamentos de resposta. Verifica o nível de equipagem das regionais por tipo de risco e cadastro dos equipamentos e máquinas para uso da defesa civil dos órgãos de apoio e setoriais por regional.

PVF 5 – Ameaças, suscetibilidades e vulnerabilidades a desastres. Verifica a periodicidade de atualização das pranchas setoriais dos municípios, contendo mapeamentos dos riscos e sugestões de intervenção.

PVF 6 – Cadastro dos Planos Municipais. Analisa quantos municípios possuem planos para prevenção, preparação, recuperação e respostas a desastres cadastrados na defesa civil estadual.

PVF 7 – Vistoriar edificações, construções e áreas em situação de risco para a vida humana. Verifica a capacidade de atendimento da defesa civil para as solicitações de vistoria a edificações, construções e áreas em situação de risco.

PVF 8 – Obras estruturantes. Avalia o impacto das obras estruturantes realizadas com recurso financeiro sobre o número de pessoas em risco no estado do ES.

PVF 9 – Federal. Avalia a prestação de informações à Secretaria Nacional de Proteção e Defesa Civil — SEPDEC ou órgão correspondente a nível federal sobre as ocorrências de desastres e atividades de proteção e defesa civil no Estado;

PVF 10 – Comitê Estadual. Analisa a articulação da defesa civil com as demais Secretarias de Estado para promoção das ações de proteção e defesa civil na região atingida.

PVF 11 - Municipal. Avalia a atuação da defesa civil estadual no apoio, sempre que necessário, aos municípios na estruturação e atuação da defesa civil local.

### **Construção da arborescência de pontos de vista**

A etapa seguinte do processo de estruturação consistiu na elaboração da estrutura hierárquica de valor com a definição do objetivo estratégico, pontos de vistas fundamentais (PVFs) e pontos de vistas elementares (PVEs). Dependendo da complexidade do eixo de avaliação dos PVFs, é necessário decompô-los em pontos de vista elementares (PVEs). Os PVEs permitem uma melhor avaliação das ações potenciais dentro do ponto de vista fundamental analisado.

Definidos os pontos de vista fundamentais, passou-se à construção da arborescência de pontos de vista. Iniciou-se pelo objetivo estratégico, ou seja, um modelo de apoio à gestão de risco da defesa civil do ES.

Posteriormente, os PVFs foram agrupados em quatro grandes áreas de interesse, representando os aspectos considerados relevantes pelos decisores sobre o contexto decisório:

Área “Recursos pré-evento”: ficou constituída pelos PVF 1 - “Humanos”, PVF 2 - “Suprimentos”, PVF3 - “Sistema de monitoramento e alerta desastres”, e PVF 4 - “Equipamentos de resposta”;

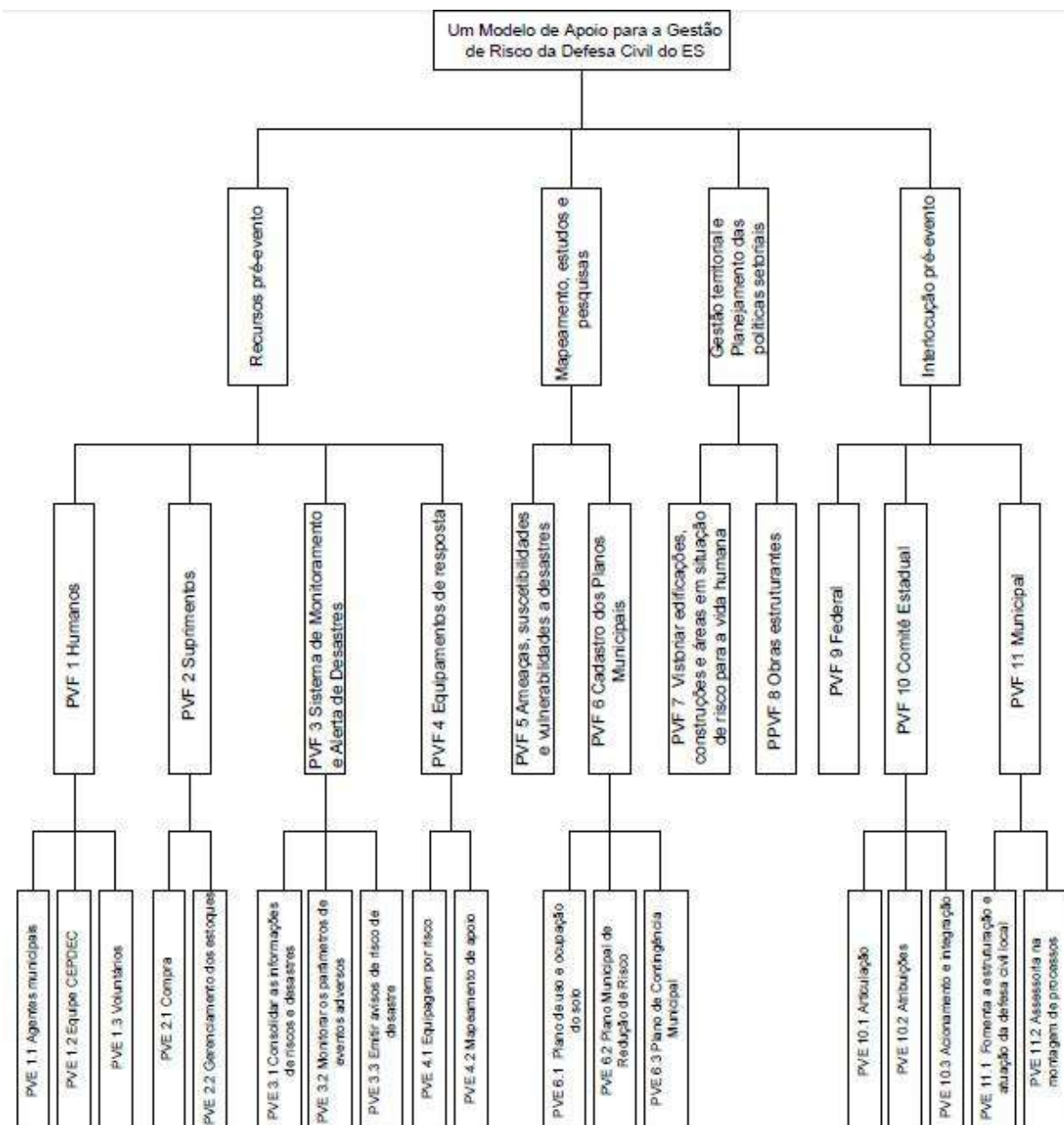
Área “Mapeamento, estudos e pesquisas”: formada pelo PVF 5 – “Ameaças, suscetibilidades e vulnerabilidades a desastres” e PVF 6 – “Cadastro dos Planos Municipais”;

Área “Gestão territorial e planejamento das políticas setoriais”: encontra-se o PVF 7 - “Vistoriar edificações, construções e áreas em situação de risco para a vida humana” e PVF 8 – “obras estruturantes”;

Área “Interlocução pré-evento”: encontra-se o PVF 9 - “Federal”, PVF 10 - “Comitê estadual” e PVF 11 – “Municipal”.

Para melhor explicar os PVFs acima, detalhou-se cada um deles, obtendo-se um primeiro nível de Pontos de Vista Elementar (PVEs). A Figura 2 apresenta a estrutura hierárquica da arborescência destes pontos de vista.

Figura 2: Arborescência de Pontos de Vista do Modelo Multicritério Proposto



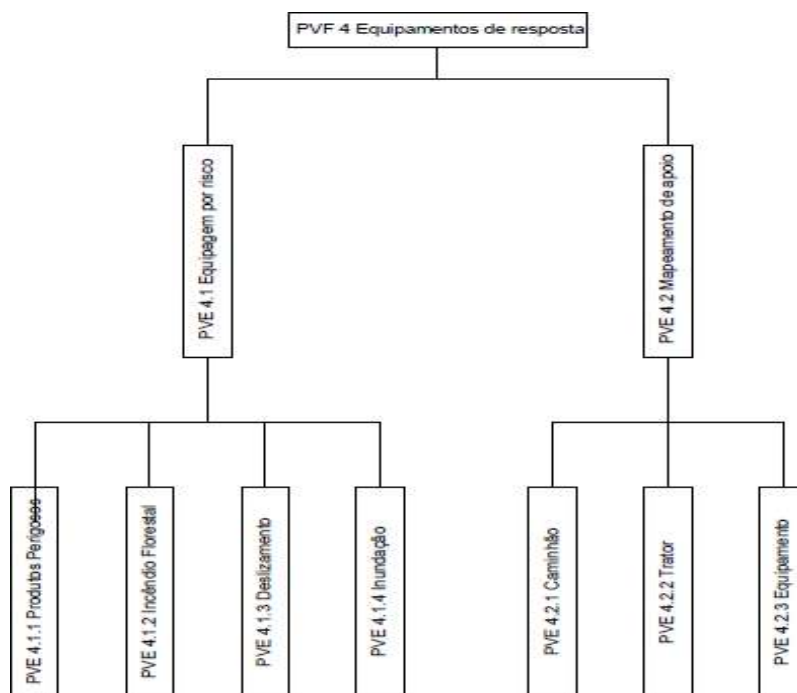
Fonte: Elaboração própria (2020).

Como os PVEs do último nível da arborescência da Figura 2 ainda se apresentavam bastante abrangentes, foi necessário um maior detalhamento de alguns desses PVEs.

Para exemplificar o processo de detalhamento dos PVEs, a Figura 3 mostra a estrutura hierárquica que foi acrescida aos PVE 4.1 – “Equipagem por risco” e PVE 4.2 – “Mapeamento de apoio”, que ficaram decompostos em quatro e três subcritérios, respectivamente.



Figura 3: Ramificação dos PVE 4.1 - Equipagem por risco e PVE 4.2 - Mapeamento de apoio



Fonte: Elaboração própria (2020).

### Construção dos descritores

Para mensurar o desempenho, o decisor definiu as escalas ordinais e os níveis de desempenho de cada descritor. Foram eleitos quatro níveis de referências para a especificação da performance: nível de excelência (nível ideal), nível de mercado (nível bom); no nível de sobrevivência (neutro); e abaixo do nível, de não aceitável (abaixo de neutro).

Cada descritor ficou representado por um conjunto de níveis de impactos  $N_i$ , onde “i” corresponde à ordem de preferências segundo os juízos de valor dos decisores. A Tabela 2 exemplifica o descritor construído para PVE 4.1.1 – Produtos Perigosos, da Figura 3.

Tabela 2: Descritor PVE 4.1.1 - Produtos Perigosos – Regionais com equipagem completa para atender acidentes com Produtos Perigosos

Níveis de impacto	Níveis de referência	Descrição
N4		3 regionais
N3	Bom	2 regionais
N2	Neutro	1 regionais
N1		Nenhuma regional

Fonte: Elaboração própria (2020).

Com a construção dos descritores, finaliza-se a fase da estruturação do modelo multicritério proposto. A fase seguinte, a da avaliação do modelo e recomendações, não é contemplada neste artigo.

## CONCLUSÃO

Os modelos de avaliação de desempenho organizacional, principalmente em órgãos públicos como a Defesa Civil Estadual, são muito incipientes e pouco estruturados. Muitas vezes, seus parâmetros são alterados por decisões momentâneas dos agentes públicos responsáveis pela coordenação e direção de órgãos ou entidades públicas prestadores dos serviços de proteção e defesa civil. A ausência de um modelocientificamente estruturado dificulta a elaboração de um planejamento estratégico para as operações logísticas nas fases de prevenção e preparação de um desastre, em que é realizada a gestão do risco. Tendo em vista os impactos de grandes proporções causados por desastres, os desafios de cooperação entre os multi- -membros da rede da defesa civil estadual e as incertezas que envolvem o planejamento na fase pré-evento, a construção de um modelo de avaliação desempenho contribui para a gestão estratégica das operações logísticas da defesa civil em situações de desastres.

Diante desse contexto, surgiu a questão de pesquisa que norteou este trabalho: Como construir um modelo de apoio a gestão de risco da Defesa Civil do ES, a fim de obter maior eficácia na execução das ações em momentos de desastres? A resposta a essa questão pode ser observada na seção resultados e discussões, em que a estrutura hierárquica de valores apresenta, no nível mais alto, o rótulo do problema; no segundo nível, descreve as áreas de interesses (*clusters*); nos níveis seguintes, expõem-se os pontos de vista fundamentais e elementares do modelo; e, por fim, apresenta os descritores de cada ação potencial.

Dessa forma, o objetivo deste estudo de construir um modelo de apoio à gestão de risco da Defesa Civil do Estado do Espírito Santo, com foco na fase de estruturação, por meio da Metodologia Multicritério de Apoio à Decisão — Construtivista (MCDA-C) foi alcançado.

Pode-se constatar que a utilização da metodologia MCDA-C na estruturação do modelo proposto permitiu: (i) a interação com o decisor, criando uma linguagem comum

sobre o contexto decisório; (ii) a representação do contexto decisional com base nos conhecimentos adquiridos a partir dos sistemas de valor, das convicções e dos objetivos do decisor; e (iii) a aprendizagem durante o processo resultante da interatividade, da negociação e da argumentação com decisor, como também a equalização dos conhecimentos do decisor sobre o contexto.

É importante destacar que a metodologia aplicada na construção do modelo exigiu um enorme esforço por parte do decisor, que participou ativamente do processo e se reuniu dez vezes com o facilitador, nos meses de setembro a dezembro de 2020, contabilizando mais de 20 horas de dedicação para o desenvolvimento da etapa de estruturação.

Como limitação deste estudo, destaca-se que ele faz parte de uma pesquisa maior, que pretende avançar no desenvolvimento das fases de avaliação do modelo, para a construção do perfil de avaliação global, e de recomendações, propondo melhorias aos pontos de atenção identificados.

A título de recomendação para pesquisas futuras, abre-se a possibilidade de propor um modelo de avaliação de desempenho que englobe a gestão de risco e a gestão de desastre da defesa civil estadual do ES, contemplando assim todas as fases da operação logística em situação de desastre.

## REFERÊNCIAS

ABIDI, H.; LEEUW, S.; KLUMPP, M. The value of fourth-party logistics services in the humanitarian supply chain. **Journal of Humanitarian Logistics and Supply Chain Management**, v. 5, n. 1, p. 35-60, 2015. DOI: 10.1108/JHLSCM-02-2014-0010.

ALTAY, N.; PRASAD, S.; SOUNDERPANDIAN J. Strategic planning for disaster relief logistics: lessons from supply chain management. **International Journal of Services Sciences**. v. 2, n. 2, p. 142-161, 2009. DOI: 10.1504/IJSSCI.2009.024937.

BANA E COSTA, C. A. Três convicções fundamentais na prática do apoio à decisão. **Revista Pesquisa Operacional**, v. 13, p. 1-12, 1993. Disponível em: <http://web.ist.utl.pt/carlosbana/Pesquisa%20operacional.pdf/>. Acesso em 13 dez. 2020.

BANA E COSTA, C. A. et al. Decision support systems in action: integrated application in multicriteria decision aid process. **European Journal of Operational Research**, v. 113, p. 315-335, 1999. Disponível em: [http://dx.doi.org/10.1016/S0377-2217\(98\)00219-7/](http://dx.doi.org/10.1016/S0377-2217(98)00219-7/). Acesso em 13 dez. 2020.

BRASIL. **Lei nº 12.608**, de 10 abril 2012 Lei nº 12.608, de 10 abril 2012. Institui a Política Nacional de Proteção e Defesa Civil - PNPDEC; dispõe sobre o Sistema Nacional de Proteção e Defesa Civil - SINPDEC e o Conselho Nacional de Proteção e Defesa Civil - CONPDEC; autoriza a criação de sistema de informações e monitoramento de desastres.

Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12608.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12608.htm). Acesso em 19 dez. 2020.

CORREA, E. C. **Construção de um modelo multicritério de apoio ao processo decisório**. 1996. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/112083/104397.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 13 dez. 2020.

DEFESA CIVIL-ES - Coordenadoria Estadual de Proteção e Defesa Civil – CEPDEC/ES (2021). *Home page* da CEPDEC/ES. Disponível em: <https://defesacivil.es.gov.br/>. Acesso em 01 fev. 2021.

ESPÍRITO SANTO (Estado). **Lei complementar nº 694/2013**. Reorganiza o Sistema Estadual de Proteção e Defesa Civil – SIEPDEC-ES e dá outras providências. Disponível em: <https://defesacivil.es.gov.br/Containers/Item/Display/297>. Acesso em 19 dez. 2020.

ESPÍRITO SANTO (Estado). **Decreto nº 3.681-R**, de 22 de outubro de 2014. Regulamenta o Fundo Estadual de Proteção e Defesa Civil – FUNPDEC/ES. Disponível em: <https://defesacivil.es.gov.br/Containers/Item/Display/297>. Acesso em 19 dez. 2020.

ESPÍRITO SANTO (Estado). **Decreto nº 3.140-R**, de 30 de outubro de 2012. Institui o Plano Estadual de Proteção e Defesa Civil - PEPDEC. Disponível em: <https://defesacivil.es.gov.br/Containers/Item/Display/297>. Acesso em 19 dez. 2020.

ESPÍRITO SANTO (Estado). **Decreto nº 3.430-R**, de 06 de novembro de 2013, que Regulamenta o Sistema Estadual de Proteção e Defesa Civil – SIEPDEC-ES. Disponível em: <https://defesacivil.es.gov.br/Containers/Item/Display/297>. Acesso em 19 dez. 2020.

GOMES, L. F. A. M.; GOMES, C. F. S. **Tomada de Decisão Gerencial: enfoque multicritério**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2014.

JOHN, L. et al. Modelling the inter-relationship between factors affecting coordination in a humanitarian supply chain: a case of Chennai flood relief. **Annals of Operations Research**. p. 1-32, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10479-018-2963-3>.

KEENEY, Ralph. L. **Value-focused thinking: a path to creative decision making**. London: Harvard University Press, 1992.

LAGUNA-SALVADÓ, L. et al. A multicriteria Master Planning DSS for a sustainable humanitarian supply chain. **Annals of Operations Research**. p. 1-41, 2018. DOI: 10.1007/s10479-018-2882-3.

LANDRY, M. A note on the concept of problem. **Organization Studies**, 16, p. 315-343, 1995.

LONGARAY, A. A.; BUCCO, G. B. Uso da análise de decisão multicritério em processos licitatórios públicos: um estudo de caso. **Revista Produção Online**, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 219-241, fev. 2014. Disponível em: <http://producaoonline.org.br/rpo/article/view/1586/>. Acesso em 13 dez. 2020.

LONGARAY, A. A.; ENSSLIN, L. Uso da MCDA na identificação e mensuração da performance dos critérios para a certificação dos hospitais de ensino no âmbito do SUS. **Produção**, v. 24, n.1, p.41-56, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65132013005000021>.

OKEOLA, O.G.; SULE, B.F. Evaluation of management alternatives for urban water supply system using Multicriteria Decision Analysis. **Journal of King Saud University - Engineering Sciences**, v. 24, n.1, p. 19-24, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jksues.2011.07.004>. Disponível em: [http://ac.els-cdn.com/S1018363911000614/1-s2.0-S1018363911000614-main.pdf?\\_tid=223299f8-fb35-11e6-94b6-00000aab0f02&acdnat=1488011810\\_9a461475fb72042ec1b002cdd2c2098f/](http://ac.els-cdn.com/S1018363911000614/1-s2.0-S1018363911000614-main.pdf?_tid=223299f8-fb35-11e6-94b6-00000aab0f02&acdnat=1488011810_9a461475fb72042ec1b002cdd2c2098f/). Acesso em 13 dez. 2020.

REGIS-HERNÁNDEZ, F.; MORA-VARGAS J.; RUÍZ, A. A multi-criteria vertical coordination framework for a reliable aid distribution. **Journal of Industrial Engineering and Management**. v. 10, n. 4, p. 789-815, 2017. DOI: 10.3926/jiem.2253.

ROCHA, S. **Modelo multicritério de apoio à decisão construtivista no processo de avaliação da aderência dos requisitos de um software**. 2014. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/129150/>. Acesso em 13 dez. 2020.

ROESCH, S. M. A. **Projetos de Estágio e de Pesquisa em Administração**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

ROSENHEAD, J. **Rational analysis for a problematic world: problems structuring methods for complexity, uncertainty, and conflict**. Chichester: John Wiley and Sons, 1989.

SALDAÑA, R. **Modelo de apoio ao processo decisório para gerir oportunidades de aperfeiçoamento ao centro de informática da Universidade Católica de Pelotas**. 1999. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/80631>. Acesso em 13 dez. 2020.

TIMPERIO, G. et al. Decision support framework for location selection and disaster relief network design. **Journal of Humanitarian Logistics and Supply Chain Management**. p. 01-10, 2017. DOI: 10.1108/JHLSCM-11-2016-0040.

**PROJETOS COMO MICRO-ORGANIZAÇÕES TEMPORÁRIAS:  
DELINEANDO A MICROESTRUTURA**  
*PROJECTS AS TEMPORARY MICRO-ORGANIZATIONS: OUTLINING THE  
MICROSTRUCTURE*

Ralf Luis de Moura<sup>1</sup>  
Teresa Cristina Janes Carneiro<sup>2</sup>

**RESUMO**

Projetos podem ser vistos como organizações, porém com características diferentes das organizações tradicionais. Projetos são concebidos como parte de uma organização-mãe e são transitórios, chamados, neste estudo, de micro-organizações temporárias. Teorias organizacionais apoiam-se em pressupostos de que as organizações são entidades permanentes, o que não se reflete em sua totalidade na realidade dos projetos. Tendo pressupostos diferentes, muitas vezes, o uso destas mesmas teorias, na análise dos fenômenos dos projetos, pode gerar resultados imprecisos, inconsistentes e até incorretos. Este estudo propõe um modelo com o objetivo de cobrir uma dessas lacunas científicas, oferecendo uma lente de análise para o delineamento da estrutura do projeto alinhada a suas características específicas. Como micro-organização temporária, o projeto possui uma microestrutura que se delinea a cada novo empreendimento. O delineamento da microestrutura do projeto é influenciado pela organização-mãe, por pressões do cliente, por fatores externos à organização-mãe e por características do projeto. A resiliência da organização-mãe modera as influências externas, a pressão dos clientes e as influências da organização-mãe, enquanto a maturidade da organização-mãe em gestão de projetos modera as influências externas e a pressão dos clientes e, finalmente, o grau de inovação do projeto modera as influências externas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Micro-organizações temporárias, Microestruturas, Projetos.

**ABSTRACT**

Projects can be seen as organizations, but with different characteristics of traditional organizations. Projects are designed as part of a parent organization and are transient, called in this study micro-temporary organizations. Organizational theories are based on assumptions that organizations are permanent entities, which is not reflected in their totality in the reality of the projects. Having different assumptions, often the use of these same theories in the analysis of the project phenomena can generate inaccurate, inconsistent and even incorrect results. This study proposes a model with the objective of covering one of

<sup>1</sup> FAESA Centro Universitário. Doutor em Administração (UFES). E-mail: ralf.luis@faesa.br.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. Doutora em Administração (UFRJ).  
E-mail: carneiro.teresa@gmail.com.

these scientific gaps offering an analysis lens for the design of the design structure aligned to its specific characteristics. As a temporary micro-organization, the project has a microstructure that is outlined for each new venture. The design of the project microstructure is influenced by the parent organization, by client pressures, by factors external to the parent organization and by the characteristics of the project. The resilience of the parent organization moderates external influences, customer pressure and influences of the parent organization, while the maturity of the parent organization in project management moderates external influences and client pressure, ultimately the degree of innovation of the parent organization design moderates external influences.

**KEYWORDS:** Micro-temporary organizations, Microstructures, Projects.

## INTRODUÇÃO

Organizações são entidades sociais que funcionam de forma contínua e reúnem um conjunto de recursos que buscam atingir metas específicas (ROBBINS 1990). Projetos podem ser vistos também como organizações, porém temporárias (CLELAND & KERZNER, 1985) — conceitos margeando projetos como organizações temporárias podem ser encontrados em praticamente todas as definições no meio científico e acadêmico, em padrões, metodologias ou melhores práticas de mercado —. Projetos são frutos de iniciativas ou de empreendimentos cuja origem deriva de alguma outra forma de organização, não importando se ela é de caráter público, privado ou misto.

Mesmo os projetos sendo considerados “organizações”, eles ainda não são tratados como tal pois, diferentemente das organizações tradicionais, não é possível encontrar no meio científico um número razoável de lentes teóricas específicas para o entendimento de seus fenômenos específicos.

Por que projetos precisam de lentes teóricas específicas? Porque projetos têm características específicas que os tornam diferentes das organizações tradicionais. Primeiro, pois projetos são alocados dentro da estrutura da organização e comportam-se como um departamento (MINTZBERG, 2015), porém possuem gestão independente, além de estrutura, recursos e processos próprios e, por esse motivo, podem ser vistos e analisados como micro-organizações. Micro-organização não tem relação com o tamanho, pelo contrário existem projetos que envolvem milhares de pessoas, equipamentos e que duram vários anos para serem concluídos. Micro-organização deriva do fato de os projetos estarem umbilicalmente atrelados a uma organização-mãe, ou seja, são parte dependente da organização-mãe (ANAGNOSTOPOULOS, 2004).

Segundo, porque projetos são temporários. Packendorff (1995) e Ludin & Söderholm (1995) foram praticamente pioneiros no estudo de projetos como organizações temporárias. Em seus estudos, a temporalidade é uma característica que difere projetos das organizações tradicionais. As organizações tradicionais são estudadas como se fossem “eternas” com atividades e operações rotineiras que não se encaixam na realidade dos projetos. Apesar de terem dado fundamentação teórica para a análise de projetos como organizações temporárias, seus estudos não avançaram em criar teorias e/ou modelos que suportem as especificidades dos projetos, por exemplo a forma como eles são estruturados, como ocorre o aprendizado em um contexto temporário ou como as suas estratégias são criadas.

As características diferenciadas dos projetos colocam-nos em um nível analítico diferente das organizações tradicionais, o que, muitas vezes, inviabiliza a análise de seus fenômenos pelas lentes das teorias organizacionais tradicionais fundamentadas em pressupostos de “perenidade”.

Por serem micro-organizações temporárias, os projetos são formados a partir de estruturas, isto é, estruturas internas que fazem parte da superestrutura da organização, nomeadas, neste estudo, como microestruturas. Projetos podem ser estruturados (ou delineados) de forma a refletir os fatores internos das organizações dos quais fazem parte, pressões do cliente do projeto, características próprias do projeto e também sofrem influências externas à organização-mãe, levando ao seguinte questionamento: *Como são delineadas as microestruturas dos projetos?*

Este estudo, tem por objetivo propor um modelo para analisar como as microestruturas dos projetos são delineadas e quais fatores influenciam esse delineamento. Para tal, será realizada uma metatriangulação teórica a partir de teorias organizacionais, epistemologicamente positivistas e paradigmaticamente funcionalistas, resultando nas hipóteses de estudo. As teorias utilizadas neste estudo são: Teoria das Configurações, Teoria do Isomorfismo Institucional e a Teoria das Organizações como Sistemas Abertos. Como contribuição para o meio científico, este trabalho oferece uma base teórica para análise do delineamento das estruturas de projetos, cobrindo uma importante lacuna científica. Como contribuição prática, o modelo proposto pode ser utilizado pelas organizações como referência ao se delinearem as estruturas de seus projetos.

### **Micro-organizações**



Uma organização é, segundo Robins (1990, p.4), “entidade social conscientemente coordenada com uma fronteira identificável, que funciona em uma base relativamente contínua para alcançar uma meta comum ou um conjunto de metas.” Já projetos, segundo Cleland & Kerzner (1985), são uma combinação de recursos humanos e não humanos juntos em uma organização temporária para alcançar determinado objetivo.

Turner e Müller (2003) defendem que projetos são organizações temporárias que podem ser vistos como agências às quais são atribuídos recursos para a gestão da mudança na organização. São estabelecidos como parte da organização-mãe, com funções e objetivos específicos, porém comportando-se também como uma organização. Segundo o *Project Management Institute* [PMI] (2013), podem ser empreendidos tanto para promover inovações e mudanças organizacionais, quanto para criar novos produtos e serviços para os clientes, entretanto sempre como parte de uma organização-mãe.

Sendo parte de uma organização-mãe, projetos podem ser vistos como um *subset* da organização ou uma organização dentro de uma organização maior (ANAGNOSTOPOULOS, 2004), de onde surge o termo “micro”, significando partedependente de um todo maior (organização-mãe). “Dependente”, nesse contexto, significa que o projeto está ligado à estrutura organizacional, dependendo financeiramente dela e herdando características organizacionais, como liderança, motivação, processo de decisão, etc., adaptadas às suas particularidades (ANAGNOSTOPOULOS, 2004).

Projetos são organizações *ad-hoc*, criadas para uma finalidade específica (MINTZBERG, 1995), funcionando como um departamento. Organizações *ad-hoc* estão relacionadas ao conceito de *adhocracia*, palavra pluralizada por Alvin Toffler (TOFFLER, 1973). A *adhocracia*, segundo Mintezberg (MINTZBERG, 2015) é uma das cinco configurações organizacionais possíveis e a que demonstra menos reverência aos princípios clássicos da Administração. Ela pode ser vista como um modelo de administração que prioriza a inovação e a criatividade, e menos questões relacionadas à hierarquia (BONIN & BAADE, 2017). A *adhocracia* enfatiza também o caráter temporário, adaptável com mutações rápidas (BONIN & BAADE, 2017), que podem ser observadas no contexto dos projetos.

Os projetos utilizam recursos limitados e são conduzidos por pessoas, visando a atingir metas e objetivos pré-definidos estabelecidos. Esses objetivos não necessariamente são os objetivos finais da organização-mãe, mas quase sempre são alinhados a estes. Para

atingir seus objetivos, os projetos precisam se estruturar como uma organização (CLELAND & KERZNER, 1985).

Projetos combinam recursos com o objetivo de controlar todos os fatores que os envolvem, tais quais aquisições, relacionamento com as partes envolvidas, escopo do projeto, custos, prazos, comunicação, riscos, qualidade, entre outros (PMI, 2013).

Packendorff (1995) afirma que projetos possuem critérios de avaliação de desempenho definidos e são complexos em termos de funções e papéis, o que exige uma organização eficiente. Esses aspectos são encontrados também nas organizações tradicionais, cujas ações também passam por controles semelhantes (MOURA & DINIZ, 2016). Dessa forma, conceituam-se *micro-organizações como organizações formadas a partir de uma organização-mãe, atuando de forma dependente para fins específicos*.

## **Temporalidade**

O conceito de projetos como organizações temporárias não é recente: as primeiras discussões sobre esse tema despontaram em meados dos anos 1990. As discussões davam-se em torno da natureza temporária da organização dos projetos e das implicações disto (LUNDIN; SÖDERHOLM, 1995; MIDLER, 1995). Ludin e Söderholm (1995) defendem que projetos são organizações temporárias e que as organizações temporárias são desacopladas de atividades organizacionais passadas e futuras, pois somente existem dentro do seu tempo de vida. A temporalidade e o desacoplamento dificultam o estado de equilíbrio das microestruturas, que, por não terem tempo para evoluírem e estabelecerem-se e por não estarem acopladas das atividades organizacionais, não prevalecem em sua totalidade ou não se perpetuam em projetos subsequentes.

Teóricos defendem que a teoria organizacional é baseada na suposição de que as organizações são (ou deveriam ser) entidades permanentes e que teorias sobre configurações organizacionais temporárias (projetos) eram muito menos prevalentes, salientando a importância de se desenvolverem teorias para organizações temporárias, levando em consideração a diferença entre o papel do tempo em uma organização temporária e do seu papel nas organizações tradicionais (ou permanentes) (TURNER; ANBARI; BREDILLET, 2013). De fato, as teorias organizacionais do paradigma funcionalista, foco deste estudo, estão postadas na sociedade da regulação, as quais se preocupam em explicar o *status quo*, buscando, de forma objetiva, uma explicação prática para os problemas da realidade (BURREL & MORGAN, 1979) e tendo, portanto, a intenção

de manutenção do equilíbrio, o que não é possível em estruturas que são criadas, destruídas e remontadas constantemente.

Katz e Kahn (1975, p.32) afirmam que “Todos os sistemas sociais, inclusive as organizações, consistem em atividades padronizadas (...) repetidas, duradouras e ligadas no espaço e no tempo.” As definições de projeto sempre envolvem os conceitos “efêmero”, “transitório” e “temporário”. O PMI (2013) conceitua projetos como um empreendimento único, com início e fim definidos. A *Association for Project Management [APM]* (2015) define projetos como sendo um esforço único, transitório, comprometido em alcançar os objetivos planejados. Cleland e Kerzner (1985) afirmam que projetos são organizações temporárias, sendo os projetos micro--organizações com um ciclo de vida determinado, ou seja, serão extintas em um ponto futuro. Dessa forma, compõe-se a definição de projetos como sendo *micro-organizações temporárias formadas a partir de uma organização-mãe, atuando de forma dependente para fins específicos.*

### **A superestrutura**

Mintzberg, (2015, p.10) afirma que “toda atividade humana organizada (...) dá origem a duas exigências fundamentais e opostas: a divisão do trabalho (...) e a coordenação destas tarefas para obter os resultados” e a configuração para atender essas exigências é chamada de estrutura organizacional. Biasca (1995) define a estrutura organizacional como a maneira pela qual as atividades desenvolvidas em uma organização são divididas, organizadas e coordenadas. Nesse contexto, incluem-se os aspectos físicos, humanos, financeiros, administrativos, entre outros. Na visão de Chandler (1962, p.14), “estrutura” pode ser definida como o desenho da organização, incluindo unidade, linhas de autoridade e comunicação.

À estrutura mais ampla da organização dá-se o nome de superestrutura organizacional, delineada em função das metas a serem alcançadas, missões a serem cumpridas, bem como sistema técnico destinado a executá-los (MINTZBERG, 1995, p.53). Dessa forma, determinam-se quais posições devem ser agrupadas e quais unidades deverão surgir, as dimensões de cada unidade e os mecanismos de coordenação de cada uma delas.

As organizações, das quais os projetos fazem parte, são estruturadas em função de seus objetivos, assim como os projetos também o são. Diferentemente da organização-mãe, a cada novo projeto uma nova configuração é definida. São delineados aspectos físicos, de

coordenação, hierarquia, funções e responsabilidades de cada membro da equipe. A essa configuração temporária este estudo nomeou de microestrutura.

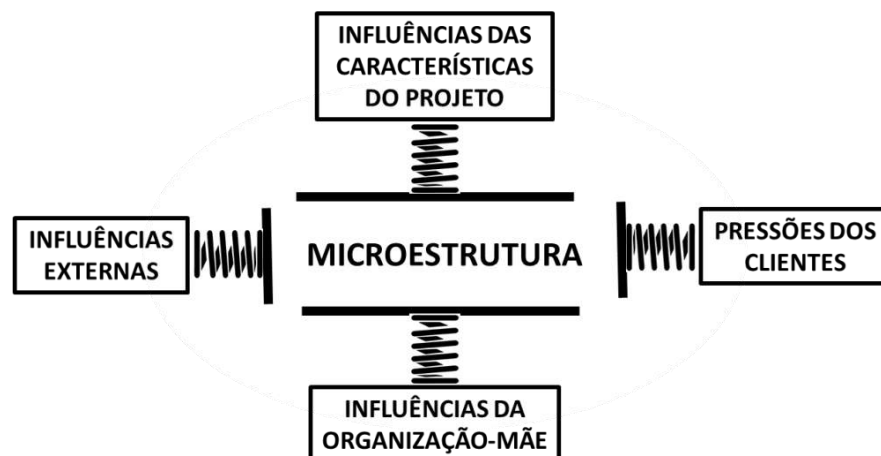
### Delineando a microestrutura

Projetos são micro-organizações, portanto possuem também estruturas que são parte de uma organização-mãe. Nesse sentido, seguindo a mesma linha de raciocínio da relação entre organização e micro-organização, as superestruturas das organizações equivalem às microestruturas em projetos. As microestruturas em projetos são temporárias e seu delineamento acontece na concepção de cada projeto, sendo “desmontada” quando o projeto é finalizado.

As microestruturas levam em consideração os aspectos técnicos e os objetivos dos projetos, porém sofrem outras influências e incorporam características vindas de outras fontes. A incorporação que se origina das características do projeto passa pelas influências da organização-mãe, pela pressão de seus clientes e de influências que vão além dos limites da organização, nomeadas aqui de características externas à organização-mãe.

A Figura 1 ilustra as influências que moldam ou delineiam a microestrutura dos projetos que serão discutidas posteriormente.

Figura 1: Influências na microestrutura



Fonte: Elaboração própria (2020).

## **Influências das Características do Projeto**

Projetos são estruturados levando em consideração seus objetivos e os aspectos técnicos envolvidos (PMI, 2013) que podem levar a estrutura do projeto a uma determinada configuração. Projetos de *software*, por exemplo, têm determinados objetivos e aspectos técnicos que proporcionam o uso metodologias ágeis de gestão, cujos princípios levam a equipes pequenas, entregas parciais e mais frequentes e ênfase na comunicação (BECK et al., 2001). Esses aspectos levam a configurações simplificadas com poucos papéis e uma estrutura hierárquica mais horizontal.

Determinados projetos de construção civil possuem objetivos e aspectos técnicos diferentes e, por isso, características singulares, por exemplo envolvem diferentes especialidades e suas estruturas são tradicionalmente mais complexas (WINCH, 1998). Dessa forma, dependendo do objetivo do projeto e dos aspectos técnicos que os envolvem, a microestrutura será afetada, os aspectos de coordenação serão diferenciados e a divisão de tarefas envolverá mais ou menos especialidades.

Essas constatações mostram que os objetivos e os aspectos técnicos dos projetos, que fazem parte características dos projetos, têm influência na forma como suas microestruturas são delineadas, formando as duas primeiras hipóteses deste estudo:

*H<sub>1</sub>: Os aspectos técnicos dos projetos influenciam o delineamento da microestrutura.*

*H<sub>2</sub>: Os objetivos dos projetos influenciam o delineamento da microestrutura.*

## **Influências da organização-mãe**

O PMI (2013) aborda, em vários de seus processos, os fatores ambientais das empresas e os ativos de processos organizacionais. Esses elementos nada mais são que características estruturais de processos e culturais advindas das organizações que influenciam os projetos. Outras metodologias, padrões e melhores práticas também afirmam que processos, políticas, cultura e outros fatores organizacionais devem ser levados em consideração no ciclo de vida do projeto (APM, 2015). Uma aquisição, por exemplo, em um projeto, comumente segue os processos de aquisição da empresa, o que denota uma transposição de processos da organização para as micro-organizações.

*H3. As políticas e processos da organização-mãe influenciam o delineamento da microestrutura.*

Dentre os fatores ambientais e ativos, podem-se enumerar: cultura e estrutura organizacional, infraestrutura física, fornecedores, planos, políticas, diretrizes, procedimentos organizacionais, procedimentos de qualidade, auditoria, instruções de trabalho, controles financeiros, tratamentos de riscos, entre outros (PMI, 2013). Todos esses elementos podem ser herdados pela micro-organização no momento de sua concepção.

“A cultura é um elemento que serve ainda à realização de tarefas inerentes a adaptação externa, [...] tecnologia e tudo o que se refere ao meio ambiente estratégico relevante, além de permitir a integração, articulação e coordenação [...]” (FLEURY et al, 1996, p.37). Segundo Hall (2004), a cultura interna da organização é o contexto no qual as estruturas organizacionais são formadas, fazendo parte do conjunto de fatores que determinam os acertos estruturais futuros, afetando as preferências e privilegiando, por exemplo, a centralização ou descentralização.

*H4. A cultura da organização-mãe influencia o delineamento da microestrutura.*

No contexto das micro-organizações, os aspectos culturais da organização-mãe também são transpostos, por exemplo, de forma mais ampla através dos valores, das atitudes e dos comportamentos dos membros da equipe e, em formas mais específicas, como a maneira de encarar riscos, os mecanismos de coordenação e como estabelecer sistemas de controle para garantir a resposta adequada dos empregados (PRESTES & CALDAS, 1997). Da mesma forma, aspectos da estrutura organizacional como a maneira pela qual as atividades desenvolvidas na organização são divididas, organizadas e coordenadas (BIASCA, 1995).

Os aspectos passam pela forma como a equipe de projeto é agrupada, como se formam a hierarquia e os mecanismos de coordenação ou gestão e como acontece a divisão do trabalho (MINTZBERG, 2015). As superestruturas organizacionais, segundo o PMI (2013, p.20), podem afetar a forma como os projetos são conduzidos e a autoridade e o papel do gerente de projetos (mecanismo de coordenação), a disponibilidade de recursos (divisão do trabalho) e a estrutura administrativa do projeto (hierarquia).

Isso denota que os aspectos da microestrutura nas micro-organizações também refletem aspectos de superestrutura da organização-mãe, desdobrando na seguinte hipótese:

*H<sub>5</sub>. A superestrutura da organização-mãe influencia o delineamento da microestrutura.*

### **Influências externas à organização-mãe**

Associações de profissionais têm considerável influência na conduta e nas decisões dos profissionais envolvidas no projeto. Certificações, MBAs (*Master Business administration*) e treinamentos podem criar uma “doutrinação” (MINTZBERG, 2015) que, de certa forma, limitam o raio de ação (ou alternativas a serem avaliadas) dos profissionais envolvidos no projeto em torno de seus métodos. O raio de ação limitado propicia processos isomórficos no delineamento da microestrutura. DiMaggio e Powell (2005) chamaram esse fenômeno de isomorfismo institucional, sendo que, no nível analítico deste estudo, considera-se a micro-organização a unidade de estudo que sofre esse processo. Os processos isomórficos produzidos pelas associações de profissionais são chamados de processos normativos e são derivados da profissionalização.

*H<sub>6</sub>. A profissionalização dos profissionais envolvidos no projeto em métodos e técnicas de gestão de projetos influencia no delineamento da microestrutura.*

Quanto mais profissionalizados os profissionais envolvidos nos projetos em métodos de gestão de projetos, oriundos de metodologias e padrões de gestão de projetos, maior será a influência destas no delineamento das microestruturas.

Mintzberg (2015, p.150) defende que “a moda favorece a estrutura do momento (e a cultura), algumas vezes mesmo quando inapropriada”. De fato, a moda acaba por influenciar a forma como as estruturas são delineadas nas organizações e projetos também sofrem essa influência.

DiMaggio e Powell (2005) defendem que a incerteza encoraja a imitação, ou seja, quando, por exemplo, as tecnologias não são suficientemente compreendidas, as metas são ambíguas, ou o ambiente é incerto, ou as organizações podem assumir uma postura de imitação em relação às organizações-líderes. Micro-organizações são influenciadas por modismos estabelecidos a partir das chamadas melhores práticas de mercado (ou advindas

de organizações-líderes), que se apoiam em conhecimentos desenvolvidos em outras organizações. Estes são, de certa forma, incorporados, mesmo que não haja comprovação empírica de sua utilidade, nem sempre levando a melhores resultados.

Tecnologias desenvolvidas por outras empresas podem fazer parte do “estoque de conhecimento” (PENROSE, 2006, p.136). Novas tecnologias, novas formas de gestão, novas estruturas podem ser incorporadas pelas organizações como forma de reduzir os riscos inerentes aos seus processos de produção.

*H<sub>7</sub>. As práticas de mercado em gestão de projetos influenciam no delineamento da microestrutura.*

### **Pressões dos clientes**

Projetos são também criados para atender a demandas dos clientes (PMI, 2013). No contexto das micro-organizações, os clientes podem ser internos (organização-mãe) ou externos (clientes da organização-mãe). Independentemente do tipo de cliente, este poderá ter influência na forma como as microestruturas dos projetos são delineadas. Exigências de ordem técnica, como a metodologia a ser aplicada em função de entregas que podem definir diferentes tipos de ciclos de vida (com entregas parciais por exemplo), são capazes de forçar o projeto a adaptar a sua microestrutura. Os gostos e as atitudes dos clientes podem tornar-se parte da empresa (PENROSE, 2006) e, portanto, influenciar as suas configurações.

*H<sub>8</sub>. Pressões advindas dos clientes do projeto influenciam no delineamento da microestrutura do projeto.*

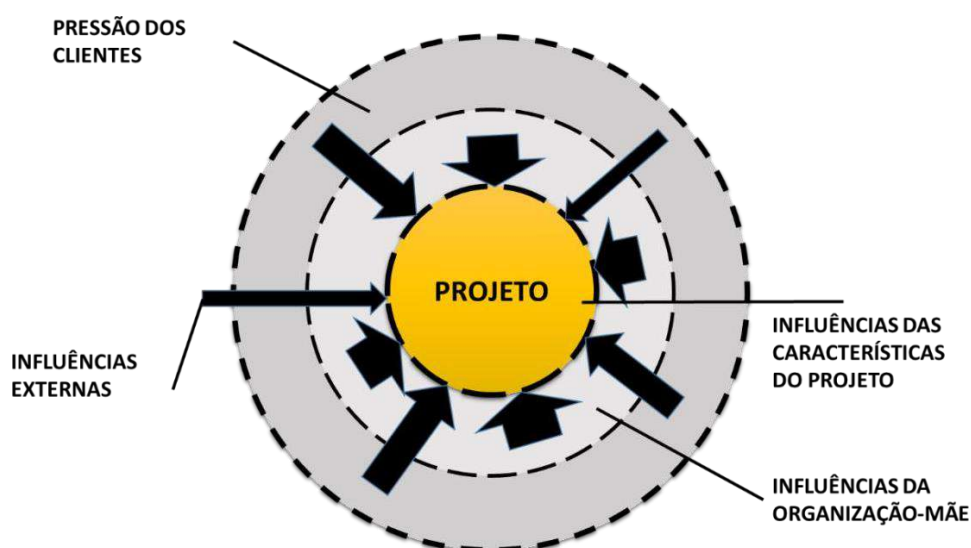
### **Permeabilidade: projetos são sistemas abertos**

Na teoria dos sistemas, as organizações são vistas como permeáveis: sofrem influências e influenciam o ambiente (KATZ; KAHN, 1975). Ambiente organizacional é uma construção abstrata que pode ser vista de forma diferente de acordo com a perspectiva. Seus componentes podem ser classificados também de forma diferente, dependendo da lente teórica. Auster e Choo (1994) dividem o ambiente organizacional nos segmentos: clientes, concorrência, tecnológico, regulatório, econômico e sociocultural. Katz e Kahn (1975), defendem que o ambiente é composto por valores sociais, aspectos políticos, econômicos, informacionais e tecnológicos e físicos.



Projetos, como micro-organizações, são permeáveis e sofrem influências. As influências podem ser de maior ou menor grau, dependendo de como os fatores externos apresentam-se. As influências imediatas são originadas pelas características dos projetos e pela organização-mãe em sua relação direta e umbilical. Sendo o projeto uma parte de uma organização-mãe, é natural que características da mãe sejam transpostas ao projeto. Além disso, projetos tendem a ser influenciados por aspectos do ambiente externos à organização-mãe, ou seja, além das fronteiras da organização que lhe permitem incorporar ou absorver características oriundas dessas fontes. O grau que cada uma dessas características é incorporada, depende de sua permeabilidade. Portanto, permeabilidade pode ser entendida como a capacidade do projeto em absorver elementos de fontes externas e incorporar em sua microestrutura.

Figura 2: Permeabilidade dos Projetos



Fonte: Elaboração própria (2020).

Conforme ilustra a Figura 2, projetos delineiam sua microestrutura mediante influências múltiplas e, quanto mais afastado do núcleo do projeto, menores são as chances de absorção por elas serem reduzidas ou amplificadas por mais fatores. A permeabilidade do projeto, por exemplo, depende do nível de resiliência da organização-mãe. Organizações com alta resiliência tendem a aumentar sua resistência à inovação e a mudanças e isso se reflete na capacidade dos projetos em incorporar características externas (KATZ; KAHN, 1975) ou advindas da pressão dos clientes. Algumas organizações têm mais facilidade de se modificarem e de absorverem inovações e, conseqüentemente, isso se reflete em seus projetos.

*H<sub>9</sub>: Uma maior resiliência da organização-mãe reduz as influências externas no delineamento da microestrutura.*

*H<sub>10</sub>: Uma maior resiliência da organização-mãe reduz as pressões dos clientes no delineamento da microestrutura.*

*H<sub>11</sub>: Uma maior resiliência da organização-mãe amplifica as influências da organização-mãe no delineamento da microestrutura.*

Os aspectos relacionados a projetos e a maturidade normalmente englobam técnicas e práticas de processos de gerenciamento de projetos consolidados nas organizações (COOKE-DAVIES, ARZYMANOWC, 2003). Kwak e Ibbs (2002) defendem que a maturidade em gerenciamento de projetos representa um nível bem definido de sofisticação dos processos e das práticas da organização e que podem ter feito sobre o seu desempenho (MOURA, CARNEIRO & OLIVEIRA, 2020).

A maturidade está relacionada à sofisticação das práticas, dos processos e das microestruturas em projetos utilizados em projetos anteriores, o que tende a reforçar a incorporação dessas microestruturas em microestruturas de novos projetos. A incorporação de microestruturas internas reduz a influência de efeitos externos e de pressão advindas dos clientes, por se tratarem de casos de sucesso que reduzem o sentimento de incerteza dos envolvidos no projeto. Nesse sentido, os envolvidos no projeto relutam em utilizar novas configurações.

*H<sub>12</sub>. Uma maior maturidade em Gestão de projetos reduz a pressão dos clientes no delineamento da microestrutura.*

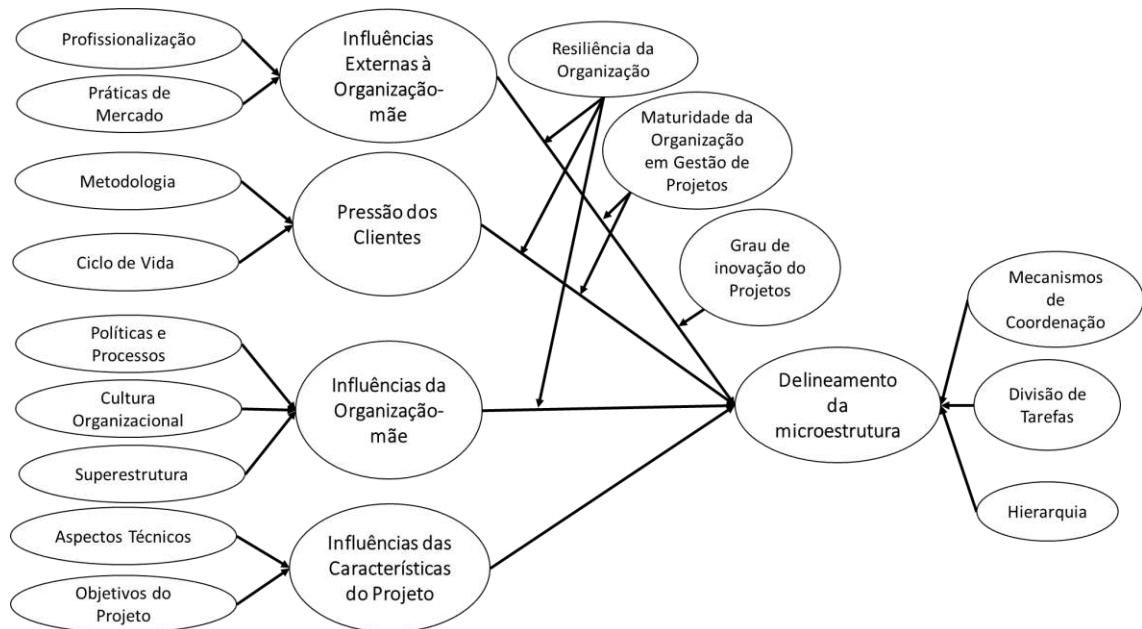
*H<sub>13</sub>. Uma maior maturidade em Gestão de projetos reduz as influências externas no delineamento da microestrutura.*

A permeabilidade relaciona-se ainda com o grau de inovação imposto ao projeto. Quanto maior a incerteza na condução do projeto, maior será a abertura da organização em absorver práticas advindas de fora. A incerteza encoraja a imitação (DiMaggio e Powell, 2005), levando a equipe de projeto a buscar informações e a se espelhar em projetos semelhantes conduzidos em outras organizações, o que aumenta, portanto, a permeabilidade.

*H<sub>14</sub>: Um maior grau de inovação imposto ao projeto amplifica as influências externas no delineamento da microestrutura.*

A Figura 3, ilustra o modelo hipotético final baseado nas hipóteses geradas a partir das várias conclusões teóricas.

Figura 3: Modelo teórico hipotético proposto



Fonte: Elaboração própria (2020).

## CONCLUSÃO

Este estudo propôs um modelo hipotético com o objetivo de oferecer uma lente teórica para a análise do delineamento das estruturas de projetos, vistas como micro-organizações temporárias. Micro-organizações temporárias possuem microestruturas temporárias que a cada concepção de projeto são configuradas ou delineadas, em função de influências internas ao projeto e à organização-mãe e externas à organização mãe. Os fatores internos incluem as características dos projetos, que são os objetivos do projeto e os aspectos técnicos. As influências da organização-mãe incluem a superestrutura à sua superestrutura, à sua cultura e a seus processos e suas políticas organizacionais. Os fatores externos contribuem para o delineamento das microestruturas através da profissionalização dos envolvidos nos projetos e por práticas de mercado. Pressões dos seus clientes também são levadas em consideração no delineamento da microestrutura através de fatores como metodologias e modelos ciclos de vidas impostos.

A capacidade do projeto em incorporar fatores externos da organização-mãe e de pressões dos clientes depende da permeabilidade da micro-organização, o que está

diretamente relacionado a aspectos de resiliência da organização-mãe, da maturidade da organização-mãe em gestão de projetos e do grau de inovação do projeto.

O modelo cobre uma lacuna científica ao oferecer uma lente de análise que atende as características específicas dos projetos em relação ao delineamento de sua microestrutura. Por serem estruturados como um *subset* de uma organização-mãe e por serem temporários, projetos não deveriam ser analisados apenas por meio das teorias organizacionais clássicas, pois elas não são capazes de cobrir todos os seus aspectos.

Trabalhos futuros poderão ser desenvolvidos com o objetivo de testar empiricamente o modelo aqui proposto e comprovar ou refutar seus pressupostos.

## REFERÊNCIAS

ANAGNOSTOPOULOS, K. P. *raison d'être*. **Project management: Epistemological issues and standardization of knowledge**. Operational Research, a temporary organization, v. 4, n. 3, p. 249-260, 2004.

AUSTER, E., CHOO, C. W. CEOs. **Information, and decision-making**: scanning the environment for strategic advantage. Library Trends, v. 43, n. 2, p. 206-225, 1994.

BECK, K., BEEDLE, M., VAN BENNEKUM, A., COCKBURN, A., CUNNINGHAM, W., FOWLER, M., KERN, J. **Manifesto for agile software development**, 2001.

BIASCA, Rodolfo E. **Resizing**. Ed. Campus, tradução de Talita Macedo Rodrigues da edição de 1992 de edição publicada pela Ediciones Macchi, 1995.

BONIN, Joel Cezar; BAADE, Joel Haroldo. ADHOCRACIA: UM MODELO POSSÍVEL DE ADMINISTRAÇÃO. **Revista Visão: Gestão Organizacional**, p. 40-50, 2017.

BURRELL, G.; MORGAN G. **Sociological Paradigms and Organizational Analysis**. London: Heinemann Educational Books, 1979.

CHANDLER JR, Alfred D. **Strategy and Structure: chapters in the history of the industrial enterprise**. Massachusetts: MIT press, 1962.

CLELAND, D.; KERZNER, H. **A project management dictionary of terms**. Van Nostrand Reinhold, New York, 1985.

COOKE-DAVIES, Terence J.; ARZYMANOW, Andrew. The maturity of project management in different industries: An investigation into variations between project management models. **International Journal of Project Management**, v. 21, n. 6, p. 471-478, 2003.

DIMAGGIO, Paul J.; POWELL, Walter W. **A Gaiola de Ferro revisitada: Isomorfismo Institucional e Racionalidade Coletiva dos Campos Organizacionais**. RAE-Clássicos, v. 45, n. 2, 2005.

DINSMORE, Paul C. **Transformando Estratégias Empresariais através da Gerência por Projetos**. Tradução Bázan Tecnologia e Linguística. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999.

FLEURY, Maria Tereza Leme, et al. **Cultura e Poder nas Organizações**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

HALL, Richard H. **Organizações, processos e resultados**. 8ed. Prentice Hall, 2004.

KATZ, D.; KAHN, R. L. **Psicologia social das organizações**. São Paulo: Atlas, 1975.

KWAK, Young Hoon; IBBS, C. William. **Project Management Process Maturity - PM2 Model**. Journal Management in Engineering, v. 3, p. 150-155, 2002.

LUNDIN, Rolf a.; SÖDERHOLM, Anders. A theory of the temporary organization. **Scandinavian Journal of Management**, v. 11, n. 4, p. 437-455, 1995.

MINTZBERG, Henry. **Criando organizações eficazes**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

MOURA, Ralf Luis de; DINIZ, Bruna Demoner. Analisando projetos através das práticas: Um ensaio teórico. **Revista de Gestão e Projetos**, v. 7, n. 2, p. 34-41, 2016.

MOURA, Ralf Luis de; CARNEIRO, Teresa Cristina Janes; OLIVEIRA, Marcos Paulo Valadares de. Unveiling the core competencies of the successful project manager through the application of multiobjective genetic algorithm. **Revista Gestão & Tecnologia**, v. 20, n. 3, 2020.

MOTTA, Fernando C. Prestes; CALDAS, Miguel P. Introdução: cultura organizacional e cultura brasileira. **Cultura organizacional e cultura brasileira**. São Paulo: Atlas, p. 15, 1997.

PACKENDORFF, Johann. Inquiring into the temporary organization: new directions for project management research. **Scandinavian journal of management**, v. 11, n. 4, p. 319- 333, 1995.

PENROSE, Edith Tilton. **A teoria do crescimento da firma**. Editora Unicamp, 2006.

ROBBINS, Stephen P. **Organization Theory: Structures, designs, and applications**, 3ed. Pearson Education India, 1990.

TOFFLER, Alvin. **O Choque do Futuro**. Tradução de Marco Aurélio de Moura Matos. 2ed. Rio de Janeiro: Artenova S/A, 1973.

TURNER, J. Rodney; ANBARI, Frank; BREDILLET, Christophe. Perspectives on research in project management: the nine schools. **Global Business Perspectives**, v. 1, n. 1, p. 3-28, 2013.

TURNER, J. Rodney; MÜLLER, Ralf. On the nature of the project as a temporary organization. **International journal of project management**, v. 21, n. 1, p. 1-8, 2003.

WINCH, Graham. Zephyrs of creative destruction: understanding the management of innovation in construction. **Building research & information**, v. 26, n. 5, p. 268-279, 1998.

## **RODA DE LEITURA NA ESCOLA: UM PROJETO DE FORMAÇÃO DE LEITORES**

### *SCHOOL READING WHEEL: A READER TRAINING PROJECT*

Eusdete de Jesus Trabach Gobetti<sup>1</sup>  
Juliana Scarpat Cavalcante<sup>2</sup>  
Sylvia Helena Lessa Dias<sup>3</sup>  
Thaynan Gonçalves Alcântara de Oliveira<sup>4</sup>

#### **RESUMO**

Este artigo refere-se a uma ação do projeto Roda de Leitura, desenvolvido na FAESA – Centro Universitário, realizado entre 2013 e 2017. Trata-se de aplicação do projeto por graduandas do curso de Pedagogia em uma escola da Rede Municipal de Vitória, no período de março a novembro de 2017, com o objetivo de vivenciar rodas de leitura com alunos do Ensino Fundamental, implementando dinâmicas e estratégias que propiciassem o desenvolvimento da competência leitora e o prazer de ler. Foi verificado que os alunos modificaram o comportamento leitor e apresentaram melhor desempenho em suas leituras e produções escritas. Esses aspectos puderam ser evidenciados por meio de depoimentos das professoras, observações e análises das atividades e dos registros realizados a cada roda de leitura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação do leitor, Literatura, Estratégias de leitura.

#### **ABSTRACT**

This article refers to an action of the Roda de Leitura project, developed at FAESA - Centro Universitário, carried out between 2013 and 2017. This is an application of the project by undergraduate students of the Pedagogy course at a school in the Municipal Network of Vitória, in the period from March to November 2017, with the objective of experiencing reading circles with elementary school students, implementing dynamics and strategies that promote the development of reading competence and the pleasure of reading. It was verified that the students modified the reading behavior and presented better performance in their readings and written productions. These aspects could be evidenced through the teachers' testimonies, observations and analysis of the activities and records made at each reading wheel.

**KEYWORDS:** Reader training, Literature, Reading strategies.

---

<sup>1</sup> FAESA Centro Universitário. Mestre em Educação e Linguagem (UFES). E-mail: eusdete01@gmail.com.

<sup>2</sup> FAESA Centro Universitário. Graduada em Pedagogia (FAESA). E-mail: j.scarpat@gmail.com.

<sup>3</sup> FAESA Centro Universitário. Graduada em Pedagogia (FAESA). E-mail: chefesylvia@hotmail.com.

<sup>4</sup> FAESA Centro Universitário. Graduada em Pedagogia (FAESA). E-mail: thaynan\_galcantara@hotmail.com.

## INTRODUÇÃO

Esse artigo propõe-se a refletir sobre a formação de leitores no que se refere a não só à leitura como lazer, mas também à leitura nas escolas, como instrumento para desenvolver a compreensão leitora.

Sabe-se que muitas crianças e adolescentes não têm contato sistemático com leitura de qualidade. A escola, então, torna-se um importante veículo de interação dos alunos com textos, cabendo a ela oferecer práticas de leituras eficientes para formar leitores e produtores de textos competentes. A leitura é condição essencial para o aprimoramento da oralidade e da escrita, pois quem lê interioriza os princípios linguísticos básicos e aprende a reorganizar o pensamento. Se, por um lado, a leitura tem o objetivo de formar leitores competentes, por outro, constitui a matéria-prima para o ato de escrever.

Com o intuito de estimular o gosto pela leitura e a compreensão leitora dos graduandos e, conseqüentemente, disseminar esse conhecimento e gosto na formação de leitores, foi idealizado o projeto Roda de Leitura, que se desenvolveu na FAESA – Centro Universitário, no período de 2013 a 2017. O projeto teve por objetivo incentivar a leitura entre os alunos de graduação; promover o exercício da leitura literária, possibilitando a livre troca de experiências entre os participantes; melhorar a capacidade de leitura dos alunos, ampliando as suas possibilidades de compreensão leitora, a expressão oral e escrita, a criticidade e a criatividade, respeitando os recursos linguísticos necessários à expressão de suas ideias.

Esse projeto foi de grande importância para a formação dos graduandos de Pedagogia, porque, cada vez mais, as instituições superiores recebem alunos que apresentam grandes dificuldades em leitura e escrita, por exemplo muitos não conseguem expressar-se com clareza nos textos tanto narrativos quanto argumentativos, escrevendo sem coesão e coerência, com ambigüidade, sem recursos típicos dos gêneros, sem informatividade, com deficiência em concordância verbal e nominal, pontuação, ortografia. Também têm grande dificuldade para compreender os textos acadêmicos indicados para leitura nas diversas disciplinas e questões propostas pelos professores em testes e exercícios. Apesar do empenho da faculdade em ofertar a disciplina Língua Portuguesa em dois períodos, a carga horária não é suficiente para sanar dificuldades adquiridas no decorrer da vida escolar dos alunos.

Por isso, foi planejada uma estratégia para melhorar, mesmo a longo prazo, a capacidade de leitura dos alunos, ampliando suas possibilidades de compreensão e expressão oral e escrita. A intenção foi desenvolver leitores críticos, reflexivos, e conscientizá-los sobre a importância da leitura e da escrita na sua vida pessoal e profissional. Como muitos graduandos que frequentaram a Roda de Leitura eram do curso de Pedagogia, pensou-se que a leitura literária contribuiria não somente para formar profissionais de cultura abrangente, diversificada e crítica, mas também profissionais tecnicamente capazes em suas áreas de atuação, tendo em vista que serão essencialmente professores de linguagem que terão como principal função formar leitores, desenvolver o hábito e o gosto pela leitura.

Nesse sentido, era importantíssimo que soubessem mostrar aos alunos os recursos expressivos da linguagem literária, porque o cidadão que tem esse conhecimento estará mais propenso a apreciar a arte literária. Por esse motivo, foi planejada uma ação que pudesse desenvolver o gosto pela leitura e a compreensão leitora entre os alunos de uma escola de Ensino Fundamental da Rede Municipal de Vitória. Assim, três alunas do curso de Pedagogia da FAESA – Centro Universitário revezaram-se, implementando semanalmente rodas de leitura para alunos do 1º ao 7º ano nos turnos matutino e vespertino, no período entre março e novembro de 2017, contemplando 11 turmas.

O principal objetivo foi vivenciar rodas de leitura com alunos, implementando dinâmicas e estratégias que propiciassem o desenvolvimento da competência leitora dos alunos e o prazer de ler. A proposta era que os alunos lessem e comentassem obras da literatura brasileira do seu interesse; sugerissem e incentivassem leituras entre colegas, professores e membros da família; relacionassem as ideias principais discutidas com a vida pessoal, com a realidade e com a vida do autor; fizessem julgamento da obra, justificando por que gostou ou não, do que mais gostou, se a indicaria ou não para leitura; comentassem a obra, expressando-se oralmente, com clareza; demonstrassem competência leitora, ao interagir com os colegas, e pesquisadora, sobre o livro lido, nos momentos das atividades de ensino aprendizagem de leitura; modificassem o comportamento leitor, interagindo com o texto e o autor; emprestar livro semanalmente, divulgando suas leituras; demonstrar clareza, correção e criatividade em suas produções orais e escritas.

## **LER: O SABER E O SABOR**

A sociedade atual está imersa no letramento e este constitui a condição para a participação social do indivíduo, pois, em todos os espaços, veiculam-se os mais diversos



gêneros textuais, requerendo dos cidadãos uma competência para a leitura que vai além da simples decodificação que, por muito tempo, foi a condição para que se nomeasse uma pessoa como alfabetizada.

Cada vez mais, veem-se crianças apropriando-se da tecnologia que requer delas habilidades com a leitura, antes inimagináveis. Mas, esse fato não é suficiente para a participação social do indivíduo. Muitos jovens estudantes concluem o Ensino Fundamental e Médio sem a competência leitora: não se tornam leitores proficientes, isto é, são incapazes de sintetizar a ideia principal do texto, de fazer inferência, ler nas entrelinhas, de relacionar o que leram com outras leituras, de criticar, de julgar etc. As estatísticas mostram que o Brasil, apesar de ter diminuído os índices de analfabetismo, ainda ocupa os últimos lugares nas avaliações de leitura. Entre os países avaliados, em 2015, pelo Programa Internacional de Avaliação de Estudantes — *Programme for International Student Assessment (PISA)* —, o desempenho médio dos estudantes brasileiros na avaliação de leitura foi de 407 pontos, valor significativamente inferior à média dos estudantes dos países membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) que foi 493 (MEC, 2016).

Esse quadro fez-nos buscar alternativas para minimizar as dificuldades em leitura, porém, ao se pensar em formar leitores, há que se pensar na importância da leitura não somente enquanto ferramenta essencial para a competência linguística do indivíduo, mas também como instrumento de formação da sua identidade e, nesse aspecto, a literatura desempenha papel fundamental, porque

[...] a escola é, hoje, o espaço privilegiado, em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. E, nesse espaço, privilegiamos os estudos literários, pois, de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e o conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente – condição *sine qua non* para a plena realidade do ser. (COELHO, 2009, p. 16)

Ora, a literatura pode servir como instrumento para que os alunos desenvolvam habilidades de compreensão leitora e, ao mesmo tempo, desenvolvam o prazer e, conseqüentemente, o desejo de ler. Tem-se desejo por aquilo que promove o prazer, no entanto nem sempre se tem o prazer nas leituras, principalmente se elas impõem algumas distâncias como a linguagem, às vezes difícil, até o volume da obra, que pode assustar. É preciso imergir no mundo da cultura escrita e a escola deve possibilitar essa imersão,

fazendo veicular entre os jovens leitores os mais diversos gêneros do discurso, priorizando, no primeiro ciclo do Ensino Fundamental, os gêneros literários, porque, na formação do leitor, “Preservar as relações entre a literatura e a escola, ou o uso do livro em sala de aula, decorre do fato de que ambas compartilham um aspecto em comum: a natureza formativa.” (ZILBERMAN, 1998, p. 21) De fato, de acordo com Coelho (2009, p. 15),

A literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola.

Mas é preciso saber ler, não apenas decodificar. É preciso ensinar o jovem leitor a compreender a palavra do outro. Arena (2010, p. 18) afirma que,

Ao longo da história, o verbo ler, como toda palavra, absorveu as mudanças da cultura e, por isso, passou a designar qualquer ação de observar um objeto, mas Bakhtin, de certo modo, reafirma a ideia de que a palavra do outro, ao ser enunciada, exige o desafio da compreensão, [...]. Ao falar em compreensão, Bakhtin refere-se à atividade de leitura, no caso, do enunciado escrito. Assim, ler é, com rigor, buscar compreender o enunciado produzido pelo outro que está à espera dessa atitude responsiva do leitor.

Sabe-se que essa prática não se realiza com tanta frequência, principalmente no segundo ciclo do Ensino Fundamental e muito menos no Ensino Médio. É comum ver o investimento dos professores no trabalho com o texto literário nos anos iniciais, predominantemente na Educação Infantil e no primeiro ano do Ensino Fundamental. Entretanto, depois há um certo abandono, deixando a cargo da bibliotecária a tarefa de desenvolver atividades de leitura literária. Apesar de os professores em geral intensificarem metodologias de incentivo à leitura, com contação de histórias, idas à biblioteca, nas séries seguintes esse trabalho perde a sua força em detrimento dos “conteúdos” que precisam ser cumpridos, como se a literatura não fizesse parte desses conteúdos de linguagem. Deixa-se muito por conta dos alunos, incentivando-os apenas com palavras, falando-se da importância de ler, mas não se pratica esse ato na sala de aula com frequência. Por isso, é importante que a literatura esteja presente no cotidiano da sala de aula, não se restringindo apenas à contação de histórias na Educação Infantil: é preciso que esse gênero seja tratado como uma forma específica de conhecimento ao longo de todos os anos do Ensino Fundamental e Médio. Também é comum tratar a literatura como pretexto para o “ensino das boas maneiras, dos hábitos de higiene, dos deveres do cidadão, dos tópicos gramaticais, das receitas desgastadas do ‘prazer do texto’ etc.” (PCNs, 2001, p. 37).

Nos anos finais do Ensino Fundamental e Médio, o ensino da literatura configura-se, em muitas escolas, como um componente curricular à parte. Seu conteúdo, em geral, procura mesclar um estudo cronológico das escolas literárias a estudos de estética e de análise literárias, cujo objetivo principal é — ou deveria ser — a leitura bem contextualizada do texto literário. Esse quadro traz como consequência jovens e adultos que não têm o hábito e o gosto de ler. Uma questão que pode afastar o aluno da leitura é a metodologia utilizada pelo professor e sua postura enquanto exemplo de uma atitude que se pretende desenvolver. Zilberman (1998, p. 27) diz que:

Quando se trata do uso de livro para crianças em sala de aula, o professor deve estar apto:

- a) à escolha de obras apropriadas ao leitor infantil;
- b) ao emprego de recursos metodológicos eficazes, que estimulem a leitura, suscitando a compreensão das obras e a verbalização, pelos alunos, do sentido apreendido.

Por isso, o ensino da literatura deve ser considerado desde as fases iniciais do ensino de Língua Portuguesa e se prolongar para as séries seguintes. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (2001, p.36) recomendam que “o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento”. A linguagem literária, seja em prosa ou em verso, requer uma aprendizagem especial, visto ser arte e apresentar especificidades/particularidades que muitos leitores desavisados não são capazes de ler/ver e, por consequência, não compreender.

É preciso proporcionar o prazer de ler. Isso é possível dando a ver os encantos das obras literárias, mas, antes de tudo, o professor também precisa se encantar e despertar nos alunos o desejo de conhecer as histórias, sensibilizá-los para a poesia. Para se encantar, é preciso compreender a especificidade da linguagem literária como “gênero de criação que lida de modo intenso com o tema da imaginação” (ARENA, 2010, p.25). Não se leem os gêneros literários como se leem os outros gêneros do discurso, porque eles possuem uma composição peculiar que deve ser apresentada aos alunos, para que consigam ver a beleza do texto literário.

A literatura pode constituir uma ferramenta para contextualizar o ensino e servir de instrumento para a compreensão leitora, entretanto não se pode perder de vista os sentidos construídos, as várias possibilidades de leitura que o texto literário proporciona, a riqueza da linguagem, as imagens, a discussão sobre valores, conceitos e padrões de pensamento e

de comportamento que são possíveis de serem visualizados na cultura de uma determinada época e espaço e, ainda, possibilitar a imaginação.

Além disso, Oliveira (2008, p. 24-25) reitera

[...] que mesmo a escolha da obra literária a ser trabalhada seja orientada por critérios que explicitem para o professor o que ele pode desenvolver com os alunos no trabalho com o texto e definir-se por um texto adequado. [...] o trabalho com a literatura infantil não se esgota em mero exercício de leitura, de gramática, ou simplesmente em lazer. O seu ponto forte se traduz no fato de, através de uma atividade prazerosa a ser realizada com uma obra escrita especificamente para crianças, permitir explorar toda a propriedade formativa de que tal obra é portadora.

Sobre literatura e imaginação, Arena (2010, p. 29) destaca que

Colocar a imaginação como destaque no processo de leitura da literatura é lugar comum nas abordagens educacionais ou literárias, uma vez que o sentimento descrito como “prazer de ler”, invariavelmente, encontra amparo nesse prazer que a imaginação construída pelas palavras supostamente pode proporcionar. Por esse enfoque, imaginação e prazer permaneceriam estreitamente articulados, razão pela qual as histórias literárias seriam necessárias para dar asas à imaginação natural e inerente ao universo infantil. Essas histórias servem para levar ao prazer de ler e, assim, seduzir o pequeno leitor a se tornar na idade adulta um prisioneiro feliz da literatura.

Apesar de ser inerente ao universo infantil, é inegável a contribuição do desenvolvimento da imaginação para a atividade criadora do ser humano “em todos os campos da vida cultural, tornando possível a criação artística, a científica e a técnica”(ARENA, 2010, p. 30)

A Literatura trata dos sentimentos e motivações humanas. É uma linguagem singular eivada de metáforas e alegorias que representam os desejos e os sentimentos humanos. Por isso, uma adoção bem planejada de leitura literária pode proporcionar à criança, ao adolescente e ao adulto uma compreensão muito especial sobre a vida, sobre o mundo adulto.

Se o leitor não conhecer essas singularidades, poderá não abstrair os sentidos que o texto literário proporciona, o que pode ocasionar o afastamento da leitura. Às vezes, afastamo-nos daquilo que não compreendemos. Nesse caso, podemos ter o desejo de conhecer, de ler, porém as dificuldades de compreensão, o não saber ver o “belo” que a arte literária apresenta, pode afastar o leitor do prazer de ler.

Assim, o estudo das singularidades das obras fundamenta os modos de ler o texto literário. Nesse sentido, estudar a estética, as autorias, o fazer intertextual presente nas obras permite a formação de leitores refinados, capazes de extrair prazer e emoção de textos que, para o leitor leigo, podem parecer insignificantes.

### **A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DO LEITOR**

A formação do leitor é parte do trabalho do professor que, por sua vez, deve também ser leitor assíduo. O professor deve ser o mediador dessa formação, para desenvolver leitores que sintam desejo e prazer de ler. Para isso, além de se encantar com a Literatura, o professor também deve saber ler/ver essa arte com todas as suas especificidades. É nada melhor para desenvolver essa habilidade que estar em contato com obras e autores variados, lendo, discutindo, deixando fruir as emoções que o texto literário proporciona. “A leitura, como ato cultural não se esgota na educação formal. Como modo de conhecimento, exige uma relação constante com o leitor, da mesma forma que a leitura de mundo.” (PAIVA, 2003, p. 119)

O leitor proficiente possui atitudes leitoras que lhe possibilitam compreender a palavra do outro, no caso, da literatura. Para isso, é preciso ensinar estratégias para compreensão dos textos, das quais o leitor lançará mão antes mesmo de começar a ler. É tanta a literatura que aborda o ensino das estratégias de leitura, mas, sem se aprofundar, vale citar a síntese dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNs, 2001, p.53):

Uma estratégia de leitura é um amplo esquema para obter, avaliar e utilizar informação. As estratégias são um recurso para construir significado enquanto se lê. Estratégias de seleção possibilitam ao leitor se ater apenas aos índices úteis, desprezando os irrelevantes; de antecipação permitem supor o que ainda está por vir; de inferência permitem captar o que não está dito explicitamente no texto e de verificação tornam possível o “controle” sobre a eficácia ou não das demais estratégias. O uso dessas estratégias durante a leitura não ocorre de forma deliberada – a menos que, intencionalmente, se pretenda fazê-lo para efeito de análise do processo.

Ao falar em ensino de leitura, é preciso entender que a leitura não se restringe à decodificação apenas, mas engloba a compreensão leitora. Nesse processo, é muito importante a mediação do professor, porém este deve estar preparado para tal, pois o professor, para ser um bom mediador, deve ser um leitor, demonstrar interesse e transmitir esse interesse para os alunos. Não basta apenas fazer a leitura do livro para os alunos, pois dessa forma não despertará interesse por parte deles. É preciso saber escolher qual gênero textual é mais adequado, como conduzir a leitura, qual objetivo atingir.

Além disso, o professor deve entender que o amor pela leitura constrói-se a partir de como ele irá transmitir esse mesmo amor e encantamento, pois, se ele não se interessa por leitura, dificilmente ele conseguirá que seus alunos sejam leitores. Uma vez que muitos professores não tiveram essa formação leitora quando eram crianças, a escola deveria implementar cursos de formação continuada e projetos que incentivassem os profissionais de educação a valorizar o próprio ato de ler e o trabalho com a leitura literária de forma sistematizada, como um conteúdo curricular indispensável na formação leitora dos alunos de todos os níveis de ensino, nas diversas disciplinas, não deixando a cargo apenas dos professores de Português.

Interessante entender que, no processo de mediação da leitura, todo mundo aprende: são trocas de ideias e devem ser desvinculadas de processos de avaliação escolar, porque o resultado que se quer é o de ler por prazer e não por obrigação.

## **DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O projeto Roda de Leitura foi realizado em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) de Vitória – ES, localizada em um bairro de alto risco social. Essa EMEF atende crianças e adolescentes entre 7 e 16 anos, beneficiando quatro comunidades no entorno de Vitória. Seus habitantes são formados, em sua maioria, por afrodescendentes, com grande número vivendo abaixo da linha de pobreza.

A escola funciona com dez salas de aula, atendendo alunos de 1ª a 8ª série, um refeitório, uma cozinha, uma secretaria, uma sala de direção, uma sala de coordenação, uma sala de supervisão, uma sala de orientação educacional, uma biblioteca, uma sala do grêmio estudantil, uma cantina, uma sala para guardar material de Educação Física, uma quadra de esportes coberta, uma sala de professores, uma área de serviço, um pátio interno e outro externo, uma sala pequena para material didático e quatro banheiros femininos e masculinos, no piso inferior e superior, dois vestiários, laboratório de informática, duas salas de Educação Especial, sala de música, sala ambiente de Artes e Língua Inglesa, sala de Ciências com um pequeno laboratório, biblioteca e sala de leitura.

No entorno da EMEF, há outra instituição de ensino, que também atende esses alunos no contraturno, estabelecimentos comerciais (entre eles, oficina de restauro de cadeiras), restaurantes, salões de beleza, bares, casas residenciais e o manguezal que completa a paisagem local.

Muito especial também é a equipe da escola, composta atualmente pelos seguintes profissionais: 20 Professores, 4 Pedagogas, 2 Professores de Libras, 2 Intérpretes de Libras, 2 Professoras do AEE, 4 Professoras do Integral, 6 Professoras do Mais Educação, 6 Estagiárias de Pedagogia, 3 Merendeiras, 4 Porteiros, 5 Coordenadores, 3 Assistentes Administrativos e 1 Diretora.

Foi proposto pesquisar nessa EMEF a transformação em relação ao hábito de leitura e à competência leitora dos indivíduos envolvidos, a partir de encontros de leitura semanais. Isso se deu a partir do mapeamento/sondagem do comportamento leitor e das habilidades de leitura que os alunos possuíam no início da pesquisa e como esses aspectos foram modificados a partir da implementação das rodas de leitura. Essa sondagem inicial, feita por meio de entrevistas a professores e à bibliotecária, mostrou a frequência de empréstimo de livros na biblioteca, a quantidade de livros lidos pelos alunos e quais habilidades de leitura já dominavam.

O trabalho sistemático com o texto literário, tendo como norte os objetivos propostos no projeto, foi desenvolvido a partir de um planejamento prévio de atividades que foram desenvolvidas a cada roda de leitura, como comentário sobre o livro lido durante a semana, empréstimo de livro na biblioteca, leitura compartilhada com as pesquisadoras, as quais aplicavam dinâmicas e estratégias de leitura para o desenvolvimento da competência leitora. A participação, o empenho e o progresso de cada aluno foram registrados semanalmente a fim de se verificar e de se constatar a eficácia das atividades e, conseqüentemente, do projeto Roda de Leitura.

As rodas foram desenvolvidas a partir do planejamento de seqüências didáticas com duração adequada a cada gênero textual a ser trabalhado e de acordo com os objetivos e conteúdos que estavam sendo ministrados pelas professoras regentes. Cada encontro foi planejado em três momentos: 1º — comentários sobre os livros lidos durante a semana; 2º — leitura de livros e/ou gêneros escolhidos a cada semana; 3º — atividades lúdicas de ensino aprendizagem de leitura.

A aplicação das dinâmicas e leituras era realizada nas terças e quintas-feiras em turmas diferentes de acordo com a disponibilidade dos professores regentes, e aconteciam algumas vezes na biblioteca e outras em sala de aula, dependendo da dinâmica. Toda semana havia reunião com os professores e a bibliotecária para decidir qual gênero textual seria trabalhado e para preparar o material para a semana seguinte.

Os gêneros textuais utilizados foram bem variados, mas, na sua maioria, foram os contos clássicos, parlendas, fábulas, quadrinhos, poemas, músicas. Todos eles eram apresentados para os alunos por meio de leitura, contação de histórias e declamação, seguidas de dinâmicas que desenvolvessem a compreensão leitora e a escrita. Não serão relatadas aqui todas as atividades das rodas de leitura por não haver espaço para tal, mas serão destacadas algumas que consideramos terem colaborado muito para que os alunos adquirissem habilidades para ser formar bons leitores.

Na turma do 1º ano vespertino, foi utilizada a história “Soldadinho de Chumbo” com figuras ampliadas. Com essa história, foi feita uma leitura compartilhada a partir de imagens. Iniciou--se a história, colocando-se no quadro as figuras e, conforme a história desenvolvia-se, eram feitas pausas para que os alunos fizessem inferência sobre o que iria acontecer na trama. Essa é uma metodologia que ensina aos alunos fazer inferências, levantando hipóteses que iam sendo validadas ou não no desenvolvimento da contação. Essa estratégia possibilita o aluno a construir os sentidos do texto, desenvolver sua compreensão leitora, pois a interação com o seu conteúdo, a partir de seu conhecimento de mundo e de pistas que o texto vai dando, é uma competência que a leitura requer do leitor.

Ao término da história, era aplicada uma dinâmica, com o objetivo de ampliar o vocabulário e a apropriação do sistema alfabético de escrita. Nesse dia, foi o jogo “Soletrando” com as palavras da história, que consistia em o aluno tirar de dentro de uma sacola uma palavra e soletrar corretamente e, se acertasse, ganhava uma bala.

Nessa mesma turma, outros clássicos foram trabalhados e um que fez muito sucesso foi a história “Rapunzel”. Antes de iniciar a contação, foi feito o que Solé (1998) sugere: motivação para a leitura, levantamento dos conhecimentos prévios, estabelecimento de previsões sobre o texto e formulação de perguntas sobre ele. Várias perguntas foram feitas, tais como “Vocês conhecem uma história com um personagem que tem uma trança enorme?” e “Quem é a personagem má?” Os alunos ficaram tão empolgados que começaram a contar a história da forma que lembravam. Logo após, iniciou-se a história utilizando-se a mesma metodologia da história “Soldadinho de Chumbo”. Durante a contação, faziam-se perguntas sobre o que achavam que iria acontecer e, ao final houve, a dinâmica “Soletrando”, somente com palavras da história. Apesar da repetição da metodologia, vale ressaltar que o ensino da compreensão leitora requer o ensino constante de procedimentos que levem os alunos a aplicarem autonomamente as estratégias de leitura já mencionadas.



Na turma do 1º ano matutino, o primeiro livro foi “O Casamento do Rato com a Filha do Besouro”, da autora e ilustradora Rosinha. Antes da leitura, o livro, a autora e a editora foram apresentados. Em seguida, a história foi contada a partir das ilustrações que iam sendo mostradas para as crianças. Depois da contação, houve interação com a turma sobre a história e foi questionado se eles já tinham conhecimento da obra literária que foi contada, além de ser solicitado que relacionassem a história do casamento com a vida pessoal e o cotidiano.

Então, a turma foi convidada a participar de uma dinâmica. A dinâmica foi explicada para a turma e cinco crianças foram escolhidas aleatoriamente para ir à frente da sala para representarem os personagens da história. Essas cinco crianças ficaram de costas para a turma e foram colados nas blusas delas nomes de personagens, como “abelha” na blusa de Luíza, e assim sucessivamente em todas as crianças. Depois disso, pediu-se à turma para ler o nome do primeiro personagem colado nas costas do colega e, em seguida, dizer sua característica sem dizer o nome dele, para que o colega conseguisse adivinhar quem era aquele personagem da história. A dinâmica, no início, não deu certo, porque algumas crianças ainda estavam lendo vagarosamente, e os outros, já alfabetizados, empolgavam-se e acabavam lendo as sílabas em voz alta, dizendo sem querer o nome do personagem.

Apesar do insucesso, a movimentação com a leitura foi muito interessante e, de alguma forma, contribuiu para motivar para a leitura e também para a nossa aprendizagem, o que resultou positivamente nos encontros seguintes.

Em um segundo encontro, os alunos já estavam mais entusiasmados e a história apresentada foi “Só um minutinho”, de Yuyi Morales e Ana Maria Machado. Nessa roda de leitura, todos ficaram sentados em círculo no chão e foi aplicada a dinâmica da panela, utilizada para início de toda história: pediu-se aos alunos para ficarem em círculo e se solicitou que abrissem a mão em forma de panela. Em seguida, foram ditas três coisas para eles colocarem na panela para ouvirem a história: 1º imaginação (“Coloquem a imaginação na panela!”); 2º concentração (“Agora, a concentração deve ir para a panela também!”); 3º silêncio (“E o silêncio não pode faltar. Coloquem na panela!”); para finalizar foi dito: “Feche a panela porque a história já vai começar!” Em seguida, após a audição da história, foi aplicada a mesma dinâmica utilizada com a história “O Casamento do Rato com a Filha do Besouro” que consistia em dizer as características dos personagens colados nas costas dos colegas para que estes adivinhassem de que personagem tratava. Foi um sucesso, porque eles conseguiram compreender tanto a história quanto a dinâmica.

Outra história que foi bem aceita foi “Dorotheia, a Centopeia”, da autora Ana Maria Machado. Os alunos já ficaram encantados com a capa do livro antes mesmo de iniciar a leitura. Dessa vez, foi iniciada com uma roda de canção e, logo após, foi feita a contação da história e, no decorrer, eram feitas pausas para perguntas para que os alunos inferissem sentidos que não estavam explícitos no texto. Uma das perguntas foi por que a personagem estava doente e eles comparavam com suas próprias doenças no cotidiano, não conseguindo inferir que a causa era a dor pelos sapatos apertados, o que gerou muitas surpresas. Observa-se aqui o quanto é importante trabalhar as estratégias de leitura cotidianamente, para que os alunos aprendam a ler as entrelinhas do texto, e é imprescindível a mediação do professor, contribuindo para que os alunos interajam com os sentidos do texto, para desenvolver essa competência. Após a leitura, a dinâmica para essa história foi uma produção de texto em que eles pudessem registrar a parte da história de que eles mais gostaram.

A cada retorno, a vontade de ler e o interesse por novos textos aumentavam, tanto que, por iniciativa deles, começaram uma arrecadação de gibis para o projeto “Patrulha da Leitura”, idealizado pela turma, pois a biblioteca não possuía muitos exemplares.

Muito significativa também foi a leitura do livro “A Caixa de Jessica”, de Rosana Rios. Antes da leitura, foram apresentadas para as crianças a capa do livro, a autora e a editora, e em seguida foi iniciada a leitura. A história atraiu muito a turma, porque conta sobre uma menina que estava se preparando para seu primeiro dia de aula. Durante a leitura, várias vezes foi perguntado aos alunos qual era a opinião deles sobre se Jessica conseguiria fazer amigos ou se ela ia continuar sozinha. Dando continuidade à história, paramos exatamente nesta parte do livro: *“Depois de muito pensar, Jessica experimentou algumas maneiras de fazer amizade na escola: levou sua caixa e, de dentro dela, tirou seu ursinho, bolinhos para os colegas comerem, sua cachorrinha para brincar com eles. Mas nada foi muito eficaz. Até que, de dentro de sua caixa, surgiu algo muito especial”*.

Nesse momento, perguntou-se à turma: “O que será que surgiu dentro da caixa dela?” E a história não foi finalizada. No entanto, deixamos que os alunos produzissem um final para ela. Deu-se uma folha para cada um deles e pedimos para colocar essa ideia no papel. Foi maravilhoso ver como as crianças têm criatividade e opinião própria sobre certos assuntos, pois eles amaram criar um final feliz para Jessica. Alguns alunos ilustraram com desenho, já outros deram sua opinião por escrito.

No final, solicitou-se que cada um contasse o que tinha feito e por que escolheu aquele final para Jessica. Todos participaram e se divertiram com o que os colegas iam contando. Para acabar com a enorme curiosidade da turma, o livro foi aberto e folheamos as últimas páginas contando o que surgiu de especial dentro da caixa de Jessica para que ela conseguisse arrumar um amigo na sua nova escola.

O último momento foi único e considerado o melhor, pois sem que fosse perguntado, as crianças iam relacionando a história com o primeiro dia de aula delas, contando suas experiências do primeiro dia na sala e relembrando os momentos vividos com os colegas no dia que chegaram à escola. Houve uma criança que relatou para todos que até hoje seu melhor amigo foi o colega que deu as boas-vindas a ele quando chegou.

Para finalizar esse dia, foi pedido que cada criança trouxesse na semana seguinte um livro que gostou muito de ler ou o livro que eles pegaram na biblioteca e também que lesse a história para ser contada no próximo encontro. No encontro seguinte, surpreendeu o fato de quase a turma toda ter lido o livro e apenas seis crianças não leram e nem sabiamdo que se tratava. Então, nesse encontro, os alunos compartilharam com os colegas de sala a história do livro que eles escolheram. Alguns alunos, no início, ficaram intimidados, mas depois eles iam se soltando e cada um comentou sobre o livro lido. Muitos fizeram o julgamento do enredo e das ilustrações, pois sempre eram provocados a fazer isso após as leituras realizadas nas rodas, quando se perguntava quem já havia lido ou levado para casa o livro que estava sendo discutido, ou se já tinham visto o mesmo na biblioteca. Alguns livros já eram conhecidos pela turma e isso tornou o momento produtivo, porque eles acabavam ajudando o colega a contar a história.

A empolgação do 1º ano com as rodas de leitura cresceu, porque, ao entrar de férias, as crianças questionavam muito se íamos voltar depois para continuar com as rodas. Pôde-se perceber que eles evoluíram muito com o decorrer dos encontros. A turma demonstrou mudança de comportamento, tornando-se bem comportada e todos bem dedicados ao que era solicitado a eles. Percebeu-se que eles enxergaram o projeto como uma aula diferente, como um momento de se expressar e de compartilhar ideias.

A professora da turma também apoiou muito o projeto e disse que gostava muito da participação dos alunos. Ela também disse que as crianças esperavam ansiosas pelo dia da Roda de Leitura e, quando não havia, eles ficavam perguntando, querendo saber por que as tias não iriam contar histórias. Ela relatou que indicaria para ser implantado o projeto em todas as turmas.

Com a turma do 2º ano matutino houve mais aprofundamento. Como a professora regente foi mais receptiva, antes de iniciar o trabalho da roda de leitura, combinou-se com a professora fazer uma avaliação e, assim, o primeiro passo foi fazer junto com a professora regente uma sondagem diagnóstica individual das dificuldades e do comportamento de cada discente. Verificou-se que a maioria dos educandos apresentavam um comportamento agressivo, não conseguindo socializar e interagir, porque ainda não sabiam ler. Eles estavam na fase da escrita silábico-alfabética, que consiste em a criança perceber que, muitas vezes, uma letra sozinha não serve para representar uma sílaba (fase silábica), então ela tenta acrescentar letras, primeiramente aleatórias, tentando formar palavras com sílabas completas, e assim com tentativas de erros e acertos, observando vários registros escritos, ela chega à fase alfabética, escrevendo e lendo palavras com sílabas completas. Por isso, o contato com os vários portadores de textos é de suma importância para sua alfabetização.

Logo após a sondagem, fizemos uma pequena reunião com a professora regente e analisamos quais os melhores gêneros textuais para trabalhar com eles. Começamos com os contos clássicos e demos preferência para os menos conhecidos como “Soldadinho de Chumbo”, “Rapunzel”, “João e Maria”. O primeiro conto foi “João e Maria”, mas tivemos dificuldades, porque, como eles eram muito agitados, não conseguiam se concentrar por não estarem acostumados a ouvir histórias contadas com recursos diferenciados, no caso, leitura com cartazes em sequência e leitura compartilhada em que eram feitas pausas para que fizessem inferência. Isso os deixou meio agitados, pois, segundo a professora, não era utilizada essa metodologia com a turma.

A partir da segunda história, os alunos já aguardavam com expectativa, perguntando qual seria a história e, aproveitando a empolgação, foram colocadas para eles várias “pistas” para descobrirem a história. Assim, iniciamos com o “Soldadinho de Chumbo”. Foram utilizados alguns objetos e figuras da história. Na época, estava na moda o brinquedo spinner e aproveitamos para fazer uma dinâmica como uma roleta e, na palavra do texto em que a roleta parava, o aluno deveria formar uma frase diferente da história contada, aumentando assim o vocabulário deles.

O mais interessante dessa turma foi a melhora significativa no aprendizado em relação à leitura e à compreensão, porém no comportamental isso não aconteceu, pois era uma turma com muitos alunos sem estrutura familiar.

Outro exemplo foi com a história “Os cabelos de Lelê”, de Valéria Belém, lida no 3º ano vespertino. Antes de ler, foram feitas várias perguntas para os alunos levantarem hipóteses sobre a história: “Por que a história falava de cabelo?”, “Como vocês imaginam a personagem?” e “O assunto é interessante?”. Para essa história, foram confeccionados os personagens de papel cartão iguais às ilustrações do livro, com os cabelos no mesmo formato em barbante. Conforme a história avançava, os alunos iam fazendo comparações com seus próprios cabelos ou com os de seus amigos. Ao término, iniciamos a dinâmica: a professora regente separou os grupos na sala para que pudessem ter maior variedade de material para a atividade e, feito isso, foi dado para cada aluno um rosto de papel cartão e cada aluno deveria montar seu personagem com o tipo de cabelo que gostariam de ter. Essa foi uma das melhores dinâmicas que, depois de concluída, ficou em exposição no corredor da escola.

Outra atividade muito interessante na turma do 3º ano foi com o livro “Limeriques”, de Tatiana Belinky. É um livro com trava-línguas que foi utilizado durante duas semanas. Na primeira semana, foi feita a leitura de todos os textos e cada aluno sorteava o trava-língua que iria ler e, cada vez que um aluno acertava tudo, espontaneamente todos aplaudiam. Na semana seguinte, cada aluno deveria levar para sala pelo menos um trava-língua diferente. Foi emocionante e um sucesso, porque eles quiseram apresentar em pé na frente de todos e melhoraram significativamente a dicção e a postura.

Seguindo, combinou-se com a bibliotecária que seriam utilizadas as revistas em quadrinhos e, quando eles chegaram à biblioteca, encontraram vários exemplares à disposição. Cada aluno escolheu o de sua preferência e deixamos que os explorassem. Ao término, a professora regente deu algumas explicações sobre as histórias em quadrinhos e os alunos foram separados em grupos, para os quais foram distribuídos vários balões feitos de cartolina para que fizessem uma produção de texto em que eles seriam os personagens. Durante a semana, a professora regente trabalhou com os alunos essa produção e, na próxima, eles apresentaram a leitura no formato de quadrinhos mesmo, levantando os balões com as falas que produziram. Nessa atividade, os alunos representaram muito bem.

Essa turma do 3º ano vespertino foi a que melhor se desenvolveu: os alunos envolveram-se e gostaram tanto do projeto que tiveram a iniciativa de fazer troca de livros entre eles, mas não com os livros da biblioteca, uma vez que eles fizeram com seus próprios livros. Escolheram quem ficaria responsável em controlar e registrar a troca e de recolher e o mais interessante foi que os pais também apoiaram. Ao final do projeto, observou-se que o

resultado, principalmente em relação à compreensão do que eles liam, foi muito significativo, contribuindo com sua aprendizagem em todas as matérias.

Outra turma que demonstrou resultado interessante foi a do 6º ano matutino. A professora regente soube pelos outros professores do trabalho de roda de leitura nas outras turmas e propôs atraí-los para a leitura com um gênero que fizesse sentido para eles. Como ela queria trabalhar poesia, foi sugerido iniciar com músicas. No primeiro encontro, utilizamos o gênero rap com a música “Eu só quero é ser feliz”, porém não chegamos cantando, explicamos que iríamos falar sobre poesia. Foi interessante ver a “cara de quem não gostou” dos alunos, mas, mesmo assim, foi sugerida a leitura expressiva, com declamação. Quando eles perceberam que era uma música que eles conheciam, eles começaram a falar junto e ao final cantamos mesmo. Em seguida, abrimos um diálogo para interpretar os sentidos do texto, discutindo sobre o que o autor queria dizer. Fizemos várias comparações com o bairro e situações da vida deles. Foi um sucesso! Mais três músicas foram trabalhadas em outras aulas com dinâmicas diferentes, entre elas produção de textos e paródias.

Uma pessoa importante nesse processo de leitura foi a bibliotecária, a qual foi bem participativa e se preocupava sempre em ajudar para que as atividades fossem interessantes. Era entregue para ela o gênero textual que seria trabalhado com cada turma e ela separava os livros para os alunos escolherem. Ela afirmou que: *“O projeto de leitura contribuiu de forma muito positiva para a escola. As diversas possibilidades apresentadas inspirou alunos, professores e no caso eu, enquanto bibliotecária da Instituição. Os desafios foram inúmeros, mas acho que dentro do possível foram superados. Posso ressaltar que a Sylvia foi uma profissional exemplar que realmente aplicou o projeto com compromisso, responsabilidade e planejamento prévio junto aos professores das turmas atendidas, o que é crucial dentro de uma escola. O profissional precisa antes de tudo dominar o assunto que irá trabalhar e explorar de forma abrangente indo além, contextualizando e explanando de forma interdisciplinar. A literatura permite incorporar os contextos sociais, culturais e pedagógicos, e em inúmeras situações foi utilizada como um objeto mediador de conhecimento relacionando entre a teoria e a prática da sala de aula”*.

Foi verificado que os alunos modificaram o comportamento leitor e apresentaram melhor desempenho em suas produções escritas. Esses aspectos puderam ser evidenciados por meio de depoimentos das professoras, observações e análises das atividades e dos registros realizados a cada roda de leitura. Vale ressaltar que vários gêneros textuais trabalhados no projeto eram também trabalhados pelas professoras

regentes ao longo da semana, sendo aproveitados tanto na compreensão do texto, quanto na parte gramatical.

O resultado desse projeto em parceria com a EMEF foi bastante positivo, pois, durante todos esses meses, os alunos aguardavam ansiosos pelo dia da atividade e a compreensão da leitura melhorou significativamente. O aumento de retirada de livros na biblioteca aumentou e a troca de livros com responsabilidade deles se concretizou.

O objetivo do projeto Roda de Leitura foi colaborar para o aumento do interesse pela leitura, sua compreensão e conseqüentemente melhorar o desempenho escolar, o que foi observado junto aos professores e aos próprios alunos, que correspondiam melhor quando as leituras eram de forma dinâmica e lúdica, apesar do pouco tempo para o desenvolvimento das atividades.

Outra observação considerada relevante foi concluir que o resultado seria mais positivo se pudéssemos utilizar outros espaços da escola, para desenvolver dinâmicas diferenciadas, o que não foi possível devido aos poucos espaços de que a escola dispõe. Entretanto, mesmo utilizando somente as salas de aula e a biblioteca, acreditamos ter contribuído de forma significativa para a formação do leitor, tanto em relação ao seu prazer de ler quanto ao seu saber ler. É claro que muito ainda precisa ser feito para que sejam leitores proficientes, mas certamente essa formação pode ter mais êxito, se ao longo do Ensino Fundamental e Médio o contato com a literatura for uma constante.

## REFERÊNCIAS

ARENA, Dagoberto Buim; SOUZA, Renata J.; MENIN, Ana Maria da C. S; GIROTTO, Cyntia Graziella. G. S. **Ler e compreender: Estratégias de leitura**. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, DF: MEC, 2001.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2009.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **A literatura para crianças e jovens no Brasil de ontem e de hoje: caminhos de ensino**. São Paulo: Paulinas, 2008.

PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia. **Literatura e Letramento: espaços, suportes e interfaces**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 10 ed. São Paulo: Global, 1998.

**TORNAR-SE TERAPEUTA: NARRATIVAS EPISÓDICAS  
AUTOBIOGRÁFICAS DE UMA PSICÓLOGA EM FORMAÇÃO**  
*BECOMING A THERAPIST: AUTOBIOGRAPHIC EPISODE NARRATIVES FROM A  
TRAINING PSYCHOLOGIST*

Paloma da Silva Vieira<sup>1</sup>  
Fábio Nogueira Pereira<sup>2</sup>

**RESUMO**

A educação de um psicoterapeuta envolve vários desafios como sentimentos e emoções, relacionadas à obtenção de uma formação teórica, metodológica e pessoal, obtidas durante o curso, e aquelas que são adicionalmente necessárias além das teorias estudadas. Num campo em que as respostas não são tão óbvias, profissionalismo e ética são esperados na formação do psicoterapeuta, o qual está em constante evolução. Este trabalho teve como objetivo discutir o processo pessoal e profissional de desenvolvimento de uma estudante de Psicologia, usando, como ferramenta, narrativas autobiográficas nas quais os desafios encontrados no processo de treinamento profissional são descritos. As dificuldades e experiências na rotina do estudante de Psicologia foram extraídas de seu diário pessoal durante o curso e estão relacionadas a cada período estudado. Através desses relatos pessoais, discutimos suas experiências, usando a perspectiva de Gestalt como modelo. Concluímos que as narrativas deveriam ser consideradas para avaliar os aspectos de uma experiência humana em uma visão global.

**PALAVRAS-CHAVE:** Narrativa autobiográfica, Gestalt-terapia, Formação clínica.

**ABSTRACT**

Training to become a psychotherapist involves several challenges as feelings and emotions, related to the theoretical, methodological and personal skills obtained during the course and those that are additionally necessary beyond the studied theories. In a field where the answers are not so obvious, professionalism and an ethical behavior are expected, once the psychotherapist is in constant development. This work aimed to discuss the personal process during professional development of an undergraduate Psychology student, using as a tool autobiographical narrative where the challenges that this student encountered in the professional training are described. The difficulties and experiences in the psychology routine were extracted from his daily reports during the academic course related to the periods studied. Through these personal reports, we discussed his experiences having Gestalt

---

<sup>1</sup> FAESA Centro Universitário. Graduada em Psicologia (FAESA). E-mail: paloma\_dsv@hotmail.com.

<sup>2</sup> FAESA Centro Universitário. Doutor em Psicologia (UFES). E-mail: fabio.nogueira@faesa.br.



perspective as model. We concluded that the personal narratives should be considered to evaluate the aspects of an individual human experience in a global vision.

**KEYWORDS:** Autobiographical narrative, Gestalt therapy, Clinical training.

## INTRODUÇÃO

O ensino de Psicologia teve início no Brasil na segunda metade do século XIX. Anteriormente, a “psychologia” era objeto de estudo de diversas áreas teóricas, como a Filosofia, o Direito, a Medicina, a Pedagogia e a Teologia. Lisboa e Barbosa (2009) salientam que, nesse período, surgem as escolas normais, instituições que seguiam modelos europeus e norte-americanos de formação de docentes. A inserção da Psicologia no ensino superior somente ocorreu na década de 1930. Em 1934, foi criada a primeira universidade do país, a Universidade de São Paulo (USP), na qual a Psicologia torna-se disciplina obrigatória durante os três anos dos cursos de Filosofia, Ciências Sociais e Pedagogia, além de estar inserida na grade curricular de todos os cursos de licenciatura. Com isso, o Instituto de Educação Caetano de Campos (antiga Escola Normal de São Paulo) é transformado na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP (LISBOA; BARBOSA, 2009).

As contribuições da Psicologia, ao longo dos anos, tocaram diferentes populações, fenômenos e campos de atuação. No presente texto, discutiremos a formação da primeira autora deste trabalho como psicoterapeuta, caminho atravessado por grandes desafios, envolvendo sentimentos e emoções que emergem do cotidiano e da formação profissional e suas repercussões na experiência pessoal e na produção de sentidos sobre si e a profissão. Talvez, um dos pontos principais da formação é ter de ir além das teorias estudadas em busca de respostas que não são tão óbvias quanto podem parecer para o profissional em treinamento ou mesmo o iniciante. A formação do psicoterapeuta é constante e sistemática, persistindo ao longo de toda sua vida profissional. O estudante deve compreender que o papel da clínica psicológica, quer seja a de servir, ajudar, cuidar, tratar, implica em um investimento tanto técnico quanto de desenvolvimento pessoal, abarcando o tripé formado por estudo continuado, supervisão clínica e psicoterapia pessoal.

Todos esses aspectos mostram o quão valiosa é a supervisão de um profissional mais experiente e o estar aberto ao questionamento sobre si nas esferas pessoal e profissional. A prática sob supervisão, em regra, ocorre ao longo de quase metade do curso, se consideramos as práticas curriculares obrigatórias. Entretanto, devemos lembrar que o estudante recebe supervisão em cada disciplina cursada por um tutor teórico, o qual

estabelece parâmetros e sana eventuais dúvidas em cada subárea de conhecimento e de atuação da Psicologia.

O presente estudo irá a) apresentar um breve histórico sobre a Gestalt-terapia e seus pressupostos filosóficos, b) oferecer aporte teórico referente à formação pessoal e profissional de terapeutas dentro da perspectiva gestáltica, c) debater o uso de narrativas episódicas na Psicologia, e d) discutir aspectos relevantes registrados nos diários autobiográficos frente à literatura apresentada. Levou-se em consideração que o tema surgiu a partir de questionamentos relacionados à formação profissional e pessoal ao longo do curso de Psicologia da FAESA, tem-se como objetivo colher narrativas autobiográficas sobre a experiência de formação de uma graduanda em Psicologia, apresentando também o processo de amadurecimento pessoal e profissional neste período.

Acreditamos que este estudo trará contribuições para psicólogos em formação e recém-formados, uma vez que discutiremos situações possivelmente frequentes na formação durante disciplinas curriculares e estágios supervisionados e reflexões pessoais que acreditamos fazer parte do processo de se tornar terapeuta. Este texto também pode fomentar a reflexão de professores e de supervisores sobre sua atuação junto a profissionais em formação. Embora a pesquisa tenha como base teórica a Gestalt-Terapia e abarque um estudo de caso autobiográfico, os aspectos abordados também atravessam a formação clínica nas demais abordagens, aproximando-se de experiências de outros psicólogos em formação e podendo contribuir para o desenvolvimento de futuros psicoterapeutas.

### **Bases filosóficas e teóricas da Gestalt-terapia**

A Gestalt-terapia foi desenvolvida a partir de várias influências filosóficas e teóricas. Para Cardella (2002), essas influências constituem-se de forma coerente e estão em constante transformação. Ribeiro (2006) salienta que essas influências convergiam pela forma como Fritz Perls as aproveitava e transformava com seu jeito peculiar de as compreender. Dentre elas, podemos destacar a postura humanista ao se preocupar com a valorização da pessoa em sua singularidade, em seus pontos positivos e em suas potencialidades, em sua capacidade de se autogerir e se autorregular. Entre as escolas filosóficas humanistas que serviram de alicerce epistemológico para a Gestalt-terapia, encontramos o Existencialismo, a Fenomenologia e o Dialogismo.

O Existencialismo surge na primeira metade do século XX em meio a um contexto racionalista. Reflexões sobre o homem e seu modo próprio de ser no mundo propostas por Sören Kierkegaard, Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre e Martin Buber, entre outros, serviram para mudar a maneira não só a Filosofia, mas também diversas outras áreas de conhecimento. O Existencialismo não tem uma orientação teórica comum e o entendemos como um conjunto de doutrinas filosóficas cujo tema central é a existência humana em sua concepção individual e a tentativa de compreensão do homem como ser concreto em seu viver. Ou seja, esses pensadores queriam abordar o ser humano a partir da valorização da relação do indivíduo consigo e com o mundo. O homem não nasce pronto, mas torna-se o que é no decorrer da existência, constituindo, assim, sua individualização (CAES, 2011). Logo, não tomamos a pessoa como dada ou determinada por qualquer fator que lhe seja anterior.

Como influência filosófica que incide na Gestalt-terapia, o Existencialismo entende o homem como um ser livre e responsável por suas escolhas. O homem é abertura para o mundo e só se constitui como tal enquanto está em conexão com o mundo e lhe dando sentido (Cardoso (2013). Em suma, “os existencialistas sustentam que o ser humano não pode ser concebido como uma substância, uma coisa pensante fechada em si e isolada” (CARDOSO, 2013, p.61). Na prática clínica, temos como proposta refletir sobre a existência humana, buscando compreender o homem a partir do seu modo de existir no aqui-agora, a fim de o capacitar para fazer suas escolhas e de o auxiliar a ampliar sua *awareness*. Quando consideramos o cliente um ser único, livre para arquitetar seu plano existencial, nós o levamos a reconhecer esse projeto, fazendo com que assuma a responsabilidade do sentido de sua existência.

O filósofo e teólogo Martin Buber postula sobre o existir além do aspecto individual. Buber destaca a importância da alteridade, do diálogo, do encontro e do inter-humano na constituição do ser humano. De acordo com Cardoso (2013, p. 63), “(...) todo viver verdadeiro é um encontro e o evento dialógico é o que ocorre no ‘entre’”. Esse encontro dialógico influencia a forma como a Gestalt-terapia encara a relação terapêutica: um encontro que permite o reconhecimento de si, a experimentação e a significação de si, do outro e do mundo. Assim, a psicoterapia deve ser um encontro receptivo e facilitador para o crescimento de ambos, terapeuta e cliente. O terapeuta deve confirmar a totalidade do indivíduo, desenvolvendo um senso de segurança e disponibilidade para se relacionar como cliente.

Fechando a tríade de escolas filosóficas que sustentam a Gestalt-terapia, a Fenomenologia é uma filosofia e uma metodologia que objetiva uma visão específica do mundo. Segundo Ribeiro (1985), a palavra “fenômeno” tem origem no grego e significa manifestar-se, aparecer, e Husserl definia a fenomenologia como a ciência detalhada dos atos e essência da consciência. Fukumitsu (2013, p. 37) afirma que “fenomenologia significa o estudo do conhecimento da maneira como conhecemos e pressupõe o retorno às coisas mesmas, à intuição originária ou voltar-se a um ato intencional”. A Fenomenologia busca trazer para si a essência mesma das coisas, procurando descrever a experiência da forma como ela acontece. Na prática psicoterápica, o fenômeno revela-se lentamente e, quanto mais ele se revelar, mais estará próximo de sua essência. Esse processo deverá fazer o cliente tomar posse daquilo que o caracteriza como ser no mundo, o que o faz único.

No início do século XX, a Psicologia da Gestalt retoma a consciência como objeto de estudo, porém a partir de uma nova perspectiva. Wertheimer, Köhler e Koffka revolucionaram as teorias a respeito da maneira de como as coisas são percebidas ao afirmarem que percebemos totalidades que são diferentes da soma das partes. Frazão (2013) descreve as contribuições desses autores sobre como nossa percepção organiza-se pelo movimento de figuras que se destacam de um fundo e que nos remetem a questões da percepção e da intencionalidade, pois têm relação tanto com “o que percebo”, quanto com o modo “como percebo”. Ou seja, “ora me aproximo da realidade das partes, ora me aproximo de uma totalidade, enquanto percebida, e que faz sentido para mim” (RIBEIRO, 2006, p.122). A percepção é um processo contínuo de formação e destruição de Gestalten.

Outros princípios teóricos tentam explicar a organização da nossa percepção, como explicado pela teoria de campo de Kurt Lewin. Esse autor propõe fundamentar nossa compreensão sobre o sentido das ações de uma pessoa como um todo coerente e coeso, tendo a relação com o ambiente que contextualiza os comportamentos. Segundo Rodrigues (2013, p.115), “essa teoria ‘meio’ ou ‘campo’ referem-se a ‘quando’ e ‘onde’ algo pode produzir uma diferença na percepção da pessoa”. A noção de tempo apresenta-se com foco no presente e como unidade situacional.

A Gestalt-terapia considera que somos um organismo total em relação com o ambiente que está ao alcance de sua percepção e com o qual pode interagir. Ainda na escola gestaltista, podemos destacar o psiquiatra Kurt Goldstein e sua teoria organísmica, que compreende o organismo como uma só unidade. No seu entendimento, o que afeta uma parte acaba afetando também o todo. Lima (2013) afirma que um dos fundamentos da teoria organísmica é o caráter interacional do ser humano em relação ao meio que o cerca.

Goldstein considerava o homem uma totalidade sempre diferente do que a mera soma das suas funções. Assim, o organismo seria organizado como um todo diferenciado em partes e com potencial de autorregulação.

Também encontramos algumas influências do pensamento oriental na Gestalt-terapia a partir do Taoísmo e ao Zen-budismo. Uma das aproximações entre o método e a visão de homem da filosofia oriental e da Gestalt-terapia é a dialética do Taoísmo, que procura, em sua síntese, compreender a totalidade da realidade por meio da recomposição de polaridades que constituem uma harmonia equilibrada e dinâmica (VERAS, 2013). O Budismo, por sua vez, propõe a compreensão do sofrimento e o caminho para o superar e transformar a consciência. Veras (2013) explica que, na concepção budista, passamos por mudanças naturais e tudo é devir, é transitório. Dessa forma, transformamo-nos constantemente através do contínuo fluxo da vida (CARDELLA, 2002).

Neste sentido, a Gestalt-terapia não foca em interpretações sobre o passado pelo psicoterapeuta, mas em convidar o cliente a experienciar o presente, de forma a lhe possibilitar a se voltar para sua existência, sua relação consigo e com o mundo. Nenhuma experiência deve ser patologizada pelo terapeuta e não cabe ao Gestalt-terapeuta levar o paciente para um padrão “normal”, “saudável” ou “maduro” de comportamento, mas auxiliara retomar a espontaneidade e no reconhecimento de sua capacidade criativa (SPAGNUOLOLOBB, 2013).

### **A formação pessoal e profissional do psicólogo a partir de uma perspectiva gestáltica**

O amadurecimento da identidade profissional ocorre durante toda a vida e, durante o período acadêmico e de formação profissional, o psicólogo em treinamento vive grandes desafios. Carvalho (1998) narra que o desenvolvimento da identidade profissional concebe-se através da relação com o meio social, desenvolvendo-se para assumir papéis referentes à ocupação da vida adulta, às consequências de participações em vários grupos culturais, das informações adquiridas sobre valores e conceitos, enfim da relação com o meio externo. De acordo com Passeggi e colaboradores (2011), quando o indivíduo estar atento a si próprio, deixando-se vivenciar experiências no meio de grupos sociais, faz com que o indivíduo investigue-se, estreitando a relação entre aprendizagem e reflexão autobiográfica. Essa situação facilita o reconstruir da consciência histórica do conhecimento adquirido no decorrer de sua vida.

Com o início da prática clínica nos estágios supervisionados, surgem questionamentos, tais como: “O que é necessário para ser um bom psicoterapeuta?”, “Será que eu estou preparado?”, “O que devo fazer para me preparar para a difícil tarefa de lidar com a história, muitas vezes dolorosa, de um outro?”, “Será que eu realmente disponho do conhecimento e da habilidade mínima necessária para atender essa pessoa?”. Cardella (2002) defende que o psicoterapeuta deve investir em seu próprio trabalho pessoal a fim de ser capaz de estar presente e disponível para o outro, refletindo sobre as experiências vividas e o processo de amadurecimento e crescimento do cliente. Tal afirmação fundamenta-se na ideia de que há momentos nos quais o psicoterapeuta confronta-se com questões da vida de outras pessoas as quais talvez não estejam bem resolvidas em sua própria vida. Argumenta ainda que, se essa vulnerabilidade do terapeuta não for tratada em sua terapia pessoal, ela poderia acarretar em obstáculos na relação terapêutica e/ou até prejudicar o processo de crescimento do cliente. Assim, entendemos que é importante que o terapeuta esteja em contato com o cliente e consigo mesmo, o que exige *awareness*, capacidade de diferenciação e de estabelecer contato de boa qualidade. É fundamental que o terapeuta esteja *aware* consigo e com a relação que surge a partir do encontro com o outro, levando em consideração as resistências do cliente e as suas que podem surgir dessa relação (CARDELLA, 2002). De acordo com Cardoso (2013), Buber considera todo viver verdadeiro como um encontro, no qual estabelecemos um contato autêntico que é seguido de experimentação e reconhecimento de si.

Investir nos aspectos teórico e técnico também é importante, pois, durante a faculdade, estudamos diversos temas e teorias. Entretanto, para se tornar um psicoterapeuta qualificado, temos que estar em uma constante busca de novos conhecimentos. A formação mantém-se ao longo da vida profissional, por meio de cursos de especialização e de atualização, de *workshops*, de palestras e de participações em congressos. Todavia, lembramos que a formação não se resume a esse preparo teórico- técnico, uma vez que não se pode aprender tudo em cursos. É preciso ter experiência, pôr em prática o aprendizado, refletir sobre a atuação profissional nas supervisões de estágio e se colocar verdadeiramente disponível para o encontro com o outro.

O conhecimento tácito do psicólogo é o seu saber de ofício, no qual as teorias estão impregnadas pela experiência pessoal e as estão impregnando numa mescla indissociável. Esse saber de ofício é radicalmente pessoal, em grande medida intransferível e dificilmente comunicável. O resultado é que a adesão explícita a uma “escola” diz muito pouco da efetiva atuação profissional. Na verdade, cremos que quanto mais conta a experiência, quanto mais tempo no exercício da profissão, mais as variáveis pessoais vão

pesando na definição das práticas e das crenças dos psicólogos. (FIGUEIREDO *apud* DUTRA, 2013, p. 208).

O terapeuta tem que estar consciente de si mesmo para que possa sentir-se confortável diante de situações que irão contrapor seus valores e crenças, resultando na capacidade de lidar com a situação de maneira autêntica (CARDELLA, 2002). Por isso, é importante notar que, quando o terapeuta é consciente da própria vulnerabilidade, torna-se capaz de ser humilde, reconhecendo seus limites e ajudando o cliente a acolher a si mesmo de maneira mais generosa. Quando baseada na empatia e capaz de se manter emocionalmente em sintonia com a experiência do outro, a própria relação terapêutica é a principal ferramenta de trabalho do gestaltista. A autora defende também que, para estarmos disponíveis para o encontro com o outro, é preciso que tomemos consciência das exigências da profissão desde o início da formação profissional. Isso exige um trabalho intenso do terapeuta em formação sobre sua própria pessoa (CARDELLA, 2002).

Vivemos um contexto que preza uma narrativa científica e que se centra em “problemas”, buscando “resolvê-los”. A proposta da Gestalt-terapia, em contraposição, é existencial, enfatizando o aspecto humano e as relações (RIBEIRO, 2010). Entendemos que o psicoterapeuta precisa saber respeitar e trabalhar com diferenças. O processo psicoterápico promove o encontro de dois seres humanos de mundos diferentes ou, como diz Resnick (2016), um encontro entre duas fenomenologias. Mesmo que cheguemos a esse encontro inseguros de nossas teorias e técnicas, a nossa disponibilidade para se colocar no lugar do outro, compreender e aprender com as diferenças será nosso guia no trabalho a ser realizado.

### **O uso de narrativas episódicas na psicologia: momentos-figura para fundos existenciais**

A pesquisa com foco em narrativas tem ganhado espaço nas ciências humanas. Tais investigações abordam a subjetividade individual, oferecendo a oportunidade de dar voz ao participante e sua experiência particular. A escolha desse método para nosso estudo surgiu do interesse de entender melhor a formação profissional do psicólogo a partir de histórias de vida.

A narrativa autobiográfica propõe ao narrador a elaboração do próprio memorial, sendo, dessa forma, o real sujeito da narração, embora dela também seja objeto (ABRAHÃO, 2011). A reflexão empreendida no momento da narração é um momento de

compreensão de sua própria formação. Assim, a primeira autora pôde ressignificar, ao longo do processo de escrita e de análise das memórias, o percurso do início ao fim da vida acadêmica, favorecendo sua compreensão das próprias aprendizagens.

O uso de narrativas pode auxiliar no entendimento dos processos de amadurecimento pessoal e profissional do indivíduo. Abrahão (2011) ressalta que a perspectiva da natureza temporal da narrativa autobiográfica é composta por três dimensões: o fenômeno, que é visto como o ato de narrar-se de maneira reflexiva; o método, tendo a narrativa como fonte de investigação; e o processo, como aprendizagem, autoconhecimento e ressignificação.

A narrativa tem um importante papel em nossas vidas, uma vez que ela faz parte do cotidiano por nos permitir ter acesso à dimensão subjetiva de nós mesmos e das pessoas com as quais nos relacionamos (SMITH, 2000). Ele também ressalta que muitas metodologias clínicas utilizam-se de narrativas para realizar intervenções, de forma a reconstruir, ou co-construir, a história de vida de maneira que seja benéfica para o paciente. Logo, podemos considerar a subjetividade como a propulsora da aceitação das abordagens investigativas com método autobiográfico e da recuperação das memórias pela via das histórias de vida. Bahia (2017) afirma que, para que haja a garantia da legitimidade do aproveitamento das discussões e análises realizadas pelas investigações autobiográficas, deve-se exigir um acompanhamento efetivo do pesquisador. O objetivo é de ter um olhar atento, consciente e sensível, além do domínio dos conteúdos teóricos e estratégias sobre essa metodologia, sem risco de as reflexões perderem-se.

Bahia (2017) também enfatiza sobre os estudos e pesquisas das narrativas autobiográficas, como possibilidade do resgate da identidade e também como um processo necessário para o fortalecimento do eu individual, profissional e coletivo, em especial no processo de compreensão e enfrentamento do cotidiano profissional. Oliveira e Sartriano (2014, p. 260) acrescentam que a “narrativa permite que a pessoa tome consciência de si e do mundo, neste processo de construção, e decida com maior responsabilidade o lugar que deseja ocupar em sua própria história”. Essas autoras observam um resgate da subjetividade na Psicologia enquanto ciência nas últimas décadas e reafirmam seu uso na prática clínica. Além de seu uso como recurso psicoterapêutico, a narrativa pode ser aplicada como técnica qualitativa para coleta de dados em diferentes áreas de conhecimento (MURRAY, 2000; SMITH, 2000).



As experiências relacionadas à formação pessoal e profissional são marcadas por nossas escolhas, sendo elas boas ou ruins, e, quando recuperadas, podem nos levar a descobrir momentos marcantes nesse percurso. As narrativas auxiliam na compreensão de como construímos nossas histórias (SILVATICI, 2008). Em Gestalt-terapia, especificamente, já prevemos que a narração do vivenciado ocorre pela função *Personalidade de self*, oferecendo contorno biográfico, delineamento de identidade e continuidade espaçotemporal (TÁVORA, 2014). Várias memórias do passado e do presente possuem uma história singular e, quando recobrados e ressignificados os fragmentos do passado em interface com a reflexão no presente, fomentam planejamentos para o futuro. O resultado é a tomada de consciência reflexiva, isto é, a compreensão a partir da história de vida no processo de sua formação.

Dessa forma, entendemos que o uso de narrativas, tanto como ferramenta de intervenção, como de coleta de dados, corresponde com os princípios epistemológicos e teóricos da Gestalt-terapia. Nesse sentido, reafirmamos o compromisso do gestalt-terapeuta com o diálogo, a tomada de consciência e a recuperação da capacidade de escolha e ação do cliente.

## MÉTODO

O presente estudo foi desenvolvido a partir da experiência da primeira autora tanto na esfera pessoal, quanto no seu percurso acadêmico em disciplinas e nos estágios na clínica-escola ao longo do curso. Por se tratar de um estudo de caso autobiográfico, a investigação tem caráter qualitativo e descritivo.

Os dados qualitativos são essencialmente significativos e diversos em sua forma, incluindo qualquer forma de comunicação humana (seja escrita, auditiva ou visual), de comportamento, de simbolismo ou mesmo de artefatos culturais. Gibbs (2009, p.17) acrescenta que “o tipo mais comum de dado qualitativo usado em análise é o texto, que pode ser uma transcrição de entrevistas ou notas de campo de trabalho etnográfico ou outros tipos de documentos”.

A primeira autora produziu nove narrativas episódicas a respeito de sua experiência ao longo do curso, em estágios e encontros de supervisão entre os meses de agosto e de setembro de 2017. Os dados foram analisados qualitativamente a partir da literatura revisada e de uma leitura fenomenológica de “versões de sentido” conforme orientação de Boris (2008). Segundo o método proposto por esse autor, registra-se de forma sucinta a

experiência através de impressões, tanto da vivência objetiva quanto subjetiva, revelando vários sentidos do experienciado.

No ponto de vista fenomenológico e existencial, a fala de uma Versão de Sentidos “presentifica todas as relações desta fala reunindo passado, presente e futuro, em termos de temporalidade, e reuni o lá e o aqui em termos de espacialidade” (COSTA; MATEUS; SANTOS, 2012, p.38). Sendo assim, um modo de registrar as sensações do terapeuta a partir da descrição do que se foi vivenciado, buscando a essência e a dinâmica do processo, para Boris (2008), na Versão do Sentido, a pessoa, além de lembrar o ocorrido, fala de forma atual no presente, como na primeira vez, assim explicando os detalhes do vivido.

Foram utilizados como instrumento de investigação nove registros autobiográficos, produzidos pela primeira autora, ocorridos em diário narrativo episódico, sendo uma narrativa relativa a cada semestre cursado, a respeito de sua experiência pessoal e em disciplinas ao longo do curso, e em estágios e encontros de supervisão.

[...] a utilização contemporânea das abordagens (auto) biográficas é fruto da insatisfação das ciências sociais em relação ao tipo de saber produzido e da necessidade de uma renovação dos modos de conhecimento científico... a nova atenção concedida [para esse tipo de abordagem] no campo científico é a expressão de um movimento social mais amplo...encontramo-nos perante uma mutação cultural que, pouco a pouco, faz reaparecer os sujeitos face às estruturas e aos sistemas, a qualidade face à quantidade, a vivência face ao instituído (NÓVOA, 1993, p. 18 *apud* BOLDARINE, 2010, p.14 ).

Esse tipo de abordagem de narrativa autobiográfica dedica-se ao estudo de um relato e/ou uma história de vida. Ajudando-nos, então, a entender melhor os processos de formação pessoal e profissional do indivíduo. De acordo com Frison e Simão (2011), o foco da pesquisa autobiográfica encontra-se no ser humano que, em diferentes situações, narra fatos e reflexões de sua vida. Os autores ainda afirmam que “a pessoa, ao narrar, narra-see, ao fazê-lo, ressignifica experiências, vivências, aprendizagens, dando-lhes novo significado” (FRISON; SIMÃO, 2011, p. 198). Logo, a pesquisa autobiográfica busca sistematizar e compreender, a partir dos diários narrativos, aspectos que relacionados à construção da identidade profissional e pessoal da jovem psicoterapeuta, ao evidenciar marcas e experiências vividas no percurso de sua formação.

## **ANÁLISE E DISCUSSÃO**

Os relatos gerados pela primeira autora, então estudante do curso de graduação em Psicologia, sobre sua trajetória acadêmica são discutidos e comentados a seguir nesta sessão. Analisaremos as narrativas mais significantes através de uma correlação contextual e apresentaremos algumas reflexões resultantes da conferência das narrativas autobiográficas estudadas. Optamos por apresentar uma síntese interpretativa das narrações em três momentos: a) escolha e início do curso, b) decorrer do curso e c) conclusão do curso.

### **Processo de escolha e início do curso de graduação (ano de 2013)**

Percebe-se, logo no início do diário, a formação de conflitos consigo mesma, de forma que a aluna vê-se indecisa e preocupada quanto ao seu futuro.

Logo quando iniciamos a faculdade, sempre vem àquela pergunta clichê, que ainda hoje escuto, "Porque escolheu a Psicologia? Isso é coisa de doido." alguns me diziam. Então, vou contar como foi essa minha escolha. A psicologia nunca foi uma das minhas opções, na minha mente, minha única certeza era que eu queria algo na área da saúde. Já pensei em fazer Nutrição, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Enfermagem e já até cogitei a possibilidade de fazer educação física. Já considerei também em me dedicar para passar em uma universidade federal para cursar Medicina, mas colocando tudo na ponta do lápis não daria certo, devido vários fatores, e então desisti (Diário/2013 – 1º período do curso).

Mesmo sabendo a área na qual desejamos atuar, existe uma vasta opção de cursos para escolher e a influência da família, amigos, escola e mercado de trabalho pode ajudar e/ou atrapalhar nessa decisão. Apesar das influências e dificuldades para se decidir, a escolha deve ser feita por si próprio e, nessa situação, nada melhor do que estar *aware*, ter consciência das experiências vividas e de seus gostos para se que possa fazer a escolha certa do curso.

[...] eu não tive instruções na escola e nem em casa quanto à escolha de uma profissão, foi bem difícil decidir algo, até porque se fosse pelo meu pai, eu terminaria o ensino médio, conseguiria um emprego e pronto, mas eu queria algo a mais (Diário/2013 – 1º período do curso).

Devido à falta de apoio tanto dentro como fora de casa, há uma grande probabilidade de não ingressar no ensino superior. Como descrito no relato, sentir-se perdido e sem orientação adequada torna ainda mais difícil tomar uma decisão sobre a continuidade dos estudos ou a inserção no mercado de trabalho.

Quando se tem um sonho ou uma convicção, no qual querer ser e/ou tornar-se alguém, em complemento com força de vontade e esforço para obter algo significativo na sua vida, é sim possível, mesmo diante das dificuldades, tornar-se além de um profissional de sucesso, uma personalidade de sucesso. Fazendo assim dessas limitações implantadas pela sociedade, o elemento principal de motivação para estudar e provar ser possível para si mesmo.

[...] nessa indecisão de qual curso escolher e com medo de escolher algo que eu não me sentisse bem, optei por fazer um curso técnico, pois seria mais rápido e mais em conta financeiramente. E de novo surge à questão, qual curso escolher? Pensei em algo relacionado à beleza, técnico em estética, mas ainda não era aquela coisa que me enchia os olhos de vontade. Então, depois de seis meses sem saber o que fazer, resolvi cursar o técnico em enfermagem, apesar da família não ter me dado aquele apoio inicial, ficavam falando que eu era muito fresca, que eu não daria conta de ver sangue, cuidar de alguém, fazer curativo, coisas desse tipo. Mas, fui eu com a força de vontade e muita coragem. Iniciei o curso e me apaixonei pela arte do cuidar (Diário/2013 – 2º período do curso).

A falta de recursos financeiros e o medo de começar um curso e não se identificar fez com que a primeira autora optasse por algo que envolvesse menos tempo e menos gastos. Em paralelo com estas questões problemáticas, ao escolher enfrentar algo mais simples, pode surgir, além de conhecimento, o que é benéfico, algumas perdas resultantes das escolhas referentes ao que irá deixar de lado, a quem não poderá ser e ao que deixará de fazer. Somos seres únicos, livres para arquitetar nossos planos existenciais, a fim de, assim, fazer escolhas com as quais se consiga arcar com as consequências e consequentemente ampliar a nossa *awareness* (CARDOSO, 2013).

[...] durante o curso técnico fui apresentada a matéria de saúde mental, onde foi algo bem diferente e que me encantou. A partir dessa matéria, comecei a pesquisar mais sobre saúde mental e cheguei até a psicologia, que até onde eu sabia e já tinha ouvido falar, psicólogo era para cuidar de doido. Comecei a pesquisar sobre psicologia... O que faz um psicólogo? Onde atua? Quanto ganha? E me surgiu a necessidade de fazer essas perguntas para um psicólogo, foi quando resolvi marcar uma consulta para conhecer como que era na realidade, e escutar de um psicólogo as respostas de todos os meus questionamentos quanto à profissão. Saí do consultório apaixonada, pois a psicóloga me mostrou um leque de possibilidades de atuação na área que não me prenderia só em hospital ou clínica como a enfermagem (Diário/2013 – 2º período do curso).

A necessidade de conhecer o curso para que se tenha certeza de sua escolha é bastante visível, visto que, para se escolher uma futura profissão, requer-se autoconhecimento, para que se consiga fazer uma escolha do curso, ao qual se consiga adaptar de acordo com seus gostos. Nesse momento é importante conversar com profissionais da área de interesse para conhecer a real rotina da profissão, para que não se faça uma escolha em cima de mitos sobre a profissão.

Nota-se também que, quando associado à vontade em exercer alguma profissão junto com a “paixão” pelo que deseja se tornar, surge um enorme entusiasmo em não perder mais nem um minuto para iniciar uma carreira profissional. Pode-se dizer que a referência na escolha profissional não está relacionada somente à determinação de uma vocação, mas também aos processos de aprendizagem, baseados em experiências pessoais já vivenciadas, fazendo ser um encontro que permita o reconhecimento de si, a experimentação e a significação de si, do outro e do mundo.

[...] terminei o curso de técnica em enfermagem, me especializei em instrumentação cirúrgica, atuei como técnica em enfermagem, mas na hora de escolher o curso superior, foi uma surpresa para todos quando eu disse que faria psicologia. [...] Meu pai não gostou da minha opção por escolher psicologia, devido eu já estar trabalhando na área da saúde; porém, como técnica de enfermagem, minha mãe ficou sem entender o porquê da minha decisão em fazer psicologia ao invés de enfermagem. Mas como eu estava trabalhando, eu assumi a responsabilidade da minha escolha e banqueei meu curso inicialmente (Diário/2013 – 1º período do curso).

Ao se deparar com a própria vontade e em contraposição a opiniões de pessoas e parentes próximos que soavam negativas, a liberdade de escolha entre desistir no mesmo instante ou, então, de se recriar, acreditando no próprio potencial escondido, o qual só pode ser encontrado através da *awareness*. Resta buscar compreender-se a partir da maneira de existir no aqui-agora, tomando iniciativa em procurar o que tanto almejava, seguindo em frente independente dos obstáculos que tenha de enfrentar no futuro, e saber ser certo que, independentemente de qualquer escolha, haverá obstáculos.

Porém, o estudante em processo final de formação profissional, deve entender que os obstáculos de uma escolha por se tornar profissional psicoterapeuta apoiará seu constante crescimento de caráter, tanto antes, como durante e após minha formação. Estes obstáculos serão como degraus para meu aperfeiçoamento: em cada vitória encontrada, mais perto se estará do sucesso.

Perls (1979, p. 142) discute que a terapia gestáltica tem como objetivo ajudar pessoas a expandirem e encontrarem seu potencial pleno e recuperar o potencial criativo. Há uma concordância quanto à argumentação por Ribeiro (1985), que defende a perspectiva gestáltica do homem em sua integralidade e aperfeiçoamento de suas capacidades.

[...] comecei a cursar Psicologia em 2013/2 e por não ter fechado turma, já iniciei cursando o segundo período junto com a turma que tinha iniciado em 2013/1. Como a turma era bem grande juntaram com os poucos alunos que ingressaram em 2013/2 e depois dividiram em duas turmas. Isso foi bem

assustador, iniciar a faculdade em uma turma que já estavam juntos a algum tempo e que já tinham os vínculos de amizade formados, sem ter cursado as matérias introdutórias, que geralmente achamos chatas, mas que fazem muita falta. [...] a matéria que mais me assustou, apesar de eu ter uma familiaridade, foi a “temida” Neuroanatomia, eu me senti despreparado para começar logo essa disciplina. Mas apesar do medo, foi uma matéria bem gostosa de aprender, assim como as outras, e era muito divertida e cheia de aventuras quando íamos para as aulas no anatômico com peças reais em São Pedro. (Diário/2013 – 1º e 2º período do curso).

O sentimento de despreparo existe em toda situação considerada desconhecida durante a vida e ter essa insegurança não serve de motivo para dizer que é incapaz de passar por uma situação difícil. Desse modo, as questões da percepção e da intencionalidade têm relação tanto com “o que percebo”, quanto com o modo “como percebo”. Essa percepção é um processo constante e tem fundamento em uma diversidade de opções (RIBEIRO, 2006, p. 122).

[...] foi uma experiência bem produtiva nesse primeiro/segundo período, tanto no sentido pessoal, de fazer novas amizades e tentar me enturmar, quanto em conciliar trabalho com estudos (Diário/2013 – 2º período do curso).

A convivência com outras pessoas força uma interação no meio social e exige desenvolver laços com o exterior. Esse momento de interação com o meio foi de suma importância, visto que o ser humano precisa dessa interação para que possa expressar seus desejos e vontades para que haja uma troca de experiência, buscando melhorar seu ambiente externo. Cardoso (2013) destaca que o homem é abertura para o mundo e só se constitui como tal enquanto está em conexão com o mundo e lhe dando sentido. De acordo com o tempo, ocorreu uma identificação com esses colegas que têm o mesmo ideal dentro do curso e se passou a ter compartilhamento das ideias, fortalecendo assim vínculos importantes, que irão agregar conhecimento compartilhado. Entre esse limite de contato, ocorrem os pensamentos, ações e eventos psicológicos que são nossa maneira de vivenciar e encontrar nossos limites dentro do curso.

### **Decorrer do curso de graduação (ano de 2014 a 2016)**

No decorrer do curso percebe-se algumas dificuldades de cunho pessoal e financeiro, no qual vem a interferir no âmbito acadêmico.

[...] esse foi um semestre bastante puxado, devido minha dificuldade de compreender a matéria de bioestatística, junto à falta de tempo para me dedicar aos estudos das matérias que exigiam um tempo de estudo diferenciado. Essa falta de tempo se deu, a um momento de turbulência no

meu emprego. Foi um momento onde eu estava sendo exigida tanto na faculdade, quanto no trabalho. O cansaço foi o fator de maior relevância ao correlacionar meus estudos com um emprego ao mesmo tempo. [...] em meio a toda essa turbulência, eu também tentava conseguir o FIES, pois até então eu estava trabalhando apenas para pagar a faculdade. O salário que eu recebia era exatamente o valor da mensalidade e como todo ano tem reajustes no valor ia chegar um momento que o salário não daria. Após muitas tentativas consegui um fiador e financeiei 50% do meu curso (Diário/2014 – 3º período do curso).

Dificuldades financeiras podem ser um dos maiores obstáculos quando se diz respeito a cursar ou mesmo continuar cursando o curso, visto que, manter um curso superior tanto na rede pública, quanto na rede privada, demanda de gastos financeiros, com transporte, matérias de estudo como livros e/ou cópias, alimentação, dentre outros gastos que aparecem no decorrer da formação. O diferencial, nos dias de hoje, são vários fomentos em forma de bolsas ou financiamento, o que permite ao aluno interessado buscar por recursos secundários, para que obtenha seu diploma. Deve-se entender também que existe disciplina em que se tem de estudar mais, o que depende somente do aluno. Assim, buscar com mais interesse a realização dos sonhos, não deixando a desculpa “não tenho dinheiro” se apropriar da mente. O pensamento positivo irá mover a buscar sempre mais.

[...] esse período foi mais tranquilo em vista do outro usei para pensar sobre as minhas prioridades e cheguei à conclusão que seria melhor eu sair do meu emprego. Com isso, sentei com meus pais, para que eu pudesse passar para eles a situação e saber se meu pai me ajudaria no financeiramente com 50%, pois até então, eu que pagava a mensalidade. Eles me apoiaram (Diário/2014 – 4º período do curso).

Por mais que, no início das narrativas, a família mostrava-se contra a escolha do curso, aqui ela se colocou disposta a ajudar. Esse apoio fez-se importante para o indivíduo sentir-se mais confiante a seguir em frente, aprendendo a lidar com as consequências de sua escolha.

[...] cumpri o aviso no mês de fevereiro e no final do mês seguinte consegui um estágio na área de psicologia, fiquei muito feliz e realizada em começar a estagiar no RH com recrutamento e seleção. Uma experiência curta, mas cheia de descobertas. No novo estágio fiquei receosa em atender uma criança sozinha. Posso dizer que esse meu primeiro contato com a clínica foi meu maior desafio durante a graduação (Diário/2015 – 5º período do curso).

A fase mais importante dentre as atividades da formação acadêmica é o estágio, cujo objetivo é desenvolver competências, habilidades e atitudes nos discentes para melhores resultados no exercício profissional. No mercado atual, infelizmente alguns alunos

deparam-se com a falta de campo de estágio. Porém, é possível encontrar formas de ser voluntário enquanto não há algo certo.

[...] a disciplina de Psicologia do trabalho me fez pensar muito no futuro, sobre carreira profissional e mercado de trabalho. Fez-me refletir sobre experiência profissional para futuramente estar me inserindo no mercado de trabalho, mas qual área seguir? Clinicar? Atuar no RH? Prestar concurso? Senti um “nó” nos pensamentos (Diário/2015 – 6º período do curso).

É comum ocorrer levantamento de questões também no final do curso, pois elas contribuem para que o aluno aprenda a lidar com os pensamentos relevantes quanto a que especialização seguir após formação. O autor Ribeiro (1998, p. 30) discute que o conflito entre a população e seu desempenho como pessoa é importante para que se faça essa percepção.

[...] no estágio supervisionado III que foi a continuação do II, até rendeu mais do que imaginávamos, pois entramos junto a DPS (Departamento de promoção à saúde) da Polícia Civil em um projeto que as psicólogas já tinham, era um “Programa de Preparação para Aposentadoria”, onde era direcionado para os policiais que já eram para estar aposentados, mas continuava a trabalhar, para os que estavam próximos da aposentadoria e para os que já estavam aposentados. [...] Esse encontro foi muito enriquecedor, pois ali eu pude vivenciar um novo campo de atuação do psicólogo, no qual eu não conhecia. [...] Através dessa experiência me fez mais uma vez pensar no futuro... Será que tentar um concurso público como Psicólogo seria uma boa? (Diário/2016 – 7º período do curso).

O estágio obrigatório é o momento em que vivenciamos as teorias aprendidas em sala, a fim de compreender o conteúdo estudado, relacionando-o com o cotidiano de trabalho. Essa experiência faz-se eficiente no momento do aprendizado e se mostrou de suma importância na vida da discente.

### **Conclusão do curso de graduação (2016 a 2017)**

Nesse momento do curso, percebe-se, no diário, preocupações relacionadas à conclusão do ensino superior e à inserção no mercado de trabalho.

O final desse semestre foi de dúvidas, pois já deveríamos escolher qual abordagem seguir no estágio clínico e qual área da ênfase. Foi fácil a escolha da ênfase em saúde, apesar de ter pensado em uma possibilidade na área de educação a saúde sempre foi minha paixão, como eu já conhecia o ambiente hospitalar a escolha do estágio foi feita para que eu pudesse conhecer outra realidade dentro do contexto de saúde, então resolvi escolher o estágio no PRESTA com dependentes químicos. Já na escolha da abordagem fiquei com medo de escolher a Gestalt pela dificuldade que tive em teorias e práticas psicoterápica, mas enfim não teria



como escolher outra se eu me identificava com a GT. (Diário/2016 – 8º período do curso).

[...] mediante tudo isso ainda tínhamos que escolher um tema para o TCC e fazer um pré-projeto para entregar, isso para mim foi um desafio assustador no qual eu tive muitas dificuldades. E ainda me dividia em estudar para outras matérias teóricas (Diário/2017 – 9º período do curso).

No momento final do curso, geralmente ocorrem várias demandas estudantis ao mesmo tempo, a partir das quais o aluno vê-se em constante conflito pessoal em saber lidar com todas suas responsabilidades, sendo necessário dispor de planejamento diário para que consiga se organizar e completar todas as atividades.

[...] meu psicológico ficou bastante abalado no início do meu último período, devido à pressão do TCC, várias inquietações em não suportar toda carga de responsabilidade, de dar conta sozinha e entregar em tempo hábil para apresentar, foram tantas preocupações que acabei sofrendo no meu próprio físico, com reações no corpo; como queda de cabelo, unhas quebradiças, sonolência, crises alérgicas e diarreia na qual eu não consegui lidar para evitar essas reações. [...] quando percebi estar seguindo para minha conclusão, tive um olhar diferente, pois quando relembro sobre o caminho percorrido consigo refletir e perceber mudanças em meu modo de agir. Percebi que amadureci pessoalmente e profissionalmente. Percebo que minhas ações hoje, são mais pensadas e elaboradas do que antes, para que não haja desentendimentos. Junto com essas mudanças vem a certeza da responsabilidade que devo ter no futuro próximo (Diário/2017 – 10º período do curso).

À medida que se avança no curso, mais ocorre o conhecimento do quanto seu corpo suporta, porque se começa a sentir e a expressar sintomas que não existiam, percebendo-se, assim, cada vez mais seus próprios anseios, limites e sentimentos mais sensíveis. É dar-se conta de dentro para fora, é estar atento, consciente de si.

[...] compreendi durante a escrita desses diários que sou uma pessoa melhor do que eu era quando entrei [no curso de psicologia]. Mudei alguns conceitos, me tornei uma pessoa mais empática, aprendi com meus erros, vivenciei situações que nunca me via vivenciar e cheguei à seguinte conclusão: os questionamentos e os medos sempre estarão presentes em nossa vida, em situações de algo novo, desconhecido ou diferente. E, cabe somente à própria mente criar coragem para trilhar esses caminhos desconhecidos e permitir-se aproveitar cada momento vivido como forma de constante aprendizado (Diário/2017 – 10º período do curso).

Nosso interesse, ao discutir esse diário, foi analisar as complexas relações entre o olhar do discente sobre suas fases de desenvolvimento profissional e pessoal. Nesse último relato, percebe-se como existe uma compreensão pessoal dos próprios atos, porque, à medida que se entra em contato com seu interior a longo prazo, ocorre maior desenvolvimento de sua própria visão como futuro terapeuta. Porém, dessa vez, a autora é

mais objetiva nas ideias do que quando se compara ao início da narração. Podemos correlacionar esse ato de “se perceber” como um processo de Gestalt, em que existe maior consciência do impacto de seu comportamento como um futuro psicoterapeuta, uma responsabilidade não somente pessoal do presente em atuar como um, mas agindo em consciência como um estimulante da mudança, abrindo novas portas de possibilidade para a compreensão das experiências vividas.

## CONCLUSÃO

O presente artigo teve como objetivo uma reflexão sobre formação profissional e pessoal do psicólogo, usando diários como instrumento de coleta de dados em um estudo autobiográfico. Procuramos explorar os aspectos textuais mais importantes encontrados nas narrativas da aluna.

Após análise e interpretação das narrativas, pode-se compreender o quão impressionante é o desenvolvimento do indivíduo e como é relevante desenvolver narrações que expressem interesse nos leitores em descobrir como são os desafios de uma formação profissional. Essa identidade formativa possibilitará a outros estudantes estabelecerem uma análise entre aquilo que fazem e o que pretendem fazer, de acordo com a necessidade de saber utilizar estratégias para as dificuldades mostradas e obter melhor desempenho acadêmico.

Assim, concluímos que a consciência e o contato conosco mesmos refletem-se na integração dos fatos com o foco voltado para o “eu” como o autor de sua própria história. E ela terá o final que cada um quiser. Para isso, basta começar. O processo é demorado, porém é extremamente necessário passar por cada etapa para obter uma formação com êxito.

O uso de diários nos estudos é pouco utilizado, mas, como se pôde perceber, é bastante relevante para novas descobertas, o que justifica novos estudos. Esse seria um convite a experimentar uma modalidade de pesquisa-intervenção com a contribuição e a discussão que a abordagem possa vir a trazer: a reflexão sobre a existência humana.

## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. M. B. Memoriais de formação: a (re)significação das imagens-lembranças/recordações-referências para a pedagoga em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, mai/ago, 2011, p. 165-172.

BAHIA, N. P. Metaforizando as narrativas de si: uma arte em prosa. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 02, n. 04, jan./abr. 2017, p. 177-191.

BOLDARINE, R. F. **Representações, narrativas e práticas de leitura**: Um estudo com professores de uma escola pública. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2010. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/91176/boldarine\\_rf\\_me\\_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/91176/boldarine_rf_me_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 24 de nov. 2017.

BORIS, G. D. J. B. Versões de sentido: Um instrumento fenomenológico-existencial para a supervisão de psicoterapeutas iniciantes. **Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro, vol. 20, n. 1, 2008, p. 165-180. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=291022014011>. Acesso em: 12 de dezembro de 2017.

CAES, V. **A Concepção de Indivíduo Segundo Kierkegaard**. Anais do VII Seminário de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar, São Paulo, 2011, p.437-446. Disponível em: <http://www.ufscar.br/~sempgfil/wp-content/uploads/2012/05/valdineicaes.pdf>. Acesso em: 10 de nov. 2017.

CARDELLA, B. H. P. **A construção do psicoterapeuta**. São Paulo: Summus, 2002.

CARDOSO, C. L. A face existencial da Gestalt-terapia. In: FRAZÃO, L. M. FUKUMITSU, K. O. (Org.) **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013, p. 59-75.

CARVALHO, A. A.; ULIAN, A. A. O.; BASTOS, A. V. B.; SODRÉ, L. G. P.; CAVALCANTE, M. L. P. A escolha da profissão: Alguns valores implícitos nos motivos apontados pelos psicólogos. *In*: Conselho Federal de Psicologia (Org.) **Quem é o psicólogo Brasileiro?** São Paulo: EDICON, 1988, p. 49-68.

DUTRA, Elza. Formação do psicólogo clínico na perspectiva fenomenológico-existencial: dilemas e desafios em tempos de técnicas. **Rev. Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 205-211, Dec. 2013. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S180968672013000200008&lng=en&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180968672013000200008&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 20 nov. 2017.

FRAZÃO, L. M. Psicologia da Gestalt. In: FRAZÃO, L. M. FUKUMITSU, K. O. (Org.) **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013, p.99-113.

FRISON, L. M. B.; SIMÃO, M. V. Abordagem (auto)biográfica – narrativas de formação e de autorregulação da aprendizagem reveladas em portfólios reflexivos. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, maio/ago, 2011, p. 198-206.

GIBBS, G. Análise de dados qualitativos. Coleção Pesquisa Qualitativa. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.

FUKUMITSU, K. O. O método fenomenológico em pesquisa gestáltica. In: FRAZÃO, L. M. FUKUMITSU, K. O. (Org.) **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. p. 34-58.

LIMA, P. V. A. A Gestalt-terapia holística, organísmica e ecológica. In: FRAZÃO, L. M. FUKUMITSU, K. O. (Org.) **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. p. 145-156.

LISBOA, F. S.; BARBOSA, A. J. G. Formação de Psicologia no Brasil: Um perfil dos cursos de graduação. **Psicologia Ciência e Profissão**. Brasília, v. 29, n. 4, 2009, p. 718-737. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932009000400006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000400006&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 12 dez. 2017.

MURRAY, M. Levels of narrative analysis in health psychology. **Journal of health psychology**, v. 5, n. 3, p. 337-347, 2000.  
Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/13591053000500305>. Acesso em: 27 out. 2017.

PASSEGGI, M. C. SOUZA, E. C.; VICENTINI, P. P. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n.1, abr. 2011, p. 369-386.

PERLS, F. S. **Escarafunchando Fritz**: dentro e fora da lata de lixo. São Paulo: Summus, 1979, p.142.

RESNICK, R. W. **An Introduction to Gestalt Therapy Theory**. 2016. On-line. Disponível em: <https://vimeo.com/ondemand/gestaltfilms/181868433?autoplay=1>. Acesso em: 27 de outubro de 2017.

RIBEIRO, J. P. **Gestalt-Terapia**: refazendo um caminho. São Paulo: Summus, 1985.

RIBEIRO, Walter. **Existência–essência**: desafios teóricos e práticos das psicoterapias relacionais. São Paulo: Summus, 1998.

RIBEIRO, J. P. **Vade-mécum de Gestalt-terapia**: conceitos básicos. São Paulo: Summus, 2006.

RODRIGUES, H. E. Relações entre a teoria de campo de Kurt Lewin e a Gestalt-terapia. In: FRAZÃO, L. M. FUKUMITSU, K. O. (Org.) **Gestalt-terapia**: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas. São Paulo: Summus, 2013, p. 114-144.

SILVATICI, C. **Origine e sviluppo della prospettiva narrativa in psicologia**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) – Università Di Pisa, Pisa, Itália, 2006. Disponível em: <https://etd.adm.unipi.it/t/etd-05052008-184739/>. Acesso em: 01 jun. 2018.

SPAGNUOLO LOBB, M. **The now-for-next in psychotherapy**: Gestalt therapy recounted in post-modern society. Milan: Franco Angeli, 2013.

SMITH, C.P. Content analysis and narrative analysis. In: REIS, H. T., JUDD, C. M. (Eds.). **Handbook of research methods in social and personality psychology**. Cambridge University Press, 2000, p. 313-335.

TÁVORA, C.B. Self e suas funções. In: FRAZÃO, L.M.; FUKUMITSU, K.O. (Org). **Gestalt-terapia**: conceitos fundamentais. São Paulo: Summus Editorial, 2014, p. 63-87.

VERAS, R. P. A influência do pensamento oriental na Gestalt-terapia. In: FRAZÃO, L. M. FUKUMITSU, K. O. (Org.) **Gestalt-terapia**: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas. São Paulo: Summus, 2013. p. 157-177.

# UM NÃO-LUGAR: O SIMBOLISMO PRESENTE NA RODOVIÁRIA DE VITÓRIA/ES

*A NON-PLACE: THE SYMBOLISM PRESENT IN THE ROAD OF VITÓRIA / ES*

Adller Moreira Chaves<sup>1</sup>

## RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar se a rodoviária da cidade de Vitória/ES possui características de não-lugares descritas por Augé (2012). Diversos autores tratam a ideia de lugar como identitário, relacional e histórico, sendo o não lugar a oposição a isso. Dessa forma, Augé (2012) destacou alguns lugares que geralmente não possuem essas características: aeroportos, centros comerciais e rodoviárias. Sendo assim, o trabalho explorou esse pensamento fazendo uma pesquisa com observações e entrevistas com pessoas que circulavam pelo espaço do terminal rodoviário. Apesar de apresentar muitas características de não-lugares, não se pode colocar como uma regra para todos os passageiros, pois existem alguns que rompem e levam a rodoviária a ter características fortes de lugar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lugar, Não-lugar, Terminais Rodoviários, Passageiros.

## ABSTRACT

This paper aimed to analyze whether the bus station in the city of Vitória / ES has characteristics of non-places described by Augé (2012). Several authors treat the idea of place as identity, relational and historical, and the non-place is the opposition to that, in this way, Augé (2012) highlighted some places that generally do not have these characteristics: airports, shopping centers and highways. Thus, the work explored this thought by conducting a study with observations and interviews with people who circulated through the space of the bus terminal. Despite presenting many characteristics of non-seats, it cannot be put as a rule for all passengers, as there are some that break and lead the bus station to have strong seat characteristics.

**KEYWORDS:** Place, Non-place, Bus Terminals, Passengers.

## INTRODUÇÃO

Após a Revolução Industrial, ocorreu, no Ocidente, um grande êxodo rural, proporcionando o aparecimento de sistemas de transportes de passageiros. No Brasil, com a chegada da indústria automobilística na década de 50, houve um crescimento acentuado

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Mestre em Administração (UFES).  
E-mail: adllerchaves@gmail.com.

no número de estradas e nos sistemas de transportes coletivos. Em função disso, apareceram os terminais rodoviários (ZANCHET et al, 2006; GONÇALVES; NETO, 2008).

Augé (2012) definiu que “não-lugar” são lugares públicos de rápida circulação de pessoas, lugares transitórios, não personalizados. Segundo o autor, as relações nesses não-lugares são feitas de maneiras contratuais, representado por símbolos da supermodernidade como: cartão de crédito, passaporte, passagem e carteira de motorista, sendo que esses símbolos comprovam a identidade, permitindo o deslocamento de pessoas. Os principais exemplos de não-lugares são: aeroportos, supermercados, quartos de redes de hotéis e as rodoviárias (AUGÉ, 2012).

Veem-se diariamente, na televisão, programas levando pessoas para reencontrar outras a quilômetros de distância e muitos desses encontros se dão na rodoviária — também local de desencontros, com mães levando seus filhos para irem embora de suas “pequenas” cidades para estudarem fora de casa após períodos de férias.

Observando esse contexto de não-lugar e a importância dos terminais rodoviários, resolveu-se fazer este trabalho. Durante o estudo, foi pesquisado se realmente a rodoviária é não-lugar para todos os passageiros que passam por ela. Além disso, essa pesquisa averiguará se a rodoviária possui as principais características detalhadas pelo Augé (2012) como sendo de não-lugares. Durante a pesquisa, também se puderam observar alguns outros aspectos simbólicos na rodoviária, que possam ter a ver com a temática.

## **As Rodoviárias**

Segundo G1 (2012), uma boa parcela das rodoviárias nas capitais brasileiras nasceram entre os anos 70 e 80. Na época, eram belos projetos; hoje, no entanto, envelheceram e precisam de investimentos nas infraestruturas e manutenção. Foi nesse período citado que se construiu o maior terminal rodoviário do país e considerado o segundo do mundo em movimentação de passageiros, o Tietê. Inaugurado em 1982, possui o total de 89 plataformas, atendendo cerca de 300 linhas de ônibus (SOCICAM, 2015).

Os terminais rodoviários ou estações rodoviárias — comumente chamadas de rodoviárias — são estruturas em que ônibus intermunicipais, interestaduais ou internacionais param para que passageiros embarquem ou desembarquem. Nelas, normalmente, são oferecidas infraestruturas para os passageiros alimentarem-se, utilizarem de banheiros e locais de espera adequados (SOARES, 2006). Mozos et al (2001) mostram que é muito

importante a existência de lojas, serviços de alimentação e outros empreendimentos em locais onde o tempo de espera costuma ser mais longo, por exemplo terminais de grande movimentação de passageiros. Nesse sentido, essa é a principal diferença entre o local de parada de ônibus e os terminais rodoviários. Geralmente, as rodoviárias, como são comumente conhecidas, são o local de início e término de viagens (SOARES, 2006; GONÇALVES; NETO, 2008).

As rodoviárias podem ser consideradas empresas de multisserviços, pois nelas há uma diversidade enorme de produtos e serviços. Dependendo do porte, cada rodoviária possui infraestruturas diferentes, mas algo indispensável é a pista de acesso e de saída para os ônibus chegarem às plataformas de embarque e de desembarque de pessoas. Além disso, devem ter guichês para vender os bilhetes de passagens. As diversas outras estruturas dependem muito do tamanho da cidade em que se localiza e o porte da mesma (GONÇALVES; NETO, 2008).

Gouveia (1980) afirma que as estações rodoviárias podem ser caracterizadas como elementos fundamentais para o sistema de transporte, pois é onde ocorre a interação entre o indivíduo e o sistema de transporte. Estudar os terminais rodoviários é importante, pois eles são um elemento-chave do sistema de transporte rodoviário de passageiros no Brasil, além de contribuir muito com a mobilidade de cargas. (SOARES, 2006; GONÇALVES; NETO, 2008). Segundo dados do site da Associação Brasileira de Empresas e Transportes Intermunicipais, Interestaduais e Internacionais — ABRATI (2015), todos os municípios brasileiros são atendidos pelos sistemas rodoviários de ônibus, assegurando a mobilidade entre passageiros. São 71.000 ônibus de mais de 2000 empresas, fazendo 49 milhões de viagens por ano.

Por outro lado, nos últimos anos, os transportes rodoviários vêm perdendo passageiros (SOARES, 2006). O Anuário da Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC) (2014) confirma e diz que o modal aéreo vem ganhando espaço no país, principalmente em viagens interestaduais com distâncias superiores a 75 km. Em 2003, a participação do transporte de passageiros no aéreo nesse nicho era de 27,93%, tendo passado para 52,6%, em 2010, e acrescido para em 59,38% em 2013. Esses dados demonstram que a participação do transporte aéreo, neste mercado, mais do que dobrou nos últimos dez anos (ANUÁRIO DO TRANSPORTE AEREO, 2014). Apesar disso, só existem 191 aeroportos com serviços aeroportuários, ou seja, com linhas regulares de transporte de passageiro, dificultando, assim, o modal aéreo de dominar ainda mais o mercado, pois existem 5.570 municípios no país (ANUÁRIO DO TRANSPORTE AEREO, 2014; CASTRO, 2013). Um

Um dado importante é que o transporte pelas vias rodoviárias é caracterizado por ser mais barato que pelas vias aéreas, devido às facilidades que o país possui nesse quesito, podendo a diferença de valor ser até de dez vezes a mais para o meio aéreo. Um fator que pode explicar a queda do número de passageiros nas rodoviárias pode ser explicado pelo transporte clandestino, maior uso de carros particulares e de avião. As empresas do setor afirmaram que a concorrência interna não é motivo relevante para isso, pois é apresentado um pequeno grau de competitividade na maioria das rotas (SOARES, 2006).

Ao se escolher a localização de um determinado rodoviário, deve-se pensar em alguns fatores. Mozos et al. (2001) acreditam que a estruturação das redes de transportes determina fortemente os padrões de mobilidade. Gouvêa (1980) acredita que, para se escolher uma localização para construir um terminal rodoviário, devem ser levados em conta os seguintes aspectos: acessibilidade ao terminal, a identificação dos pontos geradores de demanda, a topografia da área, a proximidade com os corredores de transporte, as características do entorno e imposições políticas. Já Villela (2004) cita fatores como: a demanda, a área para a expansão, a área de influência, o relevo e a hidrografia nas proximidades da estação rodoviária. Soares (2006) argumenta que escolher um local adequado para implementar um terminal rodoviário é uma etapa fundamental para um bom desenvolvimento da cidade, pois cumpre uma etapa fundamental na gestão efetiva do território nas escalas regional e urbana. Isso ajuda a manter de maneira harmoniosa a preservação do meio ambiente físico, cultural e econômico, assegurando o bem-estar da coletividade presente e das futuras gerações. O autor ainda diz que as rodoviárias são um importante componente da infraestrutura do transporte rodoviário de passageiros do país como um fator de integração nacional, sendo indispensáveis na transição de passageiros entre as viagens por ônibus rodoviários (SOARES, 2006).

Observando a importância que as rodoviárias ainda possuem no nosso país, foi escolhido o Terminal Rodoviário Carlos Alberto Vivacqua Campos na cidade de Vitória/ES para fazer a pesquisa. Segundo dados da Secretaria do Estado de Gestão e Recursos Humanos (SEGER) (2014), esse terminal é o maior do estado. Localizado na Ilha do Príncipe, foi inaugurado no dia 13 de março de 1979, pelo então Governador Elcio Álvares, edificando a pedra inaugural com os seguintes dizeres: "O Espírito Santo é chegada e berço. Aqui se plantou a fé e a esperança, com o trabalho dos homens e ajuda de Deus. Na colheita dos frutos todos são bem-vindos" (SEGER, 2014). O funcionamento da rodoviária é de 24 horas, realizando cerca de 120 mil embarques e 110 mil desembarques todo mês. O gerenciamento do espaço, durante a pesquisa, é feito pela Administradora de Terminais Rodoviários S/S (Contermi), já a fiscalização é feita pela Companhia de Desenvolvimento de



Projetos Especiais (CONDESP), empresa pública vinculada à SEGER. A rodoviária de Vitória possui cerca de 500 funcionários, 11 quiosques de venda de passagens e 17 lojas, entre lanchonetes (incluindo as franquias de Bob's sorvetes e da Subway), farmácias, sorveteria, banca de revistas, entre outras (SEGER, 2014). Possui também módulos da Guarda Municipal Comunitária de Trânsito, Juizado de Menores, Polícia Militar, Agência Nacional de Transporte Terrestre (ANTT) e Departamento de Estradas e Rodagens (DER- ES) (SEGER, 2014).

O Terminal Rodoviário Carlos Alberto Vivacqua Campos possui 30 plataformas (10 de desembarques e 20 de embarques) e linhas de ônibus das seguintes empresas: Águia Branca (principal empresa rodoviária do estado), Lírio dos Vales, Mutum Preto, Planeta, Pretti, Rio Doce, Sudeste, Itapemirim e São Geraldo. Essas empresas fazem linhas para mais de 50 cidades, tanto intermunicipais quanto interestaduais, sendo a mais longe, uma viagem para Porto Velho/RO pela Gontijo. A empresa Águia Branca é a que possui uma maior quantidade de ônibus saindo desse terminal e nele chegando, além de a empresa atender diversas cidades dos estados da Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo Capital, com linhas saindo diretamente dessa rodoviária.

As rodoviárias desempenham um papel importante na prestação de serviços públicos de transporte coletivo rodoviário de passageiros. Esses centros de espera, embarque e desembarque de passageiros, que se deslocam entre municípios para atender suas necessidades as quais podem ser de emprego, de compras de produtos ou serviços, visitas familiares ou turismo (GONÇALVES; NETO, 2008).

## **QUADRO TEÓRICO**

O conceito de lugar tem sido tema recorrente em discussões nas mais diversas áreas dos conhecimentos. Da Geografia até a Antropologia, observam-se obras discutindo desde a parte conceitual desse espaço, até o simbolismo presente nele. Gomes (2000), por exemplo, afirma que o lugar é um resultado concreto de processos históricos, possuindo dimensão real e física, ou até uma construção simbólica que faz uma associação de sentidos e ideias. Relph (1979) acredita que o conceito de lugar está extremamente ligado à identidade e ao pertencer ao ambiente, que não é objeto e atributo de algumas localidades, mas uma experiência de mundo, as “raízes” e o “local seguro”. Graeml (2007, p. 41) concorda e afirma que “a ideia de lugar está diretamente ligada à questão social, à necessidade de que atores sociais estejam juntos, vivendo o cotidiano, realmente envolvidos com aquele lugar e se sentindo parte dele”. Graeml (2007) descreve ainda que é

características fundamental do lugar a “sensação de pertencimento”, a identidade que as pessoas possuem com ele.

Gonçalves (2002) acredita que as vidas das pessoas ganham significados nos lugares, sejam eles onde se trabalha, onde se mora, onde se relaciona. O pesquisador clássico Santos (1994) pensava semelhantemente, afirmando que o lugar é “onde estão os homens juntos, sentido, vivendo, pensando, emocionando-se. É o lugar que oferece ao movimento do mundo a possibilidade de sua realização mais eficaz” (SANTOS, 1994, p. 3). Claval (1997) também afirma a importância que os lugares possuem, pois só dando nomes a eles é que se pode discorrer sobre o mundo, permitindo que o universo físico transforme-se em um socializado. Ainda contribuindo com essa discussão, Carlos (2007) discorre que os lugares são as bases para a reprodução da vida e onde ocorrem as relações cotidianas mais finas.

Nem sempre ocorre esse sentimento identitário na relação entre o ser humano e o lugar, surgindo, assim, uma nova modalidade, o não-lugar. Criado por Webber, em *Urban Place and the Non-Place Realm* de 1964, esse termo foi desenvolvido pelo autor por acreditar que a acessibilidade a algum lugar seria mais importante do que a proximidade para com ele (GRAEML, 2007). Já Certeau (1994) refere-se ao não-lugar como o simples local de passagem à procura de um lugar. Relph (2008) afirma que a falta de capacidade, ao reconhecerem a identidade e as significações simbólicas, faz com que se desenvolva uma relação exclusiva de utilidade do lugar, transformando-o em um não-lugar.

A principal discussão sobre o tema vem com Augé (2012). Em seu livro “Não-lugares: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade”, define-se com propriedade os chamados não-lugares, descrevendo-os como espaços de passagens onde não é possível dar forma a algum tipo de identidade. O autor mostra que atualmente as constantes transformações de espaço, as trocas de bens e serviços globais, além do grande fluxo de informação, dão a impressão de que o mundo diminuiu.

Esse acontecimento “cria” os chamados não-lugares (aeroportos, rodoviárias, centros comerciais, estações de metrô, supermercados, etc.), nos quais ocorre a circulação das pessoas e bens. Por conta dessa “liquidez espacial”, há um enfraquecimento de referências coletivas, fazendo com que a individualidade prevaleça, mas sem uma identidade (AUGÉ, 2012). Segundo ele, as principais características dos não-lugares acontecem por não serem relacionais, identitárias e históricas, ao contrário do lugar antropológico (discutidos anteriormente), em que há um sentido para aqueles que nele

habitam, podendo se referir a um lugar de origem (criador de identidade) e referente à história dos nativos (lugar histórico). Para Augé (2012), esses não-lugares são feitos para que as pessoas interajam com “os textos presentes nos espaços”, sendo feito para que não ocorra a interação entre elas, isolando-as cada uma “em seu mundo”.

## **ASPECTOS METODOLÓGICOS**

O presente trabalho intentou analisar pela abordagem interpretativista alguns elementos simbólicos da rodoviária da cidade de Vitória/ES seguindo a temática lugar e não-lugar. Para isso, primeiro realizou-se uma pesquisa exploratória sobre o tema, visando a um aprofundamento para com o mesmo. Quanto aos meios, a pesquisa foi bibliográfica, documental e de campo. Houve uma necessidade de um levantamento de material bibliográfico, que possuía relação com o tema proposto.

Foram analisados materiais de vários estudiosos da temática, buscando sempre uma assimilação dos conceitos e a exploração de fatos e situações já descritos. Esse tipo de abordagem torna-se fundamental, uma vez que existiu a possibilidade de se verificarem todos os esforços feitos por outros autores na consecução dos trabalhos referentes ao tema, dos quais foram retiradas referências que se tornaram úteis à pesquisa aqui apresentada. As ideias e propostas já existentes serviram, portanto, de base teórica para a análise dos dados coletados. Também foram utilizados materiais obtidos em jornais, revistas e internet.

Os seguintes procedimentos foram considerados: duas observações participantes na condição de passageiro (uma de embarque em uma véspera de feriado prolongado e outra de desembarque seis dias depois). Foram feitas ainda quatro observações não participantes, sendo elaborados diários de campos de todas delas. As observações deram-se nos mais diversos horários sendo uma às 06h da manhã e a que finalizou mais tarde foi até às 20h. Elas se deram de formas variadas, concentrando-as mais na plataforma de embarque, pois lá, além de haver o dobro das plataformas do que o local de desembarque, as pessoas passam mais tempo do que no desembarque, quando a maioria descia de viagem e já saía do terminal rodoviário.

Ainda foram feitas duas entrevistas. A primeira com um representante da empresa que administra a rodoviária e a outra com um passageiro que veio de outro estado da federação. Ainda ocorreram diversas conversas de cunho informal com passageiros, funcionários e trabalhadores que estão alocados nos mais diversos locais presentes na rodoviária. No geral, as conversas foram feitas por perguntas subjetivas, visando a deixar as

peças bem à vontade ao responder. O pesquisador buscou ter uma postura etnográfica durante as observações e explorou com profundidade a entrevista, os diários, as conversas e as observações (BOUMARD, 1999).

### O Não-lugar

Ao adentrar na rodoviária como observador participante, o pesquisador passou por experiências diferentes de todas as anteriores nesse local. Apesar de frequentar a rodoviária algumas vezes para viagens, viu coisas que anteriormente passavam despercebidas. Logo no primeiro momento, houve escuta no sistema de alto-falante do local: “Por favor, não deem esmolas no interior da rodoviária para sua segurança”.

De acordo com Augé (2012), nos não-lugares é comum encontrar aqueles que não possuem lar, como moradores de rua, mendigos e andarilhos — a exceção são os shopping centers pela sua particularidade —. Pelo dito pelo sistema de som, observamos que há uma presença próxima dessas pessoas, fazendo com que sejam necessárias medidas para “os combater” pela administradora da rodoviária. Durante as observações, notou-se que diversos pedintes adentravam no local e eram coibidos por funcionários, além de perceber que, nas proximidades do terminal, existiam pessoas dormindo em situação de rua.

A empresa Águia Branca fornece *token* de identidade para facilitar o momento de *check-in* do passageiro, de forma que é necessário haver contato com alguma pessoa apenas no momento do embarque (motorista). O restante dos contatos ocorre apenas com instrumentos tecnológicos. Na condição de passageiro, compra-se passagem pela internet e se retira na rodoviária numa máquina ao lado do guichê (parecida a máquina de *check-in* de aeroportos). Isso faz com que, na relação de compra e venda, não ocorra relação nenhuma, apenas algo contratual através da passagem, deixando a impessoalidade cada vez maior — outra característica de um não-lugar (AUGÉ, 2012).

Augé (2012) demonstra que os não-lugares não são locais de interação entre as pessoas, isolando-as cada uma “em seu mundo”. Foi observado que, para grande parte dos passageiros, essa é a realidade, principalmente por conta do celular. Ao adentrar na sala vip da empresa Águia Branca na condição de passageiro, observaram-se cerca das 20 pessoas no local e ninguém interage entre si, apenas com o celular ou assistindo à televisão. Nesse momento, ocorre algo diferente: um senhor, aparentando 60 anos, entra e senta ao lado do pesquisador.

O senhor inicia uma conversa com o pesquisador, contando diversos aspectos da vida dele. Durante a conversa, observa-se que o pessoal da sala está incomodado com a conversa, principalmente os que acompanham a televisão, pois aquilo era uma exceção e fazia um “ruído”. Ao mesmo tempo que a maioria dos passageiros trazem a característica de não-lugar na rodoviária, existem desvios, como esse senhor, com o qual há um começo de relação e uma interação diferentes do que ocorre nos não-lugares.

Em uma visita no período da tarde, observou-se, em um lado da rodoviária, que não há guichês ou lojas em uma área de aproximadamente 600m<sup>2</sup>, que alguns jovens ensaiam hip hop. Ao conversar com eles, o pesquisador descobre que aquela área da rodoviária é alvo frequente desse tipo de atividade de diversos grupos culturais. Observa-se também a presença de pessoas que são aparentemente hippies, caracterizando o não-lugar, pois esse tipo de pessoa é característica frequente de muitos não-lugares (AUGÉ, 2012).

Nas plataformas de desembarque, foram vistos muitos encontros de familiares, sendo que, durante algumas conversas, descobriu-se que muitos não se reencontravam há meses. Houve até um reencontro de dois familiares que não se viam há anos e foi perguntado se ficaria alguma “marca” sobre a rodoviária de Vitória, ao que eles afirmaram que “ficará marcado na história” deles como o “local de reencontro”. Isso vai de encontro à característica do não-lugar, pois se formou um lugar histórico para aquelas pessoas.

Através da pesquisa de campo, notou-se que realmente a rodoviária apresenta características de não-lugares para a maioria os passageiros, pois uma boa parte nem olha à sua volta e se fecha no “seu mundo”. Alguns buscam romper com isso, tentando travar relações e uma identidade naquele local, mas isso é até visto como “o diferente” pelos demais. Apesar disso, não se pode generalizar a rodoviária como não-lugar, já que existem experiências diversas de cada indivíduo naquele local, fazendo com que a relação com o mesmo seja diferenciada.

### **A descoberta**

Logo na primeira conversa sobre a rodoviária com algumas pessoas, uma citou que o design do teto da rodoviária possuía o mesmo formato do mapa do Estado do Espírito Santo. Isso foi a primeira pergunta feita na entrevista para um funcionário da rodoviária (se isso era verdadeiro) e ele confirmou essa informação. Pode-se observar, nas Figuras 1 e 2, que realmente o telhado do Terminal, aparenta ser inspirado com o mapa.

Figura 1



Fonte: Site do Governo do Estado

Figura 2



Fonte: Google Earth online

Munido dessa informação, o pesquisador de campo resolveu perguntar sobre isso para alguns passageiros e descobriu qual o significado que eles davam a esse acontecimento. Levou-se uma folha de papel com as imagens e se viu a surpresa da maioria dos passageiros, pois eles não “faziam ideia” (como disse uma das pessoas com a qual se conversou) que existia algo desse tipo. A maior parte dos perguntados respondeu que aquilo significaria que o Terminal Rodoviário Carlos Alberto Vivacqua Campos era a ligação entre todo o estado do Espírito Santo, fazendo o transporte de Vitória/ES para todas as outras dez microrregiões, inclusive o passageiro entrevistado respondeu o mesmo.

Realmente, dessa rodoviária pode se chegar a todas as regiões do Espírito Santo, interligando todo o estado. Mas, algo interessante é que, ao ser perguntado para onde iria viajar, uma grande parte dos passageiros presentes no Terminal, iria para viagens interestaduais, principalmente Minas Gerais e para o sul da Bahia. Segundo informações de outros passageiros, a maioria dos passageiros que iam para cidades próximas, pegaria o ônibus em pontos de paradas ou apoios no decorrer de toda a Grande Vitória.

## CONCLUSÃO

Os não-lugares têm como principais características não serem relacionais, identitários e históricos. Eles são feitos para que as pessoas interajam com os textos presentes nos espaços e não interajam entre si. O lugar já tem outro sentido: é criador de identidade, no qual há um sentido para aqueles que nele habitam e é um lugar histórico.

Os terminais rodoviários exercem uma forte influência na sociedade atual e milhares de pessoas passam por eles todos os dias. Cada indivíduo que passa por ali tem visões diferentes e a rodoviária de Vitória não é diferente. Apesar de a mesma possuir muitas características de não-lugares, existem indivíduos que “quebram essa regra” e estabelece uma relação totalmente diferente com o Terminal. Augé (2012) afirma que “não- lugares” possuem diversas características, mas não se pode generalizar todos os que passam por eles e todos os considerados não-lugares. Uma boa parcela dos passageiros que passam pelo Terminal Rodoviário Carlos Alberto Vivácqua Campos não estabelece uma identidade e nem possui uma relação histórica com a rodoviária, deixando-a consolidada como o não-lugar. Apesar disso, não se pode dizer que aquele é um não-lugar para todos os que circulam ali, sendo que algumas interpretações são bem diferentes dessas.

Porém, é necessária uma pesquisa empírica com uma maior profundidade para análise de outros possíveis aspectos característicos de não-lugares, principalmente com outras pessoas, não somente com o olhar dos passageiros, mas principalmente dos funcionários que trabalham no espaço da rodoviária. Além disso, esse estudo poder ser ampliado para outros símbolos organizacionais presentes na rodoviária de Vitória.

## REFERÊNCIAS

ABRATI, Associação Brasileira das Empresas de Transporte Terrestre de Passageiros. **Você Sabia?** 2015. Disponível em: <http://www.abrati.org.br/portal/voce-sabia/>. Acesso em: 22 maio 2019.

ANUÁRIO DO TRANSPORTE AÉREO 2013 da Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC). Brasília, 2014.

AUGÉ, M. **Não-Lugares:** Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 2012.

BOUMARD, P. O lugar da etnografia nas epistemologias construtivistas. **Revista de Psicologia social e institucional**, v. 1, n. 2, 1999.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Labur Edições, 2007.

CASTRO, J. Com 5 novos municípios, Brasil agora tem 5.570 cidades. **O globo**, 2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/com-5-novos-municipios-brasil-agora-tem-5570-cidades-7235803>. Acesso em 23 maio 2019.

CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano 1:** artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: UFSC, 1997.

G1, Jornal Nacional. **Terminais rodoviários do Brasil têm instalações precárias**. 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/05/terminais-rodoviaros-do-brasil-tem-instalacoes-precarias-veja.html> Acesso em: 25 maio 2019.

GOMES, P. C. da C. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. 368 p.

GONÇALVES, O.; NETO, G. B. **A Regulação De Estação Rodoviária: Teorias E Evidências para o Caso Gaúcho no Período 1997 – 2007**. Porto Alegre: PPGE, 2008. 37 p. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/ppge/pcientifica/2008\\_03.pdf](http://www.ufrgs.br/ppge/pcientifica/2008_03.pdf)>. Acesso em: 30 maio 2019.

GONÇALVES, T. M. **O processo de apropriação do espaço através dos modos de morar e habitar o lugar**. 2002. 244p. Tese (Doutorado) – Meio Ambiente e Desenvolvimento – MADE, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

GOUVEA, V. B. **Contribuição ao Estudo dos Terminais Urbanos de Passageiros**. Rio de Janeiro, IME, 1980.

GRAEML, K. S. **A relação entre lugares e não lugares na cidade: um estudo da apropriação do serviço de acesso à Internet nos Faróis do Saber de Curitiba**. 185f. Tese (Doutorado) – UFPR, 2007.

MOZOS, C. M.; ALISEDA, A.; CORONADO, J. M.; VERBRUGGEN, H. **Redes Integradas de Transportes**. E.T.S. de Caminos, Canales y Puertos, Universidad de Castilla-La Mancha/ Langzaam Verkeer; 2001.

RELPH, E. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 4, n. 7, p.1-25. 1979.

RELPH, E. **Place and Placelessness**. SAGE Publications. 2ed, 2008.

SANTOS, M. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SEGER, Secretaria de Estado de Gestão e Recursos Humanos. **Rodoviária de Vitória completa 35 anos nessa quinta-feira (13)**. 2014. Disponível em: <http://www.seger.es.gov.br/seger/index.php/90-acesso-rapido/2191-rodoviaria-de-vitoria-completa-35-anos-nesta-quinta-feira-13>; Acesso em 22 maio 2019.

SOARES, U. P. **Procedimentos para Localização de Terminais Rodoviários Interurbanos, Interestaduais e Internacionais de Passageiros**. Rio de Janeiro, UFRJ, COPPE, Dissertação de Mestrado, 2006.

SOCICAM, Terminais de Passageiros. **Terminais Rodoviários: São Paulo – Tietê**. 2015. Disponível em: [http://www.socicam.com.br/terminais/terminais\\_rodoviaros/tiete](http://www.socicam.com.br/terminais/terminais_rodoviaros/tiete); Acesso em 18 maio 2019.

VILELLA, M. de M. **Contribuição Metodológica para Estudos de Localização de Estações de Integração Intermodal em Transporte Público Coletivo**, PET/ COPPE/UFRJ; 2004.

ZANCHET, A. L.; PEREIRA, A. H.; HENIG, E. V.; DESSBESELL, I. M.; CUNHA, W. P. **Evolução da Indústria Automobilística Brasileira**. 2006. 23 f. TCC (Graduação) - Curso de Administração, Faculdade de Administração Economia e Ciências Contábeis, Universidade Federal de Mato Grosso, Primavera do Leste, 2006.